

PATRÍSTICA

SANTO AGOSTINHO

A natureza do bem

O castigo e o perdão dos pecados
e o batismo das crianças



SANTO AGOSTINHO

A NATUREZA DO BEM
O CASTIGO
E O PERDÃO DOS PECADOS
E O BATISMO DAS CRIANÇAS



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Apresentação

O *De natura boni*: Epítome de uma experiência

 Datação e ocasião

 Estrutura e conteúdo

A natureza do bem

 De Deus, o Sumo Bem, procedem todos os bens

 O que bastaria para corrigir os maniqueus

 Modo, beleza, ordem: bens gerais na criação divina

 O mal: corrupção do modo, da beleza, da ordem

 Uma natureza mais excelente, mesmo se corrompida, é melhor que uma inferior, mesmo se não corrompida

 A natureza incorruptível é o bem supremo; a corruptível é um bem relativo

 A corrupção dos espíritos racionais é ou voluntária ou penal

 Degeneração e fim das coisas inferiores não perturbam a ordem do universo

 O castigo, constituído para que se reintegre a ordem

 As naturezas corruptíveis assim o são porque feitas do nada

 Não se pode prejudicar a Deus, nem outros podem danificar a natureza senão com sua permissão

 Todos os bens procedem de Deus

 Cada bem, grande ou pequeno, provém de Deus

 Bens pequenos, na comparação com maiores, são denominados com nomes opostos

 No corpo do macaco, o bem da beleza é inferior

 As privações nas coisas são ordenadas por Deus

 Nenhuma natureza, como tal, é má

 A *hýlē*, que os antigos diziam ser a matéria informe das coisas, não é um mal

 Ser, propriamente, só Deus

 A dor, só nas naturezas boas

 Diversos modos, ou medidas

Como falar do modo de Deus
Mau modo, má beleza, má ordem
Testemunhos das Escrituras
O erro interpretativo de “Sem ele foi feito nada”
As criaturas, feitas do nada
Uma especificação
Os pecados, da vontade dos que pecam
Deus não se mancha com nossos pecados
Os bens, mesmo os mínimos, vêm de Deus
Deus é quem pune e perdoa pecados
O poder danificar provém de Deus
Porque pecaram, os anjos maus se tornaram tais
O pecado não é desejo de uma natureza má, é abandono de uma natureza melhor
A árvore não foi proibida porque era má, mas porque era bom para o homem estar submetido a Deus
O mal é o mau uso do bem
Deus faz bom uso dos males de quem peca
Não é mau o fogo eterno
Uma especificação
Deus não pode ser prejudicado, nem permite danos injustos
Os maniqueus: atribuem bens à natureza do mal e males à do bem
Blasfêmias dos maniqueus sobre a natureza de Deus
Os maniqueus atribuem à natureza de Deus muitos males antes da mistura com o mal
Imoralidades imaginadas por Mani em Deus
Não sem razão se atribuem aos mesmos maniqueus obscenidades detestáveis
A abominável doutrina da carta intitulada *Fundamento*
Mani obriga a praticar horríveis torpezas
Oração pela conversão dos maniqueus
O *De peccatorum meritis*: Os primórdios da polêmica pelagiana
Circunstâncias histórico-doutrinárias
Método e conteúdo

O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças

Livro 1

Prefácio

Adão não teria morrido, se não tivesse pecado

Uma coisa é poder morrer e outra, dever morrer

Também a morte do corpo vem do pecado

Corpo mortal, a morrer, morto

Em que sentido o corpo morreu por causa do pecado

A vida do espírito prepara a vida do corpo

Paulo fala da morte do corpo

O pecado passou a todos, não somente por imitação, mas também por geração

Distinção entre pecado atual e pecado original

Todos pecaram em Adão

Pecado mais antigo que a Lei

O mesmo pecado comum a todos

A redenção supera o pecado original

A condenação de todos por causa do pecado de um só

Nem todos os pecados vêm de Adão, a remissão de todos os pecados vem de Cristo

O reino da morte e o da vida

A justificação de Cristo não é proposta imitável

Ninguém é gerado a não ser de Adão, ninguém é regenerado a não ser de Cristo

Comparação entre a geração carnal e a geração espiritual

A condenação das crianças mortas sem batismo

Não se deve atribuir às crianças o pecado pessoal

O batismo é necessário às crianças por causa do perdão do pecado original

Antes do batismo, as crianças são pecadoras

No batismo, as crianças são penitentes e fiéis crentes

Não há salvação e vida eterna fora do reino dos céus

O preceito eucarístico abrange também as crianças

Crianças não batizadas são contadas no número dos que não creem

É imperscrutável a justiça de Deus na distribuição da graça do batismo

A sorte diferente das crianças está escondida no mistério da justiça de Deus

As almas não são encerradas nos corpos por causa de pecados cometidos além

Exemplo de um cristão entre os moriones

Não há salvação para as crianças não batizadas

Também para as crianças o batismo é salvação e a Eucaristia, vida

Sem o batismo, as crianças permanecem nas trevas do pecado

Ninguém é iluminado sem batismo

Ninguém é iluminado senão por Deus

Sem a fé o homem interior permanece nas trevas

A Igreja universal reconhece que também as crianças necessitam da redenção de Cristo

Testemunhos evangélicos sobre a necessidade do batismo para a salvação das crianças

Testemunhos da primeira epístola de Pedro

Testemunhos da primeira epístola de João

Testemunhos da epístola aos Romanos

Testemunhos das epístolas aos Coríntios

Testemunhos tirados da epístola aos Gálatas

Testemunhos tirados da epístola aos Efésios

Testemunhos tirados da epístola aos Colossenses

Testemunhos tirados das epístolas a Timóteo

Testemunhos tirados da epístola a Tito

Testemunhos tirados da epístola aos Hebreus

Testemunho vindo do Apocalipse

Testemunhos dos Atos dos Apóstolos

Testemunhos implícitos do Antigo Testamento

Testemunhos explícitos do Antigo Testamento

Todos precisam da remissão do pecado original e de Cristo

Conclusão de tantos testemunhos

O âmbito do pecado original e da concupiscência carnal

Como os pelagianos entendiam as palavras de Jo 3,5

O colóquio de Jesus com Nicodemos

Esclarecimento de João 3: por que razão se faz a regeneração espiritual do homem

Esclarecimento de João 3: Mesmo as crianças encontram-se envenenadas pela mordida da serpente

A graça de Cristo é negada às crianças, se lhes é negado o batismo

No rito do batismo há indicação da remissão dos pecados das crianças

Procurem os pelagianos entender-se antes

Não existe pecado da própria vida nas crianças

Não se pode imputar nenhum pecado à vontade das crianças

De onde vem a ignorância das crianças

Se Adão não foi criado como nós nascemos, por que Cristo nasceu criança e fraco?

A ignorância e a fraqueza da criança

O pecado é destruído, nas crianças, pelo batismo

Livro 2

O que será tratado neste livro

O livre-arbítrio precisa da graça de Deus

As obras de misericórdia conseguem a remissão dos pecados

Para os batizados não é a própria concupiscência que faz mal, mas o consentimento nela

Deus dá o que ordena

A liberdade e a oração

Primeira questão: se pode existir um homem sem pecado nesta vida

Segunda questão: se existe alguém sem pecado nesta vida

Não se adquire a perfeição imediatamente

A perfeição terrena nunca é total

Objeção dos pelagianos: por que um justo não gera um justo

Nem mesmo os santos, segundo a Escritura, foram sem pecado:

Noé

Daniel

Jó

Jó, “filho da ira”

Jó repreende a si mesmo

Ninguém é justo em tudo

A perfeita justiça humana é imperfeita

A perfeição do sacerdote Zacarias
Zacarias e Isabel são comparados com Paulo apóstolo
Todos devem rezar para serem perdoados
A perfeição relativa e a perfeição, simplesmente
Por que Deus ordena aquilo que ele sabe que os homens não
podem observar
A segurança do apóstolo Paulo
Mesmo gente muito santa teve de expiar pecados
Terceira questão: por que ninguém nesta vida é sem pecado
A soberba é a causa de todos os vícios humanos. Uma boa obra
dá tanto mais prazer quanto mais se ama a Deus
Graça e liberdade
A boa vontade vem de Deus
A boa vontade necessariamente vem de Deus
A conversão do homem para Deus vem da misericórdia divina
Deus opera a sua misericórdia e justiça de modo misterioso. O
conhecimento e o prazer do bem vem por graça
Quarta questão: exceto unicamente Cristo, ninguém foi ou pode
ser sem pecado
O pecado dos nossos primeiros pais foi, principalmente, um
pecado de desobediência
A situação do homem antes e depois do pecado
A corrupção da natureza vem pelo pecado, a renovação, por
Cristo
A carne do Verbo de Deus encarnado
Objeção dos pelagianos: o filho de um batizado já foi purificado
O filho de um batizado precisa do batismo, como o filho de um
circuncidado, da circuncisão
Por que os filhos dos que foram batizados devem ser batizados
se, conforme Paulo, já são santos
A santificação dos filhos vem do batismo deles e dos pais
Quem não nasceu não pode renascer
Os pecados que contraiu dos pais prejudicam o filho não batizado
Os pais geram os filhos carnalmente e por isso transmitem a eles
o pecado
Como a concupiscência permanece nos batizados, mesmo
quando é destruída a sua culpa

Todos os predestinados se salvam por Cristo, único mediador, e só pela fé
Cristo é o salvador também das crianças
A redenção de Cristo nos beneficiou mais do que o pecado de Adão prejudicou
Por que, pelo batismo, não é abolida também a morte, junto com os pecados
A própria morte faz parte do combate da fé
Por que, após sua ressurreição, Cristo afastou do mundo sua presença visível
A remissão dos pecados não apaga as penas dos pecados
Por que permanecem as penas dos pecados
O pecado e a pena em Adão
O pecado e a pena em Davi
Não se deve desviar nem para uma orgulhosa presunção, nem para um amor seguro do pecado
Os pelagianos confessam que a redenção é necessária para as crianças
Questão sobre a alma. As Escrituras são claras no que é necessário para a salvação

Livro 3

Agostinho, bispo, servo de Cristo e dos servos de Cristo, ao caríssimo filho Marcelino, saudação no Senhor.
Ocasão desta carta
As crianças tornam-se fiéis pelo batismo
Se não tivessem o pecado original, as crianças não batizadas seriam punidas injustamente
Precisa rezar para superar as dificuldades dos problemas
Em nome de outrem, Pelágio aduz argumentos contra o pecado original
A opinião incerta do próprio Pelágio
Deve-se admitir o que está claríssimo nas Escrituras, para entender, por elas, as coisas obscuras
Testemunhos claros das Escrituras para entender Rm 5,12
Rm 5,12 não é ambíguo
A autoridade de Cipriano de Cartago
São Cipriano fala de uma antiga regra de fé

A concordância de todos sobre o pecado original

O testemunho de São Jerônimo sobre o pecado original, contra Joviniano

Todos os homens foram um em Adão

Deus perdoa os pecados pela regeneração do Espírito, e não pela geração da carne

Como pode haver pecado original naqueles que pessoas batizadas geraram

Como de cristãos nasce um não cristão, assim de pessoas limpas nasce uma pessoa não limpa

A questão obscura da origem da alma em relação ao pecado original

Fora da Igreja nenhuma salvação, mas ninguém está na Igreja sem os sacramentos

Também a morte do corpo acontece como castigo do pecado

Sentido de 1Cor 7,14

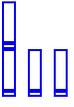
Recebemos ordem de ajudar as crianças

A perfeição do homem na terra

Coleção

Ficha Catalográfica

Notas



APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua

autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de

ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber. Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

O DE NATURA BONI: EPÍTOME DE UMA EXPERIÊNCIA^[1]

HERES DRIAN DE O. FREITAS

Quando Agostinho escreve o breve tratado *De natura boni* – doravante *nat. b.* –, já contava cerca de dez anos de ministério e de embates com os maniqueus, seita de que fizera parte. Atraído, em meio a outros fatores, por sua propaganda de verdade e racionalidade^[2] e sua abordagem da questão do mal,^[3] Agostinho, cerca de dez anos depois,^[4] abandona-a, tendo-se dado conta de suas inconsistências, explicações ilógicas, fantasiosas – se as pudéssemos estender – da ontologia à moral.^[5] Assim, à seita, a que aderira com entusiasmo, com maior entusiasmo passa a opor-se.^[6] Situado o cristianismo no amplo quadro da filosofia como aquela verdadeira,^[7] particularmente mediante seus primeiros *Diálogos*, o Hiponense passa a dedicar-se logo (387-388, ainda em Roma)^[8] à aberta polêmica com os maniqueus com seu *De moribus ecclesiae catholicae et de moribus manichaeorum*, que será seguido por várias outras obras até seus últimos escritos.^[9]

Datação e ocasião

No conjunto das obras antimaniqueias de Agostinho, o *Contra Secundinum – c. Sec.* –, a que ele se refere como tendo sido seu melhor escrito contra os maniqueus,^[10] o último texto recenseado nas *retr.*, é formalmente uma carta que acabou por figurar entre os opúsculos agostinianos.^[11] Isso faz com que o *nat. b.*, que o precede nas *retr.*, seja sua última obra formal antimaniqueísta. Antes do *nat. b.* encontra-se o *Contra Felicem – c. Fel.* –, que começa justamente com uma indicação cronológica: “No sexto ano de consulado de Honório Augusto, no sétimo dia de dezembro”,^[12] com uma especificação da data fixada no final do primeiro livro da referida obra, quando Félix pede a Agostinho tempo para responder a uma questão,^[13] e ambos concordam que voltarão a se reunir na *segunda-feira, 12 de dezembro*,^[14] data que, no sexto ano de consulado de Honório, ocorreu no ano 404. Porque, já o dissemos, o *nat. b.* figura nas *retr.* depois do *c. Fel.*, há quem o situe, seguindo a cronologia das *retr.*,^[15] em 405.^[16] Mas essa datação deixa um problema: a obra anterior ao *c. Fel.* é o *Contra Faustum – c. Faust.* –, datado do ano 400. Isso significaria que Agostinho teria passado cerca de cinco anos sem publicar nada, o que não parece plausível, particularmente se se tem presente que, às vezes, trabalhava em duas obras ao mesmo tempo.^[17] Daqui, outro problema: Agostinho teria errado na cronologia das *retr.*?

Salvando-se a cronologia das *retr.* e sem deixar uma lacuna entre *c. Faust.* e *c. Fel.*, foi proposto um erro de transcrição na datação do *c. Fel.*: em vez de sexto consulado, grafado VI, ter-se-ia tratado na verdade de quarto consulado, grafado IV. Nesse caso, a segunda-feira, 12 de dezembro, no quarto consulado de Honório, ocorreu em 398, datação do *c. Fel.*, e o *nat. b.* seria de *ca.* 400.^[18]

Se a datação é questão de não fácil resolução, mais complexa é a identificação das circunstâncias em que nasceu a obra, às quais o Hiponense não faz, em lugar algum, qualquer aceno,^[19] o que às

vezes ocorre nas *retr.* Aí, no entanto, sem quaisquer emendas à obra, a primeira observação quanto ao *nat. b.* é que se trata de obra antimaniqueia.^[20] Em todo caso, não parece implausível que Agostinho, tendo dedicado obras mais volumosas à oposição aos maniqueus e tendo tido com eles debates públicos, estivesse em condições de oferecer uma síntese clara dessa experiência de embates antimaniqueus.

É nesse período que se dedica a outras sínteses teológico-pastorais, como *De agone christiano* e *De catechizandis rudibus*.^[21] O que explicaria porque o *nat. b.* é uma obra simples – não simplista –, didaticamente coesa, sem aprofundamentos que – embora corroborassem a tese de fundo^[22] – talvez fossem complicados para o leitor,^[23] que dispõe de exemplificações claras;^[24] é bastante linear, direta, propositiva, essencial, densa. Tem características de um manual antimaniqueu,^[25] acessível a maniqueus e a cristãos, dos quais é difícil dizer quem seja o destinatário primário – admitindo-se que houvesse *um* destinatário primário.^[26]

O fato de a obra iniciar por uma exposição lógica, em vez de uma catequese bíblica, por exemplo, não significa, necessariamente, que o destinatário primário de Agostinho fossem os maniqueus, que presumem partir de explicações racionais. E, exatamente porque eles presumem partir daí, não é impossível que Agostinho pretendesse “armar” os cristãos, que, nesse caso, seriam os destinatários primários – porque “expostos” à propaganda maniqueísta –, do necessário para afrontar as exposições maniqueias. Em todo caso, a própria estrutura da obra calha para sua acessibilidade.

Estrutura e conteúdo

Composto em um só livro, o *nat. b.* tem uma divisão simples, com, à parte a oração conclusiva (48), duas partes nitidamente distintas: a primeira (1-40) contém a exposição dos princípios católicos, e a segunda (41-47), as doutrinas maniqueístas.^[27] A primeira parte (1-40) divide-se ainda em duas grandes seções: exposição lógica, racional, filosófico-teológica dos princípios católicos, (1-23) e exposição bíblica (24-40). Não há uma introdução propriamente dita, Agostinho entra imediatamente *in medias res*, e a conclusão (48) é uma oração pela conversão dos maniqueus.

Não é dada uma definição formal de natureza (*natura*), sinônimo de substância e essência,^[28] que é tudo o que é. E tudo o que é, é um bem. Ser e bem identificam-se. O Hiponense começa afirmando que toda natureza é boa, a Suprema natureza e todas aquelas que essa criou, quer espirituais, quer materiais, sejam grandes ou pequenas (1). Assim, estabelece-se, de saída, um único princípio para a existência, uma só natureza, Deus, o Sumo, eterno e imutável Bem,^[29] o bem, portanto, incorruptível (11). Tudo mais é criado por ele do nada, e, por isso, é corruptível (6; 10). Exclui-se, então, que as criaturas tenham algo da substância divina e tem-se, assim, a distinção ontológica entre o ser e os seres criados, dotados de *modus*, *species*, *ordo* – modo, espécie (beleza, forma), ordem – (3; 5; 8; 19), que constituem a estrutura destes seres – quer materiais, quer espirituais, sejam grandes ou pequenos – e exprimem o fundamento da ontologia agostiniana.^[30]

Ora *modus* e *species* se inserem na *ordo* (5 e 8), ora *ordo* e *species* se contraem no *modus* (19).^[31] É a observação da *ordo*, disposição de cada coisa em seu lugar,^[32] que permite chegar a Deus.^[33] A ordem “vive na eterna verdade como lei eterna das coisas”.^[34] *Modus* exprime a medida em que uma coisa é o que é, medida além ou aquém da qual esta coisa já não é ela mesma.^[35] *Species* é o *numerus*, e equivale a *forma* (cf. 23).^[36] Mas, e o mal?

Em vez de se perguntar de onde ele vem, como se fosse uma realidade em si pronta para agir, é preciso definir o que ele é: corrupção do modo, da beleza, da ordem (4), é um ato de vontade (23); ela só pode existir, portanto, numa natureza (6), não em si mesma. A formulação da definição e sua afirmação como ato de vontade excluem, portanto, que se pense o mal como uma natureza preexistente, intervindo em oposição a outra. Propriamente, então, o mal não é – se fosse, seria um bem (cf. 13) –, não pertence à esfera da ontologia, mas da moral. Por isso, ontologicamente, um espírito corrompido será sempre melhor que um corpo não corrompido (5).

A moral não desfaz a hierarquia dos entes, ainda que a vontade, por seu ato de corrupção, provoque perturbação (7) em sua ordem, seu modo, sua beleza, deformando ao rumar para um lugar que não é naturalmente o seu, pondo-se aquém ou além. Mas a desordem não perturba a ordem universal (11).

No “funcionamento” da ordem, existe o castigo (9), que não é, então, capricho ou vingança divina, mas inerente e concomitante ao ato de desordenar, como o choque que se toma ao desobedecer à ordem de não pôr o dedo na tomada. Assim, o castigo faz parte da manutenção da harmonia da hierarquia dos seres, do equilíbrio da criação como justiça e utilidade; mas ele tampouco é uma natureza reguladora de outra ou em combate com essa.

Não existe um sumo ente contrário ao Sumo Bem – o oposto a este último é a não existência (19) –, e, além dele, não há outra causa para as naturezas que existem (20), por isso é impensável uma natureza que não seja boa. E o mal, não sendo uma natureza – ainda que se fale de mau modo, de má forma ou de má ordem (23) –, só ocorre naquilo que ele criou, e que é bom, porque é uma natureza (20). E tudo isso Agostinho lê nas Escrituras.

A segunda seção (24-40) desta primeira parte, de fato, repete muito do que foi dito na primeira. A diferença é que, até o momento, o Hiponense argumenta na ordem da razão^[37], do raciocínio lógico. Mas tudo o que foi dito é conteúdo da fé católica: aqueles que são mais dados a raciocínios filosófico-teológicos metafísicos não pensem que esse conteúdo não se encontra nas Escrituras, e

aqueles que são menos versados em tais raciocínios podem acolher a ordem da autoridade^[38] (24). Aqui, para Santiago de Carvalho, “Destaca-se convenientemente a radical liberdade do homem (28) acrescentada à ordem divina (37; 35) e estendida ao nível puramente espiritual (33), humano (31; 32; 34), escatológico (37; 38) e cosmológico (36)”.^[39] E mais: “Acima de tudo, o conceito semítico de ‘Criação’ (*barah*) encontra-se justamente apropriado, contra qualquer interpretação helenizante (26: Deus fez... daquilo que em absoluto não existia) e orientalizante (25: com propriedade, o ‘nada’ não é ‘coisa alguma’).”^[40]

A segunda parte da obra (41-47)^[41] contém seus parágrafos mais longos, seu tom torna-se mais severo. Ao apresentar a doutrina dos adversários, os maniqueus são ridicularizados pela irracionalidade de seus dois princípios (41). Essa segunda parte poderia ser intitulada – Agostinho diria que fantasiosamente – A natureza do bem e a natureza do mal.

Com efeito, a doutrina maniqueia^[42] é ontologicamente dualista. Há dois princípios, duas naturezas coeternas em oposição: o princípio do Bem, Deus, e o princípio do Mal, a *Hýlē*,^[43] cada um com seu reino; Luz um, Trevas o outro. De um procedem naturezas boas e do outro, naturezas más. Conforme a argumentação de Agostinho, a estas últimas os maniqueus atribuem qualidades positivas, enquanto às primeiras atribuem-se qualidades negativas, de modo que uma acabe por causar dano à outra, e se duas naturezas se prejudicam, ambas são más: o bem, que tende a eliminar o mal, acaba por ser pior que este último, e o mal acaba por desfrutar do bem. Isso é ilógico.

Além disso, como explicar que a luz tenha sido contaminada pelas trevas, por necessidade ou por escolha? Qualquer que seja a resposta, a divindade permaneceria limitada e não gozaria da liberdade do mal, ainda mais porque suas partículas encontram-se alienadas pelo cosmos. No livro VII do Thesaurus de Mani, a proposta liberatória cósmica, entendida como extraterrena, diz que forças da luz, enviadas por Deus, provocam atração sexual entre os demônios masculinos e femininos e, por essa sedução, as partículas

de luz são libertadas, enquanto resíduos impuros caem na Terra, onde a atividade liberatória cabe aos Eleitos dos maniqueus.

Os Eleitos, mediante atos sexuais e alimentares rituais,^[44] libertam as partículas de luz dos filhos de Adão, que são propagação do mal. Estando na carta do Fundamento, também de Mani, Adão – resultado de energia e depravação – foi gerado da união do príncipe dos demônios, e sua esposa, depois que esse se alimentara das partículas – sob forma de abortos – de luz dos outros príncipes das trevas. Para Agostinho, embora houvesse maniqueus que negassem a realização das tais práticas sexuais rituais, atribuindo-as a cismáticos da seita, parece ser que as negariam, de fato, se renegassem as referidas obras maniqueias.

À parte os fundamentos filosóficos da obra e o percurso antimaniqueu agostiniano,^[45] a proposta de Agostinho no *nat. b.* continua pertinente e provocadora. Embora o Hiponense defenda a existência punitiva de uma experiência de mal, não é raro que mesmo homens de religião pensem o mal como uma realidade em si, desconexa de qualquer responsabilidade pessoal, e mesmo social: ou é o mal, ou é Deus a infligir, sem mais, os males experimentados pelos humanos. Algo bastante próximo da mentalidade pré-moderna.

Para quem não crê, por outro lado, tais experiências, ainda que possam ter diversas explicações, não raramente se concentram numa simples relação de causa e efeito, atribuível exclusivamente ao ser humano, frequentemente pensada ou medida em termos de erro, mas sem necessariamente implicar responsabilidade, e menos ainda culpabilidade – (não se confunda com sentimento de culpa). Para outros, o mal é inevitável num mundo autônomo.

Na teologia contemporânea, tendo presente as mais distintas posições diante do mal (*pisteodiceia*), existe a proposta de partir daí, do mal no mundo (*ponerologia*), em que, considerando-se a finitude do mundo, exatamente por isso, o bem é igualmente finito; mas, na resposta cristã diante do mal (*teodiceia*), essa finitude é rompida na escatologia, no amor e na união mística; sem perguntar-se, ignorando o mundo, sobre a onipotência divina, é precisamente

diante do mundo que a fé não pode ser refúgio, mas fato.^[46] Qualquer que seja o posicionamento do cristão, esse não pode ser um posicionamento qualquer. E todos, de um modo ou de outro, mais cedo ou mais tarde, somos confrontados pela questão do mal no mundo. A resposta de fé do católico deveria mostrar-se fato de amor ordenado, talvez dissesse Agostinho; fé, então, que não se volta para a onipotência divina, indagando por que não elimina o mal, mas se volta para si mesmo, para emendar-se dos, ainda que mínimos, atos de corrupção cometidos quotidianamente, e submeter-se à ordem do Criador.

A NATUREZA DO BEM

De Deus, o Sumo Bem, procedem todos os bens

1 Deus é o sumo bem, acima do qual não existe outro bem superior;^[1] é o bem imutável^[2] e, por isso mesmo, é verdadeiramente eterno e imortal. Todos os outros bens têm sua origem nele, mas não são da sua mesma natureza.^[3] Ele é por sua própria natureza, mas o que foi feito por ele não é o que ele é. Uma vez que somente ele é imutável, todas as coisas que ele fez são mutáveis porque as fez do nada. É tão onipotente que pode criar bens mesmo do nada, isto é, daquilo que é inteiramente inexistente, bens grandes e pequenos, celestes e terrestres, espirituais e corporais.^[4] Por ser também verdadeiramente justo, não igualou as coisas que fez do nada àquele que gerou de si mesmo. E por serem boas todas as coisas, quer sejam grandes quer pequenas,^[5] quaisquer que sejam os graus de bondade das coisas, não podem proceder senão de Deus.

Mas toda natureza, na qualidade de natureza, é um bem; portanto, não pode provir senão do sumo e verdadeiro Deus: porque todos os bens – mesmo não supremos, mas que se aproximam do sumo bem, como igualmente os bens mais simples que estão longe do sumo bem – não podem existir senão tendo como fonte o sumo bem. Portanto, todo espírito, que também é mutável, e todo corpo provêm de Deus, pois tudo isso é natureza criada, visto que toda natureza ou é espírito ou é corpo. O espírito imutável é Deus; o espírito mutável é uma natureza criada, mas esta é mais nobre que o corpo. O corpo não é espírito, embora de algum modo se dê ao vento o nome de espírito^[6] por ser invisível, mas cuja grande força se faz sentir.

O que bastaria para corrigir os maniqueus

2 Existem aqueles que, não conseguindo entender que toda natureza, isto é, que todo espírito e todo corpo são naturalmente bons, são movidos pela iniquidade do espírito e pela mortalidade do corpo e, por isso, ousam pretender introduzir outra natureza de espírito maligno e de corpo mortal, afirmando que Deus não a criou.

[7] Assim, achamos que o que dizemos possa levá-los a entender, pois eles admitem que todo bem não pode existir senão do sumo e verdadeiro Deus, o que é verdade e, se quiserem estar atentos a isso, basta para que se corrijam.

Modo, beleza, ordem: bens gerais na criação divina

3 Nós, os cristãos católicos, adoramos a Deus, do qual procedem todos os bens, quer sejam grandes quer pequenos; do qual procede todo modo, [8] seja grande ou pequeno; do qual provém toda beleza, [9] seja grande ou pequena; do qual se origina toda ordem, seja grande ou pequena.

Todas as coisas são tanto melhores quanto mais moderadas, [10] mais belas e mais ordenadas forem, e apresentam tanto menor bem quanto menos moderadas, menos belas e menos ordenadas forem. Assim, estas três coisas, o modo, a beleza e a ordem – para não falar dos inumeráveis bens que pertencem a estes três –, estas três coisas, portanto, [eu dizia,] o modo, a beleza e a ordem, são como que bens gerais existentes nos seres criados por Deus, quer seja no espírito, quer seja no corpo.

Portanto, Deus está acima de todo modo, acima de toda beleza, acima de toda ordem da criatura. Ele está acima de tudo isso não no conceito de espaços e lugares, mas pelo seu poder infável e singular, do qual procede todo modo, toda beleza, toda ordem. Onde essas três coisas existem em elevado grau de bondade, existem grandes bens; onde existem em pequeno grau de bondade, existem pequenos bens; onde não existem, não há bem algum. Igualmente, onde essas três coisas são grandes, grandes são as naturezas; onde forem pequenas, pequenas são as naturezas e onde não existirem, não existe natureza alguma. Portanto, toda natureza é boa.

O mal: corrupção do modo, da beleza, da ordem

4 Por isso, quando se pergunta de onde vem o mal, deve-se perguntar antes o que é o mal:^[11] o mal não é outra coisa senão a corrupção do modo, da beleza ou da ordem natural.^[12]

Denomina-se, pois, natureza má aquela que está corrompida, porque a que não está corrompida é boa. Mesmo assim, na qualidade de natureza ela é boa; por ser corrompida ela é má.

Uma natureza mais excelente, mesmo se corrompida, é melhor que uma inferior, mesmo se não corrompida

5 Pode ocorrer que alguma natureza que tenha sido ordenada de maneira mais excelente quanto ao modo e beleza naturais, embora corrompida, seja ainda melhor que outra natureza incorrupta que tenha sido ordenada com grau inferior de modo e beleza naturais. Assim como na apreciação dos homens, de acordo com a qualidade inerente às aparências, sem dúvida é melhor o ouro deteriorado que a prata pura e é melhor a prata deteriorada que o chumbo puro.

Do mesmo modo, entre as naturezas superiores e espirituais, o espírito racional, ainda que corrompido pela vontade perversa, é melhor que um irracional incorrupto; é melhor qualquer espírito, embora corrompido, que qualquer corpo não corrompido. Pois é melhor a natureza que, estando presente no corpo, lhe oferece a vida, que o corpo ao qual é dada aquela vida. Pois por mais corrompido que esteja um espírito de vida, o qual foi criado, ele pode oferecer a vida ao corpo e, por isso, ele, embora corrompido, é melhor que o corpo, ainda que este esteja incorrupto. [13]

A natureza incorruptível é o bem supremo; a corruptível é um bem relativo

6 Se a corrupção tirar das coisas corruptíveis todo modo, toda beleza e toda ordem, não permanecerá nelas nenhuma natureza. Por isso, a natureza que não pode ser corrompida, é o bem supremo, como o é Deus.

Mas toda natureza que pode ser corrompida, também ela ainda é algo bom, pois a corrupção não pode prejudicá-la senão tirando-lhe e diminuindo-lhe o que é bom. **[14]**

A corrupção dos espíritos racionais é ou voluntária ou penal

7 Deus assegurou às criaturas mais excelentes, isto é, aos espíritos racionais, que, se não o quiserem, não podem ser corrompidos, isto é, se conservarem a obediência ao Senhor seu Deus, ficam assim intimamente ligados à sua beleza incorruptível. Mas, se não quiserem conservar a obediência, corrompem-se nos pecados já que os querem^[15] e, sem querer, sofrem a corrupção nos castigos.

Deus é um bem tão excelente que resulta em felicidade para todo aquele que não o abandona. Nas coisas feitas por Deus, a natureza racional é um bem tão grande que ela não poderia ser feliz por nenhum outro bem senão por Deus. Portanto, os pecadores são recolocados na ordem por meio dos castigos: esta reordenação é castigo porque não é próprio da sua natureza; e é justiça porque esta compete à culpa.

Degeneração e fim das coisas inferiores não perturbam a ordem do universo

8 As demais coisas que foram feitas do nada, que certamente são inferiores ao espírito racional, não podem ser nem felizes nem infelizes. Mas, uma vez que também elas são boas segundo o seu modo e espécie, e não poderiam sê-lo, ainda que em grau inferior e mínimo, senão por Deus, que é o bem supremo, elas foram ordenadas de tal maneira que as mais fracas se sujeitam às mais fortes, as mais débeis às mais robustas, as menos potentes às mais poderosas e, assim, também as coisas terrenas se harmonizam com as celestes na qualidade de subalternas em harmonia com as mais exímias.

Nas coisas que desaparecem e outras que se seguem, origina-se certa beleza temporal^[16] *sui generis*, de maneira que aquelas que perecem e as que deixam de ser o que eram não desfigurem ou perturbem o modo, a beleza e a ordem de todas as criaturas. Como o discurso bem composto certamente é bonito, embora nele as sílabas e todas as cadências sonoras sucedem como que nascendo e morrendo.^[17]

O castigo, constituído para que se reintegre a ordem

9 Porém, a decisão sobre qual e quanto castigo se deva a qualquer culpa cabe ao arbítrio do juízo divino e não ao humano. E quando se suspende o castigo para os convertidos, demonstra-se a grande bondade de Deus; e não há nenhuma injustiça em Deus quando se impõe o devido castigo, porque a natureza resulta melhor ordenada quando justamente se aflige no castigo do que quando impunemente se alegra no pecado.

Contudo, se a natureza mantém algo do modo, da beleza e da ordem, ainda há algo de bom em qualquer circunstância em que esteja, mas se estas propriedades, o modo, a beleza e a ordem, forem totalmente removidas e completamente dilapidadas, nada haverá de bom nela porque não restará nenhuma natureza.

As naturezas corruptíveis assim o são porque feitas do nada

10 Portanto, todas as naturezas corruptíveis de maneira alguma seriam naturezas se não fossem criadas por Deus; nem seriam corruptíveis se procedessem do seu ser, porque então seriam o que ele próprio é. Por isso, seja qual for o grau que tenham de modo, de beleza e de ordem, assim o são porque foram feitas por Deus; mas não são imutáveis porque foram criadas do nada. Pois seria uma ousadia sacrílega se o nada e Deus fossem igualados, como se quiséssemos afirmar que o que nasceu de Deus fosse igual ao que foi por ele feito do nada.

Não se pode prejudicar a Deus, nem outros podem danificar a natureza senão com sua permissão

11 Por isso, de maneira alguma se pode causar qualquer dano à natureza de Deus, nem se pode prejudicar injustamente qualquer natureza sob o governo de Deus. Quando alguns, pecando, causam injustamente um dano, lhes é atribuída uma vontade injusta; mas o poder pelo qual são permitidos prejudicar não vem senão de Deus, que, mesmo eles ignorando, conhece o que devem padecer aqueles a quem ele permite que causem dano.

Todos os bens procedem de Deus

12 Se aqueles que introduzem outra natureza que não teria sido feita por Deus quisessem dirigir sua atenção a todas estas coisas tão evidentes e certas, não estariam repletos de tantas blasfêmias como as de atribuir tantos bens ao sumo mal e tantos males a Deus.

Para que se corrijam, basta, como disse antes, que queiram dedicar sua atenção – e a verdade os força contra sua vontade a confessá-lo – ao fato de que inteiramente todos os bens não provêm senão de Deus. Portanto, é falso afirmar que os grandes bens provenham de um princípio e os bens pequenos de outro; mas tanto os grandes bens como os pequenos não provêm senão do bem supremo, que é Deus.

Cada bem, grande ou pequeno, provém de Deus

13 Mencionemos, então, quantos bens nos seja possível mencionar, os quais dignamente possamos atribuir a Deus como seu autor e vejamos se, removidos esses bens, restará alguma natureza.

Toda vida, seja grande ou pequena; todo poder, seja grande ou pequeno; toda saúde, seja grande ou pequena; toda memória, seja grande ou pequena; todo vigor, seja grande ou pequeno; toda inteligência, seja grande ou pequena; toda tranquilidade, seja grande ou pequena; toda riqueza, seja grande ou pequena; toda percepção do sentido, seja grande ou pequena; toda luz, seja grande ou pequena; toda suavidade, seja grande ou pequena; toda medida, seja grande ou pequena; toda beleza, seja grande ou pequena; toda paz, seja grande ou pequena; e o que de semelhante possa vir à memória, principalmente aqueles bens que se encontram em todas as coisas, tanto espirituais como corporais, todo modo, toda espécie, toda ordem, seja grande ou pequena; todas estas coisas provêm de Deus.

Se alguém quiser usar indevidamente de todos esses bens, será punido pelo juízo divino. Onde não haja absolutamente nenhum desses bens, não restará nenhuma natureza.

Bens pequenos, na comparação com maiores, são denominados com nomes opostos

14 Mas dentre todos esses bens, há alguns pequenos que, em comparação com os bens maiores, recebem nomes contrários, como na figura humana, que é uma beleza maior, em comparação com a beleza do macaco a qual se diz feia. Isto faz com que os ignorantes se enganem julgando que aquela é um bem e esta um mal, sem perceber no corpo do macaco o modo que lhe é próprio, a total proporção dos seus membros, a harmonia das partes, a proteção da sua incolumidade, e outras coisas que seria longo enumerar.

No corpo do macaco, o bem da beleza é inferior

15 Mas para que se entenda o que dizemos e seja suficiente para os demasiadamente lentos em compreender, ou também para que os que se obstinam em se opor à evidente verdade sejam forçados a admitir o que é verdade, pergunte-se a eles se a corrupção pode prejudicar o corpo do macaco. E se o pode de maneira que se torne mais feio, o que diminui nele senão o bem da beleza? Mas restará alguma beleza enquanto subsistir a natureza corporal. Portanto, se uma vez destruído o bem, destrói-se a natureza, a natureza é por isso mesmo boa.

Assim dizemos que o lento é contrário ao veloz, mas não se pode dizer que seja lento aquele que de modo algum se move. Assim também dizemos que o som grave é contrário ao som agudo, o som desagradável ao melodioso; mas, se se tirar toda a espécie da voz, resta o silêncio porque não existe som algum. Por isso, onde há o silêncio por não existir nenhum som, costuma-se opor o silêncio como contrário ao som.

Igualmente, as coisas luminosas e as escuras se dizem dois contrários; mas as coisas escuras também possuem algo de luz, pois, se carecessem totalmente de luz, seriam trevas, que são a ausência de luz, como o silêncio é a ausência de som. **[18]**

As privações nas coisas são ordenadas por Deus

16 Contudo, tais privações das coisas são de tal maneira ordenadas na totalidade da natureza que, para os que as consideram sabiamente, desempenham suas funções como convém. Pois Deus, não iluminando certos lugares e tempos, fez as trevas tão convenientemente como os dias.

Se nós, retendo a voz, interpomos o silêncio ao falar, não pode ele tanto mais interpor convenientemente privações em algumas coisas, na qualidade de artífice perfeito de todas as coisas? Por isso, no cântico dos três jovens também a luz e as trevas louvam a Deus, **[19]** isto é, fazem nascer o louvor a ele nos corações dos que as observam com atenção.

Nenhuma natureza, como tal, é má

17 Portanto, nenhuma natureza, como natureza, é má, e não há mal em qualquer natureza senão quando se reduz o seu bem. Se este bem, ao reduzir-se, chega ao ponto de acabar, então assim como não restaria nenhum bem, assim também não permaneceria nenhuma natureza, não somente aquela como a apresentam os maniqueus na qual se encontram tantos bens, que causa espanto a demasiada cegueira deles, mas também qualquer natureza apresentada por quem quer que seja.

A hýlē, que os antigos diziam ser a matéria informe das coisas, não é um mal

18 Nem se deve dizer que seja um mal aquela matéria que os antigos denominavam *hýlē*.^[20] Não me refiro àquela *hýlē* que Mani, ignorando o que dizia, afirmava ser a formadora dos corpos, pelo que com razão se lhe atribui que com isso ele introduz um outro deus, pois ninguém senão Deus pode formar ou criar corpos. E estes não são criados senão quando neles subsistem o modo, a espécie e a ordem, coisas estas que são boas e não podem vir senão de Deus. Acho que também os maniqueus admitem isso.

Mas denomino *hýlē* certa matéria completamente informe e sem qualidade, da qual são formadas as qualidades que percebemos, como disseram os antigos [filósofos]. Daí que floresta em grego se diz também *ýlh*, donde se extrai matéria apta para os artífices, não para que ela faça algo, mas para que dela se faça algo. Portanto, não se deve dizer que esta *hýlē* seja um mal, a qual não pode ser percebida por meio de alguma forma, mas que, por causa da sua total privação de forma, apenas se pode imaginar.

Também ela tem a capacidade das formas, pois se não pudesse receber a forma que lhe imprime o artífice, não poderia chamar-se matéria. Ora, se a forma é algum bem pelo qual se dizem dotados de forma,^[21] aqueles que dela se gloriam, como se dizem belos pela beleza, sem dúvida alguma é também algum bem a capacidade de receber alguma forma. Porque assim como a sabedoria é um bem, ninguém duvida que ser capaz de sabedoria seja um bem. E uma vez que todo bem procede de Deus, não convém que ninguém duvide que também essa matéria, se houver, não provenha senão de Deus.

Ser, propriamente, só Deus

19 De maneira magnífica e divina, nosso Deus disse ao seu servo: “Eu sou aquele que sou”; e “Dirás aos filhos de Israel: aquele que é me enviou a vós”.^[22] Ele é verdadeiramente porque é imutável.

Toda mudança faz com que o que era não seja. Portanto, o que é imutável é verdadeiramente, e as demais coisas que foram feitas por ele dele receberam o ser segundo o seu modo.

Portanto, o que é de maneira sumamente excelente não pode ser contrário senão ao que não é^[23] e, por isso, assim como por ele existe tudo o que é bom, assim também por ele existe tudo o que naturalmente existe, porque tudo o que naturalmente existe é bom. Uma vez que toda natureza é boa e todo bem vem de Deus, portanto toda natureza vem de Deus.^[24]

A dor, só nas naturezas boas

20 Porém a dor, que alguns consideram principalmente um mal,^[25] seja na alma como no corpo, não pode existir senão nas naturezas boas. Pois o que resiste a sentir dor de alguma maneira recusa não ser o que era, porque era algum bem. Mas a dor é útil quando leva para melhor; é inútil quando leva para pior.

A vontade que resiste a um poder superior causa dor na alma, e o sentido que resiste a um corpo mais forte causa a dor no corpo. Mas os males sem dor são piores, pois é pior alegrar-se da iniquidade que sentir dor pela corrupção.^[26] Contudo, tal alegria não pode resultar senão da obtenção de bens inferiores, ao passo que a iniquidade é o desprezo de bens melhores.

Igualmente, no que diz respeito ao corpo, é melhor uma ferida com dor que a podridão sem dor, que propriamente se diz corrupção, que o corpo morto do Senhor não experimentou, isto é, não padeceu, como havia sido predito na profecia: “Não permitirás que o teu santo experimente a corrupção”.^[27] Pois quem pode negar que ele foi ferido pela cravação dos pregos e transpassado pela lança?

Mas se ela mesma, isto é, a podridão, que é denominada pelos homens propriamente corrupção, ainda tenha algo a consumir profundamente, a corrupção aumenta à medida que o bem diminui. E se este for totalmente destruído, não restando nenhum bem, tampouco restaria natureza alguma, porque já não haveria o que a corrupção pudesse corromper; nem sequer haveria podridão, porque já não haveria nada onde ela pudesse estar.

Diversos modos, ou medidas

21 Já é de uso na linguagem comum dizer-se módicas as coisas pequenas e exíguas, porque nelas resta algum modo sem o qual já não seriam módicas, mas não existiriam de maneira alguma. Ao passo que aquelas coisas que, por causa do demasiado progresso, se chamam imódicas, são repreendidas pelo próprio excesso. Contudo, é necessário que essas coisas sejam refreadas por algum modo na dependência de “Deus, que tudo dispôs com medida, número e peso”. [28]

Como falar do modo de Deus

22 Mas não se pode dizer que em Deus haja algum modo, do qual se possa supor-lhe um fim. Mas nem por isso ele é imoderado, pois ele é quem atribui o modo a todas as coisas, para que estas possam existir de algum modo. Tampouco, convém dizer que Deus seja moderado, como se tivesse recebido de outro o seu modo ou medida.

Mas se dissermos que ele é o modo supremo, afirmamos algo desde que, ao dizermos que nele está o modo supremo, entendamos o bem supremo. Pois todo modo, na qualidade de modo, é bom. Por isso, não se pode, sem incluir um louvor, dizer que todas as coisas são moderadas, modestas, modificadas, embora num outro sentido coloquemos modo em lugar de fim e afirmemos não haver nenhum modo onde não há fim; o qual se diz às vezes com louvor, como foi dito: “E seu reino não terá fim”. [29] Em vez disso, poder-se-ia dizer também: “Não terá modo”, entendendo-se modo por fim, pois quem reina sem nenhum modo certamente não reina.

Mau modo, má beleza, má ordem

23 Diz-se que o modo é mau, a espécie é má ou a ordem é má, seja porque são inferiores ao que deviam ser, ou porque não se adaptam às coisas às quais deviam se adaptar, de maneira que se dizem maus porque são impróprios ou inconvenientes. É o caso quando se diz que alguém não agiu de bom modo, porque fez menos do que devia ou porque em tal caso agiu como não devia, ou fez mais do que convinha, ou de maneira inconveniente; e o que se repreende como feito de mau modo, repreende-se precisamente não por outro motivo senão porque não se conservou aí o devido modo.

Igualmente, se diz que uma beleza é má seja em comparação com outra mais formosa e mais bela, sendo aquela uma beleza menor e esta maior, não pela quantidade de detalhes, mas pelo decoro, seja porque ela não convém à coisa à qual foi aplicada, de maneira que parece imprópria e inconveniente, como se um homem estiver passeando nu pela praça, o que não é ofensivo se é visto nu no banho.

De maneira semelhante à ordem, se diz má quando a mesma ordem é observada menos que o devido. Nesse caso, não é a ordem que é má, mas a desordem, seja porque houve menos ordem do que devia ou não foi como devia. Contudo, onde haja algum modo, alguma beleza, alguma ordem, ali há também algum bem e alguma natureza; porém onde não haja nenhum modo, nenhuma beleza, nenhuma ordem, tampouco há ali bem algum e natureza alguma.

Testemunhos das Escrituras

24 As verdades que nossa fé professa, e que a razão investigou o melhor que pôde, devem ser corroboradas com testemunhos das divinas Escrituras, para que aqueles que não podem compreendê-las, por terem menor entendimento, creiam com base na autoridade divina e, assim, mereçam compreendê-las. Porém os que entendem, mas são menos instruídos nas sagradas Letras, não julguem que nós as professamos mais com base em nosso entendimento que baseados naqueles Livros.

Que Deus é imutável assim está escrito nos Salmos: “Tu as mudarás e elas mudarão; mas tu permaneces o mesmo”.^[30] E o livro da Sabedoria fala da mesma Sabedoria: “Permanecendo em si mesma, renova todas as coisas”.^[31] E o apóstolo Paulo: “Ao único Deus invisível e imortal”.^[32] E o apóstolo Tiago: “Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, no qual não há variação nem sombra de mudança”.^[33]

Igualmente, uma vez que o que ele gera de si é idêntico a ele, o próprio Filho diz em poucas palavras: “Eu e o Pai somos um”.^[34] E já que o Filho não foi feito, mas por ele foram feitas todas as coisas, assim está escrito: “No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus; no princípio estava com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele e sem ele [não] foi feito nada”,^[35] isto é, não existe algo que tenha sido feito sem ele.

O erro interpretativo de “Sem ele foi feito nada”

25 Não se deve dar ouvido aos desvarios dos homens que, pelo fato de [a palavra] nada estar colocada no fim da frase, julgam que deva ser entendida como alguma coisa, e pretendem que alguém possa ser atraído a esta mentira só porque o [termo] *nada* está no fim da sentença. Portanto, dizem eles, foi feito e, por ter sido feito, o nada é alguma coisa.

Perderam a capacidade de entender pelo desejo de contradizer, e não compreendem que nada importa se se diga: “Sem ele [não] foi feito nada” ou “Sem ele nada foi feito”, porque mesmo que se dissesse nesta ordem: “Sem ele nada foi feito”, ainda assim poderiam dizer que o nada é alguma coisa, porque foi feito. Pois o que realmente é alguma coisa, que importa se se diga: “Sem ele foi feita a casa”, ou “Sem ele a casa foi feita”, desde que se entenda que sem ele algo foi feito, pois a casa é uma coisa?

Assim, porque foi dito: “Sem ele não se fez nada”, uma vez que o nada não é alguma coisa quando se usa no sentido verdadeiro e próprio, nada importa que se diga: “Sem ele [não] se fez nada”, ou: “Sem ele nada foi feito” ou: “Nada foi feito sem ele”.

Pois quem iria argumentar com os homens que, ao ouvir o que eu disse, “nada importa”, possam dizer: “Portanto alguma coisa importa, porque este nada é algo”?

Mas os que possuem faculdades sensatas percebem a coisa evidentíssima, isto é, quando eu disse: “nada importa”, entende-se o mesmo que se entenderia se eu dissesse: “Não importa nada”. Entretanto, se aqueles homens perguntassem a alguém: “O que você fez?”, e este respondesse que fez nada, na lógica do pensamento deles criticariam falsamente a esse homem dizendo: “Portanto, você fez algo porque fez nada, pois este nada é alguma coisa”. Mas considerem eles o mesmo Senhor que coloca esta palavra no fim da sentença, dizendo: “Às ocultas, não falei nada”.

[36] Portanto, leiam e se calem.

As criaturas, feitas do nada

26 Deus não gerou de si todas as coisas, mas as fez por seu Verbo; não as fez de coisas que já existiam, mas do que de modo algum existia, isto é, do nada. Por isso, diz o Apóstolo: “Ele chama à existência as coisas que não existem, como se existissem”.^[37] Mais claramente está escrito no livro dos Macabeus: “Peço-lhe, meu filho, que olhe para o céu, para a terra e para todas as coisas que neles existem: considere e saiba que não existiam, das quais nos fez o Senhor Deus”.^[38] E também o que está escrito no Salmo: “Ele disse e foram feitas”.^[39]

É evidente que não gerou de si essas coisas, mas as fez por sua palavra e ordem. Mas o que não gerou de si, criou-o do nada, pois não havia outra coisa de onde pudesse fazê-las, como o diz claramente o Apóstolo: “Porque dele, por ele e nele são todas as coisas”.^[40]

Uma especificação

27 Mas dele não significa a mesma coisa que de sua mesma substância. Pois o que procede dele, pode-se dizer que existe a partir dele; mas nem tudo o que é a partir dele se pode corretamente dizer que procede dele. O céu e a terra existem a partir dele porque ele os criou; mas não os fez de si mesmo porque não são de sua mesma substância.

Como ilustração podemos citar um homem que gerou um filho e constrói uma casa: a partir dele existe o filho e a partir dele existe a casa, mas o filho procede dele e a casa procede da terra e da madeira. Mas isto porque ele é homem e não pode fazer alguma coisa do nada. Porém Deus, de quem, por quem e em quem são todas as coisas, não tinha necessidade que qualquer matéria, que ele não tivesse feito, ajudasse à sua onipotência.

Os pecados, da vontade dos que pecam

28 Quando ouvimos: “Todas as coisas são dele, por ele e nele”, certamente devemos entender todas as naturezas que existem naturalmente. Não existem a partir dele os pecados, que não conservam a natureza, mas a deterioram. De muitas maneiras a Escritura atesta que os pecados procedem da vontade daqueles que pecam, especialmente na passagem em que o Apóstolo diz: “Condenando os que praticam tais coisas, quando procedes da mesma forma, pensas, ó homem, que tu escaparás do juízo de Deus? Ou desprezas as riquezas da sua benignidade, da sua paciência e da sua longanimidade, ignorando que a paciência de Deus te conduz ao arrependimento? Mas, com a dureza do teu coração e com um coração impenitente, acumulas para ti a cólera para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um conforme as suas obras”.^[41]

Deus não se mancha com nossos pecados

29 Uma vez que em Deus estão todas as coisas que ele criou, não o mancham os que pecam, de cuja sabedoria se diz: “E atinge todas as coisas por causa da sua pureza e nada de mancha incorre nela”.

[42]

Portanto, convém que, assim como cremos que Deus é incorruptível, conseqüentemente também creiamos que ele não pode ser maculado.

Os bens, mesmo os mínimos, vêm de Deus

30 Que ele fez também os bens mínimos, isto é, os terrenos e mortais, entende-se, sem dúvida, daquela passagem do Apóstolo, quando ele fala dos membros de nosso corpo: “E se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele; e se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele”. Na mesma passagem, diz ele: “Deus colocou a cada um dos membros no corpo como quis”. E mais: “Deus dispôs o corpo atribuindo maior honra ao que dela carecia, a fim de que não houvesse divisão, mas os membros sejam naturalmente prestativos uns para com os outros”.^[43]

E o que o Apóstolo assim louva no modo, na beleza e na ordem dos membros do nosso corpo, encontra-se no corpo de todos os animais, tanto dos grandes como dos pequenos; uma vez que todo corpo está entre os bens terrenos e, portanto, pertence à categoria dos bens inferiores.

Deus é quem pune e perdoa pecados

31 Uma vez que compete ao juízo divino e não ao humano determinar qual e quanto castigo se deva a cada culpa, está escrito: “Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da justiça de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos!” **[44]** O mesmo fato de os pecados serem perdoados pela bondade de Deus aos que se arrependem comprova-se suficientemente pelo fato de que Cristo foi enviado, o qual morreu por nós não na sua natureza, pela qual ele é Deus, mas na nossa natureza, que recebeu da mulher. Assim, realça o Apóstolo a bondade e o amor de Deus para conosco: “Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós, quando ainda éramos pecadores. Ora, com maior razão, justificados pelo seu sangue, seremos por ele preservados da ira. Se, pois, quando éramos inimigos, somos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, com maior razão seremos salvos na sua vida”. **[45]**

Mas que não há injustiça em Deus quando ele atribui aos pecadores o devido castigo, assim diz o Apóstolo: “Que diremos? Por acaso Deus é injusto no proferir a ira?”. **[46]**

Numa outra passagem, admoestou com poucas palavras que tanto a bondade como a severidade vêm de Deus, dizendo: “Considera, por isso, a bondade e a severidade de Deus: severidade para com aqueles que caíram, mas bondade para contigo se permaneceres na bondade”. **[47]**

O poder danificar provém de Deus

32 Igualmente, está escrito que também o poder dos que causam mal não provém senão de Deus, como fala a Sabedoria: “Por mim os reis governam e por mim os tiranos submetem a terra”.^[48] Também o Apóstolo diz: “Não há poder que não venha de Deus”.^[49] E no livro de Jó está escrito que isto se dá justamente: “Ele é quem faz reinar o homem hipócrita por causa da perversidade do povo”.^[50] E sobre o povo de Israel diz Deus: “Eu lhes dei um rei em meu furor”.^[51]

Não é, pois, injusto que os maus recebam o poder de causar dano para que se prove a paciência dos bons e se castigue a iniquidade dos maus. Assim, pelo poder concedido ao diabo, Jó foi provado para que aparecesse justo;^[52] Pedro foi tentado para que não formasse uma vã opinião de si mesmo;^[53] Paulo foi esbofeteado para não se ensoberbecer;^[54] e Judas foi condenado para enforcar-se.^[55]

Portanto, Deus ordenou justamente todas essas coisas pelo poder que concedeu ao diabo, não que tais coisas tenham sido praticadas com justiça, mas por causa da iníqua vontade de prejudicar que o diabo teve é que se lhe infligirá o suplício no fim, quando se disser aos ímpios que perseveraram em consentir^[56] com a sua maldade: “Ide para o fogo eterno, que meu Pai preparou para o diabo e seus anjos”.^[57]

Porque pecaram, os anjos maus se tornaram tais

33 Uma vez que os anjos maus não foram criados maus por Deus, mas se tornaram maus pecando, assim diz Pedro em sua Carta: “Deus não poupou os anjos pecadores, mas, precipitando-os, entregou-os aos cárceres das profundezas das trevas, para que sejam conservados para os castigos do juízo”.^[58] Com isso, Pedro mostra que ainda lhes resta a pena do último juízo, sobre a qual diz o Senhor: “Ide para o fogo eterno que está preparado para o diabo e seus anjos”. Ainda que tenham recebido como pena esse abismo, isto é, essa região do ar inferior e tenebroso como cárcere,^[59] o qual, contudo, se diz céu, não aquele céu onde estão os astros, mas este céu inferior em cuja escuridão se aglomeram as nuvens negras, e onde as aves voam, pelo que se diz céu das nuvens tenebrosas que se chamam também voláteis do céu.^[60] De acordo com isso, o Apóstolo Paulo denomina “espíritos de maldade nos céus”^[61] os mesmos anjos maus que têm inveja de nós e contra os quais lutamos vivendo piedosamente. E para que isso não se entenda como sendo dito dos céus superiores, noutra passagem se diz claramente: “Segundo o chefe do poder deste ar, que agora age nos filhos da desconfiança”.^[62]

O pecado não é desejo de uma natureza má, é abandono de uma natureza melhor

34 O pecado e a iniquidade não são um desejo de naturezas más, porém abandono das melhores, pois assim se encontra escrito nas Escrituras: “Toda criatura de Deus é boa”.^[63] E, por isso, toda árvore que Deus plantou no paraíso certamente é boa.

Portanto, o homem não desejou uma natureza má quando tocou na árvore proibida, mas sim cometeu uma ação má abandonando o que era melhor.^[64] Pois o Criador é melhor que qualquer criatura que ele criou, cuja ordem não devia ser desprezada para tocar no que havia sido proibido, embora fosse bom, porque, abandonando o melhor, desejava-se uma coisa boa criada, que era tocada contra o mandado do Criador.

Por conseguinte, Deus não havia plantado uma árvore má no paraíso, mas era melhor ele que proibia que ela fosse tocada.

A árvore não foi proibida porque era má, mas porque era bom para o homem estar submetido a Deus

35 Deus havia proibido o homem com o objetivo de mostrar que a natureza da alma racional não deve ser independente no seu poder, mas submetida a Deus, e que, pela obediência, o homem conserve a ordem da sua salvação, ao passo que pela desobediência a corrompa.

Por isso, à árvore que ele proibiu que fosse tocada, deu-lhe o nome de “discernimento do bem e do mal”, **[65]** porque, quando o homem a tocasse contra a proibição, vivenciasse a pena do pecado e discernisse a diferença que existe entre o bem da obediência e o mal da desobediência.

O mal é o mau uso do bem

36 Quem, pois, seria tão desatinado que julgue que deva ser vituperada uma criatura de Deus, principalmente tendo sido plantada no paraíso, visto que não devem ser criticados nem mesmo os próprios espinhos e ervas daninhas, que, segundo a judiciosa vontade de Deus, a terra produziu para tornar mais laborioso o trabalho do pecador? Pois também essas ervas têm o seu modo, a sua beleza e a sua ordem, que, se alguém as considerar com calma, descobrirá que são louváveis; mas são más para aquela natureza que convinha que fosse castigada por razão do pecado.

Portanto, como eu disse, o pecado não é um desejo de uma natureza má, porém o abandono de uma natureza melhor; pelo que o mesmo fato é um mal, não aquela natureza da qual faz mau uso aquele que peca.

O mal é, pois, fazer mau uso do bem. Daí que o Apóstolo repreende alguns condenados pelo juízo divino, os quais “prestaram culto à criatura, e não ao Criador”.^[66] Ele não repreende a criatura, pois quem o fizer, faz uma injúria ao Criador, mas repreende, sim, aqueles que abusaram de um bem tendo abandonado outro superior.

Deus faz bom uso dos males de quem peca

37 Por isso, se todos observarem o modo, a beleza e a ordem próprios da natureza, não haverá mal algum; mas se alguém quiser fazer mau uso desses bens, nem por isso ele leva vantagem sobre a vontade de Deus, que sabe ordenar justamente aos injustos e, assim, se eles, pela iniquidade da sua vontade, fizeram mau uso dos bens dele, ele pela justiça do seu poder faz bom uso dos males deles, ordenando corretamente nos castigos aqueles que se desordenaram nos pecados.

Não é mau o fogo eterno

38 Nem mesmo o fogo eterno, que há de atormentar os ímpios, é uma natureza má, conservando o seu modo, beleza e ordem, não tendo sido depravado por nenhuma iniquidade; mas o tormento é um mal para os condenados, por cujos pecados o tormento lhes é devido. Pois tampouco essa luz é má, só porque ela aflige os olhos doentes.

Uma especificação

39 O fogo é eterno, mas não do mesmo modo como Deus o é, pois embora o fogo não tenha fim, contudo teve um início; ao passo que Deus existe sem ter tido um início. Por isso, embora seja aplicado como perpétuo para suplício dos pecadores, contudo ele é uma natureza mutável. Porém, a verdadeira eternidade é aquela que é verdadeira imortalidade, isto é, a suprema imortalidade que possui somente Deus, que não pode absolutamente sofrer mudanças.

Pois uma coisa é não mudar, embora possa sofrer mudanças, e outra coisa é não poder absolutamente sofrer mudanças. Assim como se diz que o homem é bom, mas não como Deus, do qual se disse: “Ninguém é bom senão o único Deus”;^[67] do mesmo modo se diz que a alma é imortal, mas não como Deus o é, do qual se disse: “O único que possui a imortalidade”;^[68] como também se diz que o homem é sábio, porém não como o é Deus, do qual se disse: “A Deus único sábio”.^[69] Assim também se diz fogo eterno, mas não como o é Deus, cuja imortalidade única é a verdadeira eternidade.

Deus não pode ser prejudicado, nem permite danos injustos

40 Segundo a fé católica e sua doutrina, estas coisas são assim para os que entendem a verdade evidente, que ninguém pode causar dano à natureza de Deus, nem a natureza de Deus pode causar injustamente algum dano a quem quer que seja, nem permite que alguém impunemente cause algum dano. Como diz o Apóstolo: “Aquele que comete injustiça receberá pelo que prejudicou injustamente; e não há aceção de pessoas em Deus”. [70]

Os maniqueus: atribuem bens à natureza do mal e males à do bem

41 Se os maniqueus quisessem refletir com o temor de Deus, sem o pernicioso gosto de defender o seu erro, não blasfemariam com tanta impiedade introduzindo duas naturezas: uma boa, à qual dão o nome de Deus, e outra má, que Deus não criou. De tal modo, eles erram e deliram, e de tal modo ficam cegos de loucura, que não chegam a perceber que naquilo que eles denominam de natureza do supremo mal colocam tantos bens quando lhe atribuem a vida, o poder, a saúde, a memória, a inteligência, a moderação, a força, a riqueza, o sentimento, a luz, a suavidade, as proporções, as harmonias, a paz, o modo, a beleza, a ordem; ao passo que, naquilo que dizem ser o supremo bem, colocam tantos males quando lhe atribuem a morte, a doença, o esquecimento, a ignorância, a perturbação, a impotência, a pobreza, a estupidez, a cegueira, a dor, a iniquidade, a desonra, a guerra, a imoderação, a fealdade, a perversidade.

Eles afirmam que os príncipes das trevas viveram em sua natureza, que em seu reino gozaram de saúde, de memória e de inteligência. Pois eles dizem que o príncipe das trevas alguma vez fez certo discurso que, sem ajuda da memória e da inteligência, nem ele poderia ter pronunciado tais coisas nem ser ouvido por aqueles aos quais ele pronunciava o discurso. Dizem também que tinha uma moderação conveniente ao seu ânimo e corpo; que reinaram com o vigor do seu poder e possuíram as riquezas e abundâncias de seus elementos, e perceberam que estavam reciprocamente próximos e havia uma luz vizinha a eles; que possuíam olhos com os quais podiam enxergar essa luz a longa distância, olhos que, certamente, sem alguma faculdade visual, não poderiam ver a luz; de onde também se denominam luminares; e que gozaram do prazer da sua voluptuosidade e foram limitados por habitações e membros proporcionais.

Mas, se não houvesse aí também alguma beleza qualquer que fosse, não teriam gostado de seus matrimônios nem os seus corpos teriam perdurado com a harmonia dos membros. E se não existia

nada disso, tampouco podiam ser feitas as coisas que eles, delirando, afirmam que foram feitas aí. E se não houvesse aí alguma paz, não obedeceriam ao seu príncipe.

Se não houvesse aí o modo, não fariam outra coisa que comer, ou beber, ou praticar a crueldade, ou qualquer outra coisa sem sociabilidade alguma. Nem os que faziam isso estariam configurados por suas formas se não houvesse aí um modo. Ora, pelo fato de afirmarem que eles faziam tais coisas, não podem negar que em todas as suas ações tiveram modos bem de acordo consigo mesmos. Se não houvesse aí a beleza, tampouco subsistiria aí nenhuma qualidade natural. Se não houvesse aí nenhuma ordem, não seria possível que alguns dominassem e outros fossem subalternos, não viveriam em harmonia com os elementos e, finalmente, não teriam seus membros dispostos nos seus devidos lugares, para que pudessem fazer todas essas coisas vãs que estes mentirosamente relatam.

Quanto à natureza de Deus, se não a declaram morta, o que é que, segundo a vã opinião deles, Cristo ressuscita? Se não a supõe doente, o que é que Cristo cura? Se não esquecida, o que é que ele recorda? Se não ignorante, o que é que ele ensina? Se não perturbada, o que é que ele reintegra? Se não está vencida e presa, o que é que ele liberta? Se não tem necessidade, a quem ele socorre? Se não desfaleceu, o que ele revigora? Se não está cega, o que ele ilumina? Se não sofre de dor, o que ele faz recuperar? Se não é iníqua, o que ele corrige mediante preceitos? Se não está desonrada, o que ele purifica? Se não está em guerra, a quem ele promete a paz? Se não está imoderada, a quem ele impõe a moderação da lei? Se não está deforme, o que é que ele reforma? Se não está pervertida, o que é que ele emenda?

Tudo isso é prestado por Cristo não àquela natureza que foi criada por Deus e depravada pelo pecado do próprio arbítrio, mas à própria natureza e à mesma substância de Deus, que é o mesmo que Deus.

Blasfêmias dos maniqueus sobre a natureza de Deus

42 O que se pode comparar a essas blasfêmias? Absolutamente nada, a não ser que se considerem os erros de outras seitas perversas. Mas se esse erro é comparado sob outro ponto de vista de que ainda não falamos, demonstramos que a blasfêmia contra a natureza de Deus se torna ainda muito pior e mais abominável.

De fato, eles afirmam que algumas almas – que eles dizem ser formadas da substância de Deus e da sua própria natureza, as quais não pecaram por própria vontade, mas foram impelidas pela raça que habitava as trevas, que eles denominam a natureza do mal, contra a qual desceram para combater não espontaneamente, mas por ordem do seu pai – foram vencidas e oprimidas e são atormentadas para sempre no horrível globo de trevas. Assim, segundo as sacrílegas e arrogantes palavras deles, Deus, por um lado, se libertou de um grande mal e, por outro lado, condenou-se a si mesmo porque não pôde livrar-se do inimigo e, por fim, triunfou sobre o mesmo inimigo vencido.

Ó ímpia e incrível ousadia crer, falar e pregar tais coisas sobre Deus! E empenhando-se em defender tais coisas, de olhos fechados arrojam-se em afirmações piores, dizem que é uma mistura de natureza má que faz com que a natureza boa de Deus sofra tantos males, pois ela em si mesma não podia nem pode padecer nada disso. Por assim dizer, é como se a natureza incorruptível deva ser louvada porque ela não se causa dano a si mesma, e não porque ela não possa ser prejudicada por outra natureza.

Por conseguinte, se a natureza das trevas causou dano à natureza de Deus e a natureza de Deus causou dano à natureza das trevas, portanto as duas são más, pois se prejudicaram mutuamente. Nesse caso, a raça das trevas é melhor porque, se causou dano, o fez involuntariamente, pois não quis prejudicar, mas sim gozar do bem de Deus. Ao contrário, Deus quis destruí-la, como Mani, delirante, fala claramente na carta denominada *Fundamento*. Esquecido do que havia dito numa passagem pouco antes: “Os seus

esplendidíssimos reinos estavam de tal maneira consolidados sobre a terra cheia de luz e feliz, que nunca poderiam ser despojados nem abalados por quem quer que fosse”, disse em seguida: “Mas o Pai da felicíssima luz, sabendo da grande ruína e devastação que haviam de surgir das trevas e ameaçar as suas santas gerações, opôs-lhes uma exímia e excelente potência vigorosa pela qual, ao mesmo tempo, dominasse e destruísse a raça das trevas, e uma vez destruída esta, fosse preparado um repouso eterno para os habitantes da luz”. [71]

Eis como, segundo os maniqueus, Deus teve medo da destruição e devastação que ameaçavam o seu império. Mas não estavam com certeza os seus reinos de tal maneira consolidados sobre a terra cheia de luz e feliz, que nunca poderiam ser despojados nem abalados por quem quer que fosse? Assim, levado pelo temor, quis causar dano à raça vizinha e ousou destruí-la e aniquilá-la, a fim de que fosse preparado um repouso eterno para os habitantes da luz. Por que não acrescentou: “E uma prisão eterna”? Acaso não eram habitantes da luz aquelas almas que ele aprisionou para sempre no globo das trevas, das quais fala abertamente que “sofreram a separação da sua luminosa natureza anterior”? Assim, é obrigado a dizer, sem querer, que elas pecaram por livre vontade, porque ele não quer admitir o pecado senão na necessidade de haver uma natureza contrária. Daí, que sem saber o que diz, e como se ele mesmo já estivesse trancado no globo das trevas que ele inventou, procura uma saída de lá e não a encontra.

Diga ele o que quiser aos pobres miseráveis e seduzidos, pelos quais ele é honrado muito mais que o próprio Cristo, e lhes venda por esse preço contos imaginários tão longos e tão sacrílegos. Diga o que quiser, feche naquele globo como num cárcere a raça das trevas e deixe para fora a natureza da luz, à qual prometia repouso perpétuo depois de aniquilar o inimigo.

Eis por que é pior o castigo da luz que o das trevas, é pior o castigo da natureza divina que o da raça que lhe é contrária. Pois, embora essa raça inimiga esteja no interior das trevas, é próprio da sua natureza habitar nas trevas, ao passo que as almas que,

segundo ele, são da mesma natureza de Deus, não poderão, como ele diz, ser recebidas naqueles reinos de paz e serão expulsas da vida e da liberdade da luz santa, e serão colocadas no mencionado horrível globo onde, diz ele: “Estas mesmas almas se apegarão às coisas que amaram, abandonadas no mesmo globo das trevas que adquiriram por seus méritos”.

Não existe o livre-arbítrio da vontade? Vejam como o louco ignora o que diz e, falando coisas contrárias a si mesmo, faz contra si próprio uma guerra pior que a contra o deus da própria raça das trevas.

Além disso, se as almas da luz são condenadas por terem amado as trevas, a raça das trevas é condenada injustamente, pois ela amou a luz. Por outro lado, os habitantes das trevas amaram a luz desde o início e não pretendiam apagar essa luz, mas sim possuí-la, embora de maneira violenta; ao passo que a natureza da luz queria exterminar as trevas na luta, mas, uma vez vencida, amou as trevas.

Agora, escolham o que quiserem destas duas alternativas: a natureza da luz ou foi compelida por necessidade a amar as trevas, ou as amou por sua livre vontade. Se por necessidade, por que é condenada? Se foi por sua livre vontade, por que se atribui tão grande injustiça à natureza de Deus? Se a natureza de Deus foi obrigada pela necessidade a amar as trevas, então ela não venceu, mas sim foi vencida. Se foi por sua livre vontade, por que esses infelizes duvidam em atribuir a vontade de pecar à natureza que Deus criou do nada e não à luz que ele gerou?

Os maniqueus atribuem à natureza de Deus muitos males antes da mistura com o mal

43 O que mais, se já mostramos que, antes da mescla com o mal, que eles imaginariamente inventaram e na qual loucamente acreditaram, já existiam grandes males na mesma natureza que eles chamam de natureza da luz? O que se pode acrescentar a essas blasfêmias? Uma vez que, antes da luta, havia nessa natureza forte e inevitável necessidade de lutar, o que já era grande mal antes mesmo de se misturar o mal com o bem, expliquem como isso pôde acontecer quando ainda nenhuma mistura havia sido feita. Mas, se não havia a necessidade, havia então a vontade de lutar; nesse caso, de onde veio esse mal tão grande que o próprio Deus quisesse causar dano à sua natureza, que não podia ser prejudicada pelo inimigo, deixando que fosse cruelmente misturada, torpemente purificada e iniquamente condenada? Eis, pois, o grande mal de uma vontade perniciosa, nociva e crudelíssima, antes que se misturasse mal algum proveniente da raça contrária.

Acaso Deus ignorava que isso haveria de acontecer aos seus membros, que chegariam a amar as trevas, que se tornariam inimigos da luz santa, como disse Mani, isto é, não somente do seu Deus, mas também do Pai do qual provinham? Como pressupor que houvesse em Deus tão grande mal de ignorância antes que qualquer mal se mesclasse à sua natureza, provindo da raça inimiga? Se ele sabia que esse mal haveria de acontecer, então ou havia nele uma crueldade eterna, caso ele não sentisse nenhuma dor pela futura contaminação e condenação da sua natureza, ou era tomado de uma aflição sempiterna, caso sofresse dor por isso. De onde procedia esse tão grande mal do vosso bem supremo antes de qualquer mistura com o vosso mal supremo?

Certamente, se uma parte mínima da sua natureza, que é aprisionada na cadeia eterna daquele globo, não sabia que tal mal a ameaçava, mesmo assim havia na natureza de Deus uma eterna ignorância; mas se ele sabia, então ele era tomado de eterna miséria. Em ambos os casos, de onde provinha esse tão grande mal

antes da mistura com qualquer mal da raça inimiga?

Acaso Deus sentia prazer com grande benevolência porque mediante seu castigo se preparava um repouso eterno para os outros habitantes da luz? Aquele que perceba a perversidade de tal afirmação, que a abomine. Se a natureza de Deus pelo menos agisse assim para não se tornar inimiga da luz, talvez pudesse ser louvada, não como natureza de Deus, mas como se elogiaria a algum homem que quisesse sofrer algum mal pela sua pátria, mal este que certamente seria provisório e não eterno. Mas eles dizem que aquele aprisionamento no globo das trevas é eterno, e um aprisionamento não de qualquer coisa, mas da natureza de Deus. Certamente, seria um prazer muito iníquo, execrável e inexprimivelmente sacrílego se a natureza de Deus se alegrasse de vir a amar as trevas e vir a ser inimiga da luz santa.

De onde poderia provir esse mal tão imenso e horrendo antes que se misturasse qualquer mal da raça contrária? Quem suporta tal loucura tão perversa e tão ímpia, como a de atribuir tantos bens ao supremo mal e tantos males ao supremo bem, que é Deus?

Imoralidades imaginadas por Mani em Deus

44 Eles dizem que a mesma parte da natureza de Deus está mesclada por toda parte nos céus, na terra, embaixo da terra, em todos os corpos secos e úmidos, em todas as carnes, em todas as sementes das árvores e das ervas, nos sêmens dos homens e dos animais. Mas não dizem isso como nós afirmamos de Deus, que ele está presente sem nenhum vínculo em todas as coisas pelo poder da sua divindade para administrá-las e governá-las de maneira imaculada, inviolável e incorruptível; porém dizem eles que a natureza de Deus está presa, oprimida e manchada e que deve ser livrada, liberada e purificada não somente no decorrer dos tempos marcados pelo curso do sol e da lua e pelos poderes da luz, mas também pelos seus eleitos.

É horrível expor as obscenidades tão sacrílegas e incríveis que esse tipo de erro horribilíssimo lhes ensina, embora não os convença. Pois dizem que as forças da luz se transfiguram em homens bonitos que se apresentam às mulheres da raça das trevas; e que essas mesmas forças da luz de novo se transformam em lindas mulheres que se apresentam aos homens da raça das trevas para excitar, pela sua formosura, a obsceníssima libido dos príncipes das trevas e, dessa maneira, a substância vital, isto é, a natureza de Deus, que dizem estar aprisionada em seus corpos, saia livre dos membros deles relaxados pela concupiscência, e se liberte sendo acolhida e purificada.

Isso é o que leem aqueles infelizes, é o que dizem, ouvem e creem; isso é o que consta no sétimo livro do seu *Thesaurus* – este é o nome de um escrito de Mani, no qual estas blasfêmias estão escritas: “Então aquele Pai feliz, que tem navios luminosos com camarotes para divertimentos e compartimentos e lugares espaçosos, pela sua clemência inata vem em socorro e, assim, se desvencilha e se liberta dos ímpios laços, das angústias e aflições da sua substância vital. Pelo que, com um aceno invisível da sua vontade, ele transforma aquelas suas forças, que estão nesse luminosíssimo navio, e faz com que elas apareçam aos poderes

adversários, que estão colocados nas diversas regiões dos céus. Mas, uma vez que esses poderes adversários consistem de elementos de ambos os sexos, homens e mulheres, então o Pai ordena que muitas das mencionadas forças apareçam na forma de rapazes belos às mulheres e as outras forças, tomando a forma de lindas virgens, apareçam aos homens; pois ele sabe que todos aqueles poderes inimigos, por causa da sua ingênita concupiscência muito obscena e mortal, muito facilmente se deixam atrair e, dessa maneira, são destruídos pelos mesmos aspectos belíssimos que parecem ser transmitidos. Mas, estai atentos para o fato que este mesmo nosso bem-aventurado Pai é igual às suas forças, que ele, por uma causa necessária, transforma numa perfeita semelhança de belos jovens e lindas moças. Pois ele usa destes rapazes e moças como se fossem suas armas, pelas quais realiza a sua vontade. Entretanto, os navios luminosos estão cheios dessas forças divinas que, à semelhança de uma relação conjugal entre o homem e a mulher, se colocam contra as raças inferiores e, no mesmo momento, executam, com vivacidade e felicidade, o que haviam planejado. Por isso, quando a razão solicita que aquelas santas forças apareçam aos homens, de imediato elas mostram pelo traje o aspecto de moças lindíssimas. Ao contrário, quando elas aparecem às mulheres, deixando o aspecto de moças, apresentam o aspecto de belos rapazes. O fogo e a concupiscência delas se excitam diante da formosa aparência e, dessa maneira, solta-se o laço dos seus péssimos pensamentos e a alma viva, que estava presa nos membros deles, nessa ocasião escapa aliviada e se mistura com o seu puríssimo ar. Quando as almas estiverem completamente purificadas, elas sobem aos navios luminosos que estão preparados para levá-las e transportá-las à sua pátria. Mas aquilo que ainda leva manchas do gênero oposto e aos poucos se avilta pelos calores da violenta paixão, mistura-se bastante com todas as árvores e as outras plantações e se impregna de diversas paixões. Dessa maneira, saindo desse navio grande e luminoso, as figuras dos jovens e das virgens aparecem aos poderes inimigos que vivem nos céus e que possuem uma natureza ígnea; por esse belo aspecto, a parte de vida que está presa nos membros desses

poderes inimigos, aliviada, é conduzida à terra pelos calores da paixão. Do mesmo modo, também aquela sublimíssima força que habita na nave das águas vivificantes aparece, pelos seus anjos, na figura dos jovens e das virgens santas, a esses poderes inimigos que estão colocados nos céus e cuja natureza é fria e úmida. Aparece na forma de belos rapazes àquelas potestades que são mulheres, e aos homens aparece na forma de moças. E por essa mudança e diversidade dos aspectos divinos e belíssimos assumidos, liberam-se os príncipes e princesas da raça úmida e fria e o que neles é vital liberta-se. Porém, o que restar é levado aliviado à terra no inverno e se mistura a todos os tipos de terra”.

Quem pode tolerar tais coisas? Quem pode crer, não já que tais imaginações sejam reais, mas que ele tenha tido a insensatez de dizê-las? E ainda existem os que temem condenar a Mani, que ensina tais coisas, e não temem crer que Deus faz e atura tais coisas.

Não sem razão se atribuem aos mesmos maniqueus obscenidades detestáveis

45 Eles dizem que aquela mesma parte, que também é natureza de Deus, mesclada com o mal, é purificada pelos seus eleitos, quando estes comem e bebem, porque afirmam que ela está presa em todos os alimentos. Quando os alimentos são tomados na comida e na bebida pelos eleitos, na qualidade de santos, para o sustento do corpo, aquela parte da natureza de Deus é desligada, assinalada e libertada pela santidade deles.

Esses infelizes não se dão conta que não é sem razão que lhes é atribuído o que tratam de negar, a não ser que condenem os seus livros e deixem de ser maniqueus. Pois, como eles dizem, se em todas as sementes está presa uma parte de Deus, que é purificada pelos eleitos quando estes comem, quem com razão não irá crer que eles praticam o mesmo que, como eles leem no seu livro *Thesaurus*, se pratica entre as forças e os príncipes das trevas, já que eles dizem que seus corpos procedem das raças das trevas e acreditam e não duvidam em afirmar que neles está presa aquela substância vital que é uma parte de Deus? E se esta deve ser libertada e purificada quando eles comem, como os obriga a confessar esse seu funesto erro, quem não percebe, quem não fica horrorizado de tanta torpeza e de tantas obscenidades que daí se seguem?

A abominável doutrina da carta intitulada Fundamento

46 Eles dizem que o primeiro homem, Adão, foi criado por alguns príncipes das trevas, para que a luz fosse sujeitada e não se escapasse deles. Na carta que eles intitulam *Fundamento*, Mani escreveu como o príncipe das trevas, que eles afirmam ser o pai do primeiro homem, se dirigiu e falou aos outros príncipes das trevas companheiros seus. Assim escreveu Mani:

“Com iníquas invenções diz aos que estavam presentes: Que vos parece ser esta grandíssima luz que nasce? Olhai como se move a órbita do astro e abala muitíssimos poderes. Por isso, convém que eu vos pergunte primeiramente sobre a parte de luz que tendes em vossas forças, pois assim descreverei a imagem daquele grande sol que apareceu glorioso, pela qual poderemos reinar, quando ficarmos livres da morada das trevas. Ouvindo isso e refletindo bastante consigo mesmos, os ouvintes acharam que era muito justo concordar com o que lhes era pedido. Pois não confiavam que conservariam para sempre a mesma luz. Por isso, julgaram melhor oferecê-la a seu príncipe, de forma alguma perdendo a esperança que assim eles haviam de reinar. Por isso, deve-se considerar como ofereceram a luz que possuíam. Isso está também exposto em todas as divinas escrituras e em todos os arcanos celestes. E não é difícil saber como foi dado aos sábios, pois é clara e abertamente conhecido por quem queira verdadeira e fielmente considerar. Já que era frequente a promiscuidade dos que se reuniam, isto é, uma promiscuidade de mulheres e homens, o príncipe incitou-os vivamente a terem relações sexuais; nesse coito, os homens inseminaram e as mulheres ficaram grávidas. Os que eram gerados eram semelhantes àqueles que geraram, sendo os primeiros a conseguirem gozar das muitíssimas forças de seus pais. Assumindo tudo isso, o seu príncipe alegrou-se por possuir o principal dom. E como sabemos que também agora ainda se faz, a natureza criadora dos corpos transforma-se na figura daquele que assume as forças do mal. Assim também se alimenta o mencionado príncipe e recebe a prole dos seus companheiros que se uniram em coito, prole esta

que havia contraído dos seus pais a percepção dos sentidos, a prudência e a luz, que também foi procriada na geração. E tendo assimilado muitas forças de tal alimento, no qual um dos ingredientes era não somente a fortaleza, mas muito mais as astúcias e maus sentimentos provindos da feroz raça dos pais, seduziu para si uma esposa procedente da mesma estirpe que a sua. Tendo praticado o coito com ela, inseminou nela, como os outros haviam feito, a abundância dos males que havia devorado com o alimento. Além disso, ele acrescentou também algo de seu pensamento e vigor, para que sua percepção fosse de todas aquelas coisas que o criador e planejador havia espalhado em abundância, cujo comparsa excluía essas coisas, de modo que a terra muito bem cultivada se acostumou a receber a semente. Pois nela construía-se e compunham-se as imagens de todas as forças celestes e terrestres, isto é, para que aquilo que era formado obtivesse a semelhança do orbe completo”.

Mani obriga a praticar horríveis torpezas

47 Que ímpia monstruosidade! Que abominável perdição e ruína das almas enganadas! Deixo de qualificar aqui o que seja dizer tais coisas da natureza de Deus que é aprisionada dessa maneira. Mas ponderem os infelizes enganados e envenenados por tal erro mortífero que, se pelo ato sexual dos homens e das mulheres é aprisionada uma parte de Deus, que eles declaram ser libertada e purificada quando eles comem, a necessidade desse erro tão horrível obriga-os a declarar também que eles liberam e purificam a parte presa de Deus não somente pelo pão, legumes e frutas, de que unicamente parecem se alimentar, mas também pelo mesmo ato sexual pelo qual pode ser aprisionada uma parte de Deus, se for concebida no útero da mulher.

De fato, conta-se que alguns admitiram diante de um tribunal público que praticaram tais coisas não somente na Paflagônia, mas também nas Gálias, como ouvi a um cristão católico relatar em Roma. E ao serem interrogados com base na autoridade de que livro haviam feito tais coisas, revelaram que o haviam feito apoiados no seu livro intitulado *Thesaurus*, que mencionei anteriormente. Mas quando são acusados de tais coisas, costumam responder que um inimigo deles se separou deles, isto é, do número dos seus eleitos e formou um cisma e fundou essa imunda heresia. Donde é evidente que, embora haja alguns que não pratiquem tais coisas, aqueles que as praticam o fazem com base em seus livros. Rejeitem, portanto, os livros se realmente aborrecem o crime que são forçados a cometer se observarem os livros; ou se não o cometem, esforcem-se por viver de maneira mais pura contra o que asseveram seus livros.

Mas o que fazem quando se lhes diz: ou purificai a luz de todas as sementes que vos seja possível, para que não recuseis admitir o que afirmais que não praticais, ou condenai a Mani, que vos ensina que, em todas as sementes, há uma parte de Deus que é aprisionada pelo ato sexual, mas se alguma coisa de luz, isto é, da mesma parte de Deus chegar aos alimentos dos eleitos, é purificada

quando eles comem? Percebeis o que ele vos aconselha? E ainda duvidais em condená-lo? Que fazem, repito, quando isso lhes é lançado em rosto?

A que tergiversações eles recorrem quando se lhes diz que ou deve ser anatematizada tão ímpia doutrina, ou deve ser praticada tão horrível torpeza, em cuja comparação todos aqueles males intoleráveis, que já mencionei, parecem toleráveis, mas não podem ser sustentados se considerados em si mesmos?

A que tergiversações recorrem eles diante de tais males que eles atribuem à natureza de Deus, que era pressionada pela necessidade de fazer guerra porque ou estava segura na sua ignorância sempiterna, ou perturbada por uma dor sempiterna e pelo temor do momento em que lhe adviesse a corrupção da mistura e a prisão da condenação eterna e que, finalmente, uma vez travada a guerra, fosse feita prisioneira, subjugada e desonrada e que, após uma vitória factícia, haveria de ser encerrada para sempre no horrível globo, separada da sua felicidade original?

Oração pela conversão dos maniqueus

48 Como é grande tua paciência, Senhor misericordioso e compassivo, magnânimo, muito piedoso e veraz; que fazes nascer o teu sol sobre os bons e os maus, fazes chover sobre os justos e os injustos;^[72] que não queres a morte do pecador, mas que se converta e viva;^[73] que, corrigindo os que se extraviam, preparas um lugar para a penitência para que, abandonando a iniquidade, creiam em ti, Senhor;^[74] que com tua paciência conduzes ao arrependimento, embora muitos, pela dureza do seu coração e com coração impenitente, acumulam para si cólera para o dia da ira e da revelação do teu justo juízo, que retribuís a cada um segundo as suas obras;^[75] tu que, no dia em que o homem se converter da sua iniquidade e se voltar para a tua misericórdia e verdade,^[76] esqueces todas as suas maldades: dá-nos, Senhor, concede-nos que, pelo nosso ministério, pelo qual quiseste que fosse refutado este abominável e horribilíssimo erro, assim como muitos já se libertaram dele, assim também sejam libertados os outros, e tanto pelo sacramento do teu santo batismo como pelo sacrifício de um espírito arrependido e de um coração contrito e humilhado^[77] mereçam receber, na compunção da penitência, o perdão dos seus pecados e blasfêmias^[78] com que por ignorância te ofenderam.

Pois são tão eficazes a tua poderosa misericórdia, o teu poder, a verdade do teu batismo e as chaves do reino dos céus confiadas à tua santa Igreja,^[79] que não se deve desesperar da recuperação nem mesmo daqueles que, enquanto vivem nesta terra suportados por tua paciência, mesmo sabendo eles quão grande mal seja sentir e dizer de ti tais coisas, mesmo assim persistem naquela maligna profissão por estarem habituados a elas ou com vistas à consecução de alguma vantagem temporal e terrena, desde que, pelo menos tocados pelas tuas correções,^[80] se refugiem em tua inefável bondade e prefiram a vida celeste e eterna a todos os atrativos da vida libidinosa.

O *DE PECCATORUM MERITIS* OS PRIMÓRDIOS DA POLÊMICA PELAGIANA

HERES DRIAN DE O. FREITAS

Circunstâncias histórico-doutrinais

Alguns eventos permitem-nos situar a obra num quadro circunstancial bastante bem determinado, dos quais o primeiro, externo, é o cisma donatista. Este, se bem que praticamente circunscrito à África Romana, requereu intervenção da corte de Ravena, que, para colocar-lhe fim, convocou a Conferência de Cartago.^[1] Realizada em junho de 411, a referida conferência fora a ocasião para que se conhecessem Agostinho e o dedicatário da obra, Flávio Marcelino.

Marcelino é o legado imperial designado para preparar e presidir a Conferência de Cartago, ao final da qual emitiria o juízo definitivo sobre a matéria tratada. Do círculo de personagens próximos ao imperador, Marcelino recebe dele a necessária autoridade e o necessário aparato administrativo para o êxito da conferência. Sua “história pública” é muito breve: começa justamente com a convocação (410) da conferência e conclui-se com a pena capital sofrida sob acusação de conspiração, três anos depois (13 de setembro de 413).^[2] O arco temporal para a composição da obra, portanto, estender-se-ia entre 411 e 413.

Naquele ano 411, Marcelino soube de certa “doutrina nova”^[3] e escreveu a Agostinho uma carta na qual expunha da tal doutrina os pontos que conheceu para que as dúvidas a respeito fossem dissolvidas.^[4] O Hiponense respondeu no inverno (411-412) – inclusive com algum acréscimo^[5] – com o *De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum*, título geralmente reduzido a *De peccatorum meritis (pecc. mer.)*.^[6]

A resposta agostiniana consta, inicialmente, dos dois primeiros livros da obra. Ao dispor, porém, de novos dados em relação à matéria em discussão, Agostinho envia, imediatamente em seguida, uma carta a Marcelino, a ser anexada como terceiro livro aos dois precedentes.^[7]

As dúvidas iniciais de Marcelino bem podem ter sido suscitadas pela presença de Pelágio e Celéstio na África.^[8] Elas versavam

basicamente sobre algumas das proposições de Celéstio, discípulo de Pelágio, que se sintetizaram na questão do pecado original e suas consequências, de modo a relativizar o batismo para a remissão dos pecados, ou seja, a eficácia objetiva do batismo,^[9] e dizer batismo equivalia a dizer remissão dos pecados antes mesmo do desenvolvimento da polêmica pelagiana.^[10] Assim, as proposições de Celéstio, como se acaba de sintetizar, eram uma afronta séria à Igreja africana, que, experimentada como era em matéria sacramental – devido, sobretudo, à polêmica donatista –, naturalmente não poderia aceitar tal relativização. Por que, então, Agostinho não intervém senão ao receber as indagações de Marcelino?

De fato, terminada a conferência, o Bispo de Hipona retorna a sua sede e, assim, não participa de um concílio cartaginês^[11] que, negado o pedido de Celéstio para ser ordenado sacerdote, sob as acusações que contra ele fizera Paulino Mediolanense, somadas a difundidas^[12] proposições provavelmente suas,^[13] acabou por condená-lo logo depois da Conferência de Cartago.^[14]

Método e conteúdo

Dentre as proposições de Celéstio que Agostinho confuta – a partir das escrituras, da práxis litúrgica eclesial e do recurso à *argumentação patrística*^[15] (Cipriano e Jerônimo)–, estão a da criação mortal de Adão,^[16] a da não transmissão da culpa adâmica,^[17] a da não necessidade do batismo de crianças para remissão dos pecados^[18] e a da existência de não pecadores anteriores à encarnação do Verbo.^[19]

Tudo isso se acumulará na questão do pecado original e suas consequências na natureza humana, questão que perpassa toda a polêmica pelagiana, mas que começa a ser tratada com perspicácia já no próprio *pecc. mer.*,^[20] no qual, mesmo sendo a primeira obra agostiniana antipelagiana, seu autor já entrevê aonde os ensinamentos pelagianos podem levar: o significado da redenção,^[21] a justificação do pecador^[22] e o valor do batismo, questões nada secundárias.^[23]

Note-se, contudo, que a obra não tem a gravidade do tom polêmico, mas a serenidade de uma discussão doutrinal, teológico-bíblica, demonstrada pela unidade da reflexão (o argumento patrístico) sobre a fé, professada e celebrada (o argumento litúrgico) pela comunidade dos fiéis – *lex credendi, lex orandi* –: trata-se de uma exposição doutrinal didática,^[24] como a do professor que espera fazer-se compreender pelo aluno que, percebe-se, não entendeu, ainda; mas sem tornar palatável a matéria, que é densa e profunda. Nomes não são citados, salvo o de Pelágio, no terceiro livro, e muito reverentemente.^[25]

Como Agostinho, e toda a Igreja africana, entende haver em tais questões o choque da novidade com a fé da Igreja desde sempre professada, ele articula sua resposta a Marcelino em três pontos: 1) todo homem nasce pecador, herdeiro da culpa adâmica com sua respectiva pena; 2) o batismo livra-nos de tal herança de morte e 3) o modo com que se é libertado do pecado por meio do batismo,^[26]

englobando aí todas as proposições pelagianas, diretas ou consequentes, sem ignorar as dificuldades implicadas. Esses três pontos desenvolvem-se distribuídos, ao longo dos dois primeiros livros, segundo as quatro questões de Marcelino, que versavam sobre 1) a morte, 2) a transmissão do pecado, 3) o batismo de crianças e 4) a *impeccantia*.^[27]

Quanto à morte (1) – sobre a qual verte a primeira pergunta de Marcelino, correspondente à primeira proposição pelagiana, que afirma, segundo Celéstio, que Adão teria morrido mesmo se não tivesse pecado: falar de sua morte é falar da morte de sua alma, não de seu corpo –, Agostinho, examinando as escrituras (Gn 2,7; 3,19; 1Cor 15,21; Rm 8,10-11; 5,12), diz que, embora Adão tivesse um corpo mortal, um corpo que precisasse de cuidados para manter-se, não teria sofrido a morte física se não tivesse pecado.^[28] Pelo pecado, perde-se a estabilidade da idade, que se torna inevitavelmente mutável, corrompendo-se progressivamente até a morte, para a qual o único remédio é o Cristo, que a vence.^[29] Assim, não só a mortalidade de Adão propaga-se a todo o gênero humano, mas também seu pecado (2).

Contrariamente, portanto, a quanto afirmado pelos pelagianos, o pecado de Adão não foi prejudicial somente para ele, e sua descendência, quando peca, não peca imitando-o.^[30] O paralelo entre o velho e o novo Adão (cf. Rm 5,12-19), isto é, Adão e Cristo, com o dom da caridade por parte do Espírito, evidencia o caráter *amoroso*, interior, portanto, quer do pecado (amor corrompido), quer da justificação (amor curado pela graça). Ainda que o cristão deva imitar Cristo, a justificação, então, assim como o pecado, não é algo externo, mas realidade interior; por propagação no caso do pecado, por regeneração no da justificação.^[31]

Consequente a essa argumentação da não propagação do pecado de Adão é a posição pelagiana acerca do batismo de crianças (3): como são inocentes, sem pecado, então, sem batismo teriam a vida eterna, e com o batismo, o reino dos céus; seu batismo, portanto, não redime do pecado, mas é uma espécie de criação espiritual. Contra essa tese, Agostinho argumenta ampla e

difusamente, de modo particular, ao longo de todo o primeiro livro, situando o batismo, cuja celebração é para a remissão dos pecados, no quadro da redenção, segundo a revelação cristã.

Com efeito, uma longa série de textos escriturísticos demonstra que Cristo salva da morte, de modo que é salvo quem precisa de salvação. A conclusão é que ou crianças precisam de salvação ou não entram no plano da salvação. No primeiro caso, não tendo pecados pessoais, têm o pecado original; no segundo, estão fora da salvação.^[32] Em todo caso, há o pecado que separa de Deus, e não existe reconciliação senão pelo único Mediador,^[33] de cuja morte e ressurreição se começa a fazer parte pelo batismo, que a Igreja desde muito cedo administrava às crianças.^[34]

Assim, ou salvação ou não salvação. A distinção pelagiana, portanto, entre reino dos céus e vida eterna não tem sentido. O Hiponense, novamente com as escrituras, identifica aí a mesma realidade quando se fala de vida eterna e de reino dos céus, a que se chega pelo Mediador, que vence a morte e salva dos pecados, que separam o homem de Deus. Portanto, a *impeccantia* (4), a possibilidade de se viver esta vida sem pecado, proposta pelos pelagianos, tampouco é possível. Praticamente todo o segundo livro é dedicado à questão.

Os pelagianos negam que se reza suplicando a graça para não pecar,^[35] afirmam que pais batizados não podem transmitir o pecado original a seus filhos^[36] e que, se Cristo libertou do pecado, deveria libertar também da pena do pecado, a morte.^[37] Assim, concentrando-se na força do livre-arbítrio, o homem pode viver esta vida sem pecar. Ainda que responda a cada ponto, Agostinho articula sua contra-argumentação a esta última afirmação pelagiana em quatro momentos.

Em primeiro lugar, sim, diz o Hiponense, é possível que um homem viva esta vida sem pecado; não só, porém, em razão do livre-arbítrio, mas também da graça; e considere-se que o próprio livre-arbítrio é dom divino.^[38] Sozinho, o livre-arbítrio afasta-se de Deus, e, portanto, o pecado é mérito unicamente humano, enquanto

a conversão e o bem agir são devidos à graça,^[39] que não substitui ou elimina a cooperação do livre-arbítrio.^[40] Contudo, em segundo lugar, o Hiponense não crê que haja, de fato, alguém nesta vida sem pecado.

Embora a *impeccantia* seja teoricamente possível, para Agostinho, a justificação e a concupiscência atestam a inexistência de alguém que não peque de modo algum. Se no primeiro livro falara da justificação qual realidade interior, aborda-a, no segundo, sob os aspectos de completude e progressão: certamente a remissão dos pecados, no batismo, é plena, completa, total;^[41] todavia, não são eliminadas a *infirmatas* e a *ignorantia* – radicadas na concupiscência, de quem são filhas gêmeas^[42] –, que requer cura quotidiana e constante, porque quotidianamente impede a *impeccantia*, como a escritura mesma atesta.^[43] Por isso, mesmo o virtuoso peca,^[44] e não pode, portanto, vencer definitivamente o pecado nesta vida, embora lute, ajudado pela graça, com êxito. Isso não é contraditório? Para Agostinho não, pois, em terceiro lugar, o ser humano não tem uma estável vontade efetiva de fazer o que é justo; e não tem essa vontade ou por desconhecer o que é justo ou por não se sentir atraído a realizar o que é justo.^[45]

Para agir justamente, o ser humano deve conhecer a verdade e amar o bem – paralelamente, embora esse paralelo venha a ser mais evidente na obra que escreverá imediatamente em seguida, o *De spiritu et littera* –, mas a *ignorantia* é obstáculo para esse conhecimento, como a *infirmatas* o é para tal amor. A graça, pela qual se deve suplicar, ajuda iluminando uma e curando a outra, mas não definitivamente, de modo que mesmo reconheça, com humildade, que o bem depende de Deus e, assim, não se caia na soberba.^[46]

Em quarto lugar, o Bispo de Hipona acrescenta que o único homem a existir sem pecado nesta vida foi o Mediador entre Deus e o homem, o homem Jesus Cristo^[47] – o que lhe permite retomar e sublinhar os pontos já indicados da justificação, do pecado original e, entre outros, da condição humana antes e depois desse pecado.

Respondidas as questões de Marcelino nos dois primeiros livros, acabada, portanto, a obra, e enviada a seu dedicatário, Agostinho obtém uma cópia do *Comentário às cartas paulinas* de Pelágio, e escreve uma carta a Marcelino, que deve ser anexada aos dois livros precedentes da obra como seu terceiro livro.^[48] Retoma e sublinha aí pontos já tratados quanto à propagação do pecado, como a relação entre Adão e Cristo,^[49] a necessidade de se batizar também os filhos dos cristãos.^[50] Acrescenta, não muito teologicamente, é verdade, que, contra a afirmação pelagiana da injustiça da propagação do pecado em crianças inocentes, seria igualmente injusto que crianças inocentes sofressem os males desta vida.^[51] Por fim, contra os pelagianos, que alegavam a injustiça de um homem pagar pelo pecado de outro, afirma que o pecado original não é de Adão somente, de modo que sua descendência pague pelo pecado dele, mas é da própria descendência adâmica, toda ela, como a toda ela é própria a natureza humana.^[52]

Questões complexas as da relação entre natureza e graça, por isso o Bispo de Hipona não deixa de recordar que sua abordagem deve ser humilde e orante,^[53] algo que, como muito da teologia e da antropologia agostinianas, jamais deixará de valer.

O CASTIGO E O PERDÃO DOS PECADOS E O BATISMO DAS CRIANÇAS

LIVRO 1

Prefácio

1 Caríssimo Marcelino, mesmo ardendo de grande preocupação e aborrecimento por causa dos pecadores que abandonam a lei de Deus – apesar de considerarmos, isso também, como consequência dos pecados –, não quis, contudo, e, para dizer a verdade, não consegui ficar, por mais tempo, em dívida contigo, cuja afeição por mim te torna ainda mais simpático e agradável.

De fato, o que me pressionou foi tanto a própria caridade que nos une como uma coisa só, no único imutável, e que sempre cresce para melhor, como também o temor de ofender em ti a Deus, que te deu tal desejo, servindo ao qual, estarei servindo aquele que o deu.

Fui, assim, obrigado, conduzido e levado a resolver, com as minhas poucas forças, as questões que, por escrito, me propuseste, a tal ponto que este assunto passou à frente de outras coisas na minha mente, até eu conseguir realizar algo que deixasse claro que, mesmo de forma insuficiente, prestei serviços, por obediência, ao teu bom desejo e ao daqueles a quem este tema interessa.

Adão não teria morrido, se não tivesse pecado

2 Aqueles que dizem que “Adão foi criado numa condição em que morreria, não por castigo da culpa, mas por necessidade natural”, com certeza entendem o que é dito na lei: “No dia em que comerdes, morrereis”,^[1] não da morte do corpo, mas da morte da alma, que acontece com o pecado. O Senhor falou que é dessa morte da alma que morrem os infiéis, quando disse: “Deixa os mortos enterrarem os seus mortos”.^[2] Mas, então, que respondem quando se lê que, após o pecado, Deus, repreendendo-o e condenando-o, disse ao primeiro homem: “Tu és terra e retornarás à terra”?^[3] É claro que o homem iria para a terra, pela morte, não quanto à alma, mas quanto ao seu corpo, que era terra.

De fato, apesar de ser terra, quanto ao corpo, e carregar o corpo animal, com o qual foi criado, contudo, se não tivesse pecado, teria sido transformado em corpo espiritual e teria passado, sem o risco da morte, para a incorrupção prometida aos fiéis e santos. Nós mesmos sentimos o desejo disso, como também o reconhecemos pelo que diz o Apóstolo: “Pois nós gememos, aspirando ser cobertos pela nossa morada do céu, se formos encontrados vestidos e não nus. Pois, oprimidos nesta habitação, gememos não querendo ser despojados, mas cobertos, a fim de que o mortal seja absorvido pela vida”.^[4] Portanto, se Adão não tivesse pecado, não teria sido despojado do corpo, mas coberto pela imortalidade e incorrupção, a fim de que o mortal fosse absorvido pela vida, isto é, ele passaria do animal para o espiritual.

Uma coisa é poder morrer e outra, dever morrer

3 Não seria nada demais se acontecesse que, tendo vivido longamente no corpo animal, o homem sentisse o peso da velhice e, envelhecendo, pouco a pouco, chegasse à morte. Se Deus concedeu que as roupas e os calçados dos Israelitas não se estragassem mesmo depois de tantos anos,^[5] por que admirar-se se fosse concedido ao homem obediente a possibilidade de ficar idoso no seu corpo animal, isto é mortal, e, sem se enfraquecer, passasse, no momento que Deus quisesse, da mortalidade à imortalidade, sem passar pela morte? Como esta carne que temos agora não deixa de ser vulnerável, apesar de não ser necessário que seja vulnerada, assim a carne de Adão não deixa de ser mortal apesar de não ser necessário que morra. Penso que essa condição de imortalidade, mesmo no corpo animal e mortal, foi concedida também àqueles que, sem morrer, foram levados daqui.

Henoc e Elias, depois de tanto tempo, não definharam na velhice; porém, não creio já tenham sido transformados na condição do corpo espiritual, prometida para a ressurreição e já antecipada, em primeiro lugar, no Senhor. Talvez eles não precisem de alimentos que sustentam quando consumidos, mas, desde que foram levados, vivem satisfeitos como nos quarenta dias em que Elias viveu, sem alimento, de um copo d'água e de um pedaço de pão;^[6] ou então, se deveras precisam de algum sustento, talvez se alimentem como Adão no paraíso, antes de merecer sair dali por causa do pecado. Pois, penso que, dos frutos das árvores ele tinha alimento contra a fraqueza e, da árvore da vida, consistência contra a velhice.

Também a morte do corpo vem do pecado

4 Além do que Deus disse quando castigou: “És terra e irás para a terra”,^[7] que não sei como possa ser entendido se não for da morte do corpo, há também outros testemunhos pelos quais consta, com toda a evidência, que foi por causa do pecado que o gênero humano mereceu, não somente a morte do espírito, mas também a morte do corpo.

Na carta aos Romanos, o Apóstolo diz: “Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, o espírito, porém, é vida por causa da justiça. Portanto, se o espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos, habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo dos mortos, dará vida também aos vossos corpos mortais pelo seu espírito que habita em vós”.^[8] Na minha opinião, uma afirmação tão clara e simples nem precisa de explicação, mas basta ser lida. Diz: “O corpo está morto”, não por causa da fragilidade terrena, porque foi feito do pó da terra, mas “por causa do pecado”. Que mais queremos? Com muita precisão diz *morto* e não *mortal*.

Corpo mortal, a morrer, morto

5 De fato, mesmo antes de ser transformado na incorrupção prometida para a ressurreição dos santos, o corpo de Adão podia ser mortal, mesmo se não fosse morrer, como o nosso corpo, por assim dizer, pode adoentar-se, mesmo se não vai adoecer. Quem teria uma carne que não pode adoecer, quando, em certas circunstâncias, poderia até morrer antes de adoecer? Assim, aquele corpo era mortal; mas essa mortalidade teria assumido essa mudança na incorrupção eterna, se a justiça, isto é, a obediência, tivesse continuado no homem; mas, o que era mortal se tornou morto por causa do pecado.

Visto que aquela mudança na futura ressurreição não somente não terá morte alguma, que é causada por causa do pecado, mas, nem terá a mortalidade que o corpo animal tinha antes do pecado; o Apóstolo diz: “Aquele que ressuscitou Cristo Jesus dos mortos dará vida também aos vossos corpos mortos”, como anteriormente tinha dito: “corpo morto, mas diz: dará vida aos vossos corpos mortais”, para dizer que não há mais corpos mortos, nem mesmo corpos mortais, já que o que é animal ressuscitará espiritual e este corpo mortal revestirá a imortalidade^[9], e o que é mortal será absorvido pela vida.^[10]

Em que sentido o corpo morreu por causa do pecado

6 Seria de admirar encontrar algo mais evidente do que essa verdade. A não ser que se ouça algo que contradiz tal evidência, isto é, que se deva entender corpo morto no mesmo sentido em que é dito: “Mortificai os vossos membros que estão aqui na terra”.^[11] Porém, conforme a interpretação desse lugar, o corpo é mortificado por causa da justiça e não por causa do pecado. Pois é para operar a justiça que mortificamos os nossos membros da terra. Se acham que é acrescentado “por causa do pecado” não para se entender do pecado cometido, mas para que o pecado não seja cometido – como se dissesse “o corpo morreu para que não se cometa o pecado” –, mas, então, por que acrescentar “por causa da justiça à afirmação: O Espírito porém é vida”? Pois bastaria acrescentar “a vida do espírito” para também aqui deixar subentendido “para não cometer pecado”; e assim entenderíamos ambas as coisas pela mesma razão: o corpo ser morto e o espírito ser vida para não cometer pecado.

Da mesma forma, se quisesse dizer “por causa da justiça” com o sentido de “para fazer a justiça”, ambas as coisas poderiam referir-se a isto: tanto o corpo ser morto como o espírito ser vida para fazer a justiça. Porém, tanto disse que “o corpo morreu por causa do pecado como disse que o espírito é vida por causa da justiça”, atribuindo causas diversas a coisas diversas: à morte atribuiu a causa do pecado; à vida, porém, atribuiu a causa da justiça. Portanto, se não se pode duvidar que “o espírito é vida por causa da justiça”, isto é, por mérito da justiça, logicamente, que outra coisa devemos entender ou podemos entender, senão que “o corpo morreu por causa do pecado” se não quisermos perverter e distorcer arbitrariamente o sentido claríssimo da Escritura?

Acrescente-se a isso a luz que vem das palavras que seguem após. Referindo-se à graça do tempo presente, diz que o corpo está morto por causa do pecado, porque nele, ainda não renovado pela ressurreição, permanece o castigo do pecado, isto é, a necessidade

da morte; diz, porém, que o espírito é vida por causa da justiça, porque, apesar de ainda carregarmos este corpo de morte,^[12] já contamos com a futura justiça da fé, devido ao início da renovação quanto ao homem interior. Contudo, devido à ignorância humana, para que não se deixasse de esperar a ressurreição do corpo, diz que o próprio corpo, chamado de morto no mundo presente, por causa da consequência do pecado, deverá ser vivificado no futuro, por mérito da justiça e, não somente, que de morto se tornará vivo e que de mortal se tornará imortal.

A vida do espírito prepara a vida do corpo

7 Com receio de, com tanta explicação, tornar obscura uma realidade clara, presta atenção à clareza da afirmação do Apóstolo. Diz: “Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça”.^[13] Isso foi dito para que os homens não pensassem que não recebem nenhum ou somente pouco benefício da graça de Cristo, já que, necessariamente, deverão morrer no corpo.

Levem em consideração, porém, que, de fato, o corpo ainda sofre a consequência do pecado, por estar ainda ligado à condição de morte, mas que o espírito, que também tinha sido extinto no homem devido a um tipo de morte de infidelidade, já começou a viver por causa da justiça da fé. Diz: “Portanto, não penseis que é pequeno o benefício que vos foi concedido de o Cristo estar em vós e que o vosso espírito já vive, por causa da justiça, no corpo morto, por causa do pecado; nem percais a esperança da vida também do próprio corpo”. Pois “se o espírito daquele que ressuscitou o Cristo dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou a Cristo de entre os mortos, dará vida também aos vossos corpos mortais pelo espírito dele que habita em vós”.^[14]

Por que essa sombra de contestação a tamanha luz? O Apóstolo grita: “É verdade que o corpo, em vós, está morto por causa do pecado; mas também os vossos corpos mortais serão vivificados por causa da justiça, devido à qual, já agora o espírito é vida; e tudo isto será realizado pela graça de Cristo, quer dizer, pelo espírito dele que habita em vós”; e ainda vão reclamar? Diz ainda de que maneira, matando-a, a vida transforma a morte em vida. Diz: “Portanto, irmãos, não somos devedores à carne, para vivermos segundo a carne. Pois, se viverdes segundo a carne, morrereis; se, porém, fizerdes morrer as obras da carne, vivereis”.^[15] Isto significa: “Se viverdes segundo a morte, tudo morre; se, porém, vivendo segundo a vida, fizerdes morrer a morte, tudo vive!”.

Paulo fala da morte do corpo

8 Do mesmo modo, diz: “A morte veio por um homem e, por um homem, a ressurreição dos mortos”;^[16] que outro sentido tem isto senão o da morte do corpo, já que, dizendo assim, falava da ressurreição do corpo e a defendia insistente e vivamente? O que ele diz aqui aos Coríntios: “Por um homem veio a morte e por um homem vem a ressurreição dos mortos; pois, como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos receberão a vida”,^[17] não é a mesma coisa que diz também aos Romanos: “Por um homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte”?^[18] Querem entender essa morte como morte da alma, e não do corpo; como se o que foi dito aos Coríntios “por um homem veio a morte” que eles não podem entender da morte da alma, porque se tratava da ressurreição do corpo, contrária à morte do corpo, devesse ser entendido de outro modo. Ali só é mencionada a morte causada pelo homem e não também o pecado, porque não se tratava da justiça, que é contrária ao pecado, mas da ressurreição do corpo, que é contrária à morte do corpo.

O pecado passou a todos, não somente por imitação, mas também por geração

9 Contaste, na tua carta, que eles tentam distorcer, com outra interpretação, aquela afirmação do Apóstolo: “Por um homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte”,^[19] mas não disseste qual a interpretação deles a respeito dessas palavras do Apóstolo.

Quanto consegui saber de outros, eles pensam “que também esta morte ali mencionada não seja a morte do corpo, que eles não admitem Adão ter merecido pelo pecado, mas a morte da alma, que acontece pelo próprio pecado; e que o pecado passou do primeiro homem para os outros homens, não por geração, mas por imitação”. Daí eles não acreditarem que, pelo batismo, o pecado original é destruído também nas crianças, porque negam qualquer pecado nas crianças que nascem.

Porém, se o Apóstolo quisesse referir-se àquele pecado como se tivesse entrado no mundo não por geração, mas por imitação, teria dito que o seu príncipe não é Adão, mas o diabo, de quem está escrito: “O diabo peca desde o princípio”^[20] e também se lê no livro da Sabedoria: “A morte entrou no mundo pela inveja do diabo”.^[21] Pois, já que essa morte teria passado do diabo para os homens, não porque eles foram gerados por ele, mas porque o imitaram, o texto logo acrescenta: “Os que estão do lado dele o imitam”.^[22] É por isso que, quando o Apóstolo menciona o pecado e a morte que passou, por geração, de um único homem para todos, coloca como príncipe aquele em que está o começo da geração do gênero humano.

Distinção entre pecado atual e pecado original

10 De fato, imitam a Adão todos os que, pela desobediência, transgridem o mandamento de Deus; mas, uma coisa é, para aqueles que pecam voluntariamente, o exemplo; e outra coisa é a origem, para aqueles que nascem com o pecado. Pois também os santos imitam a Cristo para seguir a justiça. Por isso, o Apóstolo diz: “Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo”.^[23] Mas além dessa imitação, a graça dele opera também interiormente a nossa iluminação e justificação, com aquela ação que o mesmo seu arauto diz: “Aquele que planta não é nada, nem aquele que rega, mas Deus, que faz crescer”.^[24]

Por essa graça, ele insere no seu corpo também as crianças batizadas, que, certamente, não têm condição de imitar alguém. Como, pois, aquele em quem todos recebem vida, além de se dar como exemplo de justiça a ser imitado, também dá aos fiéis a ocultíssima graça do seu espírito, que ele infunde invisivelmente também nas crianças; assim também aquele no qual todos morrem, além de servir de exemplo de imitação para aqueles que transgridem voluntariamente o preceito do Senhor, também corrompeu, em si mesmo, com a oculta corrupção da sua concupiscência carnal, todos os seus descendentes. É deste lugar e de nenhum outro que o Apóstolo tira: “Por um homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte; e assim passou para todos os homens, em quem todos pecaram”.^[25]

Se fosse eu a dizer isso, eles se oporiam e gritariam que não estou dizendo coisas certas e não estou pensando certo. Na verdade, eles não aceitariam nenhuma afirmação destas, dita por quem quer que fosse, com aquele sentido que dá o Apóstolo e que eles não querem aceitar. Visto, porém, que são palavras daquele a cuja autoridade e doutrina estão sujeitos, acusam-nos de atraso de compreensão e procuram distorcer em não sei qual outro sentido coisas ditas com tamanha clareza. Diz: “Por um homem o pecado entrou no mundo e pelo pecado a morte”: é questão de geração, e

não de imitação; pois, se tratasse de imitação, teria dito “pelo diabo”. Não há dúvida de que está falando do primeiro homem, chamado de Adão. Diz: “Assim, passou para todos os homens”.

Todos pecaram em Adão

11 Depois segue: “Em quem todos pecaram”: com que cuidado, com que propriedade e sem ambiguidade é dito isso! Se entendes que todos pecaram naquele pecado que entrou no mundo por um só homem, fica claro que há outros pecados próprios de cada um, com que somente pecam aqueles de quem são os pecados; e há aquele único pecado em que todos pecaram, quando todos eram aquele único homem.

Se, porém, não entendes do pecado, mas do próprio único homem, em quem todos os homens pecaram, que há, então de mais claro do que esta evidência? A saber, lemos que aqueles que creem em Cristo são justificados nele, por causa de uma oculta comunicação e inspiração da graça espiritual, pela qual “quem adere ao Senhor é um espírito”,^[26] apesar de os santos também o imitarem.

Que me leiam algo semelhante a respeito daqueles que imitaram os santos, se, por acaso, de algum deles se diga ter sido justificado em Paulo ou em Pedro, ou em qualquer um daqueles cuja grande autoridade sobressai no meio do povo de Deus; a não ser quando se diz que somos abençoados em Abraão, como foi dito: “Em ti serão abençoados todos os povos”,^[27] por causa de Cristo chamado de descendente dele, segundo a carne. A mesma coisa é dita com maior clareza: “Todos os povos serão abençoados na tua descendência”.^[28]

Não sei se é possível encontrar na palavra de Deus que alguém pecou ou peca no diabo, já que todos os maus e ímpios o imitam. Contudo, quando o Apóstolo diz do primeiro homem – “em quem todos pecaram” – ainda se discute sobre a transmissão do pecado e se contradiz não sei com que nuvem de coisas falsas.

Pecado mais antigo que a Lei

12 Atenção ao que segue, pois, depois de afirmar: “Em quem todos pecaram”, acrescentou: “O pecado estava no mundo até a lei”,^[29] isto é, porque nem a lei pode tirar o pecado, ela que entrou para que o pecado abundasse;^[30] tanto a lei natural, em que os que têm uso da razão começam a juntar os próprios pecados ao pecado original, como a lei escrita, dada ao povo por Moisés. “Pois se fosse dada uma lei que conseguisse dar a vida, a justiça viria, de fato da lei. Mas a Escritura encerrou tudo no pecado, a fim de que a promessa fosse dada aos que creem pela fé em Jesus Cristo”.^[31] “Porém, o pecado não era imputado, quando não havia lei”.^[32] Que significa “não era imputado” senão que “era ignorado e não era considerado pecado”? Não é que fosse considerado não existente também pelo Senhor Deus, como está escrito: “Os que pecaram sem lei, perecerão sem lei”.^[33]

O mesmo pecado comum a todos

13 Diz: “A morte reinou desde Adão até Moisés”,^[34] isto é, desde o primeiro homem até a própria lei, promulgada por Deus, visto que nem ela mesma pode tirar o reino da morte. Entende-se reino da morte, quando a culpa do pecado domina de tal maneira entre os homens que impede de chegar à verdadeira vida, que é a vida eterna e arrasta à segunda morte, que, por castigo, é eterna. Somente a graça do Senhor destrói em todo homem esse reino da morte, graça que operou também nos santos antigos, naqueles todos que, antes de Cristo vir na carne, pertenciam, contudo, não à letra da lei, que somente ordenava, mas não podia ajudar, mas à graça auxiliadora dela.

Isto que foi revelado por uma justíssima disposição dos tempos, no Novo Testamento, já estava oculto no Antigo. Portanto, “a morte reinou desde Adão até Moisés” em todos aqueles que não receberam a ajuda da graça de Cristo, para que o reino da morte fosse destruído neles; portanto, mesmo naqueles “que não pecaram à semelhança da prevaricação de Adão”, isto é, naqueles que ainda não pecaram como ele, com a sua própria vontade, mas que receberam o pecado original dele, “que é a forma do futuro”,^[35] porque em Adão foi estabelecida a forma de condenação para os futuros descendentes, criados por geração dele, de modo que, de um só, todos nascessem para a condenação, da qual somente a graça do Salvador liberta.

Sei que quase todos os códigos latinos trazem: “A morte reinou desde Adão até Moisés naqueles que pecaram à semelhança da prevaricação de Adão”. Também os que fazem essa leitura se referem ao mesmo sentido, entendendo que os que pecaram à semelhança da prevaricação de Adão, pecaram nele, e foram criados semelhantes a ele. Como os homens vêm do homem, como os pecadores vêm do pecador, os que vão morrer vêm daquele que vai morrer e os condenados vêm daquele que foi condenado. Os códigos gregos, porém, de onde é feita a tradução latina, todos eles

ou quase todos, trazem como eu coloquei antes.

A redenção supera o pecado original

14 Diz: “Mas o dom não é como a falta: pois, se por causa da falta de um só muitos morreram, a graça de Deus e o dom na graça do único homem Jesus Cristo foi muito mais abundante para muitos”.

[36] Não diz “muitos mais”, isto é, muito mais homens – pois, não são mais numerosos os que são justificados do que os condenados – mas diz: foi muito mais abundante. Deveras, de uma só falta Adão gerou réus. Cristo, porém, apagou e perdoou também as faltas voluntárias que os homens acrescentaram à falta original na qual nasceram, o que, aliás, ele diz mais claramente em seguida.

A condenação de todos por causa do pecado de um só

15 Observa com atenção, que ele diz que muitos morreram por causa da falta de um só. Mas, porque diz que foi por causa de um único pecado e não por causa das suas próprias faltas que morreram, já que esse lugar trata da imitação e não da geração? Atenção ao que segue: “Não acontece com o dom, como com aquele único pecador; pois, de um só vem o juízo para a condenação; mas o dom da graça vem de muitas culpas para a justificação”.^[37] Digam eles agora se nessas palavras há lugar para a imitação.

Ele diz: “De um só para a condenação”: que significa “de um só” senão “de uma só falta”? De fato, ele explica acrescentando: “A graça, porém, vem de muitas faltas para a justificação”. Mas, afinal, como se explica que o juízo por uma falta leva à condenação, enquanto a graça por muitas faltas leva à justificação? Não seria melhor admitir que, não existindo a falta original, não somente a graça leva os homens à justificação, mas o julgamento leva à condenação só por causa de muitas faltas?

Mas não é dito que a graça perdoa muitas faltas, nem que o julgamento condena muitas faltas. É que os homens são levados à condenação por uma falta, porque todas as faltas condenadas são cometidas por imitação daquela única de Adão e que, pelo mesmo motivo, os homens são levados à justificação por causa de uma falta, visto que todas as faltas perdoadas aos justificados foram cometidas por imitação daquela única falta de Adão.

Porém, não era isto que entendia o Apóstolo quando dizia: “O juízo por uma falta leva à condenação, enquanto a graça por muitas faltas leva à justificação!”. Nós é que temos de entender o Apóstolo e ver que foi dito que o juízo por uma falta leva à condenação, porque ela bastava para a condenação, mesmo que nos homens não houvesse senão o pecado original.

Mesmo que seja mais grave a condenação daqueles que acrescentaram também as próprias faltas ao pecado original, e tanto

mais grave para cada um, quanto mais gravemente cada um pecou, contudo, mesmo só aquele pecado transmitido originalmente, não somente afasta do reino de Deus, em que não podem entrar as crianças falecidas sem receber a graça de Cristo, como eles também professam, mas também as torna alheias à salvação e à vida eterna, que não pode ser nenhuma outra senão o reino de Deus, em que somente a união com Cristo introduz.

Nem todos os pecados vêm de Adão, a remissão de todos os pecados vem de Cristo

16 Portanto, de Adão, em quem todos pecamos, não recebemos todos os nossos pecados, mas somente o pecado original; de Cristo, porém, em quem todos somos justificados, recebemos a remissão não somente do pecado original, mas também dos outros pecados que acrescentamos a ele. “Assim não acontece com o dom o mesmo que acontece por um pecador”. Pois, realmente, o juízo por um pecado não perdoado, isto é, pelo pecado original, já pode levar à condenação; enquanto a graça por muitas faltas perdoadas, isto é, não somente pelo pecado original, mas por todos os outros, leva à justificação.

O reino da morte e o da vida

17 Se, por causa da falta de um, a morte reinou por causa de um só, muito mais reinarão na vida aqueles que, só por Jesus Cristo, recebem a abundância da graça e da justiça.^[38] Por que por um só, por causa da falta de um só, reinou a morte, senão porque naquele único em quem todos pecaram todos estavam ligados pelo vínculo da morte, apesar de não acrescentarem os próprios pecados? Senão porque não foi por causa de um só, da falta de um só que a morte reinou, mas por causa das muitas faltas de muitos, cometidas por cada pecador. Se os homens morreram por causa da falta de um outro, porque, pecando, imitaram seguindo aquele que os precedeu, então, este também, e muito mais, morreu por causa de um outro, do diabo que o precedeu e que o levou a pecar.

Na verdade, Adão nada sugeriu a seus imitadores; aliás, muitos que são chamados de seus imitadores nem acreditam que ele existiu ou nem ouviram dizer que ele tenha feito isso. Se, nesse lugar, o Apóstolo quisesse falar de imitação e não de geração, teria muito mais acertadamente estabelecido o diabo como príncipe e teria dito que foi dele só que passou para todos o pecado e a morte, como já disse.

Se alguém pode imitar mesmo outro que nada lhe sugeriu e que lhe é totalmente desconhecido, com muito mais razão Adão pode ser chamado de imitador do diabo, que o persuadiu a pecar. Esse é o sentido de: Aqueles que recebem a abundância da graça e da justiça – a estes homens é dada a graça do perdão não somente daquele pecado em que todos pecaram, mas também dos pecados que eles acrescentaram; e lhes é dada também uma justiça tão grande que, enquanto Adão consentiu àquele que lhe sugeriu o pecado, eles não cedam nem mesmo a quem os obrigue. E o sentido de: Muito mais reinarão na vida, é que, enquanto o reino da morte arrasta muitas pessoas para as penas eternas, elas mesmas, quando passam de Adão para Cristo, se encontram em ambas as situações, isto é, passam da morte para a vida, porque reinarão sem

fim na vida eterna, mais do que neles reinou a morte temporariamente e com término.

A justificação de Cristo não é proposta imitável

18 Como pela falta de um só passou para todos os homens a condenação, assim pela justificação de um só passou a justificação de vida para todos os homens.^[39] Se for considerada a imitação, a falta de um só pode somente ser imitação do diabo. Como, porém, é claro que se fala de Adão, a afirmação só pode ser entendida da geração do pecado e não da imitação. O que o Apóstolo diz a respeito do Cristo: “pela justificação de um só” deixa mais claro o que foi dito antes e melhor do que se dissesse: “Pela justiça de um só”.

De fato, ele fala do ato de justificar, pelo qual o ímpio é justificado pelo Cristo, o que não é proposto como imitável, porque ele é o único capaz de fazê-lo. De fato, o Apóstolo pode dizer corretamente: “Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo”;^[40] mas, nunca diria: “sede justificados por mim, como eu sou justificado por Cristo”; pois, muitos são os homens que podem ser, são e foram justificados e imitáveis; porém, “justo” e “justificador” ninguém, a não ser Cristo. Por isso, se diz: “Para aquele que crê naquele que justifica o ímpio, a fé conta para a justiça”.^[41]

Se alguém ousar dizer: “Eu te justifico” pode, conseqüentemente, dizer também: “Crê em mim”. Nenhum dos santos pode dizer isso, a não ser o Santo dos santos. “Crede em Deus e crede em mim também”;^[42] de modo que, porque ele justifica o ímpio, a fé conta para a justiça para aquele que crê naquele que justifica o ímpio.

Ninguém é gerado a não ser de Adão, ninguém é regenerado a não ser de Cristo

19 Se, deveras, basta a imitação para tornar pecadores, por Adão, por que, então, não basta a imitação para tornar justos pelo Cristo? O Apóstolo diz: “Como, pois, pela falta de um só, passou para todos os homens a condenação, assim também, pela justificação de um só, passou para todos os homens a justificação de vida”.^[43] Portanto, aqueles “um só” e “um só” deveriam ser atribuídos não a Adão e a Cristo, mas a Adão e a Abel, visto que muitos pecadores nos precederam através do tempo, e muitos que pecaram, no tempo seguinte, os imitaram; mas eles pretendem que só de Adão foi dito em quem todos pecaram por imitação, porque ele foi o primeiro homem que pecou.

Mas, desse jeito, dever-se-ia dizer também de Abel: em quem só, igualmente, todos os homens, por imitação, foram justificados, já que ele foi o primeiro homem a viver na justiça. Ou, então, se, por qualquer comparação com o tempo referente ao Novo Testamento, Cristo for colocado como cabeça dos justos, por imitação, então Judas, seu traidor, deveria ser colocado como cabeça dos pecadores.

Porém, se, pelo contrário, Cristo é um só em quem todos são justificados, porque não basta a imitação dele, mas é a graça regeneradora pelo espírito que torna justos, também Adão é um só em quem todos pecaram, porque não foi só a imitação dele, mas a pena transmitida pela carne que torna pecadores. Por isso, também se diz “todos” e “todos”. Pois, nem todos que são gerados por Adão são os mesmos que são regenerados por Cristo; mas, diz-se, corretamente, que, como não há geração carnal sem Adão, assim também não há nenhuma geração espiritual sem Cristo. Pois, se alguém pudesse ser gerado pela carne sem Adão e se alguém pudesse ser regenerado pelo espírito sem Cristo, não se diria simplesmente “todos” nem aqui, nem ali.

O Apóstolo diz primeiro “todos”, depois, “muitos”; de fato, em

alguma situação, os poucos podem ser todos; mas, a geração carnal tem muitos e também a geração espiritual tem muitos, apesar de a geração espiritual não ter tantos quantos a geração carnal. Contudo, como a geração carnal tem todos os homens, a geração espiritual tem todos os homens justos, visto que, como ninguém é homem sem a geração carnal, assim ninguém é homem justo sem a geração espiritual; e em ambos há muitos. “Como pela desobediência de um só homem muitos ficaram pecadores, assim, pela obediência de um só homem, muitos se tornaram justos”.^[44]

Comparação entre a geração carnal e a geração espiritual

20 “A lei entrou para que a falta se tornasse abundante”.^[45] Essa falta é a que os homens acrescentaram ao pecado original, já por própria vontade, não por Adão; mas ela também é apagada e curada por Cristo, porque “onde foi abundante o pecado, mais abundante ainda foi a graça; de maneira que, como reinou o pecado para a morte”, tanto aquele que os homens contraíram de Adão, como o que acrescentaram pela própria vontade, “assim reine a graça pela justiça para a vida eterna”.^[46] Contudo, nenhuma justiça é sem Cristo, enquanto existem pecados sem Adão.

Assim, quando disse: “Como reinou o pecado para a morte”, não acrescentou: “por um só” ou “por Adão”, já que antes tinha falado também daquele pecado que se tornou abundante quando chegou a lei; e esse pecado não é o pecado de origem, mas aquele da própria vontade. Quando, porém disse: “Assim, que a graça reine pela justiça para a vida eterna”, acrescentou: “Por Jesus Cristo nosso Senhor”, porque, pela geração da carne, somente é contraído aquele que é o pecado original; porém, pela regeneração do espírito, acontece a remissão não somente do pecado original, mas também dos pecados voluntários.

A condenação das crianças mortas sem batismo

21 É, portanto, certo dizer que as crianças que morrem sem batismo estarão na mais branda de todas as condenações. Então, engana e se engana muito quem ensina que elas não estarão na condenação, já que o Apóstolo diz: “O juízo vem de uma falta para a condenação”, e logo em seguida: “Pela falta de um só passou para todos os homens a condenação”.^[47] Portanto, quando, não obedecendo a Deus, Adão pecou, o seu corpo, mesmo permanecendo animal e mortal, perdeu aquela graça pela qual sempre obedecia à sua alma. Então, se manifestou aquele movimento animal, vergonhoso para os homens, que o fez corar por causa de sua nudez.

Aconteceu também com eles que, por uma repentina e fatal corrupção, contraíram tal debilidade que, perdendo aquela estabilidade de idade na qual tinham sido criados, através das mudanças de idade, chegassem à morte. Apesar de ainda terem vivido muitos anos, na verdade, começaram a morrer naquele dia em que receberam a lei da morte, pela qual se desgastariam na velhice.

De fato, não para nem mesmo um instante, mas corre, sem interrupção, tudo aquilo que, continuamente, mudando lentamente, caminha para o seu fim, não de aperfeiçoamento, mas, de ruína. Cumpria-se, assim, o que dissera Deus: “No dia em que comerdes, certamente morrereis”.^[48] Portanto, todo aquele que é gerado carnalmente, vindo dessa desobediência da carne, dessa lei do pecado e da morte, tem necessidade de ser regenerado espiritualmente, não somente para ser levado para o reino de Deus, mas, até mesmo, para ser libertado da condenação do pecado.

Nascem na carne, dependentes tanto do pecado como da morte do primeiro homem e, ao mesmo tempo, no batismo, renascem ligados à justiça e à vida eterna do segundo homem. Também no livro do Eclesiástico está escrito: “O início do pecado vem da mulher, e por meio dela todos morremos”.^[49] Dizer que vem da mulher ou

de Adão é a mesma coisa, pois ambas as afirmações dizem respeito ao primeiro homem, porque, como sabemos, a mulher vem do homem e ambos são uma só carne. Daí vem o que está escrito: “E os dois serão uma só carne”.^[50] “Portanto, já não são dois”, diz o Senhor, “mas uma só carne”.^[51]

Não se deve atribuir às crianças o pecado pessoal

22 Não é preciso refutar, com muita força, aqueles que dizem que as crianças são batizadas para que lhes seja perdoado o que cometeram por si mesmas nesta vida, e não o que receberam de Adão. Mudarão rapidamente de opinião se, sem se agitarem, pensarem um pouco só consigo mesmos como é absurdo o que dizem, que nem merece discussão. Se não quiserem, nem por isso é para se ter tão má ideia do bom senso das pessoas, para reear que convençam alguém disso. Se não me engano, eles são levados a dizer tais coisas com a intenção de não contradizer alguma outra sua opinião.

De fato, como tinham que reconhecer necessariamente que ao batizado são perdoados os pecados, mas não queriam admitir que o pecado, que eles sabem ser perdoado às crianças, vinha de Adão, são obrigados a acusar a infância, como se um acusador da infância se sentisse mais seguro, já que o acusado não tinha condições de lhes responder. Mas, como dizia, não são necessárias nem palavras nem provas para demonstrar a inocência das crianças, em relação à vida que levam só há pouco tempo; a não ser que o bom senso humano não reconheça essa inocência, sem a ajuda de algum pequeno subsídio de discussão.

O batismo é necessário às crianças por causa do perdão do pecado original

23 Mas parece que eles aduzem algo que merece consideração e discussão, quando afirmam que as crianças recentemente vindas do ventre materno à vida recebem o batismo, não por causa do perdão do pecado, mas para serem criadas em Cristo, por uma geração espiritual, e se tornarem participantes do próprio reino dos céus, filhas e herdeiras de Deus, coerdeiras de Cristo.^[52] Quando, porém, se pergunta a eles se os que não foram batizados e não se tornaram coerdeiros de Cristo, participando do reino dos céus, recebem, pelo menos, o bem da salvação eterna na ressurreição dos mortos, sentem-se enormemente embaraçados e não encontram saída.

Que cristão aceita alguém dizer que se pode chegar à salvação eterna sem ter renascido em Cristo,^[53] o que acontece pelo batismo, como ele mesmo quis desde o momento em que tal sacramento foi instituído, exatamente para os que deviam ser gerados de novo para a esperança da salvação eterna?^[54] Por isso, diz o Apóstolo: “Ele nos salvou, não pelas obras de justiça que nós fizemos, mas segundo a sua misericórdia, pelo banho da regeneração”.^[55] Diz, contudo, que a salvação é na esperança, enquanto vivemos aqui, onde diz: “Fomos salvos em esperança. A esperança, porém, que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, o que espera? Se, porém, esperamos o que não vemos, é pela paciência que aguardamos”.^[56] Quem ousaria afirmar que as crianças podem ser salvas para sempre sem essa regeneração, como se o Cristo não tivesse morrido por elas? Pois “Cristo morreu pelos ímpios”.^[57]

Se elas que, como é claro, nada de ímpio cometeram em sua própria vida, não estão presas por nenhum vínculo de impiedade nem pela geração, como, então, Cristo morreu por elas, se ele morreu pelos ímpios? Se não foram atingidas por nenhuma doença do pecado original, por que, então, são levadas pelos seus pais,

pressionados por piedoso temor, ao médico Cristo, isto é, para receber o sacramento da vida eterna; e por que na Igreja não se diz deles: “Tirai daqui estes inocentes; o médico não é necessário para os sãos, mas para os que estão mal; o Cristo não veio chamar os justos, mas os pecadores?”^[58] Tanta falsidade nunca foi dita, nunca é dita e, de modo algum, se dirá na Igreja de Cristo.

Antes do batismo, as crianças são pecadoras

24 Portanto, ninguém pense que as crianças devem ser levadas ao batismo porque, já que não são pecadoras, também não são justas, como lembram alguns o merecimento dessa idade, louvado pelo Senhor, quando diz: “Deixai vir a mim as crianças; pois é delas o reino dos céus”.^[59] Se isso é dito por causa da vida digna das crianças e não pelo exemplo delas de humildade, que a torna pequenas, então, de fato, elas são justas. Se fosse noutra sentido, não seria certo dizer: “Delas é o reino dos céus”, já que só pode ser dos justos. Talvez não seja bem correto dizer que o Senhor elogiou a vida das crianças quando diz: “Delas é o reino dos céus”, uma vez que a interpretação é que o Senhor colocou na pouca idade o exemplo de humildade.

Na verdade, talvez se deva admitir o que eu disse, que as crianças devem ser batizadas porque assim como não são pecadoras, também não são justas. Mas, quando foi dito: “Não vim chamar os justos”, quase se perguntaria: “A quem, então, vieste chamar?”. E logo acrescentou: “Mas os pecadores, para a conversão”. Se for assim, o Senhor, que disse: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores”, não veio chamar as crianças, já que são justas e também são pecadoras. Pareceria, assim, que correm para o batismo daquele que não as chama não somente em vão, mas até inconvenientemente. Longe de nós pensar assim!

Portanto, quem as chama é o médico que não é necessário aos sãos, mas aos doentes, e que não veio chamar os justos, mas os pecadores, à conversão. Assim, é curada neles aquela doença original, porque ainda não estão sujeitos a nenhum pecado da sua própria vida, curadas pela graça daquele que salva por meio do banho da regeneração.^[60]

No batismo, as crianças são penitentes e fiéis crentes

25 Dirá alguém: “Como podem as crianças ser chamadas à conversão? Por acaso, tão pequeninas, podem arrepender-se de alguma coisa?”. Responde-se: “Se não podem ser chamadas de penitentes, porque ainda não têm o senso da penitência, também não podem ser chamadas de fiéis, porque igualmente não têm o senso da fé. Porém, se podem, corretamente, ser chamadas de fiéis porque, de certo modo, professam a fé pela boca dos pais, por que, então, não são antes consideradas penitentes já que, pela boca dos mesmos pais, aparecem renunciando ao diabo e a este mundo? Tudo isso acontece na esperança pela força do sacramento e da graça divina, que o Senhor deu à Igreja”.

Aliás, quem não sabe que aquele que foi batizado quando criança, se, ao chegar à idade da razão, não crer nem se afastar dos maus desejos, de nada lhe adiantará o que recebeu como criança? Se, porém, depois de receber o batismo, perdoada a culpa a que estava sujeita pela geração, partir desta vida, chegará à perfeição, naquela luz da verdade com que, permanecendo imutável para sempre, a presença do Criador ilumina os justificados. Só os pecados afastam o homem de Deus, e eles são perdoados pela graça daquele mediador pelo qual somos reconciliados, visto que ele justifica o ímpio.

Não há salvação e vida eterna fora do reino dos céus

26 Tremem os ímpios com a palavra do Senhor: “Quem não nascer de novo não verá o reino de Deus”, que ele explica: “Quem não nascer de novo da água e do Espírito, não entrará no reino dos céus”^[61] e, por isso mesmo, tentam atribuir a salvação e a vida eterna às crianças não batizadas, pelo merecimento da inocência; mas, porque não são batizadas, querem torná-las afastadas do reino dos céus, por uma estranha presunção, como se pudesse existir uma salvação eterna da vida eterna, fora da herança de Cristo, fora do reino dos céus.

Encontram onde fugir e esconder-se porque o Senhor não diz: “Se alguém não nascer de novo da água e do Espírito *não terá vida*”, mas, “não entrará no reino de Deus”. Pois, se tivesse dito aquilo, não haveria nenhuma dúvida. Tiremos, então, a dúvida, ouçamos o Senhor e não as suposições e conjecturas dos mortais; digo, ouçamos o Senhor não quando fala desse sacramento do banho santo, mas quando fala do sacramento da sua mesa santa, a que ninguém justamente tem acesso a não ser o batizado: “Se não comerdes a minha carne e beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós”.^[62] Que mais procuramos? Que se pode responder a isso, a não ser que é a teimosia que levanta raiva agressiva contra a firmeza dessa verdade evidente.

O preceito eucarístico abrange também as crianças

27 Seria também alguém capaz de dizer que essa palavra não diz respeito às crianças e que elas podem ter a vida em si mesmas, sem a participação nesse corpo e sangue, porque o Senhor não diz: “Quem não comer”, como diz a respeito do batismo: “Quem não renascer”, mas diz: “Se não comerdes”, como que falando àqueles que podiam ouvir e entender, o que, certamente não conseguem fazer as crianças? Mas quem diz isso não percebe que, se essa palavra não mostrar a todos que não podem ter a vida sem o corpo e o sangue do Filho do homem, nem a idade maior se preocupa com isso. Se deres atenção só às palavras de quem fala e não também à sua vontade, a palavra parece dita somente àqueles a quem o Senhor estava falando, pois ele não diz: “Quem não comer”, mas: “Se não comerdes”. E aquilo que diz da mesma coisa, no mesmo lugar: “O pão que vou dar é a minha carne para a vida do mundo”.^[63] Dessa maneira, entendemos que esse sacramento interessa também a nós, que não estávamos lá, quando essas coisas foram ditas, já que não podemos dizer que não pertencemos ao mundo por cuja vida Cristo deu a sua carne. Quem duvida que pela palavra *mundo* se entendem os homens que vêm a este mundo pelo nascimento? Pois é como se diz em outro lugar: “Os filhos deste mundo geram e são gerados”.^[64] Por isso a carne dada pela vida do mundo foi dada também em favor da vida das crianças; e nem mesmo elas terão a vida se não comerem a carne do Filho do homem.

Crianças não batizadas são contadas no número dos que não creem

28 Mais uma coisa: O Pai ama o Filho e colocou tudo na sua mão. Quem crê no Filho, tem a vida eterna; quem, porém, não crê no Filho, não terá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele.^[65] Em qual dessas categorias colocaremos as crianças? Na categoria dos que creem no Filho ou na dos que não creem no Filho? “Em nenhuma das duas, dirá alguém, já que ainda não têm condição de crer nem podem ser consideradas incrédulas”. Não é essa a posição da regra eclesiástica, que acrescenta as crianças batizadas no número dos fiéis.

Ora, se as crianças que são batizadas, apesar de não realizarem com o coração nem com a boca o que diz respeito a crer e professar,^[66] são, contudo, contadas no número dos fiéis, logicamente, aquelas a quem falta o sacramento, devem ser contadas entre os que não creem no Filho; e, daí, se deixarem o corpo sem essa graça, acontecerá com elas o que foi dito: “Não terão a vida, mas a ira de Deus permanecerá sobre elas”. E como isso pode acontecer quando é evidente não terem pecados próprios, e se nem são sujeitas à culpa do pecado original?

É imperscrutável a justiça de Deus na distribuição da graça do batismo

29 Ainda bem que não diz: “A ira de Deus *virá sobre ele*”, mas, “permanece sobre ele”. Nada liberta dessa ira, na qual estão todos os que se acham sob o pecado^[67] e sobre a qual fala o Apóstolo: “Também fomos outrora naturalmente filhos da ira como os outros”,^[68] a não ser “a graça de Deus, por Jesus Cristo, Senhor nosso”.^[69] O motivo pelo qual essa graça vem para um e não vem para outro, pode ser misterioso, mas não pode ser injusto. “Haveria, por acaso, iniquidade em Deus? Nunca!”.^[70] Para se chegar a entender, pela fé, é preciso, antes, submeter a cabeça às autoridades das Sagradas Escrituras.

Não foi dito em vão: “Os teus juízos são um grande abismo”.^[71] De cuja profundidade, quase que assustado, exclama o Apóstolo: “Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus!”.^[72] Antes da afirmação da profundidade, disse: “Deus encerrou a todos na incredulidade, para ter misericórdia de todos”.^[73] Como que chocado pelo horror de tal profundidade, diz: “Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Quão imperscrutáveis são os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos! Quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem antes lhe deu algo, que deva ser retribuído? Porque todas as coisas vêm dele, e por ele e estão nele; a ele a glória pelos séculos dos séculos, Amém”.^[74]

Temos uma inteligência pequena demais para penetrar a justiça dos juízos de Deus, para entender a gratuidade da graça, que não é injusta por não ter sido precedida por nenhum merecimento, e não tão surpreendente quando é concedida a pessoas indignas como quando é negada a outras pessoas igualmente indignas.

A sorte diferente das crianças está escondida no mistério da justiça de Deus

30 Aqueles a quem parece injustiça que as crianças que partem do corpo sem a graça de Cristo não podem não somente entrar no reino de Deus, onde eles mesmos admitem não poder entrar senão os renascidos pelo batismo, mas até mesmo que sejam privadas da vida eterna e da salvação, questionando como pode ser justo que um seja perdoado do pecado original e outro não seja perdoado, uma vez que a condição de ambos é a mesma, respondam eles mesmos como, segundo a sua opinião, da mesma forma, seja justo que a este seja concedido o batismo, pelo qual entra no reino de Deus, e a outro não seja concedido, já que a causa de ambos é a mesma.

Se se admira porque, dos dois que se encontram igualmente na condição de pecado original, um seja libertado desse vínculo porque lhe é concedido o batismo e outro não seja libertado porque não lhe é concedida essa graça, por que, então, igualmente não se admira que, de dois originalmente inocentes, um recebeu o batismo, pelo qual pode entrar no reino de Deus, e outro não recebeu e não pode ter acesso ao reino de Deus? Em ambos os casos, se volta àquela exclamação: “Ó profundidade das riquezas!”.^[75] Em seguida, que me digam, por que, dessas crianças batizadas, uma é levada “para que a maldade não lhe mude a cabeça”^[76] e outra que será ímpia vive? Se ambas fossem levadas, não entrariam ambas no reino dos céus? E, contudo, não há injustiça em Deus.

O quê? Quem não se toca com isso? Em tanta profundidade, quem não é obrigado a exclamar que umas crianças são atacadas pelo espírito imundo,^[77] outras nada disso sofrem; umas, como Jeremias, são santificadas mesmo nos úteros das mães,^[78] enquanto todas, se existe pecado original, são igualmente réis e, se não existe, são igualmente inocentes? De onde vem tamanha diversidade, senão porque “são imperscrutáveis os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos?”.^[79]

As almas não são encerradas nos corpos por causa de pecados cometidos além

31 Deveríamos, acaso, ainda tratar do que já explodiu e foi refutado, isto é, que as almas que, anteriormente pecaram na habitação celeste, gradativamente e aos poucos, vêm para os corpos que mereceram e são mais ou menos afligidas por sofrimentos corporais, conforme a vida levada anteriormente? Apesar de a sagrada Escritura contradizer abertissimamente essa opinião, quando, exaltando a graça, diz: “Antes de nascer e que tenham feito o bem ou o mal, para que permanecesse o projeto de Deus fundado não nas obras, mas na vocação, foi dito que o maior servirá ao menor”,^[80] nem mesmo os que pensam assim escapam das angústias dessa questão, mas igualmente apertados e oprimidos por elas, são obrigados a exclamar: “Ó profundidade!”.

Como entender que uma pessoa, desde a tenra idade, muito modesta, inteligente, sóbria, vencedora em grande parte dos maus desejos, odiando a avareza, detestando a luxúria e apresentando-se bastante madura e competente nas outras virtudes, se encontre numa situação em que a graça cristã não lhe possa ser pregada, pois: “Como invocarão em quem não acreditaram? Ou como crer em quem não ouviram? Como, porém, ouvir sem pregador?”.^[81] Por que acontece com um outro, limitado de inteligência, dado aos prazeres, coberto de sujeira e crimes, que ouça, creia, seja batizado, seja levado ou, então, se continua aqui, viva de modo louvável?

Onde esses dois conseguiram merecimentos tão diversos, não me refiro ao fato de este crer e o outro não crer, porque isso depende da própria vontade, mas, me refiro ao fato que este ouça o que deve crer e que o outro não ouça – pois isso não depende do homem – onde, pergunto, conseguiram merecimentos tão diversos? Se no céu levaram certa vida e, por causa dos seus atos, foram expulsos ou caíram na terra e ficaram presos em habitações corporais, de acordo com o que fizeram na vida anterior, então, é

para imaginar que viveu melhor antes deste corpo mortal aquele que mereceu não ser muito sobrecarregado, para que tivesse uma boa inteligência e fosse pressionado por desejos maus mais leves, que ele pudesse facilmente superar; contudo, não mereceu que a graça lhe fosse pregada, pela qual somente poderia ficar livre da desgraça da segunda morte.

Em contraposição, acontece que aquele que, como pensam, preso a um corpo mais pesado e, por isso mesmo, de coração enfraquecido, por causa de piores merecimentos, é vencido pelos prazeres da carne, por um ardentíssimo desejo, e por uma péssima vida, acrescenta aos pecados precedentes, pelos quais mereceu vir para cá, outros pecados terrenos piores; este, contudo, ou ouviu na cruz: “Hoje estarás comigo no paraíso”,^[82] ou, então, aderiu a algum Apóstolo, por cuja pregação foi transformado e foi salvo pelo banho da regeneração; isso tudo, para que superabundasse a graça onde abundou o pecado.^[83] Não vejo como conseguem responder a isso, aqueles que inventam fábulas absurdas, porque querem defender a justiça de Deus com ideias humanas, ignorando a profundidade da graça.

Exemplo de um cristão entre os moriones

32 Poder-se-ia dizer muita coisa sobre as surpreendentes situações dos homens, tanto aquelas que lemos como aquelas que experimentamos, pelas quais é derrubada a opinião daqueles que pensam que as almas dos homens tiveram vidas próprias antes destes seus corpos, pelas quais vieram aqui passar por coisas diversas, boas ou más, conforme a diversidade dos seus merecimentos. Mas a preocupação em terminar este trabalho não permite ficar mais tempo nisso. Porém, não quero deixar de contar uma só entre as muitas coisas bonitas que encontrei.

Conforme os que pensam que, por causa dos merecimentos de uma vida anterior à deste corpo, as almas são, mais ou menos, oprimidas pelos corpos terrenos, quem não diria que, antes desta vida, pecaram mais e mais gravemente aqueles que mereceram perder de tal modo a luz da inteligência, que nasceram com a mente próxima à dos animais, não digo com uma inteligência atrasadíssima – porque se costuma usar esses termos para outras pessoas –, mas tão tolos que, até mesmo usando cabelos anelados para provocar riso, exibem às pessoas sérias as graças da tolice: o nome deles, derivado do grego, é popularmente chamado de “moriones”.

Pois bem, um desses tais era tão cristão, que, mesmo suportando, na sua grande estupidez, todas as injúrias, contudo não aguentou injúria ao nome de Cristo ou à religião de que estava convencido, a tal ponto que não parou de perseguir com pedras aqueles tais inteligentes que ele ouvia blasfemarem para provocá-lo, e nem mesmo poupava seus patrões. Penso que tais pessoas foram predestinadas e criadas a fim de que quem puder entenda que a graça de Deus e o Espírito, que sopra onde quer,^[84] não descuida dos filhos da misericórdia por motivo de grau de inteligência, para que se glorie, no Senhor, quem se gloriar.^[85]

Aqueles, porém, que afirmam que algumas almas receberam, por causa dos merecimentos de uma vida superior, corpos terrenos

diversos, pelos quais são oprimidos, algumas mais do que outras, e que as inteligências variam segundo seus merecimentos, umas mais agudas e outras mais fechadas, e que a graça da libertação dos homens é distribuída também devido aos merecimentos de uma vida superior, que respondem a tudo isso? Quão horrível vida superior vão atribuir a esse pobre ignorante para que nasça tão limitado; e, ao mesmo tempo, que vida tão meritória, para que, pela graça em Cristo, fosse preferido a muitas pessoas cheias de inteligência?

Não há salvação para as crianças não batizadas

33 Vamos nos render e concordar com a autoridade da sagrada Escritura, que não engana nem se engana. Como não acreditamos que os merecimentos daqueles que ainda não nasceram são devidos ao que fizeram de bem ou de mal, assim também não duvidemos que todos estão sob o pecado, que entrou no mundo por um só homem e passou para todos os homens^[86], e que dele “só a graça liberta, através de Jesus Cristo, nosso Senhor”.

São os doentes e não as pessoas sadias que precisam da sua vinda como médico, porque não veio chamar os justos, mas os pecadores.^[87] No seu reino só entra quem nascer de novo da água e do espírito, e, fora do seu reino, ninguém possuirá a salvação e a vida eterna, porque quem não comer a sua carne^[88] e não acreditar no Filho, não terá a vida, e a ira de Deus permanece sobre ele.^[89] Somente o “Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”^[90] liberta aqueles que, apesar de não terem nenhum pecado próprio, por causa da idade, contudo, contraem o pecado original, pecado, doença, ira de Deus, de que são filhos; somente aquele Médico, que veio não por causa dos sãos, mas por causa dos doentes; somente aquele Salvador, de quem foi dito ao gênero humano: “Hoje nasceu para vós o Salvador”;^[91] somente aquele Redentor, por cujo sangue foi apagada a nossa dívida.

Quem ousaria dizer que Cristo não é salvador nem redentor das crianças? Mas, então, de que ele as salva se não há nelas a doença do pecado original? Ele redime do quê, se elas não estão vendidas sob o pecado por descendência do primeiro homem?^[92] Que não se prometa às crianças, por capricho nosso, fora do batismo de Cristo, aquela salvação eterna que a divina Escritura, que é acima de todas as capacidades humanas, não promete.

Também para as crianças o batismo é salvação e a Eucaristia, vida

34 Os cristãos púnicos, com muita exatidão, não chamam o próprio batismo se não de salvação, sacramento do corpo de Cristo, vida. As Igrejas de Cristo têm a profunda convicção de que, fora do batismo e da participação à mesa do Senhor, nenhuma pessoa pode chegar à salvação e à vida eterna. De onde tiram essa convicção senão, como penso, da tradição antiga e apostólica?

A própria Escritura dá testemunho disso, como dissemos acima. Afinal, que outra coisa dizem aqueles que chamam o batismo de salvação, senão o que já foi dito: “Ele nos salvou pelo banho da regeneração”;^[93] e o que diz Pedro: “Assim, de uma forma semelhante, o batismo nos salvou”?^[94] Que outra coisa dizem os que chamam de vida o sacramento da mesa do Senhor, senão o que é dito: “Eu sou o pão vivo descido do céu”; e também: “O pão que darei é a minha carne para a vida do mundo”; e mais: “Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”?^[95]

Portanto, se tantos e tão grandes testemunhos divinos concordam que, sem o batismo e sem o corpo e o sangue do Senhor, ninguém pode esperar a salvação nem a vida eterna, é absurdo prometê-lo às crianças. Além disso, se são somente os pecados que afastam o homem da salvação e da vida eterna, é somente por esses sacramentos que a culpa do pecado é apagada nas crianças. Foi escrito que ninguém é limpo dessa culpa “nem se a vida dele for só de um dia”.^[96] Por isso, se diz nos Salmos: “Pois eu fui concebido nos pecados e foi nos pecados que minha mãe no ventre me nutriu”.^[97] Isto é dito da pessoa do homem, em geral, ou, se Davi fala de si mesmo, é certo que ele nasceu de uma união legítima e não da fornicação.

Portanto, não duvidemos que também pelas crianças que serão batizadas foi derramado o sangue que antes foi dado e recomendado no sacramento, de tal modo que se diz: “Este é o meu sangue que será derramado por muitos para a remissão dos

pecados”.^[98] Aqueles que não querem admitir estarem sob o pecado, negam também serem libertadas. Pois são libertadas do quê, se não estão presas por nenhuma escravidão do pecado?

Sem o batismo, as crianças permanecem nas trevas do pecado

35 Ele diz: “Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crer em mim não fique nas trevas”.^[99] Que fica claro com essa palavra, senão que todo aquele que não crê nele está nas trevas e que, quando crê, não fica mais nas trevas? Que se entende por trevas senão os pecados? Mas, seja qual for o sentido de trevas, é certo que aquele que não crê em Cristo ficará nelas e até são trevas de punição e não aquelas trevas noturnas necessárias para o descanso dos vivos.

Portanto, se as crianças não passarem para o número dos que creem nele, pelo sacramento divinamente instituído para isso, permanecerão nas trevas.

Ninguém é iluminado sem batismo

36 Apesar de alguns pensarem que os que nascem logo são iluminados, entendendo assim o que foi escrito: “Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo”.^[100] Se assim fosse, seria muito estranho que os iluminados pelo Filho único, que no princípio era o Verbo, Deus junto de Deus, não sejam admitidos ao reino de Deus, nem sejam herdeiros de Deus, coerdeiros, porém, de Cristo. Mesmo aqueles que pensam assim confessam que isso não lhes é concedido senão pelo batismo.

Além disso, se os já iluminados ainda não idôneos para conseguir o reino de Deus, deveriam, pelo menos, receber com alegria o batismo pelo qual se tornam idôneos para isso. Vemos, porém, que as crianças choram muito e resistem; nós, porém, não ligamos para essa ignorância em tal idade e, apesar da resistência, damos-lhes os sacramentos que sabemos ser-lhes úteis. Por que, então, o Apóstolo diz: “Não sejais crianças de mente”,^[101] se as mentes deles já estão iluminadas pela luz verdadeira que é o Verbo de Deus?

Ninguém é iluminado senão por Deus

37 Assim, o que se encontra no Evangelho: “Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo”^[102] é dito, porque ninguém é iluminado senão por aquela luz da verdade que é Deus, e para que ninguém pense ser iluminado por aquele de quem aprende algo, mesmo sendo ele um grande homem ou até mesmo se tivesse um anjo como mestre. A palavra da verdade vem de fora, com o auxílio da voz corporal, porém “nem quem planta, nem quem rega é alguma coisa, mas Deus, que dá o crescimento”.^[103]

Assim a pessoa ouve um homem falar ou um anjo: mas, para sentir e reconhecer como verdade o que se diz, a sua mente é banhada por aquela luz interior, que permanece para sempre e brilha também nas trevas. Como o sol, apesar de os envolver, de certa maneira, com os seus raios, não é percebido pelos cegos, assim também aquela luz interior não é percebida pelas trevas da ignorância.^[104]

Sem a fé o homem interior permanece nas trevas

38 Por que, quando disse: “Luz que ilumina todo homem”, acrescentou: “que vem a este mundo”? – Nasceu daí a opinião que, no nascimento corporal do ventre da mãe, imediatamente a luz ilumina as mentes das crianças nascidas. Apesar de no grego estar escrito de tal modo que também pode ser entendido da luz que vem a este mundo, contudo, se é mesmo preciso entender do homem que vem a este mundo, acho que isto foi dito simplesmente, como muitas daquelas coisas que se encontram nas Escrituras; afirmações que, mesmo retiradas, em nada afetam o sentido da afirmação, ou então se deve pensar que foi acrescentado para fazer alguma distinção; e quem sabe foi dito para distinguir a iluminação espiritual da iluminação corporal, que ilumina os olhos do corpo por meio dos astros do céu ou de algum fogo, a fim de dizer que é o homem interior que vem a este mundo, porque o homem exterior é corporal como este mundo; como se dissesse: “Ilumina todo homem que vem a este mundo num corpo”, segundo o que foi escrito: “Coube-me uma alma boa e vim num corpo sem mancha”.^[105]

Portanto, se é para fazer essa distinção que foi dito: “Ilumina todo homem que vem a este mundo”, então, era para dizer “que ilumina todo homem interior”, porque, de fato, quando o homem interior se torna verdadeiramente sábio, não é iluminado senão pela luz verdadeira; ou, então, se quis chamar de iluminação a criação de uma espécie de visão interior, isto é, a própria razão, como é chamada a alma humana racional, apesar de ainda silenciosa e como que adormecida, mas, de fato, como que gravada e, de certo modo, semeada, escondida nas crianças.

Em todo o caso, não se nega que tal iluminação acontece no momento mesmo da criação da alma, nem é errado afirmar que esse é o momento em que o homem vem a este mundo. Todavia, também essa vista interior, mesmo já criada, necessariamente permanece nas trevas se não crer naquele que disse: “Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crer em mim não

permaneça nas trevas”.^[106] E que isso acontece nas crianças por meio do sacramento do batismo, a mãe Igreja não duvida, ela que lhes empresta o coração e a boca materna para que sejam banhadas pelos sagrados mistérios, já que ainda não são capazes de crer com o próprio coração para a justiça, nem confessar com a própria boca para a salvação.^[107] Contudo, nem por isso, algum fiel hesite em chamá-los de fiéis, nome de quem crê, apesar de não serem elas mesmas, mas outros que assumem por elas durante os sacramentos.

A Igreja universal reconhece que também as crianças necessitam da redenção de Cristo

39 Seria longo demais discutir cada testemunho. Por isso acho mais prático reunir conjuntamente os muitos testemunhos que podem ser trazidos ou os que parecem suficientes, com os quais fique claro que o Senhor Jesus Cristo não veio na carne, nem, depois de ter assumido a forma de servo, se tornou obediente até a morte de cruz,^[108] por outro motivo senão para, com uma distribuição da misericordiosíssima graça, vivificar, salvar, libertar, redimir, iluminar, tornando-os membros do seu corpo, de que ele é a cabeça, para alcançarem o reino dos céus, todos aqueles que estavam na morte dos pecados, nas tristezas, na escravidão, na prisão, nas trevas, sob o poder do diabo, príncipe dos pecadores, e tornar-se, assim, o mediador de Deus e dos homens, por meio do qual, encerrada a inimizade da nossa impiedade, pela paz da sua graça,^[109] arrancados da morte eterna que a todos ameaçava, fomos reconciliados com Deus para a vida eterna.

Quando, pois, isso ficar constatado com toda a clareza, então, a conclusão será que não podem participar dessa distribuição de graça, feita pela sua humildade, aqueles que não precisam de vida, salvação, libertação, redenção e iluminação. Uma vez que o batismo pertence à distribuição da graça, pelo qual os fiéis são sepultados com Cristo para serem incorporados nele como seus membros,^[110] logicamente, o batismo não é necessário para aqueles que não têm necessidade do benefício da remissão e da reconciliação realizada pelo mediador.

Ora, como eles não podem contradizer a autoridade de toda a Igreja, concedida, sem dúvida, pelo Senhor e pelos Apóstolos, e admitem que as crianças devem ser batizadas, têm, então, de admitir que as crianças precisam dos benefícios do mediador, para que, lavadas pelo sacramento e pela caridade dos fiéis e incorporadas no corpo de Cristo, que é a Igreja, sejam reconciliadas com Deus, para serem nele vivas, salvas, libertas, redimidas,

iluminadas. De que coisas, senão da morte, dos vícios, da culpa, da sujeição, das trevas dos pecados? Mas, como na sua idade nada cometeram disso pela própria vida, sobra, então, o pecado original.

Testemunhos evangélicos sobre a necessidade do batismo para a salvação das crianças

40 Esse raciocínio se torna mais forte pelos muitos testemunhos que reunirei como prometi. Já colocamos acima: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores”.^[111] Da mesma forma, quando entrou na casa de Zaqueu, disse: “Hoje a salvação aconteceu nesta casa, pois também ele é filho de Abraão. Na verdade, o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido”.^[112] Disse a mesma coisa da ovelha perdida, procurada e encontrada, depois de ter deixado as outras noventa e nove; o mesmo vale para a dracma, das dez, que estava perdida.^[113] Como dizia, “precisava, então, ser pregada a todos os povos a partir de Jerusalém a conversão e a remissão dos pecados”.^[114] Marcos também, no fim do seu Evangelho, afirma que o Senhor disse: “Indo em todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo; quem, porém, não crer, será condenado”.^[115] Quem não sabe que, para as crianças, crer significa ser batizada; não crer, não ser batizada? Já trouxemos alguns testemunhos do Evangelho de João, veja também estes.

João Batista diz a respeito de Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira os pecados do mundo”;^[116] e diz de si mesmo: “Aqueles que são das minhas ovelhas ouvem a minha voz e eu as conheço e elas me seguem; eu lhes dou a vida eterna e não perecerão nunca”.^[117] Porque as crianças só começam a ser das ovelhas dele pelo batismo, portanto, se não o recebem, perecerão, não terão a vida eterna, que ele dará às suas ovelhas. Em outro lugar também diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim”.^[118]

Testemunhos da primeira epístola de Pedro

41 Nota com quanta força dão testemunho os Apóstolos, que receberam essa doutrina. Diz Pedro, na primeira epístola: “Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para a esperança da vida eterna pela ressurreição de Jesus Cristo, para uma herança eterna e incontaminada, florida e conservada nos céus para vós que viveis com a força de Deus pela fé na salvação destinada a manifestar-se nos últimos tempos”.^[119] E continua, pouco depois: “Que vos encontreis no louvor e honra de Jesus Cristo, a quem desconhecíeis, em quem agora acreditais, mesmo não o vendo, a quem, quando virdes, exultareis de alegria inefável e com nobre gozo, recebendo a herança da fé, a salvação das vossas almas”.^[120]

De novo, diz em outro lugar: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, povo santo, povo adotado para anunciardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável”.^[121] Diz também: “Cristo sofreu pelos nossos pecados, justo pelos injustos, para nos conduzir a Deus”.^[122] Diz também quando lembrava os oito homens salvos na Arca de Noé: “Assim também, da mesma forma, o batismo vos salvou”.^[123] Portanto, as crianças estão fora dessa salvação e dessa luz e ficarão na perdição e nas trevas, se não forem ligadas ao povo de Deus pela adoção, assumindo o Cristo que, justo sofreu pelos injustos, para os levar a Deus.^[124]

Testemunhos da primeira epístola de João

42 Também da epístola de João me ocorreram estes testemunhos que parecem necessários para essa questão. Diz assim: “Pois, se caminhar-mos na luz, como ele está na luz, estamos em comunhão entre nós, e o sangue de seu filho, Jesus Cristo, nos purificará de todo delito”.^[125]

Diz ainda em outro lugar: “Se aceitamos o testemunho dos homens, maior é o testemunho de Deus, e este é o testemunho de Deus que é maior, porque deu testemunho sobre o seu Filho. Quem acreditar no Filho de Deus tem em si esse testemunho. Quem não acredita em Deus o faz mentiroso, porque não acreditou no testemunho que deu sobre seu Filho. E este é o testemunho: que Deus nos deu a vida eterna e essa vida se encontra no seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho não tem a vida”.^[126]

Portanto, as crianças não somente não têm o reino dos céus, mas não têm nem a vida, porque não têm o Filho que somente podem ter pelo batismo dele. Diz também em outro lugar: “O Filho de Deus se manifestou para destruir as obras do diabo”.^[127] Portanto, as crianças não recebem a graça da manifestação do Filho de Deus, se não lhes forem destruídas as obras do diabo.

Testemunhos da epístola aos Romanos

43 Veja, agora, os muitos testemunhos do apóstolo Paulo sobre essa questão, tantos quantas são as epístolas que escreveu e quanto mais cuidadosamente procurou recomendar a graça de Deus contra aqueles que se gloriavam das próprias obras. Ignorando a justiça de Deus, não se submetiam a ela, querendo ter a própria justiça.^[128] Diz, na epístola aos Romanos: “A justiça de Deus é para todos os que creem; pois não há distinção de pessoas. Porque todos pecaram e necessitam da glória de Deus, são justificados gratuitamente pela sua graça, para a redenção que está em Cristo Jesus. Deus o colocou como instrumento de expiação pela fé no seu sangue, a fim de mostrar a sua justiça, por causa da sua paciência para com os pecados passados; a fim de mostrar a sua justiça neste tempo, e ele apareça justo e justificador daquele que tem a fé de Jesus”.^[129]

Também em outro lugar, Paulo diz: “A quem trabalha é atribuído o salário, não por favor, mas por merecimento. Porém, àquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé conta para a sua justiça. Também Davi diz ser feliz a pessoa a quem, mesmo sem obras, Deus atribui a justiça: ‘Felizes aqueles cujas faltas foram perdoadas e encobertos os pecados. Feliz o homem cujo pecado não é levado em conta’”. Logo em seguida, Paulo diz: “Não está escrito que foi somente por aquele a quem foi atribuído o pecado, mas também por nós, cuja fé foi levada em consideração, que Deus ressuscitou dos mortos a Jesus Cristo nosso Senhor, que tinha sido entregue por causa dos nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação”.^[130] Em seguida, afirma: “Pois, no tempo devido, Cristo morreu pelos ímpios, quando ainda éramos pecadores”.^[131]

Em outro lugar: “Sabemos que a lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Não entendo o que faço, pois não faço o que quero, mas o que detesto. Se, porém, faço o que não quero, sinto que a lei é boa. Porém, então, não sou eu que ajo, mas o pecado que habita em mim. Vejo que em mim, isto é, na minha

carne, não habita o bem. Pois vejo que em mim está o querer o bem, mas não o realizá-lo. Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero. Porém, se faço o que não quero, então, não sou eu que estou agindo, mas o pecado que mora em mim. Portanto, encontro em mim esta lei: a mim que quero fazer o bem é o mal que se me apresenta. De fato, comprazo-me na lei de Deus, conforme o homem interior, porém, percebo em meus membros outra lei que rejeita a lei da minha mente e me amarra na lei do pecado, que está em meus membros. Coitado de mim! Quem me livrará deste corpo de morte? A graça de Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”. [132]

Digam que as pessoas não podem nascer senão num corpo desta morte, e que, apesar disso, não lhes é necessária a graça de Deus por Jesus Cristo, graça pela qual seriam libertados do corpo dessa morte. Logo em seguida, se diz: “O que era impossível para a lei, enfraquecida pela carne, Deus enviou o seu Filho com a semelhança da carne de pecado e, em vista do pecado, condenou o pecado na carne”. [133] Diga, quem ousar, que era necessário que o Cristo nascesse na semelhança da carne de pecado, se nós não tivéssemos nascido na carne do pecado.

Testemunhos das epístolas aos Coríntios

44 De novo, Paulo diz na epístola aos Coríntios: “Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu mesmo recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”.^[134] Da mesma forma, na segunda epístola aos Coríntios, diz: “Pois a caridade de Cristo nos pressiona, pensando que um só morreu por todos e que, portanto, todos morreram. Morreu por todos, para que os que vivem não vivam para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. Assim, já não conhecemos ninguém segundo a carne; e, mesmo que tivéssemos conhecido a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos. Portanto, se há uma criatura em Cristo, ela é nova; as coisas antigas passaram, agora se tornaram novas. Tudo, porém, vem de Deus, que, por Cristo, nos reconciliou consigo e nos deu o ministério da reconciliação. Como assim? Porque, no Cristo, era Deus que reconciliava o mundo consigo, não levando em conta os seus pecados e colocando em nós a palavra da reconciliação. Exercemos, portanto, missão em lugar de Cristo, como se Deus estivesse exortando através de nós: em nome de Cristo, nós vos suplicamos que vos deixeis reconciliar com Deus. Aquele que não conhecia pecado, Deus o tornou pecado por nós, a fim de que nele nos tornemos justiça de Deus. Colaborando com Deus, nós vos pedimos que não recebais em vão a graça de Deus. Pois é dito: ‘No momento favorável eu te ouvi e no dia da salvação eu te ajudei’. Pois é agora o tempo favorável, é agora o dia da salvação”.^[135]

Se as crianças não pertencem a essa reconciliação e salvação, quem vai buscá-las para o batismo de Cristo? Se, porém, elas pertencem a essa reconciliação e salvação, então, elas são contadas entre os mortos, pelos quais ele morreu, e não podem ser reconciliadas e salvas por ele, se ele não considerar perdoados os pecados delas.

Testemunhos tirados da epístola aos Gálatas

45 Ainda na epístola aos Gálatas, Paulo diz: “A vós, graça e paz que vêm de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos libertar do presente século mau”. [136]

Noutro lugar: “A lei foi proposta em vista da transgressão, até a vinda de um descendente a quem foi feita a promessa trazida por meio de anjos, através de um mediador. Não existe, porém, mediador de uma única pessoa; mas Deus é um só. A lei, então, é contra as promessas de Deus? Nunca! Pois, se fosse dada uma lei que conseguisse dar a vida, então, sim, a justiça viria da lei. Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa fosse dada pela fé aos que creem”. [137]

Testemunhos tirados da epístola aos Efésios

46 Também na epístola aos Efésios, Paulo diz: “Quando éreis mortos pelas vossas faltas e pecados, nos quais vivíeis conforme este mundo, segundo o príncipe do poder do ar, aquele espírito que atualmente age nos filhos da desconfiança, entre os quais também nós, uma vez, vivíamos, nos desejos da nossa carne, seguindo a vontade da carne e dos impulsos, éramos também, como os outros, filhos da ira; Deus, porém, rico em misericórdia, pelo seu grande amor, com que nos amou, e, quando éramos mortos pelos pecados, nos deu vida pelo Cristo, por cuja graça fomos salvos”. [138]

Logo depois, acrescenta: “Fostes salvos de graça, mediante a fé, o que não vem de vós, mas é dom de Deus, não devido às obras, para que ninguém se orgulhasse. De fato, somos obra sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus preparou a fim de que nelas vivamos”. [139]

Diz, em seguida: “Vós que naquele tempo éreis sem Cristo, afastados do povo de Israel e estranhos às alianças e à promessa, sem esperança e sem Deus neste mundo; agora, porém, vós que um dia estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Pois ele é a nossa paz, ele que uniu ambas as partes, derrubando o muro que estava no meio, isto é, a inimizade, esvaziando, na sua carne, a lei feita de prescrições e decretos, para unir os dois em um só homem novo, criando, assim, a paz e assim transformando a ambos num só corpo para Deus, destruindo em si mesmo, pela cruz, a inimizade. E veio evangelizar paz a vós que estáveis longe e paz àqueles que estavam perto, já que, por ele, ambos temos acesso ao Pai, no mesmo Espírito”. [140]

Da mesma forma: “Como é a verdade em Jesus, que tireis o homem velho com a maneira antiga de viver, aquele que é corrompido pelas concupiscências enganadoras; renovai-vos no espírito da vossa mente e vesti o homem novo, criado segundo Deus, na justiça e na verdadeira santidade”. [141]

Noutro lugar: “Não contristeis o Espírito Santo de Deus, com o

qual fostes marcados para o dia da redenção”.^[142]

Testemunhos tirados da epístola aos Colossenses

47 Também aos Colossenses, assim diz: “Rendendo graças ao Pai, que nos tornou capazes de participar na sorte dos santos, na luz, que nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o reino do Filho do seu amor, em quem temos a redenção pelo perdão dos pecados”. [143]

Diz noutra lugar: “Sois plenificados nele, que é a cabeça de todo principado e poder, em quem também fostes circuncidados por uma circuncisão não feita com a mão, mas pela circuncisão de Cristo, em vista do despojamento do corpo da carne, sepultados com ele pelo batismo, no qual também com ele ressuscitastes através da fé na ação de Deus, que o ressuscitou dos mortos. Com ele, Deus deu vida também a vós, que éreis mortos pelos pecados e pela incircuncisão da vossa carne, perdoando-vos todos os pecados, destruindo o documento de dívida contra nós, desfavorável a nós, tirando-o de circulação e pregando-o na cruz, privando de força os principados e os poderes e exibindo-os publicamente no seu triunfo”. [144]

Testemunhos tirados das epístolas a Timóteo

48 A Timóteo, ele diz: “Sábia e digna de toda a consideração é esta palavra: Cristo Jesus veio neste mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. Por isso mesmo, obtive misericórdia para que em mim, em primeiro lugar, Cristo Jesus mostrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para todos os que haveriam de crer nele, para alcançarem a vida eterna”. [145] Também diz: “Pois há um só Deus, um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como resgate de todos”. [146]

Na segunda epístola ao mesmo Timóteo, diz: “Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, o seu prisioneiro, mas colabora com o Evangelho com a força de Deus, que nos salva e chama com o seu santo chamado, não conforme as nossas obras, mas de acordo com o seu projeto e a sua graça que nos foi dada, no Cristo Jesus, antes dos séculos eternos, mas manifestada agora, com a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, que destrói a morte e faz brilhar, através do Evangelho, a vida e a incorrupção”. [147]

Testemunhos tirados da epístola a Tito

49 A Tito também ele diz: “Aguardamos a beata esperança e a manifestação da glória do grande Deus e Salvador nosso Jesus Cristo, que se entregou por nós, para nos resgatar de toda a iniquidade e para nos purificar como povo opulento, zeloso em boas obras”. [148]

Em outro lugar: “Quando se manifestou a benignidade e a bondade de nosso Deus Salvador, ele nos salvou, não por causa das obras de justiça que fizemos, mas segundo a sua misericórdia, através do banho da regeneração e renovação do Espírito Santo, que ele ricamente derramou sobre nós, através de Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados pela sua graça, nos tornássemos, segundo a esperança, herdeiros da vida eterna”. [149]

Testemunhos tirados da epístola aos Hebreus

50 Também a epístola aos Hebreus, é preciso observar, traz grandes testemunhos em nosso favor, apesar de ser considerada incerta por alguns defensores da sentença contrária à nossa posição sobre o batismo das crianças, mas que quiseram aduzi-la como testemunha de algumas suas opiniões. Para mim, porém, tem maior valor a autoridade das Igrejas Orientais, que colocam essa epístola entre os escritos canônicos.

No próprio exórdio se lê: “Muitas vezes e de muitas maneiras, antigamente Deus falou aos pais e aos profetas; por último, nestes dias, falou-nos pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também os mundos. Sendo o esplendor da glória e imagem da sua substância, e tudo governando com a sua forte palavra, feita a purificação dos pecados, ele está sentado à direita da majestade nos céus”.^[150] Pouco depois: “Se, pois, a palavra dita através dos anjos tornou-se firme e toda a maldade e desobediência receberam uma justa punição, como escaparemos nós se negligenciarmos tão grande salvação?”.^[151]

Em outro lugar: “Visto que os filhos têm o mesmo sangue e a mesma carne, ele também, o Cristo, participou da mesma condição, para que, através da morte tornasse impotente aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo, e libertasse aqueles que, por medo da morte, eram réus da escravidão por toda a vida. Logo em seguida, diz: Daí que ele devia assemelhar-se em tudo aos irmãos, a fim de se tornar um sacerdote misericordioso e digno de fé, no que diz respeito a satisfazer a Deus pelos pecados do povo”.^[152]

Diz, em outro lugar: “Mantemos firme a nossa profissão de fé; pois não temos um sacerdote que seja incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas; pois ele experimentou tudo como nós, fora o pecado”.^[153] Em outro lugar, diz: “Ele possui um sacerdócio que nunca passa. Por isso mesmo, ele pode levar à perfeição aqueles que, por ele, se achegam a Deus, estando ele vivo sempre para interceder por eles. Era-nos necessário tal sumo sacerdote, justo,

sem maldade, sem mancha, separado dos pecadores, elevado acima dos céus, sem a diária necessidade que têm os sumos sacerdotes, de oferecer sacrifício, em primeiro lugar pelos seus próprios pecados, e, depois, pelo povo: ele o fez, uma só vez, oferecendo-se a si mesmo”. [154]

Em outro lugar, diz: “Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, imagem do verdadeiro, mas no próprio céu, para comparecer diante da face de Deus em nosso favor; não para oferecer-se, muitas vezes, a si mesmo, como o sumo sacerdote que entra no santuário uma vez por ano com sangue alheio. Neste caso, ele teria necessidade de sofrer muitas vezes, desde a criação do mundo. Agora, porém, na plenitude dos tempos, ele se manifestou, uma única vez, para o perdão dos pecados, pelo seu sacrifício. E como foi estabelecido para os homens morrer uma só vez, após o que vem o julgamento, assim o Cristo se ofereceu uma só vez, carregando os pecados de muitos; uma segunda vez, sem nada a ver com os pecados, ele aparecerá àqueles que o esperam para a salvação”. [155]

Testemunho vindo do Apocalipse

51 Também o Apocalipse de João atesta que se oferecem a Cristo estes louvores, com um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e abrir os seus sigilos, porque foste morto e, com o teu sangue, nos resgataste para Deus, de todas as raças e línguas, povos e nações”.

[156]

Testemunhos dos Atos dos Apóstolos

52 Também nos Atos dos Apóstolos, o Apóstolo Pedro chama o Senhor Jesus de autor da vida e repreende os Judeus por terem-no matado, falando assim: “Vós, porém, oprimistes e negastes o santo e justo e pedistes que vivesse e vos fosse dado um homicida, pois matastes o autor da vida”.^[157] Em outro lugar: “Ele é a pedra rejeitada por vós construtores e que se tornou a pedra angular. De fato, debaixo do céu, não foi dado aos homens nenhum outro nome em que possamos ser salvos”.^[158]

Em outro lugar: “O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, que vós matastes levantando-o na cruz. Deus, com a sua glória, o exaltou como príncipe e salvador, a fim de, por ele, dar a Israel a conversão e a remissão dos pecados”.^[159] Assim, em outro lugar: “Todos os profetas testemunham: ‘Quem crê nele obtém a remissão dos pecados por sua mão’”.^[160]

Também no mesmo livro, o apóstolo Paulo diz: “Irmãos, eu vos faço saber que vos é anunciada a remissão dos pecados por meio dele. Todo aquele que nele crê é justificado de tudo aquilo de que não pudestes ser justificados mediante a lei de Moisés”.^[161]

Testemunhos implícitos do Antigo Testamento

53 Quem teria tanta arrogância contra a verdade de Deus de não ficar pressionado por tamanha quantidade de testemunhos? E ainda muitos outros poderiam ser aduzidos, mas não se deve descuidar da preocupação em terminar esta obra. Achei supérfluo aduzir para essa questão muitas afirmações da palavra de Deus tiradas também dos livros do Antigo Testamento, uma vez que, na pregação do Novo Testamento, se encontram reveladas aquelas mesmas coisas que no Antigo Testamento estão como que escondidas sob o véu de promessas terrenas.

O próprio Senhor mostrou brevemente e definiu a utilidade dos escritos antigos, dizendo que era preciso cumprir o que estava escrito sobre ele na Lei, nos Profetas e nos Salmos, isto é, que era necessário que o Cristo sofresse e ressurgisse dos mortos no terceiro dia e que se pregasse a todos os povos, a começar por Jerusalém, a conversão e o perdão dos pecados.^[162] E, como pouco acima lembrei, Pedro diz que todos os profetas dão testemunho de que todo aquele que nele crer recebe, pela mão dele, o perdão dos pecados.^[163]

Testemunhos explícitos do Antigo Testamento

54 Na verdade, vale mais a pena aduzir alguns poucos testemunhos também do próprio Antigo Testamento, que valem como suplemento, ou melhor, como arremate.

O próprio Senhor, falando pelo profeta, no salmo, diz: “Nos santos que estão em sua terra ele fez brilhar todas as minhas vontades”, [164] “as minhas vontades”, não “os merecimentos deles”. O que é deles senão o que segue? “Multiplicaram-se as fraquezas deles”, além de que já eram fracos. Foi para isso que a lei veio, a fim de que abundasse o pecado. [165] Que acrescenta? “Em seguida se apressaram”.

Multiplicadas as fraquezas, isto é, abundando o pecado, com mais pressa procuraram o médico, para que, onde era abundante o pecado, mais abundasse ainda a graça. Finalmente, diz: “Não reunirei as assembleias sanguíneas deles”, pois, antigamente se reuniam no tabernáculo ou no templo, com muito sangue dos sacrifícios, e mais se convenciam de ser pecadores do que se purificavam.

É por isso que diz: “Não reunirei mais as suas assembleias sanguíneas”; pois um único sangue foi derramado em favor de muitos, pelo qual são purificados de verdade. Finalmente, acrescenta: “Agora, purificados e renovados, com os meus lábios, não me recordarei mais dos nomes deles”.

Antigamente seus nomes eram “filhos da carne, filhos do mundo, filhos da ira, filhos do diabo, imundos, pecadores, ímpios”. Depois, porém, “filhos de Deus”, um nome novo para o homem novo que canta um cântico novo, através do Testamento Novo. Não sejam os homens pouco agradecidos à graça de Deus, pequenos e grandes, [166] do menor ao maior. [167] É a voz da Igreja inteira: “Era errante como ovelha perdida”; [168] é a voz de todos os membros de Cristo: “Como ovelhas, todos éramos errantes”, [169] “e ele foi entregue pelos nossos pecados”. [170]

Todo esse texto profético em Isaías, com cuja explicação feita por

Filipe ao eunuco da rainha Candace, o qual acreditou nele, ^[171] veja quantas vezes comprova a mesma coisa e insiste não sei para que pessoas orgulhosas e até briguentas: “Homem sofredor, que sabe suportar o sofrimento, de quem os outros escondem o rosto, desprezado e não levado em conta. Ele carrega sobre si as nossas fraquezas e leva as nossas dores. Nós o considerávamos como castigado, golpeado e afligido. Ele, porém, era ferido por causa dos nossos pecados e maltratado por causa das nossas culpas. O que nos faria conhecer a paz o atingiu, fomos curados pelas suas feridas. Todos nós éramos perdidos como ovelhas, mas o Senhor o entregou pelos nossos pecados. Maltratado, ele não abriu a boca. Como ovelha foi conduzido à morte e como cordeiro ficou mudo diante daquele que o tosquiava e não abriu a sua boca. A sua condenação foi levantada na humilhação. Quem vai contar a sua geração? Pois a sua vida vai ser tirada. Ele é levado à morte pelas culpas do meu povo. Darei os maus por causa da sepultura dele e os ricos por causa da morte dele, visto que não fez nenhum mal, nem houve engano em sua boca. O Senhor quer purificá-lo com o sofrimento. Se derdes vossa alma por causa das vossas faltas, vereis uma descendência de longuíssima vida. O Senhor quer tirar das dores a sua alma, mostrar-lhe a luz, torná-lo visível aos sentidos, justificar o justo que é bom servidor de muitos, e ele carregará os pecados deles. Por isso, ele há de herdar muita gente e partilhará os despojos dos fortes, uma vez que a sua alma foi entregue à morte e foi contado entre os maus, e carregou os pecados de muitos e foi entregue por causa das culpas deles”. ^[172]

Observa o que ele, exercendo a função de leitor na sinagoga, leu do mesmo profeta e que se cumpriu nele mesmo: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu, me enviou para evangelizar os humildes, para aliviar os oprimidos de coração, pregar aos presos a libertação e a vista aos cegos”. ^[173]

Portanto, todos nós, sem exceção alguma, que queremos unir-nos ao seu corpo, entrar, por meio dele, no seu redil, pertencer à vida e à salvação que ele prometeu aos seus, todos nós, repito, reconheçamos aquele “que não cometeu pecado algum e carregou

os nossos pecados no seu corpo na cruz, para que, libertados dos pecados, vivamos com justiça, curados pelas suas feridas, fracos que somos, como ovelhas perdidas”. [174]

Todos precisam da remissão do pecado original e de Cristo

55 Estando assim as coisas, a sã fé e a sã doutrina nunca imaginou que alguém que se achegou a Cristo não precisasse da graça da remissão dos pecados, pelo batismo, nem que pudesse existir salvação eterna fora do reino dele. Essa salvação foi destinada a revelar-se nos últimos tempos,^[175] isto é, na ressurreição dos mortos, não destinados à morte eterna, chamada de segunda morte, mas destinados à vida eterna, que o Deus, que não mente, prometeu a seus santos e fiéis, vida de que ninguém pode participar se não for vivificado no Cristo, assim como todos morrem em Adão.^[176]

De fato, assim como absolutamente todos os que pertencem à geração da vontade da carne^[177] não morrem senão em Adão, em quem todos pecaram, assim também absolutamente todos os que pertencem à regeneração da vontade do espírito não recebem vida senão em Cristo, em quem todos são justificados, já que é por um só que todos vão para a condenação, como é mediante um só que todos vão para a justificação.^[178] Não existe, para ninguém, nenhuma situação intermediária em que aquele que não está com Cristo pudesse não estar com o diabo.

Por isso, querendo tirar dos corações de quem crê mal esse não sei qual meio-termo, que alguns tentam atribuir às crianças não batizadas, assim que, de certa maneira, elas estariam na vida eterna, por causa da sua inocência, enquanto, não sendo batizadas, não estão com Cristo no seu reino, o Senhor, para impedir essa opinião, fez a seguinte afirmação: “Quem não está comigo, está contra mim”.^[179] Traz uma criança qualquer: se já está com Cristo, para que ser batizada? Se, porém, como é verdade, é batizada para estar com Cristo, então, quem não é batizado não está com Cristo; e, porque não está com Cristo, é contra Cristo; ora, não devemos nem podemos enfraquecer nem mudar uma afirmação tão clara.

De outra parte, de onde vem a ser contra Cristo, senão do pecado? Não vem do corpo nem da alma, ambos criaturas de Deus.

Então, se vem do pecado, que pecado pode ser naquela idade senão o pecado original e antigo? Uma é a carne do pecado, na qual todos nascem para a condenação; outra é a carne à semelhança da carne do pecado, por meio da qual todos são libertados da condenação.

Mas, quando se diz “todos”, não é para se entender que todos os que nascem na carne do pecado, todos eles são purificados pela carne semelhante à carne do pecado – “pois não é de todos a fé”^[180] –, mas todos os que pertencem à geração de união carnal não nascem a não ser na carne do pecado; enquanto todos os que pertencem à geração de uma união espiritual não são purificados senão pela carne semelhante à carne do pecado, a saber, aqueles, por meio de Adão, nascem para a condenação; estes, porém, mediante Cristo, nascem para a justificação. Como se disséssemos, por exemplo: “Nesta cidade há uma só parteira que acolhe todos; há um só mestre de letras que ensina todos”; naturalmente, no caso da parteira, “todos” são somente os que nascem; no caso do mestre de letras, “todos” são somente os que aprendem; e assim, nem todos os que nascem estudam, e fica claro o que é dito da parteira: “acolhe todos, porque ninguém nasce fora das suas mãos”; e é verdade o que é dito do mestre: “ensina todos, porque ninguém aprende fora do seu magistério”.

Conclusão de tantos testemunhos

56 Levando em consideração todos os testemunhos divinos que lembrei, examinando, seja singularmente um por um, ou reunindo muitos em grupo, e todos aqueles que não mencionei, não se encontra outra coisa senão aquilo que toda a Igreja retém e de que deve cuidar contra todas as novidades profanas,^[181] a saber: que todo homem está separado de Deus, se não for reconciliado com Deus por intermédio de Cristo mediador e que ninguém pode se separar de Deus a não ser que interfiram pecados; e que só pode reconciliar-se com Deus pela remissão dos pecados por meio unicamente da graça do misericordiosíssimo Salvador, por meio unicamente da vítima do verdadeiro sacerdote; de tal maneira que todos os filhos da mulher que acreditou na serpente e foi corrompida pela paixão^[182] não se libertam do corpo dessa morte senão por intermédio do filho da Virgem, que acreditou no anjo, e engravidou sem paixão.^[183]

O âmbito do pecado original e da concupiscência carnal

57 O bem do matrimônio, portanto, não consiste no ardor da concupiscência, mas no modo lícito e honesto de usar daquele ardor, apropriado à propagação da prole e não a satisfazer a paixão. Nupcial é esta vontade e não aquele prazer. Portanto, o que se agita nos membros do corpo dessa morte de maneira rebelde e tenta arrastar todo o ânimo para a sua baixa e que se levanta mesmo quando a mente não quer, nem se acalma quando a mente quer, este é o mal do pecado com que todo homem nasce. O bem do matrimônio é refrear-se de corrupções ilícitas e permitir-se somente a propagação ordenada do que falta ao gênero humano, pelo que o homem nasce numa sociedade ordenada. Mas, ninguém renasce no corpo de Cristo, se antes não nascer no corpo de pecado. Porém, como é mau usar mal do bem, assim é bom usar bem do mal.

Estas duas coisas, o bem e o mal, e as outras duas, o uso bom e o uso mau, unidas entre si, criam quatro coisas diferentes. Usa bem do bem quem dedica a Deus a continência; usa mal do bem, quem dedica a continência a um ídolo; usa mal do mal quem solta a concupiscência para o adultério; usa bem do mal quem freia a concupiscência pelo matrimônio. Portanto, como é melhor usar bem do bem, do que usar bem do mal, já que ambas as coisas são boas, assim “quem dá a sua virgem em matrimônio age bem; mas quem não a dá em matrimônio age melhor”.^[184] Tratei dessa questão, muito mais abundantemente e muito mais suficientemente, em dois livros: *O bem conjugal* e outro: *A santa virgindade*, quanto me foi concedido por Deus, segundo a pequenez das minhas forças.

Assim, aqueles que exaltam a carne e o sangue do prevaricador, contra a carne e o sangue do Redentor, não procurem defender o mal da concupiscência pelo bem do matrimônio; nem sejam envolvidos no orgulho do erro de outrem aqueles que, pela pequena idade, o Senhor nos deu como exemplo de humildade. Somente nasceu sem pecado aquele que a Virgem concebeu sem relação com varão, não pela concupiscência da carne, mas pela obediência

do coração. A única que pode dar à luz o remédio para a nossa ferida foi aquela que colocou no mundo, não pela ferida do pecado, o germe de uma santa descendência.

Como os pelagianos entendiam as palavras de Jo 3,5

58 Vamos, agora, examinar mais atentamente, com a ajuda do Senhor, também o próprio capítulo do Evangelho em que se diz: “Quem não nascer da água e do Espírito não entrará no reino de Deus”.^[185] Quem não é convencido por essa afirmação, poderia pensar que as crianças não precisam ser batizadas. Mas eles dizem: “Mas o texto não diz: ‘Quem não renasce da água e do Espírito não terá a salvação nem a vida eterna’, mas diz somente: ‘não entrará no reino de Deus’, para o que, exatamente, devem ser batizadas as crianças, para também estarem com Cristo, no reino de Deus, onde não estarão se não forem batizadas; apesar de, mesmo morrendo sem batismo, as crianças conseguirem a salvação e a vida eterna, porque não são prisioneiras de nenhum vínculo de pecado”.

Dizendo isso, em primeiro lugar, eles nunca explicam devido a que a imagem de Deus, que não tem nenhum pecado, esteja separada do reino de Deus. Depois, vejamos se o Senhor Jesus, primeiro e único bom mestre^[186] já não mostrou, neste mesmo texto, que os batizados chegam ao reino de Deus somente mediante remissão dos pecados, mesmo que, para quem entendeu bem, deveria bastar o que é dito: “Quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus; e também: Quem não renascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”. Por que, pois, nascer de novo, se não for para ser renovado? Renovado de quê? Se não for do antigo? De que coisa antiga senão daquela em que o nosso homem velho foi pregado na cruz com ele, “a fim de que fosse destruído o corpo do pecado”?^[187] Ou, então, por que a imagem de Deus não entra no reino de Deus, senão por causa do pecado que a impede? Mas, como propusemos, examinemos, atenta e diligentemente, todo o próprio contexto da leitura evangélica que interessa à nossa questão.

O colóquio de Jesus com Nicodemos

59 Diz o texto: “Havia um homem dentre os fariseus chamado Nicodemos, um chefe dos Judeus. Ele veio de noite a Jesus e lhe disse: ‘Rabbi, sabemos que vieste como mestre da parte de Deus, pois ninguém consegue fazer os sinais que fazes se Deus não estiver com ele’. Respondendo, Jesus lhe disse: ‘Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus’. Disse-lhe Nicodemos: ‘Como pode o homem nascer, se já é velho? Por acaso pode entrar de novo no útero de sua mãe e nascer?’ Respondeu Jesus: ‘Em verdade, em verdade, te digo: Quem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasce da carne é carne e o que nasce do espírito é espírito. Não te admires de eu ter dito: Vós deveis nascer de novo. O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem e para onde vai. Assim acontece com quem nasceu do Espírito’. Nicodemos respondeu e lhe disse: ‘Como podem acontecer estas coisas?’. Jesus respondeu e lhe disse: ‘Tu és mestre em Israel e o ignoras? Em verdade, em verdade, te digo que nós falamos o que sabemos e testemunhamos o que vemos, e não recebéis o nosso testemunho. Se vos disse coisas terrenas, e não acreditastes, credes se vos disser coisas celestes? Ninguém sobe para o céu, a não ser quem desceu do céu, o filho do homem que está no céu. E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim o filho do homem deve ser levantado, a fim de que quem nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus assim amou o mundo que deu o seu Filho unigênito, a fim de que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou ao mundo o seu Filho, para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; quem, porém, não crê nele já foi julgado, porque não acreditou no nome do Filho unigênito de Deus. Pois este é o julgamento: que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz; pois as suas obras eram más. Porque quem age mal odeia a luz e não vem para a luz, para que não sejam contestadas as suas obras; quem,

porém, faz a verdade, vem para a luz, para que se manifestem as suas obras, porque são feitas em Deus”’. [188] Até aqui, diz respeito à nossa questão que investigamos todo aquele colóquio servindo de contexto; daí para a frente o narrador passa para outro assunto.

Esclarecimento de João 3: por que razão se faz a regeneração espiritual do homem

60 Não entendendo Nicodemos o que estava sendo dito, perguntou ao Senhor como isso pode acontecer. Vejamos o que o Senhor respondeu. De fato, se se dignou responder ao que foi perguntado: “Como pode acontecer isso?”, vai, então dizer, como é possível haver regeneração espiritual se os homens vêm de uma geração carnal.

Depois de observar a ignorância daquele que, por ser mestre, se colocava acima dos outros e depois de ter repreendido a incredulidade daqueles que não aceitavam o testemunho da verdade, também acrescentou ter-lhes dito coisas terrenas que eles não acreditaram, e perguntava-se, então, e admirava-se, como creriam em coisas celestes.

Continua, contudo, e responde o que outros vão crer que eles não creram, ao que lhe foi perguntado, isto é, como isto pode acontecer e diz: “Ninguém subiu para o céu, a não ser aquele que desceu do céu, o filho do homem que está no céu”. Ele diz: “A geração espiritual se fará de tal maneira que se criem homens celestes dos terrenos, o que não poderiam conseguir se não se tornassem meus membros, e assim suba aquele que desceu, pois ninguém subiu a não ser aquele que desceu”.

Portanto, ninguém será transformado e elevado se não se unir na unidade de Cristo, a fim de que Cristo, que desceu, suba, já que ele considera que seu corpo e a sua Igreja, que é ele mesmo – já que corretamente se entende do Cristo e da Igreja: “Serão dois numa só carne”;^[189] a respeito do que ele disse: “Portanto já não são dois, mas uma só carne”^[190] – não poderiam, de modo algum subir, uma vez que “ninguém subiu para o céu, a não ser aquele que desceu do céu, o filho do homem, que está no céu”. Pois, apesar de se tornar filho do homem, na terra, contudo, não considerou a sua divindade, pela qual, mesmo permanecendo no céu, desceu à terra, indigna do nome de filho do homem; assim como tornou a sua carne digna do

nome de filho de Deus, para que não sejam considerados como que dois Cristos, um Deus e outro homem, mas um único e mesmo Deus e homem: Deus, porque “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus”; homem, porque “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”.^[191]

Assim, dessa maneira, por causa da distância entre a divindade e a fraqueza, como filho de Deus, permanecia no céu, e, como filho do homem, caminhava na terra, como o mesmo filho do homem, permanecia no céu. Assim, a fé em coisas credíveis nasce de coisas que se creem incredíveis. Assim, se a substância divina muito mais distante e muito mais sublime por incomparável diversidade, por nossa causa, pode assumir a substância humana, a ponto de se tornar uma única pessoa como filho do homem, que estava na terra por causa da pequenez da carne, e, da mesma forma, ele estaria no céu por causa da divindade participada à carne; então é muito mais credível que homens santos e fiéis a ele se tornam um Cristo com o homem Cristo, e assim, por essa graça e união com ele, subindo todos, o próprio único Cristo suba para o céu, ele que desceu do céu! Como diz o Apóstolo: “Como temos muitos membros num único corpo e apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo, assim também é Cristo”.^[192] Não disse: “Assim também de Cristo”, isto é, o corpo de Cristo ou membros de Cristo, mas “assim também Cristo”, chamando de único Cristo a cabeça e o corpo.

Esclarecimento de João 3: Mesmo as crianças encontram-se envenenadas pela mordida da serpente

61 Grande e admirável esta consideração! Pois, já que podia acontecer, através da remissão dos pecados, continua dizendo: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim precisa que o filho do homem seja levantado, a fim de que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Sabemos o que, então, aconteceu no deserto: muitos morriam mordidos pela serpente. Então, confessando os seus pecados, o povo, por Moisés, suplicou ao Senhor, que tirasse deles aquele veneno. E assim, a mando do Senhor, Moisés levantou no deserto uma serpente de bronze e exortou o povo a que, quem fosse mordido pela serpente, olhasse para a serpente levantada; quem o fazia era curado imediatamente.^[193] Que é a serpente levantada senão a morte de Cristo, de maneira a significar que, fazendo algo, mediante isto, é significado o que é feito?

Deveras, a morte veio pela serpente, que persuadiu o homem para o pecado, pelo qual ele morreria. O Senhor, porém, não passou o pecado para a sua carne, como o veneno da serpente; contudo, porém, passou a morte, para ser semelhante à carne do pecado, passou a pena sem a culpa, para que na carne do pecado fosse destruída tanto a culpa como a pena.

Portanto, como, então, quem olhava a serpente levantada era curado do veneno e libertado da morte, assim também agora, quem se conformar à semelhança da morte de Cristo,^[194] pela fé e pelo seu batismo, é libertado do pecado pela justificação e da morte pela ressurreição. É o sentido do que é dito: A fim de que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Qual, portanto, é a necessidade de a criança, pelo batismo, se conformar com a morte de Cristo, se, absolutamente, não foi envenenada pela mordida da serpente?

A graça de Cristo é negada às crianças, se lhes é negado o batismo

62 Depois, como segue, dizendo: “Se Deus assim amou o mundo que deu o seu Filho unigênito, a fim de que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”, então, a criança deveria perecer e nem ter a vida eterna, se, por meio do sacramento do batismo, não cresse no Filho unigênito de Deus; enquanto, de outra parte, é verdade que ele veio não para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele, principalmente porque continua dizendo: “Quem nele crê não é julgado: quem, porém, não crê, já foi julgado porque não crê no nome do Filho unigênito de Deus”. Onde, então, situamos as crianças batizadas, senão entre os fiéis, como em toda a parte clama a autoridade de toda a Igreja?

Portanto, entre aqueles que creram – o que é adquirido para elas, pela força do sacramento e pela resposta de quem as apresentou – e, por isso mesmo, situamos aquelas que não foram batizadas entre aqueles que não acreditaram. Então, se aquelas que foram batizadas não são julgadas, aquelas que não têm o batismo são julgadas. O que acrescenta: “O julgamento, porém, é este: a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz”; de onde veio a luz ao mundo, senão, como ele diz, da sua vinda? Como podem as crianças estar na luz, sem o sacramento da sua vinda? Como não encerrar no amor às trevas aqueles que, como as crianças, não creem e, assim, nem acham que suas crianças devam ser batizadas, enquanto temem a morte do corpo?

Quem vem à luz reconhece que as suas obras são realizadas em Deus, porque compreende que a sua justificação pertence à graça de Deus e não aos próprios merecimentos. Como diz o Apóstolo: “É Deus que opera em nós o querer e o fazer com boa vontade”. [195]

Portanto, é desse modo que acontece a regeneração espiritual de todos aqueles que, da geração da carne, passam para Cristo. Foi ele que disse isso, ele que o mostrou, quando lhe foi perguntado como isso poderia acontecer; nessa questão, não deixou a ninguém a liberdade para uma argumentação humana. Não sejam, pois, as

crianças afastadas da graça da remissão dos pecados. Não há outra maneira de passar para Cristo, ninguém pode reconciliar-se com Deus e ir a ele de outra maneira, a não ser por Cristo.

No rito do batismo há indicação da remissão dos pecados das crianças

63 Gostaria que alguém daqueles que pensam o contrário me trouxesse uma criança para ser batizada. Que adianta para ela o meu exorcismo se não está ligada à família do diabo? Com certeza, ele é que responderia pela criança que trouxe, porque ela não poderia responder por si mesma. Como diria que ela renuncia ao diabo se nela nada existe disso? Como converter-se a Deus de quem nunca se afastou? Crer, entre outras coisas, na remissão dos pecados que em nada lhe são atribuídos?

Se me parecesse que ele pensa o contrário, nem permitiria que entrasse com a criança para os sacramentos. Não sei com que cara, diante dos homens, nem com que coração, diante de Deus, ele se colocaria nessa situação, e não quero dizer coisa pior. Alguns deles perceberam que não é possível dizer e pensar coisa mais execrável e mais detestável do que usar um rito falso e enganador de batismo para as crianças, em que som e ação pareceriam de remissão de pecados, mas, que, de fato, nada acontece.

Portanto, no que diz respeito ao batismo das crianças, eles admitem que, para lhes ser necessário o batismo, também a redenção lhes é necessária; como, aliás, se encontra num brevíssimo livro de um deles, que, contudo, não quis exprimir, abertamente, que ali acontece a remissão de algum pecado.

Mas, como tu mesmo me informaste, por carta, eles, tu contas, já confessam que, no batismo, também nas crianças, acontece a remissão dos pecados. Não é de admirar, pois não é possível entender a redenção de outra maneira. “Contudo, não originalmente, dizem eles, mas, já na vida própria, depois do nascimento, começaram a ter pecado.”

Procurem os pelagianos entender-se antes

64 Disso tu percebes a discrepância que existe entre eles, de um dos quais até li um livro sobre o assunto, contra os quais já discuti muito e longamente, nesta obra, e que já refutei como pude.

Para começar, viste a discrepância que existe entre os que defendem que as crianças são totalmente puras e livres de qualquer pecado, seja original, seja próprio, e aqueles que acham que as crianças já contraíram pecados próprios, depois do nascimento, de que, como eles pensam, elas devem ser purificadas pelo batismo. Logo, estes últimos, vendo as Escrituras e a autoridade de toda a Igreja e o próprio rito do sacramento, perceberam bem que, pelo batismo, acontece nas crianças a remissão dos pecados; mas, que seja original o pecado que há neles, não querem dizer ou não conseguem ver. Os primeiros, porém, notaram bem na natureza humana, o que é evidente para todos – e que é fácil –, que aquela idade não podia contrair, na vida própria, nenhum pecado; mas, para não admitir o pecado original, dizem que nas crianças não existe absolutamente nenhum pecado.

Portanto, antes de tudo, procurem estar de acordo entre si, no que cada um, separadamente, diz de verdade; e, em seguida, vai acontecer que não discordam de nós em nada. Pois, se os primeiros concordam com os últimos que há remissão dos pecados para as crianças batizadas, e os últimos concordam com os primeiros que as crianças, como a própria natureza exige nas criancinhas silenciosas, ainda não contraíram nenhum pecado de sua própria vida, ambos vão concordar conosco que resta só o pecado original que nas crianças é perdoado pelo batismo.

Não existe pecado da própria vida nas crianças

65 Será que é preciso questionar, discutir e perder tempo para provar e ensinar que as criancinhas não cometem nenhum mal pela própria vontade, sem a qual não pode haver pecado na própria vida e que, por isso mesmo, são chamadas de inocentes por todos? Não é verdade que tamanha fraqueza de alma e corpo, tanta ignorância das coisas, tal incapacidade total de regra, nenhum senso de lei tanto natural como escrita, nenhum movimento nem discernimento da razão para parte alguma, tudo isso e o silêncio testemunham melhor do que a nossa palavra proclama e indica? Valha a própria experiência para persuadir-se a si mesma; pois nunca encontro o que dizer, quando a coisa de que se fala é mais evidente do que tudo o que dela se diz.

Não se pode imputar nenhum pecado à vontade das crianças

66 Gostaria que algum sábio me dissesse qual pecado de uma criança recém-nascida ele conhece, mesmo admitindo que ela precisa do batismo para ser redimida; que mal cometeria na sua própria vida, com o próprio ânimo ou próprio corpo. Se for por chorar e incomodar os adultos; surpreende-me que isto seja contado como maldade e não muito mais como tristeza. Será porque não consegue, por nenhuma razão, nem por proibição de alguém, reter o próprio choro? Mas isso vem daquela profundíssima ignorância em que se encontra, pela qual, quando, depois de pouco tempo, até bate na mãe, com raiva, e muitas vezes, quando tem fome, exige os seus seios.

Essas coisas não somente são toleradas nas crianças, mas até mesmo apreciadas, por um sentimento carnal, pelo qual o riso e a brincadeira delas, mesmo depois de crescidas, agradam, até pela falta de seriedade das pessoas sérias. Pensando de certa maneira, se estas provocassem o riso, não seriam mais tolas do que engraçadas?

Vemos os próprios cômicos, vulgarmente chamados de “moriones”, serem trazidos para divertimento das pessoas inteligentes e, na avaliação dos escravos, valerem mais do que as pessoas sensatas. Esse é o valor que tem o sentimento carnal, mesmo de pessoas nada tolas, de se divertir com o mal alheio. E, no entanto, enquanto a tolice alheia é agradável a um, o próprio tolo não quer ser assim.

Se um pai que, com alegria, aguarda e provoca isso no seu filho pequeno e sorridente soubesse, porém, que ele vai continuar assim quando crescer, o lastimaria com mais tristeza do que morto. Mas, enquanto há esperança de ele crescer e se acredita que, com o progresso da idade, ele chegará à luz da inteligência, então, mesmo os gritos das crianças com os pais não somente não são ofensivos, mas até mesmo são gratos e agradáveis. Naturalmente, nenhuma pessoa prudente aprova que as crianças não sejam corrigidas de tais feitos e ditos, quando já podem ser proibidas, nem se aprova,

também, que sejam provocadas a isso, com o desejo de rir e para a vaidade dos adultos.

De fato, o mais das vezes, essa idade já reconhece o pai e a mãe e não ousa falar bobagem a nenhum dos dois, a não ser com a permissão ou ordem de um deles ou de ambos. Essas coisas são próprias das crianças que já sabem falar e que já conseguem expandir os próprios sentimentos do coração, com diversos modos de expressão. Consideremos, antes, a profundíssima ignorância dos recém-nascidos, da qual passaram à provisória linguagem vazia de balbuciar, avançando, progressivamente, para a locução e para a ciência.

De onde vem a ignorância das crianças

67 Consideremos, digo, as trevas da mente mesmo racional, nas quais elas ignoram absolutamente a Deus, a cujos sacramentos resistem, mesmo quando são batizadas; eu pergunto de onde vêm e quando foram mergulhadas nelas. Por acaso, contraíram essas trevas aqui e já nesta sua própria vida, por negligência demais, se esqueceram de Deus e, de fato, já viviam sábias e religiosas, mesmo no ventre das mães? Diga isso quem tiver coragem, ouça quem quiser, creia quem o conseguir; eu, porém, acho que ninguém pode admitir isso, a não ser que a sua mente esteja escurecida pela teimosia em defender a própria opinião. Ou não será que existe um mal de ignorância e que, portanto, precisa ser purificado? Que faz aquela voz: “Não recordes os pecados da minha juventude e ignorância?”^[196] Pois, mesmo que haja pecados mais condenáveis cometidos por quem tem conhecimento, contudo, se não existisse nenhum pecado de ignorância, não se leria o que lembrei: “Não recordes os pecados da minha juventude e ignorância”.

Portanto, por que, ou quando, ou de onde a alma da criança recém-nascida do ventre, alma de pessoa humana, alma racional, não somente sem instrução, mas até mesmo indócil, foi lançada naquelas densíssimas trevas da ignorância em que se encontra? Se faz parte da natureza humana começar assim e essa natureza ainda não é corrompida, por que Adão não foi criado assim? Por que ele era capaz de preceito, podendo impor nomes à esposa e a todos os animais? Pois disse dela: “Ela será chamada de mulher”, e: “Tudo o que Adão chamou de alma viva, este é seu nome”.^[197] Ao invés, este daqui não sabe onde está, o que é, por quem foi criado, de quem nasceu, já é réu de pecado, mesmo antes de ser capaz de preceito.

Envolvido e oprimido por tão profunda escuridão de ignorância, nem é capaz de acordar, como de um sono de uma espécie de embriaguez, para tomar conhecimento, pelo menos por sinais, mas deve esperar, não uma noite só, mas por meses e anos, que ela

passa lentamente. Até acontecer isso, quantas coisas, que é impossível contar, que repreendemos nos adultos, toleramos nas crianças. Se os recém-nascidos já nesta vida contraíram tão grande mal de fraqueza e ignorância, então, onde, quando, como, por qual enorme maldade cometida foram, de repente, envolvidos por trevas tão grandes?

Se Adão não foi criado como nós nascemos, por que Cristo nasceu criança e fraco?

68 Dirá alguém: “Se esta natureza não é pura, mas com sinais de corrupção, porque Adão não foi criado assim? Por que, então, Cristo, muito mais santo e, com certeza, nascido da Virgem, sem nenhum pecado, apareceu gerado nesta fraqueza e idade?”. Respondamos a tal questão: Adão não foi criado assim, porque, não tendo sido precedido pelo pecado de nenhum ascendente, não foi criado na carne do pecado; nós, porém, nascemos na carne do pecado, porque nos precedeu o pecado dele. Cristo, do jeito dele, nasceu na semelhança da carne do pecado e em vista do pecado, para condenar o pecado.^[198]

Quanto a Adão, não se trata aqui do tamanho do corpo, já que não foi criado criança, mas com o perfeito número de membros. Pode ser dito que as ovelhas também foram criadas assim, contudo, não é por causa de algum pecado delas que acontece que nasceram pequenos os seus filhotes; mas, agora, essa questão não me interessa. Trata-se daquela certa capacidade da mente e do uso da razão de Adão, pela qual ele era capaz de assumir docilmente o preceito de Deus, a lei do mandamento e o podia facilmente cumprir se o quisesse.

Atualmente, porém, o homem nasce assim, o que, de maneira alguma, consegue isso, por causa da horrorosa ignorância e da fraqueza, não da carne, mas da mente, apesar de todos confessarmos que uma alma racional da mesma substância do primeiro homem e não de outra, habita na criança; embora eu pense que também essa tão grande fraqueza da carne indique uma não sei qual punição. Intriga saber, se os primeiros homens não tivessem pecado, se eles teriam tido filhos tais que não tivessem o uso da língua, nem das mãos, nem dos pés. Talvez, por causa da capacidade do útero, eles precisassem nascer pequenos; apesar de que Deus tenha feito para o homem uma pequena esposa, não porque a costela é pequena parte do corpo^[199] que ele

desenvolveu em mulher; daí que a onipotência do Criador poderia tornar logo grandes os filhos, apenas de nascidos da mulher.

A ignorância e a fraqueza da criança

69 Mas, passando por cima disso, Deus, com certeza, poderia dar ao homem o que concedeu também a muitos animais, cujos filhotes, mesmo pequenos e sem um avanço de conhecimento junto com o crescimento do corpo, porque não têm uma alma racional, contudo, ainda muito pequenos, correm e reconhecem as mães, e sem serem levados por cuidado e ajuda de fora para mamar, encontram, com admirável facilidade, os peitos colocados em lugar escondido do corpo da mãe. Ao contrário, à criança que nasce, Deus não deu pés capazes de andar, nem mãos hábeis para ao menos coçar e sem que a nutriz ajude, o seio não é introduzido nos lábios imóveis, que nem percebem onde estão e mais poderiam continuar com fome do que sugar os seios deitados ao lado.

Portanto, essa absoluta debilidade corresponde com a limitação da mente. A carne de Cristo não seria semelhante à carne do pecado se não existisse essa carne do pecado, cujo peso a alma racional carrega, tanto se ela foi transmitida pelos pais, como se foi criada nos pais, ou inspirada do alto, cuja discussão deixo para depois.

O pecado é destruído, nas crianças, pelo batismo

70 Certamente, nas crianças, pelo batismo daquele que veio na semelhança da carne do pecado, a graça de Deus faz com que a carne do pecado seja destruída. Anulada não, porém, no sentido de que, na própria carne que vive, a concupiscência derramada e inata desapareça, mas que não ponha obstáculo àquele que morreu, ela que penetrava o nascido. Pois, se após o batismo, a criança sobreviver e conseguir chegar a uma idade capaz de preceito, terá de lutar com ela e, com a ajuda de Deus, terá de vencer, se é que não recebeu em vão a graça de Deus^[200] e se não quiser ser reprovada.^[201] Pois nem aos adultos é concedido no batismo, a não ser talvez por um extraordinário e admirável milagre do Criador onipotente, que a lei do pecado, que habita nos membros e rejeita a lei da mente,^[202] seja totalmente extinta e não exista mais.

Mas, para que todo o mal que o homem fez, disse e pensou, quando estava submetido à concupiscência, seja abolido e considerado como que não feito, ela mesma, dissolvido o vínculo da culpa, pelo qual o diabo, por ela, amarrava a alma e destruído o obstáculo pelo qual o homem estava separado do seu Criador, a própria concupiscência permaneça no combate em que castigamos o nosso corpo e o sujeitamos à servidão,^[203] tanto para ser libertada para os usos lícitos e necessários, como para ser coibida pela continência.

Mas, já que, pelo Espírito divino, que conhece tudo do gênero humano, muito melhor do que nós, tanto as coisas passadas, ou presentes, ou futuras, a vida humana é preconhecida e predita, para que nenhum vivente se justifique diante de Deus,^[204] acontece que, por ignorância ou fraqueza, se não forem empenhadas todas as forças da vontade contra ela, cedamos não poucas coisas a ela, para o erro, tanto mais e frequentemente, quanto piores, ou tanto menos e raramente, quanto melhores somos.

Como, porém, se deve discorrer mais atentamente sobre a questão se pode, se existe, se já existiu ou vai existir um homem

sem pecado nesta vida, fora aquele que disse: “Eis que vem o príncipe do mundo e nada encontrará em mim”,^[205] seja este o termo deste volume, a fim de investigar outras coisas a partir de outro volume.

LIVRO 2

O que será tratado neste livro

1 Caríssimo Marcelino, acho que discutimos suficientemente, no livro precedente, sobre o batismo das crianças, que lhes é conferido para conseguirem não somente o reino de Deus, mas também a salvação e a vida eterna, que ninguém pode ter sem o reino de Deus e sem a união com Cristo salvador, e para a qual ele nos remiu com o seu sangue.^[1]

Neste livro, porém, aceitei desenvolver e resolver, com quanta diligência ou capacidade o Senhor conceder, a questão, se é possível alguém viver neste mundo, se alguém já viveu ou vai viver sem absolutamente nenhum pecado, exceto o único Mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus, “que se entregou a si mesmo em resgate por todos”.^[2]

Se, por necessidade ou oportunidade, for incluída nesta discussão a mesma questão do pecado ou do batismo das crianças, não é de admirar nem de fugir, se respondermos, nesses lugares, como pudermos, a tudo o que reclamar uma resposta nossa.

O livre-arbítrio precisa da graça de Deus

2 A solução, porém, dessa questão da vida do homem, sem nenhum engano ou preocupação com o pecado, é de extrema necessidade, também por causa das nossas orações de cada dia.

Há, de fato, pessoas que presumem tanto do livre-arbítrio da vontade humana, que acham que, uma vez dado à nossa natureza o arbítrio da vontade livre, não precisamos ser ajudados por Deus para não pecar. De onde segue que nem precisamos rezar para não entrar em tentação,^[3] isto é, para não sermos vencidos pela tentação, nem mesmo quando ela engana e preocupa quem não entende ou mesmo quando pressiona e força os fracos.

Porém, não conseguimos esclarecer, com palavras, quão nocivo e perigoso para a nossa salvação que está em Cristo, e contrário ao próprio espírito religioso, que nos penetra e oposto totalmente à piedade com que honramos a Deus, é não rogar ao Senhor para receber tal favor e achar inútil colocar na própria oração do Senhor: “Não nos introduzas na tentação”.^[4]

As obras de misericórdia conseguem a remissão dos pecados

3 Eles parecem perspicazes quando dizem, como se nenhum de nós o soubesse, que, “quando não queremos, não pecamos, e que Deus não ordenaria ao homem nada que fosse impossível à vontade humana”. Mas o que eles não veem bem é que, para superar algumas coisas, seja aquilo que desejamos de mal, seja coisas más que tememos, precisamos de grandes forças e até, de vez em quando, de todas as forças, que Deus previu não empregarmos em tudo perfeitamente, quando quis que fosse dito, com verdade, pelo Profeta: “Nenhum ser vivo justificará a si mesmo diante de Ti”. [5]

Assim, conhecendo o Senhor, em antecedência, o que seríamos no futuro, dignou-se dar e fazer valer, mesmo depois do batismo, alguns remédios saudáveis contra a culpa e os laços dos pecados, a saber, as obras de misericórdia, quando diz: “Perdoai e vos será perdoado; daí e vos será dado”. [6]

Quem migraria desta vida com alguma esperança de conseguir a salvação eterna, se ficasse de pé aquela afirmação de que “todo aquele que observar toda lei, mas falhar numa só coisa, se torna culpado de tudo” [7] e se, logo em seguida, não continuasse: “Falai e agi como aqueles que começam a ser julgados pela lei da liberdade. Pois o julgamento é sem misericórdia para aquele que não tem misericórdia; porém, a misericórdia passa por cima do julgamento”? [8]

Para os batizados não é a própria concupiscência que faz mal, mas o consentimento nela

4 A concupiscência, portanto, que permanece como lei de pecado, [9] nos membros deste corpo de morte, nasce com as crianças. Nas crianças batizadas, desliga-se da culpa, mas fica como combate e não importa em condenação para aqueles que morrem antes do combate. Ela, porém, amarra as crianças não batizadas como culpadas e como filhas da ira [10] e leva à condenação, mesmo se morrerem como crianças. Porém, nos adultos batizados, que já têm o uso da razão, o que a mente consentir à concupiscência, para pecar, é responsabilidade da própria vontade.

Destruídos todos os pecados, desligada também a culpa, que desde a origem os amarrava, a própria concupiscência continua ainda para ser combatida, não fazendo absolutamente nada de nocivo àqueles que não consentem nela para coisas erradas, até que a morte seja absorvida pela vitória [11] e, na perfeita paz, nada mais haja a ser vencido. Porém, ela detém como culpados aqueles que consentem nela para coisas erradas e não forem curados, com o remédio da penitência e com as obras da misericórdia, pelo celeste sacerdote que intercede por nós, [12] levando-os à segunda morte e condenação. [13]

É por isso que, ensinando-nos a rezar, o Senhor, entre outras coisas, exorta a dizer: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos introduzas na tentação, mas livra-nos do mal”. [14] Pois o mal permanece em nossa carne, não pela natureza, em que o homem foi criado por Deus, mas pelo pecado em que, voluntariamente caiu, e, tendo perdido as forças, não sara com a mesma facilidade de vontade com que foi ferido. O Apóstolo diz a respeito desse mal: “Sei que o bem não habita na minha carne”. [15] Ele nos ordena a não obedecer a esse mal, quando diz: “Portanto, não reine o pecado no vosso corpo mortal para obedecer aos desejos da carne”. [16]

Se, por inclinação da vontade, consentimos em coisas proibidas da concupiscência da carne, para curá-lo, dizemos: “Perdoa-nos as nossas dívidas”,^[17] ajuntando o remédio das obras de misericórdia, quando acrescentamos: “Assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.^[18] Porém, a fim de não consentir nela, imploramos ajuda, dizendo: “E não nos introduzas em tentação” – ou, como alguns códices trazem: “Não nos induzas em tentação –, pois Deus não é tentado pelo mal, e ele não tenta ninguém”,^[19] mas, a fim de não sermos abandonados pela sua ajuda, no caso de começarmos a ser tentados e com ele possamos vencer, para não sermos atraídos e seduzidos,^[20] acrescentamos depois, o que se cumprirá no final, quando o mortal for absorvido pela vida:^[21] “Mas livra-nos do mal”.^[22] Então, não haverá mais tal concupiscência com a qual combater e em que recebemos ordem de não consentir.

Tudo o que foi apresentado pode ser resumido no pedido de três benefícios: “Perdoa-nos aquilo para o qual fomos arrastados pela concupiscência; ajuda que não sejamos arrastados pela concupiscência; tira de nós a concupiscência”.

Deus dá o que ordena

5 Deus não nos ajuda a pecar; porém, sem a ajuda de Deus, não conseguimos fazer o justo ou cumprir o preceito da justiça de maneira perfeita.

Como o olho do corpo não é ajudado pela luz para se afastar da luz, fechando-se ou desviando-se dela, mas é ajudado por ela para enxergar e não o consegue absolutamente, se ela não ajudar, assim também Deus, luz do homem interior, ajuda o olhar da nossa mente para agirmos bem segundo a sua justiça e não segundo a nossa. Se nos afastamos dele, é responsabilidade nossa, e então agimos conforme a carne e consentimos com as coisas erradas da concupiscência da carne.^[23] Deus, portanto, ajuda quem se volta para ele e abandona quem se afasta. Mas ele ajuda também para nos convertermos, o que, certamente, a luz não faz para os olhos do corpo.

Portanto, quando nos ordena, dizendo: “Convertei-vos para mim e eu me converterei para vós”;^[24] e nós lhe dizemos: “Converte-nos, Deus da nossa salvação”,^[25] e: “Converte-nos, Deus dos exércitos”,^[26] que dizemos, senão: “Concede o que ordenas”? Quando ordena, dizendo: “Entendei, portanto, vós, insensatos do povo”,^[27] e nós lhe dizemos: “Dá-me inteligência para aprender os teus mandamentos”,^[28] que dizemos senão: “Dá o que ordenas”? Quando ordena, dizendo: “Não sigas as tuas concupiscências”^[29] e nós lhe dizemos: “Sabemos que ninguém pode ser continente se Deus não lhe conceder”,^[30] que dizemos, senão: “Dá o que ordenas”? Quando ordena dizendo: “Praticai a justiça”^[31] e nós lhe dizemos: “Ensina-me a tua justiça”,^[32] que dizemos senão: “Dá o que ordenas”? Da mesma forma, quando diz: “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”,^[33] de quem devemos pedir o alimento e a bebida da justiça a não ser daquele que prometeu a saciedade a quem tem fome e sede dela?

A liberdade e a oração

6 Afastamos, portanto, dos nossos ouvidos e das nossas mentes aqueles que dizem que, uma vez recebido o arbítrio da vontade livre, não devemos nem rezar para que Deus nos ajude a não pecar. Com tais trevas, não estava cego nem aquele fariseu que, apesar de errar por pensar que nada lhe faltava para a justiça e se julgava já plenamente saturado dela, contudo dava graças a Deus, porque não era como os outros homens, injustos, ladrões, adúlteros, como aquele publicano, porque jejuava duas vezes no sábado, porque dava o dízimo de tudo o que possuía.

Já não pedia nada mais para a justiça, mas, dando graças a Deus por tudo o que tinha, reconhece ter recebido tudo dele. E mesmo assim, foi reprovado, seja porque, como que satisfeito, não pedia que recebesse nenhum alimento de justiça, seja porque se achava melhor do que o publicano, que ele insultava, mas que tinha fome e sede de justiça.^[34] Que acontecerá, então, com aqueles que reconhecem não ter a justiça ou não tê-la plenamente, e mesmo assim, presumem não dever suplicá-la do seu Criador, em quem se encontra o depósito e a fonte dela, para possuí-la?

Não se trata, porém, nessa questão, só de pedir, imaginando que, para viver bem, não seja necessário também o empenho da própria vontade. É dito que “Deus é a nossa ajuda”,^[35] mas somente pode ser ajudado quem espontaneamente tenta algo, porque Deus não opera a nossa salvação com pedras sem juízo ou com aquelas coisas que a natureza não dotou de razão e vontade. Porque, porém, Deus ajuda este e não aquele; ajuda tanto a um, a outro, porém, nem tanto; ajuda este de um modo e o outro, de outro modo; tudo depende tanto da natureza do segredo da sua justiça, como da excelência do seu poder.

Primeira questão: se pode existir um homem sem pecado nesta vida

7 Não se deve logo opor, com imprudente temeridade, àqueles que afirmam poder existir, nesta vida, uma pessoa sem pecado. Pois se o negarmos, estaremos derogando ao livre-arbítrio do homem que o deseja, com a sua vontade e pela força e pela misericórdia de Deus, que, com a sua graça, realiza essa possibilidade. Mas, uma questão é, se pode existir; outra é, se existe; uma questão é: se não existe, quando pode existir, então, por que não existe? Outra questão é: se não somente existe alguém que nunca teve pecado, mas também se poderia um dia existir ou se já existiu.

Nessas quatro questões, se me perguntassem se pode existir, nesta vida, um homem sem pecado, afirmo que pode, pela graça de Deus e com o seu livre-arbítrio: não hesitando em dizer que o próprio livre-arbítrio pertence à graça de Deus, aos dons de Deus, não somente para existir mas para que seja bom, isto é, se converta para cumprir os mandamentos do Senhor. Assim, a graça de Deus não somente mostra o que deve ser feito, mas também ajuda para que possa ser feito o que mostrou.

Que temos que não recebemos? Por isso, diz Jeremias: “Senhor, eu sei que o homem não é senhor do seu caminho e não é capaz de caminhar e dirigir os seus passos”.^[36] Por isso, também, alguém diz a Deus nos Salmos: “Tu ordenaste que os teus mandamentos sejam cumpridos fielmente”.^[37] Não presumindo de si mesmo, logo, deseja conseguir fazer: “Que os meus caminhos sejam dirigidos para cumprir os teus mandamentos! Então, não ficarei envergonhado quando olhar todos os teus mandamentos”.^[38]

Quem desejaria alguma coisa que tem a possibilidade de fazer e que, para o fazer, não precisa de ajuda alguma? Em seguida, mostra claramente a quem pediu, já que, fora de Deus, nada vem da sorte ou do acaso e de outro qualquer: “Dirige meus caminhos segundo a tua palavra, para que não me domine a iniquidade”.^[39] Libertam-se da escravidão de tão nefanda senhora aqueles a quem, tendo recebido o Senhor Jesus, ele concedeu “o poder de se

tornarem filhos de Deus”.^[40] Libertar-se-iam dessa horrenda escravidão aqueles a quem diz: “Se o Filho vos libertar, então sereis verdadeiramente livres”.^[41]

Com esses e outros inúmeros testemunhos semelhantes, afirmo, sem duvidar: que Deus não ordena ao homem nada de impossível e que nada impossibilita a Deus de socorrer e ajudar para que seja feito o que ele ordena. Por isso, se quiser, ajudado por Deus, o homem pode ser sem pecado.

Segunda questão: se existe alguém sem pecado nesta vida

8 Se, porém, pergunta-se, o que coloquei em segundo lugar, se existe uma pessoa sem pecado, não creio. Creio mais na Escritura, que diz: “Não entres em julgamento com o teu servo, porque nenhum ser vivo é justo diante de ti”.^[42] Por isso, a misericórdia de Deus, que passa por cima do julgamento, é necessária, mas não será para quem não tem misericórdia.^[43] E quando diz o Profeta: “Disse: acusar-me-ei do meu pecado, proclamarei o meu pecado contra mim ao Senhor, e tu perdoaste a impiedade do meu coração”,^[44] logo acrescenta: “Por isso, no momento oportuno, todo santo vai rezar a ti”;^[45] portanto, não diz “todo pecador”, mas “todo santo”; pois é palavra de todos os santos: “Se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós”.^[46]

Por isso, no Apocalipse do mesmo apóstolo, aqueles “cento e quarenta e quatro mil santos que também não se contaminaram com mulheres – pois permaneceram virgens –, e em quem não se encontra mentira, pois são irrepreensíveis”,^[47] são irrepreensíveis porque, na verdade, eles mesmos se repreenderam; por isso, “não se encontrou mentira em sua boca”, porque, se dissessem que não têm pecado, enganariam a si mesmos e a verdade não estaria neles e porque está a mentira onde não está a verdade, já que o justo, que no começo da palavra se acusa, não mente.^[48]

Não se adquire a perfeição imediatamente

9 Uma vez que está escrito: “Aquele que nasceu de Deus não peca e não pode pecar, porque permanece nele a sua semente”, [49] e se coisa semelhante é dita, eles se enganam muito não considerando bastante as Escrituras.

Não percebem que se tornam filhos de Deus aqueles que começam a viver na novidade do espírito e a renovar-se no homem interior, segundo a imagem daquele que os criou. [50] Pois não é que, a partir da hora em que foi batizado, desaparece toda a sua antiga fraqueza, mas a renovação começa pela remissão de todos os pecados e, se já tem algum conhecimento, com quanto já conhece; outras coisas acontecem na esperança, até se tornarem realidade, quando da renovação do próprio corpo, na condição melhor de imortalidade e incorrupção, com a qual seremos vestidos na ressurreição dos mortos. Pois também a ela o Senhor chama de regeneração, não igual àquela que acontece pelo batismo, mas aquela em que o que agora começa no espírito será levado à perfeição também no corpo; diz: “Na regeneração, quando o filho do homem sentar-se no trono da sua majestade, sentareis também vós, em doze tronos, julgando as doze tribos de Israel”. [51] Pois, apesar de no batismo acontecer a total e plena remissão dos pecados, contudo, se acontecesse imediatamente também a total e plena transformação na novidade eterna – não digo também no corpo que, evidentemente ainda tende para a antiga corrupção e morte, até depois ser renovado no fim, quando, deveras, acontecerá a novidade total; mas, fora o corpo, se no próprio ânimo, que é o homem interior, acontecesse no batismo a perfeita novidade –, o Apóstolo não diria: “Mesmo que se corrompa o nosso homem exterior, o homem interior se renova de dia em dia”. [52]

Na verdade, quem ainda se renova de dia em dia, ainda não é todo renovado; e quanto ainda não é renovado, tanto ainda está no antigo. Portanto, pelo fato de ainda estarem no antigo, apesar de já serem batizados, resta também que ainda são filhos do mundo;

porém, também pelo fato de estarem na novidade, por causa da plena e perfeita remissão dos pecados e pelo tanto que conhecem espiritualmente e têm costumes de acordo com isso, são filhos de Deus.^[53]

Interiormente, despimos o homem velho e vestimos o novo, porque aí depusemos a mentira e falamos a verdade e as outras coisas com que o Apóstolo explica o que significa despir o homem velho e vestir o novo, “que foi criado segundo Deus na justiça e na santidade da verdade”.^[54] É para fazer isso que exorta os já batizados e fiéis: se isso já tivesse acontecido perfeitamente no batismo, eles não deviam ainda ser admoestados. Contudo, aconteceu que fomos salvos; pois “ele nos salvou pelo banho da regeneração”.^[55] Em outro lugar diz como isso aconteceu e diz: “Não somente isto, mas também temos as primícias do Espírito e gememos em nós mesmos aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo. Fomos salvos em esperança; a esperança, porém, que já se vê, não é esperança; o que alguém vê, por que o espera? Se, porém, esperamos o que não vemos, nós o aguardamos pela paciência”.^[56]

A perfeição terrena nunca é total

10 Portanto, a plena adoção dos filhos acontecerá também na redenção do nosso corpo. Assim, temos agora as primícias do Espírito e, portanto, já somos realmente filhos de Deus; outras coisas, porém, temos em esperança, como ter sido salvos e renovados; assim, somos filhos de Deus; realmente, porém, porque ainda não fomos salvos, ainda não fomos plenamente renovados, também ainda não somos filhos de Deus, mas, filhos do mundo. Portanto, progredimos na renovação e na vida justa porque somos filhos de Deus e pelo que não podemos absolutamente pecar, até que tudo seja transformado nisso, até mesmo o fato de sermos ainda filhos do mundo. Por causa dessa realidade, ainda podemos pecar.^[57]

Assim acontece: aquele que nasceu de Deus não peca; ao mesmo tempo, se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós.^[58] Portanto, que sejamos filhos da carne e do mundo, isso desaparecerá, para nos tornarmos filhos de Deus e renascidos pelo espírito^[59], chegando à perfeição. Por isso, o mesmo João diz: “Amadíssimos, somos filhos de Deus e ainda não apareceu o que seremos”.^[60] Que significa “somos” e “seremos” senão que somos em esperança e seremos na realidade? Pois, em seguida, diz: “Sabemos que, quando aparecer, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é”.

Portanto, agora, tendo as primícias do Espírito, já começamos a ser semelhantes e, ao mesmo tempo, ainda somos dissemelhantes, por causa do que resta do que é velho. Portanto, somos semelhantes visto que, pela regeneração do Espírito, somos filhos de Deus; somos dissemelhantes visto que somos filhos da carne e do mundo. Pelo fato de que somos filhos de Deus, não podemos pecar; por sermos filhos da carne e do mundo, se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos;^[61] até que tudo passe para a adoção e não haja mais pecador e “procure o seu lugar e não encontres”.^[62]

Objeção dos pelagianos: por que um justo não gera um justo

11 Em vão alguns argumentam e dizem: “Se um pecador gerou um pecador, de maneira que, para a criança a culpa do pecado original seja apagada pela recepção do batismo, então, um justo deveria gerar um justo”. Como se alguém gerasse carnalmente, pelo fato de ser justo e não, pelo fato de ser movido nos seus membros pela concupiscência e a lei do pecado, ser movido pela lei da mente a serviço da propagação.^[63] Portanto, gera porque passa o que ainda é antigo entre os filhos do mundo e não por causa daquilo que leva à novidade entre os filhos de Deus. Pois os filhos “deste mundo geram e são gerados”.^[64]

Por isso, é assim o que nasce, porque “o que nasce da carne é carne”.^[65] Os justos não são somente filhos de Deus. Não é como filhos de Deus que geram pela carne, porque eles mesmos nasceram pelo Espírito e não pela carne. Mas os que dentre eles geram, geram pela carne, pelo fato de que ainda não transformaram todos os restos do que é velho na novidade perfeita. Por isso, qualquer filho que nasce no jeito antigo e fraco, necessariamente é antigo e fraco; e por isso mesmo, ele também precisa ser renovado no espírito para outra geração, pela remissão do pecado.

Se isso não acontecer nele, de nada lhe adianta um pai justo; pois ele é justo pelo espírito, pelo qual não o gerou. Se, porém, isso acontecer com ele, isto é, ser renovado no espírito, em nada lhe faz mal um pai injusto; pois passou, pela graça espiritual, para a esperança da novidade eterna; enquanto aquele pai, pela sua mente carnal, permanece todo no que é velho.

*Nem mesmo os santos, segundo a Escritura, foram sem pecado:
Noé*

12 O testemunho que diz: “Quem nasceu de Deus não peca”^[66] não contradiz o outro testemunho, pelo qual se diz aos já nascidos de Deus: “Se dissermos que não temos pecado, nos enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós”.^[67]

Enquanto o homem, apesar de totalmente renovado em esperança e parcialmente renovado na realidade pela regeneração espiritual, contudo, ainda carrega o corpo que se corrompe e pesa sobre a alma,^[68] deve-se distinguir na mesma pessoa, aquilo pelo qual pertence e aquilo pelo qual é dito pertencer. Pois, penso eu, não é fácil a Escritura dar um testemunho da justiça de alguém, maior do que o testemunho que dá de três servos de Deus: Noé, Daniel e Jó, que Ezequiel diz serem os únicos capazes de escapar de uma iminente ira de Deus,^[69] fazendo os três prefigurarem três tipos de pessoas que se libertam: Noé, conforme o meu parecer, prefigura os justos chefes dos povos, por causa do governo da arca, símbolo da Igreja; Daniel prefigura os justos continentes; Jó prefigura os justos casados; mas, se, por acaso houver outra interpretação, não é necessário discutir sobre isso.

Na verdade, aparece claramente, por esse testemunho profético e por outros testemunhos divinos, o quanto eles sobressaíram pela justiça.^[70] Nem por isso uma pessoa sóbria dirá que não é pecado a embriaguez, que se insinuou em tão grande homem; pois, como lemos, de vez quando, ficava embriagado, apesar de não ser, de forma alguma, um bêbado.^[71]

Daniel

13 Após a oração que fez a Deus, Daniel diz de si mesmo: “Quando orava, confessava ao Senhor meu Deus os meus pecados e os pecados do meu povo”.^[72] Por isso, se não me engano, pelo acima lembrado Ezequiel, é dito a uma pessoa soberba: “Por acaso és mais sábio do que Daniel?”.^[73]

Aqui não se pode dizer o que alguns argumentam contra a oração do Senhor, dizendo que “mesmo que os santos já perfeitos apóstolos, que não tinham nenhum pecado, rezassem a oração dominical, contudo, rezavam não por eles mesmos, mas pelos imperfeitos e ainda pecadores, quando diziam: Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.^[74] “Assim, dizem eles, os apóstolos, dizendo ‘nossas’, demonstravam estarem no mesmo único corpo tanto aqueles que ainda tinham pecados, como eles, que de nenhuma parte tinham pecado”.

Com certeza, não se pode dizer isso de Daniel, que, acho eu, como profeta, prevendo no futuro tal presunção, tendo dito muitas vezes na oração “pecamos”, não nos explicou porque dizia isso, como se tivéssemos de ouvir: “Quando rezava e confessava ao Senhor meu Deus os pecados do meu povo”.^[75] Ele também não diz, sem fazer distinção, a ponto de ficar incerto se quer significar a sociedade de um corpo: “Quando confessava ao Senhor Deus meu os nossos pecados”; mas, fazendo toda a distinção e até preocupado com essa distinção e a sublinhando insistentemente, diz: “Os meus pecados e os pecados do meu povo”.

Somente pode ir contra essa evidência quem tem mais prazer em defender o que pensa do que em procurar o que deve pensar.

Jó

14 Vejamos o que o próprio Jó diz, após tão grande testemunho de justiça sobre ele. Ele diz: “Na verdade sei, porque é assim. Como ficará alguém justo diante do Senhor? Pois, se quisesse discutir com ele, não poderia obedecer-lhe.”^[76] Logo depois: Quem seria contrário ao seu julgamento? Mesmo que eu for justo, a minha boca falará mal”.^[77] De novo, depois: “Sei que não me mandará embora sem punir-me. Já que sou ímpio, por que não sou morto? Mesmo que puro como a neve e limpo de mãos limpas, me banhaste na sujeira”.^[78]

Também noutra sua conversa: “Porque sentenciaste coisas más contra mim e me vestiste com os pecados da minha juventude e colocaste em prisão os meus pés, investigaste todas as minhas obras e observaste as raízes dos meus pés, que envelhecem como um odre ou como uma veste comida pelas traças. Pois o homem nascido de mulher dura pouco tempo e está cheio de ira e murchou como a flor que murcha, como a sombra que desaparece. E quiseste ainda que uma criatura destas viesse a juízo. Quem estará limpo de sujeira? Ninguém, nem se a vida dele fosse só de um dia”.^[79] Pouco depois diz: “Contaste todas as minhas necessidades e nada dos meus pecados te ficou escondido. Sigilaste os meus pecados numa bolsa e anotaste se eu cometo alguma coisa sem querer”.^[80]

Aí está também Jó, que confessa os seus pecados e diz saber que ninguém é justo diante do Senhor. E ele, de verdade, o sabe, porque, se dissermos que não temos pecado, a própria verdade não está em nós.^[81] Portanto, é conforme a maneira humana de viver que Deus dá tão grande testemunho de justiça sobre ele; ele, porém, medindo-se a si mesmo, segundo aquela régua de justiça que, quanto é capaz, ele vê em Deus, na verdade, sabe que é assim e acrescenta: “Como é possível alguém achar-se justo diante de Deus? Se quisesse discutir com ele, não lhe pode obedecer”,^[82]

isto é, “se aquele que deve ser julgado quisesse mostrar que não se encontra em si mesmo do que condenar, não lhe pode obedecer”; pois perde até aquela obediência pela qual poderia obedecer a quem lhe ordena que os pecados devem ser confessados.

Por isso, repreende alguns, dizendo: “Porque quereis discutir comigo em juízo?”.^[83] Antecipando, diz: “Não venhas em julgamento com teu servo, porque nenhum ser vivo se considera justo diante de ti”.^[84] Por isso, diz Jó: “Quem se oporá ao seu juízo? Mesmo que fosse justo, a minha boca falaria mal”.^[85] Isto é, se eu me dissesse justo contra o juízo dele, em que aquela régua de justiça me convence de ser injusto, de fato “a minha boca falaria mal”, porque falaria contra a verdade de Deus.

Jó, “filho da ira”

15 Mostrando a própria fragilidade, ou melhor, a condenação da geração carnal, derivada da transgressão do pecado original, quando trata dos seus pecados, quase buscando as suas causas, ele diz que o homem nascido de mulher tem pouco tempo de vida e é cheio de ira.^[86]

De que ira se trata a não ser daquela de que, como diz o Apóstolo, todos “naturalmente”, isto é, originalmente, são “filhos da ira”,^[87] porque são filhos da concupiscência da carne e do mundo? Mostra que, logicamente, a própria morte do homem pertence a essa ira. Pois, quando dizia: “Vive pouco tempo e é cheio de ira”, acrescenta também: “E desaparece como a flor que brota e fenece, como a sombra, não permanece”. Porém, quando acrescenta: “E mesmo a um desses fizeste comparecer no teu juízo? Quem estará limpo de sujeira. Ninguém, nem que sua vida durasse só um dia”,^[88] na verdade, diz: “Fizeste comparecer no teu juízo um homem de vida breve. Mesmo que fosse breve a sua vida, mesmo só de um dia, não poderia estar limpo de sujeira e por isso, com muita justiça virá ao teu juízo. Porém, aquilo que diz: Contaste todas as minhas necessidades e nada dos meus pecados te ficou escondido; sigilaste os meus pecados numa bolsa e anotaste se cometi algo sem querer”,^[89] não foi bastante descobrir, para os imputar justamente, também aqueles pecados que não são cometidos pela atração do prazer, mas, em vista de evitar algum incômodo, dor ou morte? Pois também esses pecados são considerados cometidos por alguma necessidade, enquanto tudo deve ser superado por amor e prazer da justiça.

Também aquilo que se diz: “Anotaste se cometi algo sem querer”^[90] parece pertencer àquela frase com que é dito: “Não faço o que quero, mas faço o que odeio”.^[91]

Jó repreende a si mesmo

16 Por que o próprio Senhor, que dera testemunho a respeito dele, dizendo também a Escritura, isto é, o Espírito de Deus: “No meio de tudo o que aconteceu, ele não pecou diante do Senhor com os seus lábios”,^[92] contudo, em seguida, quando Ihe fala, fala repreendendo-o, como o próprio Jó testemunha: “Por que sou ainda julgado, ouvindo advertências e repreensões do Senhor?”.^[93] Ora, ninguém é repreendido justamente a não ser aquele em quem há algo que mereça repreensão.

E qual é essa repreensão, que deve ser entendida como alusão à pessoa do Senhor Cristo? Sob a afirmação repreensiva, enumera-lhe as obras divinas do seu poder, que parece estar ele dizendo: Por acaso és capaz destas coisas tão grandes, que eu posso? A que serve isso, senão para que Jó entenda – e, isso também creio, que Ihe foi inspirado, para que soubesse em antecedência que Cristo iria à paixão –, entenda, então, como deva suportar o que suportou com serenidade, uma vez que Cristo, em quem nenhum pecado esteve, em quem, como Deus, habitava tamanha potência, quando se fez homem por nossa causa,^[94] de maneira alguma recusou a obediência da paixão? Entendendo isso com uma compreensão purificada do coração, Jó acrescentou à sua resposta: “Antes eu te ouvia, agora meus olhos te veem. Por isso, repreendi a mim mesmo e me desfiz e me considerei terra e cinza”.^[95]

Por que, com tamanha compreensão, se desgostou assim? Pois com certeza não poderia desagradar-lhe a obra de Deus, pela qual ele existia, quando é dito ao próprio Deus: “Não desprezas as obras de tuas mãos”.^[96] Mas, na verdade, segundo aquela justiça, pela qual se considerava justo, ele repreendeu a si mesmo, desfiz-se e se julgou terra e cinza, contemplando com a mente a justiça de Cristo, em cuja divindade não podia haver pecado algum, nem na alma, nem na carne.

Segundo tal justiça, que vem de Deus, também Paulo apóstolo considerou como não somente prejuízo, mas até mesmo como

sujeira o que ele era, pessoa sem nenhuma queixa, segundo a justiça que vem da lei.^[97]

Ninguém é justo em tudo

17 Portanto, aquele testemunho excelente de Deus, pelo qual Jó foi elogiado, não contradiz o testemunho que diz: “Nenhum ser vivo se considera justo diante de ti”,^[98] pois não convence não haver nada na pessoa, pelo qual possa ser repreendida, com razão, por si mesma ou, com justiça, pelo Senhor Deus, apesar de já ser um justo e verdadeiro adorador de Deus e, sem mentira, alheio às más obras. São de Deus estas palavras sobre ele: “Observaste meu servo Jó? Não há ninguém na terra semelhante a ele, irrepreensível, justo, verdadeiro adorador de Deus, alheio a qualquer obra má”.^[99]

Com as primeiras palavras, ele é elogiado por comparação com os homens que estão na terra; e, portanto, superava todos os que, então, podiam ser justos na terra. Nem por isso, não tinha absolutamente nenhum pecado, porque antecedia a todos no progresso da justiça. Acrescenta depois “irrepreensível”, de cuja vida ninguém podia se queixar; “justo”, porque tinha progredido em tanta honestidade de costumes, que ninguém podia igualar-se a ele; “verdadeiro adorador de Deus”, porque era também verdadeiro e humilde confessor dos próprios pecados; “alheio a qualquer obra má”, é de admirar, se alheio também a qualquer palavra e pensamento mau.

Não sabemos de que tamanho era Jó; mas sabemos que era justo, sabemos também que era grande em suportar horríveis tentações de tribulações; sabemos que ele suportou tudo aquilo não por causa de pecados, mas para que se manifestasse a sua justiça. Na verdade, as palavras com as quais é elogiado pelo Senhor poderiam ser ditas também daquele que se comprazia na lei de Deus, segundo o homem interior^[100] e que, porém, via outra lei nos seus membros, rejeitando a lei da sua mente, especialmente porque diz: “Não faço o bem que quero, mas o mal que odeio é o que faço. Se, porém, faço o mal que odeio, então, já não sou eu que o faço, mas o pecado que habita em mim”.^[101]

Este também é alheio a qualquer obra má, segundo o homem

interior, porque quem age não é ele, mas o mal que habita na carne dele, e, contudo, visto que aquilo mesmo pelo qual se compraz na lei de Deus, ele somente o tem pela graça de Deus; necessitando ainda da libertação, clama: “Coitado de mim! Quem me libertará do corpo desta morte? A graça de Deus por Jesus Cristo Senhor nosso”. [102]

A perfeita justiça humana é imperfeita

18 Existem na terra homens justos, grandes, fortes, prudentes, continentos, pacientes, piedosos, misericordiosos, homens que suportam, com paciência, todos os males por causa da justiça; mas, se é verdade, porque é mesmo verdade: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos”^[103] e: “nenhum ser vivo se pretende justo diante de ti”,^[104] então, eles não são sem pecado e nenhum deles seria tão arrogantemente louco para pensar que não precisa rezar a oração do Senhor por quaisquer pecados seus.

A perfeição do sacerdote Zacarias

19 Àqueles que, muitas vezes, se opõem a nós nas discussões dessa questão, que devemos dizer de Zacarias e Isabel, senão que a Escritura testemunha com clareza que Zacarias sobressaía pela justiça, entre os sumos sacerdotes, encarregados de oferecer os sacrifícios do Antigo Testamento? Porém, lemos, na epístola escrita aos Hebreus, o testemunho que já colocamos no primeiro livro, que só Cristo é o sumo sacerdote,^[105] que não tinha necessidade, como aqueles que se diziam sumos sacerdotes, de oferecer, todos os dias, sacrifício, em primeiro lugar, pelos próprios pecados, e, em seguida, pelo povo. “Pois”, diz, “convinha-nos ter tal sumo sacerdote, justo, sem maldade, sem contaminação, separado dos pecadores, colocado mais alto que os céus, não tendo a diária necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer sacrifício em primeiro lugar pelos seus pecados”.^[106]

Entre esses sacerdotes, havia Zacarias, e também Fineias, Aarão, a partir de quem iniciou esta ordem, e todos os outros que, naquele sacerdócio, viveram louvável e justamente, e que, contudo, tinham necessidade de oferecer sacrifício em primeiro lugar pelos seus pecados, existindo só Cristo, de quem, futuramente, carregavam a figura, que, como sacerdote incontaminado, não tinha essa necessidade.^[107]

Zacarias e Isabel são comparados com Paulo apóstolo

20 Que é dito de louvável de Zacarias e Isabel, que não está incluído naquilo que o Apóstolo confessou de si mesmo, quando ainda não acreditava em Cristo? Pois disse “que ele era sem nenhuma repreensão, segundo a justiça da lei”.^[108] Isto se lê deles: “Ambos eram justos diante de Deus, caminhando em todos os mandamentos e juízos do Senhor, sem repreensão”.^[109] Como, porém, tudo o que era de justiça neles não era para aparecer aos homens, por isso é dito: “Diante de Deus”. O que foi escrito sobre Zacarias e Isabel: “em todos os mandamentos e juízos do Senhor”, ele diz, resumidamente: “na lei”. Pois não existe, antes do Evangelho, uma lei para eles e outra para este; mas, uma única e mesma, entendida como dada por Moisés aos pais deles e também segundo a qual Zacarias era sacerdote e oferecia sacrifício no seu turno.

O Apóstolo, contudo, que tinha, então, a mesma justiça, continua e diz: “O que era para mim lucro, por causa de Cristo considerei prejuízo. De fato, julgo que tudo é prejuízo em vista do eminente conhecimento de Cristo Jesus nosso Senhor, por causa de quem considerei tudo não somente prejuízo, mas, mesmo esterco, para ganhar a Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas aquela que é pela fé em Cristo, justiça que vem de Deus pela fé, a fim de conhecer a ele e a força da sua ressurreição e a comunhão com a sua paixão, conformado à morte dele, para deste modo chegar à ressurreição dos mortos”.^[110]

Admitir, por causa daquelas palavras, que Zacarias e Isabel tivessem alcançado a perfeita justiça, sem pecado algum, está tão longe quanto pensarmos que o próprio Apóstolo fosse perfeito, chegando ao ápice, não somente naquela justiça da lei, que ele tinha em comum com eles, e que ele coloca entre prejuízos e esterco, em comparação com a altíssima justiça que está na fé em Cristo, mas também no próprio Evangelho, em que mereceu o primado de tão grande apostolado, o que eu não teria coragem de

dizer se não julgasse um verdadeiro crime não acreditar nele.

No mesmo lugar, continuando, ele acrescenta: “Não que eu já tenha alcançado ou já seja perfeito; porém, continuo para ver se o alcanço, no que já fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não acho que já o alcancei; somente, porém, esquecendo-me do que fica para trás, estendendo-me para as coisas que estão adiante, conforme o objetivo, prossigo para o prêmio da vocação celeste de Deus, em Cristo Jesus”.^[111]

Ele mesmo confessa ainda não ter alcançado, ainda não ser perfeito na plenitude da justiça, que ele deseja alcançar em Cristo, mas ainda seguir, conforme o desejo, esquecido do passado, estendendo-se para as coisas que estão na frente, a fim de que saibamos que a ele também toca o que diz: “Mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, o homem interior se renova de dia em dia”,^[112] apesar de ser um perfeito caminheiro, mesmo que ainda não fosse um que alcançou a perfeição da própria caminhada.

Finalmente, ele quer atrair consigo, nessa caminhada, tais companheiros, a quem logo diz, por acréscimo: “Todos quantos somos perfeitos pensemos assim. E se pensais de modo diferente, Deus vos revelará isto, no entanto, continuemos a caminhar do ponto a que chegamos”.^[113] Essa caminhada não se faz com os pés do corpo, mas com os desejos da mente e os costumes da vida, a fim de serem perfeitos possuidores da justiça, aqueles que no caminho reto da fé, progredindo de dia em dia, pela sua renovação, já se tornaram perfeitos caminheiros da justiça.^[114]

Todos devem rezar para serem perdoados

21 Assim, portanto, todos aqueles que foram elogiados pelos testemunhos das divinas Escrituras e todos os que lhes são semelhantes e viveram depois deles, apesar de não serem elogiados e louvados pelos mesmos testemunhos ou vivem mesmo agora ou viverão no futuro, todos são grandes, todos justos, todos são verdadeiramente louváveis; mas não são sem algum pecado, porque, pelos testemunhos das Escrituras, que acreditamos nos elogios deles,^[115] cremos também que nenhum ser vivo pretende ser justo diante de Deus, que assim, a oração dominical, que ele transmitiu aos seus discípulos, é necessária, não somente universalmente, para todos os fiéis, mas também para cada um, pedindo que ele não venha em juízo com os seus servos.

A perfeição relativa e a perfeição, simplesmente

22 Mas diz o Senhor: “Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”^[116], e dizem eles: “Não ordenaria isto se soubesse que é impossível acontecer o que ordena”. Não se investiga, agora, se é possível acontecer, entendendo essa perfeição como alguém levando esta vida sem nenhum pecado – pois acima já respondemos que pode acontecer –, mas o que investigamos agora é se alguém de fato o faz.

Os testemunhos enormes das Escrituras, acima referidos, declaram que já foi antes previsto que não existe ninguém que deseja a perfeição quanto a realidade exige. Contudo, quando se fala de perfeição de alguém, deve-se ver de que se está falando. Pois, pouco antes, coloquei um testemunho tirado do Apóstolo, em que confessa que ele ainda não é perfeito, na acepção de justiça, que ele deseja; e, contudo, logo diz: “Todos quantos somos perfeitos, pensemos assim”.^[117]

Ele não diria ambas essas coisas a não ser que numa coisa ele é perfeito e noutra, não. Como se alguém já foi perfeito ouvinte da sabedoria – o que ainda não eram aqueles a quem dizia: “Dei-vos leite como bebida, não alimento; ainda não podíeis, mas nem ainda agora podeis”.^[118] A eles diz também isto: “Falamos de sabedoria entre os perfeitos”,^[119] querendo, naturalmente, entender de perfeitos ouvintes; pode, portanto, acontecer, como disse, que alguém já seja perfeito ouvinte da sabedoria, de que ainda não seja também perfeito mestre.

Alguém pode ser um perfeito conhecedor da justiça, e ainda não ser um perfeito praticante; alguém pode ser perfeito em amar os inimigos, mas ainda não perfeito em sofrer. Aquele que é perfeito porque ama todos os homens, visto que chegue a amar também os inimigos, pergunta-se se já é perfeito no próprio amor, isto é, se aqueles que ele ama, ele os ama tanto quanto a imutável regra da verdade prescreve que ame.

Quando, portanto, se lê nas Escrituras da perfeição de alguém,

não se deve esquecer de ver de que perfeição se trata, pois não é pelo fato de alguém ser perfeito em alguma coisa, que necessariamente se entenda ser sem pecado. E mesmo assim, é dito perfeito porque em grandíssima parte progrediu, apesar de poder ainda progredir, como alguém que pode ser dito perfeito na doutrina da lei, apesar de alguma coisa ainda ficar desconhecida; como o Apóstolo chamava de perfeitos aqueles a quem, contudo, dizia: “Se em algo pensais de modo diferente, isto Deus vo-lo mostrará; contudo, caminhemos do ponto a que chegamos”. [120]

Por que Deus ordena aquilo que ele sabe que os homens não podem observar

23 Não se deve negar que Deus nos ordena sermos tão perfeitos em fazer a justiça que não cometamos nenhum pecado. Aliás, nem será pecado algo que Deus não proibiu fazer. Aí, eles dizem: “Por que, então, ele ordena o que ele sabe que nenhum homem vai cumprir?”. Dessa maneira, poder-se-ia também dizer: Por que ordenou aos primeiros homens, que eram somente dois, o que ele sabia que não cumpririam? Não se deve dizer que ele ordenou para que alguém de nós o cumprisse, se eles não cumprissem; pois Deus ordenou somente a eles, que não comessem daquela árvore,^[121] pois da mesma forma que ele sabia o que eles não fariam de justo, sabia também o que ele mesmo faria de justiça em relação a eles.

Desse modo, portanto, ordena a todos que nada façam de pecado, mesmo prevendo que ninguém irá cumprir isso, a fim de que todos aqueles que, ímpia e condenavelmente, desprezam os seus preceitos, ele, com a condenação deles, faça o que é justo; aqueles, porém, que, progredindo, obediente e piamente, nos seus mandamentos, mesmo não cumprindo tudo o que ele ordena, perdoando aos outros os pecados, como desejam ser perdoados, com eles, purificando-os, ele faz o que é bom. Pois como pode ser perdoado, pela misericórdia de Deus, aquele que perdoa, se não houver pecado? Ou então, se houver pecado, como não seria proibido pela justiça de Deus?

A segurança do apóstolo Paulo

24 “Mas olha o que diz o Apóstolo”, dizem eles: “Combati um bom combate, terminei o percurso, conservei a fé; resta para mim a coroa da justiça”.^[122] “Ele não diria isso se tivesse algum pecado”. Mas, então, eles mesmos respondam, como pode dizer essas coisas alguém a quem ainda faltava o grande confronto, o incômodo e enorme combate da própria paixão, que ele já havia dito deveria enfrentar. Faltava, talvez, ainda pouco para terminar o seu percurso, quando o que faltava era vir um inimigo ainda mais duro e cruel?

Se com tais palavras alegrava-se certo e seguro, era porque aquele que lhe tinha revelado estar iminente a sua paixão, o tinha tornado certo e seguro da vitória do tão grande futuro combate; por isso falou, não como de realidade plenamente acontecida, mas na firmíssima esperança com que indicou como fato futuro que ele presumia. Se a essas palavras tivesse acrescentado: “Não tenho mais nenhum pecado”, mesmo assim nós teríamos entendido não de um fato real, mas da perfeição da futura realidade. Assim, fazia parte do término do seu percurso não ter nenhum pecado, o que eles julgam ter ele dito, como já nele realizado; da mesma forma como pertencia ao término do seu percurso superar o adversário no combate da paixão, o que eles mesmos devem admitir ainda dever ser terminado, quando o Apóstolo dizia aquilo.

Nós dizemos que a totalidade disso devia ainda realizar-se, quando ele falou de tudo isso, como se fosse cumprido, confiando antecipadamente na promessa de Deus. Fazia também parte do término do seu percurso que ele perdoasse os pecados a seus devedores e, por isso, rezava para lhe serem perdoados os seus;^[123] ele estava certíssimo da promessa do Senhor naquele seu final, que, pela sua confiança, apesar de futuro, ele já considerava realizado, que não teria nenhum pecado.

Deixando de lado outras coisas, admiro-me que, quando disse aquelas palavras, pelas quais ele parecia a eles não ter nenhum pecado, já lhe tivesse sido tirado aquele estímulo da carne que ele

havia rogado ao Senhor por três vezes que lhe fosse tirado, tendo recebido a resposta: “Basta-te a minha graça: a força se desenvolve na fraqueza”. [124] Era necessário para tão grande homem progredir que não lhe fosse tirado o anjo de Satanás, para que fosse esbofeteado por ele, para não se exaltar pela grandeza das revelações; e tem coragem ainda alguém de achar ou dizer que uma pessoa, colocada debaixo do peso desta vida, seja absolutamente limpa de pecado?

Mesmo gente muito santa teve de expiar pecados

25 Mesmo que haja homens eminentes por grande justiça, a ponto de Deus lhes falar da coluna de nuvem, como “Moisés e Aarão entre os seus sacerdotes, e Samuel entre aqueles que invocam o seu nome”, [125] cujos elogios de piedade e inocência desde a pequena infância são proclamados pela Escritura veraz, cuja mãe, cumprindo um voto por ele, o apresentou no templo de Deus e o entregou como servo do Senhor, a respeito dessas pessoas também foi escrito: “Tu eras paciente com eles, mesmo punindo todos os seus erros”. [126]

Deveras, ele castiga com ira os filhos da condenação, mas os filhos da graça, ele os castiga com benevolência, pois ele corrige quem ele ama e bate em todo filho que ele acolhe. [127] Porém, nenhum castigo, nenhuma correção, nenhuma punição de Deus é devida senão ao pecador, fora aquele que foi preparado para o castigo, [128] a fim de experimentar, de modo semelhante, todas as coisas, sem pecado, a fim de ser o sacerdote, santo dos santos, intercedendo mesmo pelos santos, dos quais cada um diz: “Perdoamos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores”. [129]

Por isso, mesmo aqueles que raciocinam contra isso, como são elogiáveis pela vida casta e pelos costumes, não hesitem em fazer o que o Senhor ordenou àquele rico, que pedia um conselho para conseguir a vida eterna, quando ele respondeu que já tinha cumprido todos os mandamentos da lei, que se quisesse ser perfeito, vendesse tudo o que tinha e desse aos pobres e transferisse o tesouro para o céu, e apesar de tudo, nenhum deles ousa dizer que é sem pecado. [130] Como acreditamos, eles não dizem isso para enganar; se, porém, estão mentindo, então, começam a aumentar ou ter pecado.

Terceira questão: por que ninguém nesta vida é sem pecado

26 Vejamos agora o que coloquei em terceiro lugar. Uma vez que, ajudando a graça divina a vontade humana, o homem pode estar sem pecado nesta vida, eu poderia, com toda a verdade, responder com muita facilidade porque ele, de fato, não fica sem pecado: porque os homens não querem. Se me perguntam por que não querem, então, vamos longe; todavia, mesmo sem a vantagem de uma investigação mais profunda, direi brevemente. Os homens não querem fazer o que é bom seja porque não percebem o que é bom para eles, seja porque não lhes agrada.

De fato, desejamos tanto mais fortemente, quanto mais certamente sabemos quanto é bom e quanto mais intensamente nos agrada. Portanto, a ignorância e a fraqueza são falhas que impedem a vontade de se mover para fazer o bem ou de se abster de fazer o mal. Porém, para que se manifeste o que estava escondido e se torne agradável o que não agradava, age a graça de Deus, com a qual ele ajuda as vontades dos homens; se não são ajudados pela graça, a causa está neles próprios e não em Deus; seja porque são predestinados à condenação por causa da maldade da soberba, seja porque, se são filhos da misericórdia, devem ser julgados e corrigidos da sua própria soberba.

É por isso que Jeremias diz: “Senhor, sei que não está no homem o caminho dele, nem é do varão caminhar e dirigir seus passos; acrescentando logo: Corrige-me, Senhor, com justiça, mas não com a tua ira”,^[131] como se dissesse: “Sei que sou menos ajudado por ti, para a minha correção, para que meus passos sejam dirigidos de maneira perfeita; contudo, não faças isso comigo com a ira, com a qual decidiste condenar os maus, mas, com a justiça, com a qual ensinas os teus a não orgulhar-se”. Por isso, em outro lugar é dito: “Os teus julgamentos me ajudarão”.^[132]

A soberba é a causa de todos os vícios humanos. Uma boa obra dá tanto mais prazer quanto mais se ama a Deus

27 Portanto, não atribuas a Deus a causa de nenhum pecado. Pois a causa de todos os vícios humanos é a soberba. A fim de condená-la e arrancá-la, veio do céu o seguinte remédio: ao homem exaltado de soberba o Deus humilde desceu, por misericórdia, mostrando clara e manifesta a sua graça no próprio homem que, com tanta caridade, assumiu por amor aos seus companheiros. Nem mesmo esse homem, unido de tal maneira ao Verbo de Deus a se tornar um só e único filho de Deus e filho do homem, atribuiu isso a merecimentos precedentes da sua vontade. Era necessário que fosse um só; pelo livre-arbítrio do homem, se isso fosse possível, seriam, porém, dois, ou três, ou vários, mas não pelo próprio dom de Deus. Isso é o que é principalmente destacado, isto é, segundo quanto ousa avaliar, o que principalmente se ensina e se aprende nos tesouros da sabedoria e ciência escondidos em Cristo. **[133]**

Por isso, cada um de nós ora sabe, ora não sabe, ora tem prazer, ora não, em assumir, fazer, cumprir uma boa obra, para que reconheça que não é devido à sua capacidade, mas ao dom divino, que sabe, que tem prazer, e assim seja curado da vaidade do orgulho e saiba como é verdade que foi dito não desta terra, mas espiritualmente: “O Senhor dará a suavidade, e a nossa terra dará o seu fruto”. **[134]** Uma boa obra dá tanto mais prazer quanto mais se ama a Deus, o sumo e imutável bem e autor de todo e qualquer bem. Porém, para Deus ser amado, “a caridade” dele “foi derramada nos nossos corações não por nós, mas pelo Espírito Santo que nos foi dado”. **[135]**

Graça e liberdade

28 Mas alguns homens se esforçam para encontrar em nossa vontade algo de bom que seja nosso, que não nos venha de Deus: não sei como isso pode ser encontrado. Exceto, naturalmente, o que diz o Apóstolo, quando fala dos bens dos homens: “Que tens, pois, que não recebeste? E se recebeste, por que te glorias como se não tivesses recebido?” **[136]**

A própria conclusão que pode ser tirada, por tais pessoas, daquilo que somos, angustia veementemente qualquer um de nós que investiga, para que não defendamos de tal maneira a graça, que pareçamos tirar o livre-arbítrio, ou então, o contrário, que afirmemos o livre-arbítrio de tal maneira que, por soberba impiedade, sejamos considerados ingratos para com a graça de Deus.

A boa vontade vem de Deus

29 Alguns querem entender a afirmação do Apóstolo que lembrei, desta forma: que “Tudo o que o homem tem de boa vontade deve ser atribuído a Deus, porque não poderia estar nele se o próprio homem não existisse; e visto que para que exista alguma coisa e para que o homem exista, isto só acontece vindo de Deus, por que, então não se deve atribuir a Deus criador também o que existe nele de boa vontade, que não existiria se não existisse aquele em quem existe?”.

Mas, dessa maneira, poder-se-ia dizer que também a má vontade deva ser atribuída a Deus, pois que ela não poderia estar no homem se o homem não existisse onde ela pudesse estar. Para o homem existir, Deus é o criador; e seria criador também da má vontade, que não existiria se não tivesse o homem para nele existir, o que, então, deveria ser atribuído a Deus. Dizer isso é crime.

A boa vontade necessariamente vem de Deus

30 Portanto, se não tivermos como certo que não somente o arbítrio da vontade, que se inclina livremente para cá ou para lá, e que está entre aqueles bens naturais de que uma pessoa não pode fazer mau uso, mas também uma vontade boa, que já se encontra entre aqueles bens de que é impossível fazer mau uso, só podem vir de Deus, não sei como defender o que foi dito: “Que tens, pois, que não recebeste?”.^[137] Pois, se nos vem de Deus certa vontade livre, que ainda pode ser boa ou má, e se a vontade boa vem de nós, então é melhor o que vem de nós do que o que vem dele. Se se diz uma coisa tão absurda, então, temos de admitir que recebemos de Deus também a vontade boa.

Apesar de ser estranho que a vontade pudesse ficar no meio sem ser boa nem má. Se amamos a justiça, a vontade é boa e se amamos mais, ela é boa mais ainda; se amamos menos, a vontade é menos boa e se, absolutamente não amamos, então ela não é boa. Quem hesitaria em dizer que uma vontade que, de nenhum modo, ama a justiça não somente é má, mas até péssima? Portanto, se a vontade é boa ou má e não recebemos de Deus a vontade má, resta que é de Deus que temos uma vontade boa; de outra maneira, já que somos justificados por ele, não sei de que outro bem dele deveríamos gozar.

Penso que é por isso que foi escrito: “A vontade é preparada pelo Senhor”.^[138] E nos Salmos: “Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor e fará voar o seu caminho”.^[139] E o que diz o Apóstolo: “É Deus que opera em vós tanto o querer como o fazer, pela sua boa vontade”.^[140]

A conversão do homem para Deus vem da misericórdia divina

31 Portanto, se nos afastamos de Deus, isso é responsabilidade nossa – e esta vontade é má –; retornarmos, porém, para Deus, não o conseguimos se ele não nos mover e ajudar – e esta vontade é boa –, que temos que não recebemos?^[141] Se, porém, recebemos, por que nos gloriamos como se não tivéssemos recebido? E, por isso: “Quem se gloria, glorie-se no Senhor”;^[142] a quem Deus quiser conceder, é coisa da misericórdia dele e não dos merecimentos dele; a quem, porém, não quiser conceder, é coisa da verdade dele. Pois, é devida aos pecadores uma pena justa, “porque o Senhor ama a misericórdia e a verdade”^[143] e: “a misericórdia e a verdade se encontraram”;^[144] e: “Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade”.^[145]

E quem poderia explicar quão frequentemente a divina Escritura lembra essas duas coisas juntas? De vez em quando, com nomes mudados, para colocar a graça no lugar da misericórdia – e assim: “E vimos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade”^[146] – às vezes, em vez de verdade, se encontra juízo, como está: “Cantarei a ti, Senhor, a misericórdia e o juízo”.^[147]

Deus opera a sua misericórdia e justiça de modo misterioso. O conhecimento e o prazer do bem vem por graça

32 Porque, porém, ele quer converter a alguns, a outros, punir porque se afastam, uma vez que ninguém o pode acusar justamente por ser misericordioso quando concede favores, nem por ser justo quando impõe um castigo, como ninguém pode, justamente, condenar, no Evangelho, aquele que pagou a recompensa combinada a alguns operários,^[148] e a outros a recompensa combinada, é decisão de uma misteriosíssima justiça que fica na mão dele.

Quanto nos é concedido, procuremos saber e entender, se o conseguimos, que o Senhor Deus bom, de vez em quando, não concede conhecimento certo nem satisfação de vitória, por alguma obra justa, nem mesmo a seus santos, a fim de que saibam que não vem deles mesmos, mas dele a luz, pela qual são iluminadas as suas trevas e a suavidade que faz a terra deles dar fruto.^[149]

33 Quando lhe suplicamos ajuda para fazer e levar à perfeição a justiça, que suplicamos senão que mostre o que estava oculto e torne suave o que não agradava? Porque, aprendemos que também é pela sua graça que devemos suplicá-lo a ele, uma vez que antes estava escondido e, por sua graça, chegamos a amar, enquanto antes não nos agradava, “a fim de que quem se gloria, glorie-se no Senhor e não em si mesmo”.^[150] Exaltar-se em soberba é coisa da vontade própria dos homens, não obra de Deus; pois Deus não pressiona nem ajuda para isso.

Na vontade humana, precede certo desejo da própria autonomia, que leva à desobediência, por soberba. Se não existisse esse desejo, não incomodaria nada, e o homem sem dificuldade não quereria o que quis. Porém, de uma justa e merecida pena seguiu-se o vício, assim que se tornou incômodo obedecer à justiça. Se esse vício não for superado com a ajuda da graça, ninguém se converte para a justiça; se não for curado pela ação da graça, ninguém goza da paz da justiça. Mas se vence e se é curado, é com

que graça senão com a daquele a quem se diz: “Converte-nos, Deus da nossa salvação, afasta de nós a tua ira?”.^[151] Se ele o conceder é por misericórdia que o concede, assim que se diz: “Ele fez não segundo os nossos pecados, não retribui segundo as nossas maldades”.^[152] Aqueles a quem não faz é por justiça que não faz. Quem lhe dirá: “Que fizeste?” àquele a quem, com o coração dos santos, se canta a misericórdia e a justiça?^[153]

Portanto, ele demora a curar de alguns vícios também os seus santos e fiéis, para que nele, o bem que fazem, tanto aquele escondido como aquele manifesto, lhes agrade menos do que é necessário no cumprimento de toda a justiça, de tal maneira que, como pertence à plenitude da regra da sua verdade, nenhum ser vivo se considere justo diante dele.^[154]

Com isso, ele não está querendo que sejamos condenáveis, mas que sejamos humildes, recomendando-nos a sua graça, para que, encontrando facilidade em tudo, não julguemos ser nosso o que é dele; erro muito contrário à religião e à piedade. Contudo, não pensemos com isso que devemos permanecer em nossos vícios, mas que nós também, com vigilância, esforcemo-nos especialmente contra a própria soberba, por causa da qual somos humilhados, e ardentemente supliquemos, ao mesmo tempo, que entendemos que é por dom de Deus que nos esforçamos e suplicamos, para que, em todas as coisas, não olhando para nós mesmos, tendo o coração elevado, demos graças ao Senhor nosso Deus, e, quando nos gloriarmos, nos gloriemos nele.^[155]

Quarta questão: exceto unicamente Cristo, ninguém foi ou pode ser sem pecado

34 Resta ainda aquela questão, esclarecida a qual, quanto o Senhor ajudar, terminará este nosso discurso, que já se torna prolixo, não somente se existe entre os nascidos dos homens algum que nunca tenha cometido ou cometerá nenhum pecado ou até mesmo se pode ou um dia poderia existir. É certíssimo que, fora o único mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus, **[156]** nenhum homem assim existe, nem existiu, nem existirá. Disso já falamos muito, a respeito do batismo das crianças: se elas não têm nenhum pecado, então, não somente existem muitas pessoas sem pecado, mas também já existiram e existirão.

No entanto, se foi constatado como verdade, do que tratamos em segundo lugar, que não existe ninguém sem pecado, então, nem as crianças são sem pecado. Disso se conclui que, mesmo se pudesse existir alguém nesta vida que crescesse em virtude de tal maneira que atingisse tão grande plenitude de justiça, pela qual não tivesse nenhum pecado, não se pode duvidar, contudo, que antes ele era pecador, de onde se converteu para essa nova vida. Pois, naquele segundo lugar se tratava de uma coisa e neste quarto lugar a intenção é outra. Pois naquele segundo lugar, o que se perguntava era se alguém nesta vida poderia chegar à vida perfeita, que é sem pecado, com a graça de Deus e pelo esforço da vontade; neste quarto lugar, porém, se pergunta se existe entre os filhos dos homens, ou pode existir, ou poderia existir alguém que do pecado chegasse à mais perfeita justiça, sem nunca ter sido amarrado pelo pecado.

Por isso, se são verdadeiras as tão numerosas coisas que já dissemos sobre as crianças, entre os filhos dos homens não existe, não existiu, nem existirá tal homem, fora o único mediador em quem foi depositada a nossa propiciação e justificação, **[157]** pela qual, acabada a inimidade dos pecados, fomos reconciliados com Deus. **[158]** Portanto, não é fora do assunto repetir, quanto parecer

suficiente para o presente caso, algumas poucas coisas, a partir do início do gênero humano, pelas quais seja iluminada a mente do leitor contra certas coisas que o poderiam impressionar.

O pecado dos nossos primeiros pais foi, principalmente, um pecado de desobediência

35 Depois que os primeiros homens, o único Adão e a sua mulher Eva, derivada dele, não quiseram obedecer à ordem recebida de Deus, seguiu-se o justo e devido castigo. Pois o Senhor havia ameaçado que eles morreriam no dia em que comessem o alimento proibido.^[159] Portanto, eles tinham recebido a permissão de usar para a sua alimentação de toda árvore que havia no paraíso, onde Deus havia plantado também a árvore da vida; sendo a única da qual havia proibido, a que chamou de árvore do conhecimento do bem e do mal. Esse nome significava a consequência dessa experiência, isto é, que sentiriam algo de bom se guardassem a proibição e algo de mal se a transgredissem.

Com razão se pensa que, antes da maligna insinuação do diabo, eles se tinham abstinido de comer o alimento proibido e usado dos concedidos, a saber, das outras árvores e, principalmente, da árvore da vida.^[160] O que poderia ser mais absurdo do que, como se pensa, que eles tenham tomado alimento das outras árvores, mas não daquela que também lhes tinha sido permitida, por cuja principal utilidade não deixava que os corpos mudassem pelo estrago da idade, apesar de serem corpos animais, nem envelhecessem até à morte.

Aquela árvore da vida, com o seu fruto, fazia bem ao corpo humano e, com um sentido misterioso, mostrava que conferia algo de sabedoria, cuja figura carregava, à alma racional, a fim de que, vivificada pelo seu alimento, nunca caísse no mal, nem na morte do mal. Com razão se diz dela: “É árvore de vida para os que a acolhem”.^[161] Assim como a árvore no paraíso corporal, assim era aquela árvore da sabedoria, no paraíso espiritual; a árvore corporal dá vigor de vida aos sentidos do homem exterior, sem nenhuma mudança para pior no tempo; a espiritual, aos sentidos do homem interior. Portanto, eles serviam a Deus com fervor, com a valiosa piedade da obediência, com a qual unicamente Deus é honrado.

Quão grande seja a obediência, por si mesma, e como seja a única que basta para manter a criatura racional sob o Criador, nada melhor podia mostrá-lo do que serem eles proibidos de uma árvore que não era má. Pois é de se negar que o Criador de bens, que fez todas as coisas “e eram muito boas”^[162] plantasse algo de ruim na fertilidade do seu paraíso corporal. Mas, para que fosse mostrado ao homem, a quem é de grande utilidade servir a tal Senhor, quão grande é o bem da obediência sozinha, que era a única coisa exigida do servidor, a quem mais convinha obedecer, para a sua utilidade, do que por causa do domínio do Senhor, eles foram proibidos daquela árvore, que, se eles não tivessem sido proibidos, se eles a usassem, não lhes faria mal algum; e assim ficaria bastante claro que não foi uma árvore má com fruto ruim que causou o que sofreram depois de terem usado daquela árvore após a proibição, mas somente a transgressão da obediência.

A situação do homem antes e depois do pecado

36 Antes de violarem a obediência, eles agradavam a Deus e Deus lhes agradava e, apesar de carregarem um corpo animal, não sentiam nada de desobediente nele movendo-se contra eles. Esta ordem de justiça fazia assim: como a alma deles tinha recebido do Senhor um corpo servidor, ele obedecia e lhe prestava serviço, sem nenhuma resistência, como ela, ao próprio Senhor. Por isso, estavam nus e não se envergonhavam.^[163]

Atualmente, a alma racional, com um pudor natural, se envergonha de que, na carne, de que recebeu direito de domínio, não sei por qual fraqueza, não consegue que não se mexam os membros quando ela não quer, e se mexam quando ela quer. Por isso mesmo, esses membros, em qualquer pessoa casta, com razão se chamam “vergonhosos”, porque se movem contra a sua senhora, a mente, como donos de si mesmos, como autônomos, e a única coisa que os freios da virtude conseguem deles é não deixá-los chegar às corrupções sujas e ilícitas.

Portanto, essa desobediência da carne, que consiste no próprio movimento, mesmo que não lhe seja permitido ter efeito, não existia naqueles primeiros pais, quando estavam nus e não se envergonhavam. Pois a alma racional, senhora do corpo, ainda não se tinha tornado desobediente ao seu Senhor, para que, por uma pena recíproca, fizesse a experiência da desobediência da carne, sua serva, com certo senso de vergonha e incômodo, senso que, evidentemente, ela, com a sua desobediência, não provocou em Deus. Pois, se não obedecemos a Deus, não lhe causamos vergonha nem incômodo, cujo sumo domínio sobre nós de nenhum modo podemos diminuir; nós, sim, é que devemos ter vergonha de que a carne não se sujeite à nossa ordem, porque isso acontece pela fraqueza que merecemos pelo pecado conhecido como “pecado que habita em nossos membros”.^[164] Assim, esse pecado é pena do pecado.

Finalmente, depois que foi feita aquela transgressão, e a alma

desobediente se afastou da lei do seu Senhor, começou a seguir a lei da desobediência contra ela o seu servo, isto é, o seu corpo, e, então, aqueles homens se envergonharam da sua nudez, percebendo em si mesmos aquele movimento, que não tinham sentido antes, percepção que foi chamada de abertura dos olhos; [165] pois não é que vagassem entre aquelas árvores com os olhos fechados. Também de Agar se diz assim: “Os olhos dela se abriram e viu o poço”. [166] Então aqueles homens cobriram o que lhes causava vergonha, os membros que Deus fez, mas que eles tornaram vergonhosos.

A corrupção da natureza vem pelo pecado, a renovação, por Cristo

37 Dessa lei do pecado, nasce a carne do pecado, que deve ser purificada pelo sacramento daquele que veio numa carne semelhante à carne do pecado,^[167] para destruir o corpo do pecado, chamado de corpo desta morte,^[168] do qual somente a graça de Deus, por meio de Jesus Cristo nosso Senhor, liberta o pobre homem.^[169] Dessa maneira, essa lei, início da morte, passou dos primeiros homens aos seus descendentes, como o cansaço com que todos os homens trabalham na terra, como o parto com sofrimento passou às mulheres.^[170]

Essas foram as coisas com que os primeiros homens foram punidos como pena, quando condenados pelo pecado, e que vemos cumprir não somente neles, mas também nos descendentes deles, em alguns mais, em outros menos, mas em todos. Enquanto a primeira justiça dos primeiros homens consistia em obedecer a Deus e não ter em seus membros essa lei da concupiscência, que se contrapõe à lei da sua mente,^[171] agora, depois do pecado deles, nascida deles a nossa carne de pecado, é conseguido por aqueles que obedecem a Deus, como grande coisa, não obedecer aos desejos da mesma concupiscência,^[172] a fim de serem de Jesus Cristo, que simbolizou isso na sua cruz, e que, por graça, lhes deu o poder de se tornarem filhos de Deus.

Porém, não o deu a todos os homens, mas a quantos o receberam, a fim de que, pelo espírito, renascessem para Deus, aqueles que, pela carne, tinham nascido para o mundo.^[173] De fato, destes foi dito: “A todos aqueles, porém, que o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, estes que não nasceram da carne, nem do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus”.^[174]

A carne do Verbo de Deus encarnado

38 Em seguida, porém, acrescentou: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”,^[175] como se dissesse: Coisa grande aconteceu com eles, isto é, que nascessem de Deus para Deus, aqueles que antes tinham nascido da carne, para o mundo, apesar de terem sido criados pelo próprio Deus; mas, coisa muito mais admirável aconteceu, isto é, que, enquanto é da natureza nascer da carne, é, porém, por favor que se nasce de Deus; e para conceder tal benefício, aquele que, por natureza, nasceu de Deus, se dignou, por misericórdia, nascer da carne; é isso: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Por causa disso, diz, aconteceu que tendo nós nascidos carne da carne, em seguida, nascendo do Espírito, fôssemos espírito e habitássemos em Deus, uma vez que Deus, nascido de Deus, em seguida, nascendo da carne, se fez carne e habitou entre nós. Pois o Verbo que se fez carne existia no princípio e era Deus junto de Deus.^[176]

Contudo, a própria participação dele em nossa realidade inferior, para que acontecesse a nossa participação na realidade superior dele, teve uma situação intermediária, pois, na verdade, nós nascemos na carne do pecado,^[177] enquanto ele nasceu na semelhança da carne do pecado; nós nascemos não somente da carne e do sangue,^[178] mas também da vontade do varão e da vontade da carne; enquanto ele mesmo nasceu somente da carne e do sangue, e não da vontade de varão nem da vontade da carne, mas de Deus. Por isso, nós nascemos para a morte, por causa do pecado; ele nasceu, por nossa causa, para a morte sem pecado.

Como a situação inferior dele, à qual desceu junto de nós, não é totalmente igual à nossa situação inferior em que ele nos encontrou aqui,^[179] assim, a nossa situação superior para onde subimos junto dele, não é igual à situação superior dele, na qual lá o encontraremos. Pois nós seremos feitos filhos de Deus pela graça dele, mas ele sempre foi Filho de Deus, por natureza; uma vez

convertidos, seremos diferentes dele unidos a Deus,^[180] enquanto ele, nunca separado de Deus, permanece igual a ele;^[181] nós participamos da vida eterna, ele é a vida eterna.

Permanecendo Deus, mas também feito homem, ele foi o único que nunca teve pecado, nem assumiu a carne do pecado, apesar de vir de uma materna carne de pecado. O que ele assumiu de carne, ele o purificou para assumi-lo ou, assumindo-o, purificou-o. Assim, ele criou uma mãe virgem, que concebesse não pela lei da carne do pecado, isto é, não pelo movimento da concupiscência carnal, mas, escolhida e merecedora de que, pela fé, brotasse nela um germe santo, ela de quem ele escolheu ser criado. Se, para ser exemplo a ser imitado, a carne sem pecado foi batizada, quanto mais, então, deve ser batizada a carne de pecado, a fim de escapar do julgamento!

Objeção dos pelagianos: o filho de um batizado já foi purificado

39 O que acima respondemos contra aqueles que dizem: “Se um pecado gerou um pecador, um justo também deve gerar um justo”, isso também respondemos àqueles que dizem que uma pessoa nascida de um homem batizado já deve ser considerada batizada. Eles dizem: “Por que não poderia ser batizado na pessoa do seu pai, se, conforme a epístola escrita aos Hebreus, Levi pôde pagar o dízimo na pessoa de Abraão?” **[182]**

Os que dizem isso devem observar que Levi não pagou o dízimo depois, não porque já tinha pago na pessoa de Abraão, mas porque ele foi designado pela honra do sacerdócio para receber e não oferecer o dízimo; senão nem os outros irmãos dele, que lhe pagavam o dízimo, teriam de pagar, porque também eles já tinham pago o dízimo a Melquisedec, na pessoa de Abraão. **[183]**

O filho de um batizado precisa do batismo, como o filho de um circuncidado, da circuncisão

40 Ninguém diga que os filhos de Abraão corretamente pagavam o dízimo, apesar de já o terem pago na pessoa de seu pai, porque pagar o dízimo era coisa que devia ser feita por cada homem, muitas vezes, como os Israelitas todos os anos costumavam pagar o dízimo frequente aos Levitas durante toda a sua vida; que o batismo, porém, é um sacramento tal que se dá uma só vez e, se alguém já o recebeu, quando ainda estava no seu pai, já deve ser considerado batizado, uma vez que foi gerado de alguém que já tinha sido batizado. Quem fala assim, para não discutir muito longamente, olhe a circuncisão, que se fazia uma vez só e, contudo, era feita em cada um individualmente. Portanto, como no tempo daquele sacramento, quem nascia de um circuncidado devia ser circuncidado, assim hoje, quem nasce de uma pessoa já batizada deve ser batizado.

Por que os filhos dos que foram batizados devem ser batizados se, conforme Paulo, já são santos

41 Mas, diz o Apóstolo: “Os vossos filhos seriam impuros, porém agora são santos;^[184] e, portanto, dizem eles, os filhos dos que têm fé não deveriam mais ser batizados”. Surpreendem-me dizer isso aqueles que negam que se traz originalmente o pecado de Adão. Pois, se entendem essa afirmação do Apóstolo de forma a crerem que os filhos dos fiéis nascem santificados, por que, então, eles não duvidam também de que eles devem ser batizados? Por que, então, não querem acreditar que um pecado é trazido do pai pecador, se dizem que de um santo vem a santidade?

Mesmo afirmando que de pais fiéis nascem santos, isso não se opõe à nossa afirmação, se dizem que esses filhos vão para a condenação se não forem batizados. Fecham o reino dos céus a eles, apesar de dizerem que não têm nem pecado próprio nem original. Se a eles parece indigno que santos sejam condenados, como será digno que santos sejam afastados do reino de Deus? Observem, antes, como não viria algum pecado de pais pecadores, se de pais santos vem certa santidade e de imundos, imundície? Disse ambas estas coisas quem disse: “Então os vossos filhos seriam imundos, agora, porém, são santos”.

Que eles expliquem também se é justo que aos santos filhos de fiéis e aos filhos imundos, nascidos de infiéis, não seja igualmente permitido entrar no reino de Deus, se não forem batizados. Que lhes adianta tal santidade? Pois se é admitido que os imundos nascidos de infiéis são condenados, os santos, porém, filhos de fiéis não podem entrar no reino de Deus, se não forem batizados, mas não são condenados porque são santos; haveria, então, certa distinção. Mas eles dizem, ao mesmo tempo, que os santos nascidos de fiéis e os imundos nascidos de imundos igualmente não são condenados, porque não têm pecado e que são excluídos do reino de Deus porque não foram batizados. Quem imagina que tais gênios não veem esse absurdo?

A santificação dos filhos vem do batismo deles e dos pais

42 Observa um pouco como não há nada que contradiga a nossa afirmação, nem mesmo a afirmação do Apóstolo, que diz: “Vem de um só a condenação de todos”, e também: “de um só vem a justificação para a vida”,^[185] quando, tratando de outra coisa, diz: “Se não os vossos filhos seriam imundos, agora, porém, são santos”.^[186] Não existe só um modo de santificação.

De fato, penso que também os catecúmenos, de certa maneira própria, são santificados pelo sinal de Cristo e pela oração da imposição das mãos e o que recebem, apesar de não ser o corpo de Cristo, contudo é santo e mais santo do que os alimentos com que nos alimentamos, pois é um sacramento.^[187]

Até mesmo os alimentos que usamos para sustentar as necessidades desta vida são santificados, diz o Apóstolo,^[188] pela palavra de Deus e pela oração que fazemos para alimentar os nossos pobres corpos. Como essa santificação dos alimentos não impede que o que entra na boca vá para o ventre e seja solto no banheiro pela corrupção,^[189] pela qual tudo o que é terreno é dissolvido e, por isso mesmo, o Senhor nos exorta a buscar outro alimento que não se corrompe,^[190] assim também a santificação do catecúmeno, se ele não for batizado, não lhe serve para entrar no reino dos céus ou para a remissão dos pecados.

Por isso é que essa santificação, seja de que tipo for, que o Apóstolo diz estar nos filhos dos fiéis, nada tem a ver com a santificação pelo batismo, com o pecado original, nem com a remissão dos pecados. Ele diz também, no mesmo lugar, que os cônjuges infiéis são santificados pelos cônjuges fiéis: “O homem infiel é santificado pela esposa, e a mulher infiel é santificada pelo irmão; senão os vossos filhos seriam imundos, mas agora são santos”.^[191]

Na minha opinião, entenda alguém o que quiser nessas palavras, ninguém a entende tão infielmente que pense que um marido não

crístão, só pelo fato de a sua esposa ser cristã, não precisa mais ser batizado, já chegou à remissão dos pecados e entrará no reino dos céus, porque foi dito ter sido santificado na esposa.

Quem não nasceu não pode renascer

43 Se alguém ainda se surpreende que aqueles que nascem de quem já foi batizado sejam batizados, aceitem esta breve palavra. Como a geração da carne do pecado, por um só Adão, leva à condenação todos os que são gerados desse modo, assim a regeneração do espírito da graça, por um só Jesus Cristo, conduz à justificação da vida eterna todos os que, assim predestinados, são regenerados.^[192]

De fato, o sacramento do batismo é o sacramento da regeneração. Por isso, como o homem que não estiver vivo não pode morrer, e quem não morrer não pode ressuscitar,^[193] assim também quem não nascer não pode renascer. De onde se deduz que ninguém que não nasceu não pode renascer nos seus pais. É preciso, porém, que quem nasceu seja renascido porque “ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”.^[194] É preciso, portanto, que mesmo a criança seja banhada pelo sacramento da regeneração, para que, sem ele, não saia mal desta vida; o que não se faz senão para a remissão dos pecados.

Cristo mostrou também isso no mesmo lugar em que, interrogado como poderiam acontecer essas coisas, trouxe à memória o que Moisés fez na elevação da serpente.^[195] Portanto, deve-se admitir que, quando, pelo sacramento do batismo, as crianças são conformadas à morte de Cristo, são libertadas da mordida da serpente, se não quisermos nos afastar da regra da fé cristã. Contudo, receberam essa mordida não na sua própria vida, mas naquele que no princípio foi mordido.

Os pecados que contraiu dos pais prejudicam o filho não batizado

44 Não engane ninguém o fato que, depois da conversão, os próprios pecados não prejudicam os pais. É por isso que eles dizem: “Com muito maior razão não podem prejudicar o filho deles”.

Os que pensam assim não percebem que, como os próprios pecados não prejudicam os pais porque renasceram pelo espírito, **[196]** assim, os pecados que contraiu dos pais prejudicarão aquele que nasceu de tais pais, se ele não renascer do mesmo modo; uma vez que os pais renovados geram carnalmente, não das primícias da novidade, mas dos restos do antigo, os filhos, nascidos do resto do antigo e gerados na carne do pecado completamente envelhecidos, escapam da condenação devida ao homem velho pelo sacramento da regeneração e renovação espiritual. **[197]**

Devemos observar e lembrar, principalmente por causa das questões que sobre isso foram levantadas ou ainda poderão ser levantadas, que somente pelo batismo acontece a plena e perfeita remissão de todos os pecados; **[198]** mas também que a qualidade da vida do próprio homem não muda imediatamente, mas que as primícias espirituais, naqueles que progredem no bem, de dia em dia, crescendo sempre a novidade, mudam em si o que carnalmente era velho até que tudo seja renovado, **[199]** de tal maneira até que a fraqueza do corpo animal alcance a firmeza espiritual e a incorrupção.

Os pais geram os filhos carnalmente e por isso transmitem a eles o pecado

45 Essa lei do pecado, que o Apóstolo também chama de pecado, quando diz: “Não reine, portanto, o pecado no vosso corpo mortal para obedecerdes aos seus desejos”,^[200] não permanece nos membros daqueles que renasceram da água e do espírito,^[201] como se não tivesse acontecido a sua remissão, onde acontece a absoluta, plena e perfeita remissão dos pecados, destruídos todos os inimigos^[202] pelos quais éramos separados de Deus;^[203] mas permanece na velhice da carne, como que superado e destruído, se não reviver, de certo modo, por consentimentos proibidos e se não for reconduzido no seu próprio reinado e domínio.

Dessa situação antiga da carne, na qual se encontra essa lei do pecado ou o pecado perdoado, se distingue, de tal maneira, a vida do espírito, em cuja novidade os batizados renascem pela graça de Deus, que era pouco para o Apóstolo dizer^[204] que tais pessoas não estavam no pecado, se não dissesse também que elas não estão na própria carne, mesmo antes de partir desta vida mortal. Diz ele: “Aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus; vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós”.^[205]

Contudo, assim como usam bem da carne, apesar de corruptível, aqueles que orientam os próprios membros para obras boas e que não estão na carne, porque não sentem nem vivem segundo a carne; e, finalmente, assim como usam bem até da própria morte, pena do primeiro pecado, aqueles que, forte e pacientemente a entregam pelos irmãos, pela fé, por qualquer verdadeira e santa causa justa, assim também os fiéis casados usam bem mesmo daquela lei do pecado que, apesar de perdoado, permanece na velhice da carne, quando, pelo fato de estarem na novidade de Cristo, não se deixam dominar pelo prazer, mas, contudo, geram na morte filhos que serão regenerados imortalmente, com aquela propagação do pecado, pelo fato de carregarem ainda a velhice de

Adão, a que não estão ligados aqueles que renasceram e de que se libertam, renascendo, aqueles que nascem. [206]

Portanto, enquanto permanece nos membros a lei com a concupiscência, essa permanece, mas a culpa dela é perdoada, para aquele que recebeu o sacramento da regeneração e já começou a renovar-se. O que nasce, porém, daquela velhice da concupiscência que permanece, precisa ser renascido para ser curado, porque pais fiéis nascidos carnalmente e renascidos espiritualmente geraram filhos carnalmente; como, porém, poderiam os filhos renascer antes de nascerem?

Como a concupiscência permanece nos batizados, mesmo quando é destruída a sua culpa

46 Não te admires de eu ter dito que permanece a lei do pecado com a concupiscência, mas a sua culpa é perdoada pela graça do sacramento. Assim como os fatos, ditos e pensamentos, no que diz respeito aos movimentos da alma e do corpo, já passaram e não existem mais, mas, mesmo passados e não mais existindo, a culpa deles permanece se não for perdoada pela remissão dos pecados, assim também, em sentido contrário, quando no batismo acontece a plena remissão dos pecados, é perdoada a culpa da lei da concupiscência, ela mesma, porém, não passando e ainda permanecendo.

Finalmente, se, logo em seguida, seguir a migração desta vida, nada haverá absolutamente que prejudique o homem, já dissolvido tudo o que o detinha. Assim, se não surpreende permanecer a culpa dos fatos, pensamentos e ditos passados, antes da remissão dos pecados, também não é de admirar que, após a remissão dos pecados, passe a culpa da concupiscência, que permanece.

Todos os predestinados se salvam por Cristo, único mediador, e só pela fé

47 Assim sendo, porque “por um homem o pecado entrou no mundo e pelo pecado, a morte e assim passou para todos os homens”,^[207] até o fim desta geração carnal e deste mundo corruptível, cujos filhos geram e são gerados,^[208] não havendo nenhum homem estabelecido nesta vida de que se possa dizer, com verdade, não ter tido absolutamente nenhum pecado, exceto o único Mediador,^[209] que, pela remissão dos pecados, nos reconcilia com o Criador, o próprio Senhor nosso não negou este seu remédio, em nenhum tempo do gênero humano, antes do ainda futuro último juízo, àqueles que, por certíssima presciência e justíssima benevolência, predestinou a reinar com ele para a vida eterna.

Antes do nascimento da carne, da fraqueza da paixão e da força da sua ressurreição, ele informava os daquela época, na fé daquelas coisas ainda futuras, para a herança da salvação eterna; na fé nas mesmas coisas já presentes, ele informou os que estavam presentes quando elas aconteceram e verificavam sendo cumpridas as coisas preditas; ele não cessa de informar na fé nas mesmas coisas já passadas os que viveram depois, e a nós mesmos e os que viverão no futuro. Portanto, há uma só fé que salva todos^[210] os que, renascendo de uma geração carnal para uma espiritual, se salvam,^[211] bem acabada nele, que veio ser julgado e morrer por nós, juiz dos vivos e dos mortos.

No entanto, os sacramentos dessa única fé variaram, conforme a oportunidade dos seus significados, através das várias épocas.

Cristo é o salvador também das crianças

48 Há um mesmo Salvador das crianças e dos adultos do qual disseram os Anjos: “Hoje nasceu para vós um Salvador”^[212] e do qual foi dito à Virgem Maria: “Chamá-lo-ás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados”,^[213] em que ficou claramente declarado que ele foi chamado com este nome de Jesus, por causa da salvação que nos dá; pois, em latim, Jesus é “Salvador”. Portanto, quem ousaria dizer que o Cristo Senhor é Jesus somente para os adultos e não também para as crianças? Que veio na semelhança da carne do pecado^[214] para destruir o corpo do pecado.^[215]

Nesse corpo fraquíssimo, com os membros infantis, não apropriados ou idôneos a qualquer uso, a alma racional é oprimida por miserável ignorância. Evidentemente, de maneira alguma, imaginaria que houve tal ignorância naquela criança, em que o Verbo se fez carne para habitar entre nós,^[216] como nem suspeitaria tivesse havido no menino Jesus aquela fraqueza de alma que vemos nas crianças.

Por causa dessa fraqueza, quando são agitadas por movimentos irracionais, que não se acalmam por razão alguma, nem por alguma imposição, algumas vezes, talvez pela dor ou medo da dor, de modo a ver como são filhos daquela desobediência, que, rejeitando a lei da mente^[217] se move nos membros, não se acalma, nem quando a razão o quer; muitas vezes ela é detida como que açoitada pela dor do corpo ou é forçada pelo medo ou por algum outro movimento da alma, mas não por ordem da vontade. Porque se encontrava na semelhança da carne do pecado, Jesus quis sofrer a mudança de idades, começando pela própria infância, e parece que poderia aquela carne até chegar à morte de velhice, se não tivesse sido morto jovem.

Essa carne, porém, na carne do pecado, é pagamento de dívida à desobediência; porém, na semelhança da carne do pecado, a morte foi aceita pela vontade de obedecer. Caminhando para sofrê-la, ele

diz: “Eis que vem o príncipe deste mundo e nada encontrará em mim; mas para todos saberem que faço a vontade do Pai, levantai-vos, vamos daqui”.^[218] Dito isso, caminhou para a morte injusta, obediente até à morte.^[219]

A redenção de Cristo nos beneficiou mais do que o pecado de Adão prejudicou

49 Por isso, aqueles que dizem: “Se pelo pecado do primeiro homem aconteceu que morrêssemos, pelo advento de Cristo aconteceria que morreriam aqueles que nele creem”; e acrescentam como razão: “Pois a transgressão do prevaricador não nos prejudicou mais do que nos beneficiou a encarnação ou a redenção do Salvador”. Porque creem nisso, sem discussão alguma, e não observam, antes, não ouvem o que falou o Apóstolo, sem nenhuma ambiguidade: “Porque por um homem vem a morte e por um homem, a ressurreição dos mortos. Como em Adão, todos morrem, assim também em Cristo, todos receberão a vida”?[220] Pois não falava de outra coisa que da ressurreição do corpo.

Portanto, disse que a morte do corpo de todos vem por um homem e prometeu que a ressurreição do corpo de todos para a vida eterna vai acontecer pelo Cristo sozinho. Como, então, “pecando, aquele nos prejudicou mais do que este nos beneficiou, redimindo”, se, pelo pecado daquele nós morremos no tempo, enquanto pela redenção deste ressuscitamos não para a vida temporal, mas para a vida eterna? Portanto, nosso corpo morreu por causa do pecado, e só, porém, o corpo de Cristo morreu sem pecado, a fim de que fossem destruídos os documentos das nossas dívidas,[221] aos quais, os que creem nele estavam ligados como devedores. Por isso: “Este é o meu sangue que será derramado por muitos, para a remissão dos pecados”. [222]

Por que, pelo batismo, não é abolida também a morte, junto com os pecados

50 O Senhor poderia dar aos que creem também que não provassem a morte deste corpo; se o fizesse, certa felicidade seria acrescentada à carne, mas a força da fé diminuiria. De fato, os homens temem tanto a morte que se diriam felizes como cristãos, só pelo fato de eles não poderem morrer. Dessa maneira, ninguém correria para a graça de Cristo pela virtude de desprezar até mesmo a própria morte, por causa daquela vida futura feliz após esta morte, mas acreditaria em Cristo mais comodamente, para afastar o incômodo da morte.

Portanto, sem dúvida, o Senhor concedeu mais à graça, deu mais aos seus fiéis. Que haveria de grande crer que não vai morrer, vendo não morrer quem crê? Quão maior, quão mais forte, quão mais louvável é crer de tal modo, que espere, devendo morrer, viver sem fim! Finalmente, será concedido a alguns que, por uma mudança repentina, nem sintam a morte e sejam levados nas nuvens, nos ares, ao encontro de Cristo, e, junto com os ressuscitados, vivam sempre com o Senhor. **[223]**

E isso lhes é justo, porque não haverá mais descendentes, que, por causa disso, creiam sem ter de esperar o que não veem, mas por amor ao que veem. Essa é uma fé fraca e débil e nem mesmo pode ser chamada de fé, uma vez que a fé é assim definida: “A fé é garantia do que se espera, convicção de coisas que não se veem”.

[224] Por isso, na mesma epístola aos Hebreus, em que isso está escrito, quando enumera, em seguida, alguns que, pela fé, agradaram a Deus, diz: “Pela fé, todos estes morreram, porque não receberam as promessas, mas as viam de longe, saudando e confessando serem hóspedes e peregrinos na terra”. **[225]** E pouco depois do elogio da fé, conclui: “E todos, pela fé, seguindo o testemunho, não conseguiram as promessas de Deus; para nós, coisas melhores foram providenciadas, para eles não chegarem à perfeição sem nós”. **[226]**

Não existiria esse elogio da fé, nem mesmo, como disse, existiria a fé, se os homens, no ato de crer, buscassem os prêmios já visíveis, isto é, se a recompensa da imortalidade fosse concedida neste mundo.

A própria morte faz parte do combate da fé

51 Por isso, o próprio Senhor quis morrer, a fim de, como foi escrito dele, pela morte destruísse quem tinha o poder da morte, isto é, o diabo, e libertasse os que, pelo temor da morte, eram réus da escravidão por toda a vida.^[227] Com esse testemunho, se mostra bastante que também essa morte do corpo acontece por iniciativa e ação do diabo, isto é, vem do pecado que ele insinuou; é só por isso que se diz, com toda a verdade, ter ele o poder da morte.

Por essa razão, aquele que morreu sem nenhum pecado, nem próprio nem original, disse o que lembrei pouco acima: “Eis que virá o príncipe do mundo” – isto é, o diabo, que tem o poder da morte – “e não encontrará nada em mim”,^[228] isto é, nada do pecado, por causa do qual fez os homens morrerem. É como que lhe dissesse: “Por que, então, morres?” “Mas para todos saberem que faço a vontade do Pai, levantai-vos, vamos daqui”, isto é, a fim de que eu morra, sem ter o pecado como motivo da morte, sob o autor do pecado, mas, tornando-me obediente até a morte,^[229] por obediência e justiça. Isso foi demonstrado por aquele testemunho; e, que os fiéis vençam o medo da morte, faz parte do combate da própria fé, que, de fato, não existiria, se a imortalidade fosse concedida imediatamente aos que creem.

Por que, após sua ressurreição, Cristo afastou do mundo sua presença visível

52 Apesar de o Senhor ter feito visivelmente muitos milagres, dos quais a fé germinasse como de tenros brotos e dessa delicadeza se fortificasse em todo o seu vigor – pois a fé é tanto mais forte, quanto menos busca essas coisas –, contudo, ele quis que aguardássemos, sem ver, o prometido que esperamos, para que o justo vivesse da fé.^[230] Aliás, nem ele mesmo, que ressuscitou no terceiro dia, quis permanecer entre os homens.

Tendo mostrado na sua carne o exemplo àqueles que se dignou ter como testemunhas disso,^[231] na sua carne subiu para o céu, afastando-se da vista deles e não concedendo à carne de nenhum deles nada do que ele tinha mostrado na própria carne, para que eles também vivessem da fé e aguardassem, sem ver, pela paciência, o prêmio da sua justiça, na qual se vive da fé, que depois será visível. Creio que, para entender isso, deve-se referir também o que ele diz do Espírito Santo: “Ele não pode vir, se eu não partir”.^[232] Com isso ele queria dizer: “Não sereis capazes de viver justamente da fé, mas o obtereis do meu dom, que é o Espírito Santo, se eu não tirar dos vossos olhos o que estais vendo, a fim de que vosso coração progrida espiritualmente, crendo nas coisas invisíveis”.

Falando do Espírito Santo, ele recomenda essa justiça que vem da fé, dizendo: “Ele acusará o mundo em questão de pecado, de justiça e de juízo: em questão de pecado, porque não creram em mim; em questão de justiça, porque vou para o Pai e não me vereis mais”.^[233] Que justiça é essa pela qual eles não o veem, senão para que o justo viva da fé^[234] e, não vendo as coisas visíveis, mas as coisas que não se veem, aguardemos, com espírito de fé, a esperança da justiça.

A remissão dos pecados não apaga as penas dos pecados

53 Aqueles que dizem: “Se é verdade que esta morte do corpo vem do pecado, então, após a remissão dos pecados, dada a nós pelo Redentor, não morreríamos”, não entendem como aquelas coisas cuja culpa Deus perdoa, para que não façam mal depois da morte, contudo, ele permite que elas permaneçam, a fim de que, os que estão progredindo no combate da justiça, sejam instruídos e exercitados por elas. Outro, sem o compreender, poderia dizer: “Se, por causa do pecado, Deus disse ao homem: Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, e a terra brotará espinhos e estrepes”, [235] como, então, após a remissão dos pecados, esse trabalho continua e a terra dos fiéis também germina essas coisas duras e ásperas?

Também, se, por causa do pecado, foi dito à mulher: “Darás à luz com sofrimento”, [236] como, então, após a remissão dos pecados, as mulheres fiéis sofrem as mesmas dores do parto? E, contudo, consta que foi por causa do pecado que cometeram que os primeiros homens ouviram e mereceram isso; e não está de acordo com as palavras do livro divino que mencionei quem totalmente alheio à fé católica é contra os mesmos escritos.

Por que permanecem as penas dos pecados

54 Visto que não faltam estes também, a quem respondemos com uma apresentação que diz que, antes da remissão, aquilo era considerado castigo dos pecados, mas, depois da remissão, são combates e exercitações dos justos, assim também devemos responder àqueles que se admiram da morte do corpo, que, admitimos, é devida ao pecado, e que, após a remissão dos pecados, não negamos tenha sido deixada para combate, para que o medo da morte seja superado por aqueles que estão progredindo. Se a fé, que opera pela caridade,^[237] fosse uma virtude pequena, não seria tão grande a glória dos mártires, por vencerem o medo da morte, nem o Senhor diria: “Ninguém tem caridade maior do que dar a sua vida pelos seus amigos”.^[238] João diz na sua epístola: “Como ele deu sua vida por nós, assim nós também devemos dar a vida pelos irmãos”.^[239]

Portanto, não se elogiaria tanto, principalmente a coragem de sofrer ou desprezar a morte pela justiça, se não fosse grande e muito dura a tristeza da morte. Quem vence, pela fé, o medo dela, ajunta grande glória e uma justa recompensa da própria fé. É por isso que não é de admirar que não haveria para o homem a morte do corpo, se antes não houvesse o pecado, seguido por tal pena e que, após a remissão dos pecados, ela acontece para os fiéis a fim de que, vencendo o medo dela, a força da justiça seja exercitada.

O pecado e a pena em Adão

55 A primeira carne que foi feita não era a carne do pecado, com a qual o homem, no meio das delícias do paraíso, não quis observar a justiça. Por isso, Deus estabeleceu que, depois do pecado, a carne gerada do pecado deveria lutar, com trabalhos e tristezas, para receber a justiça. Por causa disso, Adão também foi expulso do paraíso, foi morar diante do Éden, ^[240] isto é, na frente da sede das delícias, para significar que a carne do pecado deveria ser instruída por meio de trabalhos, contrários às delícias.

Portanto, como os primeiros homens, vivendo depois corretamente – e por isso com razão se crê tenham sido libertados do suplício extremo pelo sangue do Senhor –, não mereceram voltar ao paraíso naquela vida, assim também a carne do pecado, mesmo depois de perdoados os pecados, em que, justamente, o homem continuou a viver, não merece, imediatamente, evitar a morte, que trouxe pela geração do pecado.

O pecado e a pena em Davi

56 Algo semelhante se nos apresenta também a respeito do patriarca Davi, no livro dos Reis. Quando o profeta Ihe foi enviado, por causa do pecado que ele reconhecera, e o ameaçava com males futuros vindos da ira de Deus, pela confissão do pecado, ele mereceu o perdão, respondendo-lhe, então, o Profeta, ^[241] que aquele desregramento e crime tinha-lhe sido perdoado; contudo, seguiu-se o que Deus havia ameaçado, e ele foi humilhado pelo filho. Por que não se diz também aqui: “Se Deus havia ameaçado aquilo por causa do pecado, por que, então, depois de perdoado o pecado, cumpriu o que havia ameaçado?”.

Se isso fosse dito, se responderia corretissimamente que aquela remissão do pecado foi feita para que o homem não fosse impedido de receber a vida eterna; e que o efeito da ameaça aconteceu, para que se exercesse e provasse a humildade, a piedade do homem. Assim, Deus infligiu ao homem a morte do corpo também por causa do pecado e, após a remissão dos pecados, não a tirou para o exercício da justiça.

Não se deve desviar nem para uma orgulhosa presunção, nem para um amor seguro do pecado

57 Mantenhamos, portanto, uma profissão de fé inflexível. Um só é o que nasceu sem pecado, na semelhança da carne do pecado, viveu sem pecado entre os pecados alheios, morreu sem pecado, por causa dos nossos pecados. “Não desviemos para a direita ou para a esquerda”.^[242] Desviar para a direita significa enganar-se a si mesmo, dizendo-se sem pecado; desviar-se para a esquerda, porém, significa achar-se impune, por não sei qual perversa e depravada segurança, dando-se ao pecado. Porém “o Senhor conhece os caminhos à direita”,^[243] ele que é o único sem pecado e que pode apagar os nossos pecados; “perversos são os caminhos à esquerda”,^[244] caminhos da amizade com o pecado.

Aqueles adolescentes de vinte anos que entraram na terra prometida,^[245] sem desviar para a direita nem para a esquerda,^[246] como se conta, foram uma figura antecipada do novo povo. A idade de vinte anos não deve ser comparada com a inocência das crianças; mas, se não me engano, esse número esconde e soa algo místico. Pois o Antigo Testamento é notável pelos cinco livros de Moisés; o Novo, porém, brilha pela autoridade dos quatro Evangelhos. Esses números multiplicados chegam à vintena, pois quatro vezes cinco ou cinco vezes quatro são vinte.

Como se disse antes, esse povo, esclarecido no reino dos céus, por dois Testamentos, o Antigo e o Novo, sem desviar-se para a direita, por uma orgulhosa presunção de justiça, nem para a esquerda, por um amor seguro ao pecado, há de entrar na terra daquela promessa, onde já não mais desejamos nos serem perdoados os pecados, nem tememos serem punidos em nós, libertados já por aquele Redentor que, sem ser vendido sob o pecado, libertou Israel de todas as suas iniquidades, tanto daquelas cometidas pela própria vida como daquelas trazidas originalmente.

Os pelagianos confessam que a redenção é necessária para as crianças

58 Não foi pouco o que cederam à autoridade e verdade das divinas Escrituras aqueles que, apesar de não quererem exprimir abertamente, nos seus escritos, que é necessária às crianças a remissão dos pecados, contudo confessaram que é necessária a elas a redenção. Em outras palavras, tiradas também da sabedoria cristã, eles não disseram absolutamente nada diferente.

Para aqueles que leem com fé os escritos divinos, ouvem com fé, guardam com fé, não há dúvida que, daquela carne que se tornou carne do pecado, antes de ser vontade de pecado, em seguida, passado para todos o documento da iniquidade e da morte, se propagou a carne do pecado, com a exceção da semelhança da carne do pecado, que, porém, não existiria se não existisse a carne do pecado.

Questão sobre a alma. As Escrituras são claras no que é necessário para a salvação

59 A respeito da alma, a questão é se ela mesma, propagada do mesmo modo, está ligada pela culpa que lhe é perdoada; pois não podemos dizer que só a alma da criança e não também toda alma precisa do auxílio do Salvador e Redentor, e que ela é alheia à ação de graças, que está nos Salmos, no qual lemos e dizemos: “Bendize ó minha alma o Senhor e não esqueças todos os seus favores, que se mostra misericordioso com todas as tuas iniquidades, que cura todas as tuas feridas, que resgata a tua vida da corrupção”;^[247] ou também se não é propagada, se tem necessidade da remissão do próprio pecado e da sua redenção, só pelo fato de estar carregando a carne do pecado.

Deus julga com a sua suma presciência quais as crianças que não merecem ser absolvidas dessa culpa, mesmo aquelas que ainda não nasceram^[248] e que, em nenhum lugar, com a sua própria vida, fizeram algo de bem ou de mal.

Uma grande questão é como Deus, mesmo que não crie as almas por transmissão, não é também o autor da mesma culpa, por causa da qual a redenção do sacramento é necessária à alma da criança. Essa questão pede outra discussão e, acho eu, temperada por certa moderação, em que é mais louvada uma cauta pesquisa do que repreendida uma afirmação precipitada. Quando se discute sobre questões, em que não se tem a ajuda de documentos certos e claros das autoridades divinas, a humana presunção deve frear-se a si mesma, nada fazendo por inclinação para qualquer parte.

Mesmo que não saiba como alguma dessas questões pode ser demonstrada ou explicada, contudo, creio que, se o homem não pudesse ignorar algo sem prejuízo para a salvação prometida, haveria claríssima autoridade das palavras divinas sobre aquilo. Aqui tens o trabalho elaborado segundo as minhas capacidades; oxalá tão útil quanto prolixo! Cuja prolixidade poderia defender, se não me envergonhasse de torná-lo ainda mais prolixo se a defender.

LIVRO 3

AGOSTINHO, BISPO, SERVO DE CRISTO E DOS SERVOS DE CRISTO, AO CARÍSSIMO FILHO MARCELINO, SAUDAÇÃO NO SENHOR.

Ocasão desta carta

1 Sobre as questões que me tinhas colocado para te escrever alguma coisa, contra aqueles que dizem que, mesmo se não tivesse pecado, Adão teria morrido; que nada do pecado dele passou aos seus descendentes por geração, tendo em vista especialmente o batismo das crianças, que, por um costume piíssimo e materno, a Igreja celebra; que nesta vida existem, existiram e existirão filhos dos homens sem nenhum pecado, já escrevi dois longos livros.

Parece-me que, por eles, talvez não tenha correspondido tudo a todos os sentimentos de todos – o que, aliás, não sei se pode ser feito por mim ou por outro, e até duvido seja possível –, contudo, fiz algo, sobre esses assuntos, com que os defensores da fé passada pelos mais velhos não se sentirão completamente desarmados contra as novidades daqueles que pensam diferentemente. Aliás, há pouquíssimos dias, li alguns escritos de Pelágio, homem santo, como ouço dizer, cristão de não pouca perfeição, que continham brevíssimas exposições sobre as cartas de Paulo, apóstolo, em que encontrei – quando tocou aquele lugar em que o Apóstolo diz: “por um homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado, a morte”,^[1] e assim passou a todos os homens – uma argumentação daqueles que negam que as crianças carregam o pecado original, raciocínio que, confesso, não refutei naqueles meus longos volumes, porque nem passou pela minha cabeça que alguém pudesse pensar ou dizer isso.

Por isso, não querendo acrescentar nada àquela obra a que já tinha posto um fim, achei que devia inserir nesta carta a mesma argumentação, com as mesmas palavras com que a li, e o que me

parecia contra, conforme o meu parecer.

As crianças tornam-se fiéis pelo batismo

2 Assim é colocada a argumentação: “Aqueles, porém, que são contra a transmissão do pecado tentam rejeitá-la assim: Se o pecado de Adão, dizem, prejudicou também quem não pecou, logo, também a justiça de Cristo beneficiou também aqueles que não creem, porque, de modo semelhante e até melhor, se diz ser salvo por um do que por um antes muitos pereceram”. Como disse, não respondi nem mesmo me propus refutar tal argumento nos dois livros que te escrevi. Agora, porém, nota, antes de tudo, o que dizem: “Se o pecado de Adão prejudica também aqueles que não pecam, logo, também a justiça de Cristo beneficia também quem não crê”, julgando absurdo e falso que a justiça de Cristo beneficia também quem não crê. De onde acham poder concluir que o pecado do primeiro homem não podia prejudicar as crianças, que não pecam, e que a justiça de Cristo não pode beneficiar a nenhum que não crê. Digam, então, que adianta a justiça de Cristo para as crianças batizadas, digam, então, o que querem.

Na verdade, se eles se lembram de ser cristãos, não duvidam de que algo ajuda. Seja qual for a ajuda, como eles mesmos admitem, não pode ajudar quem não crê. Por isso, eles são obrigados a colocar as crianças batizadas no número dos que creem e estar de acordo com a autoridade da Santa Igreja de toda a parte, que não as julga indignas do nome de fiéis, a quem, mesmo segundo eles, a justiça de Cristo não pode ajudar se não crerem. Portanto, assim como o espírito de justiça daqueles pelos quais renascem, pela sua resposta, transfere a eles a fé, que ainda não podem ter pela própria vontade, assim também a carne do pecado daqueles pelos quais nascem transfere a eles a culpa que ainda não contraíram pela própria vida.

E como o espírito da vida em Cristo os regenera como fiéis, assim também o corpo da morte em Adão os gera como pecadores; a primeira é geração carnal, a outra, espiritual; uma os torna filhos da carne, a outra, filhos do espírito; uma, filhos da morte, a outra, filhos da ressurreição; uma, filhos do mundo, a outra, filhos de Deus;

uma, filhos da ira, a outra, filhos da misericórdia; por isso, uma os torna ligados pelo pecado original, a outra os torna libertados do vínculo de todo pecado.

Se não tivessem o pecado original, as crianças não batizadas seriam punidas injustamente

3 Por último, aquilo que não conseguimos alcançar com a inteligência mais perspicaz, somos obrigados a aceitar pela autoridade divina. Com razão, eles nos advertem de que a justiça de Cristo só pode beneficiar a quem tem fé e, ao mesmo tempo, reconhecem que beneficia algo às crianças. Por isso mesmo, como dissemos, eles precisam, sem nenhuma hesitação, incluir as crianças batizadas no número dos que têm fé. Por consequência, portanto, se não forem batizadas, elas estarão entre aqueles que não creem e, por isso mesmo, não terão a vida, mas a ira de Deus permanece sobre elas, uma vez que “quem não crê no Filho não terá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele”^[2] e são julgados; porque quem “não crê já foi julgado”^[3] e serão condenados; porque *quem* “crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado”.^[4]

Vejam eles, agora, como tentam e provam afirmar que é por justiça que pertencem à ira de Deus e são divinamente julgados e condenados os homens que são sem pecado, se neles não há pecado original, como não têm pecado próprio.

Precisa rezar para superar as dificuldades dos problemas

4 Parece-me já ter respondido bastante e com clareza, naqueles dois livros da minha longa obra, às outras questões que Pelágio insinua dizerem eles, que discutem contra o pecado original. Se a alguns parecer pouco ou pouco claro o que disse, perdoem-me e concordem com aqueles que o censuram não porque é pouco, mas porque é demais.

Aqueles que ainda não entendem o que acho ter dito claramente segundo a natureza das questões, não me caluniem de negligência ou pela minha falta de inteligência, mas é melhor que roguem a Deus para adquirir inteligência.

Em nome de outrem, Pelágio aduz argumentos contra o pecado original

5 Na verdade, é preciso observar com atenção como esse homem bom e elogiado, como dizem aqueles que o conhecem, aduziu essa argumentação contra a transmissão do pecado, não por própria iniciativa, mas porque aqueles que não a aprovam o intimaram a dizer o que eles dizem, e não somente o que acabo de expor e a que respondi, mas também outras coisas que lembro ter respondido naqueles livros. Pois, quando diz: “Se o pecado de Adão, dizem, prejudicou também quem não pecou, logo também a justiça de Cristo beneficia quem não tem fé” – tu percebes na minha resposta que não somente não atacam o que dizemos, mas nos recomendam o que dizer –, em seguida acrescenta: “Dizem depois: se o batismo limpa aquela culpa antiga, quem teria nascido de duas pessoas batizadas não deve ter esse pecado; pois não puderam os pais transmitir o que eles mesmos não tinham.

Acrescenta-se também, diz, que, se a alma não vem por transmissão, mas só a carne, então, só a carne tem a transmissão do pecado e só ela merece a pena, dizendo eles ser injusto que hoje uma alma nascida não da matéria de Adão carregue tão antigo pecado alheio. Afirmam também, diz, por nenhuma razão admitir que Deus, que perdoa os pecados próprios, acuse de pecados alheios”.

A opinião incerta do próprio Pelágio

6 Peço que notes como Pelágio incluiu tudo isso nos seus escritos, não em própria pessoa, mas na pessoa de outros, não sei até que ponto consciente de que essa novidade, que começou a ecoar, era contra a antiga e profunda opinião da Igreja, para ele admiti-la ou dela envergonhar-se ou temê-la. Talvez ele mesmo não admita que o homem nasça sem pecado, ele que confessa ser necessário ao homem o batismo, em que acontece a remissão dos pecados; nem que o homem seja condenado sem pecado, porque, sem o batismo, deve ser incluído entre os que não têm fé, já que a Escritura não pode enganar, na qual se lê abertamente: “Quem não crer será condenado”;^[5] nem, finalmente, que, sem pecado, a imagem de Deus não seja admitida no reino de Deus, pois “quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”;^[6] e assim ou será precipitado na morte eterna, sem pecado, ou, o que é mais absurdo ainda, terá a vida eterna fora do reino de Deus, quando, predizendo o que vai acontecer aos seus, no fim, o Senhor disser: “Vinde, benditos do meu Pai, recebei o reino que vos foi preparado desde o início do mundo”,^[7] e manifestar também o que é o próprio reino, que ele dizia, concluindo assim: “Assim, irão aqueles para o fogo eterno, os justos, porém, para a vida eterna”.^[8] Portanto, creio que aquele homem, tão excelente cristão, não admitia, absolutamente, essas e outras coisas perversas demais e repugnantes para a verdade cristã, que são consequência desse erro.

Pode, porém, acontecer também, talvez, que ele, ainda impressionado com os argumentos daqueles que pensam contra a transmissão do pecado, espere ouvir ou saber o que se diz contra eles; por isso, não quis calar, mas eximir da própria pessoa, para não parecer ele também o admitir, o que dizem aqueles que são contra a transmissão do pecado, para colocar a questão em discussão.

Deve-se admitir o que está claríssimo nas Escrituras, para entender, por elas, as coisas obscuras

7 Mesmo que eu não consiga refutar os argumentos deles, contudo, vejo que se deve aderir ao que é claríssimo nas Escrituras, para que, por elas, as coisas obscuras sejam reveladas, ou então, se a mente ainda não consegue perceber o que já está demonstrado nem investigar o que é complicado acreditar sem nenhuma hesitação.

Que, porém, há de mais claro, por tantos e tão grandes testemunhos das palavras divinas, pelas quais aparece com toda a evidência que, fora da união com Cristo, nenhum homem pode chegar à vida e salvação eterna, e que ninguém pode ser condenado por um juízo divino, isto é, ser afastado daquela vida e salvação, injustamente? Do que segue que, quando as crianças são batizadas, não se faz outra coisa senão serem elas incorporadas à Igreja, isto é, sejam unidas ao corpo e aos membros de Cristo,^[9] e fica claro que, se isso não lhes for conferido, elas pertencem à condenação.

Porém, não poderiam ser condenadas se não tivessem pecado. E porque aquela idade não pode contrair na vida nenhum pecado, resta entender, e se não o conseguirmos ainda, crer que as crianças recebem o pecado original.

Testemunhos claros das Escrituras para entender Rm 5,12

8 Por acaso, há algo de ambíguo nas palavras apostólicas com que diz: “Por um homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte e assim passou para todos os homens”;^[10] e elas podem ser levadas e transferidas para outra afirmação, porventura também ambígua: “Quem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”?^[11] Por acaso também esta: “Chamarás o nome dele de Jesus; pois ele salvará o seu povo dos seus pecados”?^[12] Será que também esta: “Que os sãos não precisam de médico, mas os doentes”,^[13] isto é, Jesus não é necessário para aqueles que não têm pecado, mas para quem deve ser salvo do pecado? Por acaso também aquela afirmação de que, se os homens não comerem a carne dele, não terão a vida?^[14]

Com esses e outros semelhantes testemunhos divinos, mais claros que a luz, que deixo agora de lado, certíssimos pela autoridade divina, não está a verdade a proclamar, sem ambiguidade alguma, não somente que as crianças não batizadas não podem entrar no reino de Deus, mas nem podem ter a vida eterna fora do corpo de Cristo, no qual, para serem incorporadas, são banhadas pelo sacramento do batismo? Não testemunha a verdade, sem nenhuma dúvida, que, pelas piedosas mãos dos pais, elas são levadas a Jesus, isto é, ao salvador e ao médico Cristo, por nenhuma outra razão senão para que pelo remédio dos sacramentos dele possam ser curadas da peste do pecado? Por que, portanto, demoramos a entender também as palavras do Apóstolo de que talvez duidávamos, de modo a concordar com esses testemunhos de que não podemos duvidar?

Rm 5,12 não é ambíguo

9 Mesmo em todo aquele texto, em que o Apóstolo diz que a condenação de muitos vem pelo pecado de um só, e a justificação de muitos, pela justiça de um só,^[15] nada me parece ambíguo, a não ser o que diz “Adão ser a forma do futuro”.^[16] Essa expressão, de fato, convém não somente a essa sentença, pela qual se entende que os futuros descendentes dele serão gerados, na mesma forma, com o pecado; mas essas palavras podem ser entendidas de várias outras maneiras.

Também nós, às vezes, dissemos uma coisa e talvez diremos outra, que, porém, não é contrária à primeira compreensão; o próprio Pelágio explicou isso não de um modo só. Porém, as outras coisas que aí são ditas, se forem diligentemente consideradas e tratadas, como tentei fazer, de alguma maneira, no primeiro daqueles dois livros, mesmo que pela, dificuldade do próprio assunto, gerem um discurso meio obscuro; contudo, nunca poderão ter um sentido diferente daquele, que, desde antigamente a Igreja reteve, isto é, que as crianças recebem, pelo batismo, a remissão do pecado original.

A autoridade de Cipriano de Cartago

10 Por isso, com razão, o beato Cipriano mostrou como a Igreja, desde o início, conservou o que era crido e entendido. Ele afirmava que as crianças recém-nascidas do útero materno já eram idôneas para receber o batismo de Cristo. Quando consultado se isso deveria ser feito antes do oitavo dia, procurou, quanto pôde, demonstrar que elas eram perfeitas, para que ninguém as considerasse devendo ainda ser perfeitas, por causa do número de dias, já que antigamente as crianças eram circuncidadas no oitavo dia. Mas como patrocinava muito a defesa delas, contudo confessava que elas não eram imunes do pecado original, porque, negando isso, tiraria a razão do próprio batismo, por causa da recepção do qual ele as defendia. Se quiseres, podes ler a própria carta do lembrado mártir: “O batismo das crianças”,^[17] que não pode faltar em Cartago.

Porém, achei bom transcrever dela para esta nossa carta ainda umas poucas coisas, quanto bastam à presente questão. Observa, com atenção, o que ele diz: “Quanto interessa à causa das crianças, que disseste não convir sejam batizadas entre o segundo ou terceiro dia depois do nascimento e dever ser considerada a lei da circuncisão antiga, de modo a nem pensar que quem nasceu deve ser batizado e santificado dentro do oitavo dia, bem outra coisa pareceu ao nosso concílio. Ninguém concordou com aquilo que achavas que devia ser feito; mas todos julgamos que a misericórdia de Deus e a graça não deve ser negada a nenhum homem nascido. Pois, como o Senhor diz no seu Evangelho: ‘O Filho do homem não veio perder, mas salvar as almas dos homens’,^[18] quanto depende de nós, se for possível, nenhuma alma deve perder-se”. Notaste como diz e como pensa ser fatal e mortífero não somente para a carne, mas também para a alma da criança, partir desta vida sem aquele sacramento salutar? Se ele não dissesse mais nada, daria para entendermos que a alma sem pecado não se perde.

Contudo, veja o que, pouco depois, ele diz, com toda a clareza,

defendendo a inocência das crianças: “Aliás, se algo é capaz de impedir os homens de alcançar a graça, são os pecados graves que poderiam impedir mais os adultos adiantados em anos e mais velhos. Portanto, se a remissão dos pecados é concedida até aos maiores criminosos e aos que antes pecaram muito contra Deus, mas depois acreditaram, e ninguém é impedido do batismo, quanto mais não deve ser impedida uma criança recém-nascida, que nada pecou, a não ser aquele contágio da antiga morte, que contraiu do primeiro nascimento, nascendo carnalmente segundo Adão! Por isso mesmo, mais facilmente pode aproximar-se para receber a remissão dos pecados, uma vez que lhe são perdoados não pecados próprios, mas pecados alheios”.

São Cipriano fala de uma antiga regra de fé

11 Tu vêes com quanta segurança tão grande homem diz essas coisas, da antiga e não duvidosa regra de fé. Ele traz esses ensinamentos certíssimos, para que ficasse demonstrado por tais bases aquilo que era incerto sobre o que aquele a quem responde tinha consultado, e sobre o que ele lembra ter sido elaborado um decreto do concílio, isto é, que, se fosse apresentada uma criança, mesmo antes do oitavo dia do seu nascimento, ninguém duvidasse de batizá-la. Isso tinha sido estabelecido e firmado, então, pelo concílio, não como algo novo ou porque pressionado pela oposição de alguém.

Na verdade, as crianças são presas ao pecado original; como, porém, aquela consulta tratava e discutia sobre se, por causa da lei da circuncisão carnal, convinha que fossem batizadas antes do oitavo dia, por isso mesmo ninguém concordou com quem o negava, uma vez que não era mais para consultar nem discutir, mas era já considerado firme e certo que a alma se perderia para a vida eterna, se terminasse esta vida sem conseguir aquele sacramento, mesmo sendo crianças recém-nascidas, presas só pelo resto do pecado original.

Por isso, a remissão dos pecados era necessária para elas, apesar de ser muito fácil, porque se tratava de pecados alheios. A questão incerta do oitavo dia ficou resolvida por essas coisas certas; e no concílio ficou decidido que é permitido socorrer todos os dias o homem nascido, para não se perder para sempre.

Foi também esclarecido o sentido da circuncisão carnal, como sombra do futuro, e não como se devêssemos entender que também o batismo devesse ser conferido no oitavo dia do nascimento. Nós também fomos circuncidados espiritualmente na ressurreição de Cristo, que ressuscitou dos mortos depois de três dias da paixão, mas, conforme os dias que sucederam na semana, no oitavo dia, isto é, no primeiro dia depois do sábado.

A concordância de todos sobre o pecado original

12 E agora, alguns, não sei com qual provocação para uma nova discussão, tentam apresentar-nos como incerto o que os nossos antepassados, resolvendo questões incertas para alguns, apresentavam como certíssimo. Não sei qual foi o início em que começou a discussão disso. O que sei é que também São Jerônimo, que ainda vive entre nós pela fama e trabalho de excelente doutrina nas ciências eclesiásticas, para resolver certas questões, nos seus livros, recorre a esse ensinamento seguro, sem nenhum questionamento. Pois, no livro que escreveu sobre o profeta Jonas, quando chegou àquele lugar em que se conta que também as crianças eram submetidas ao jejum, diz: “A idade maior começa e chega até a menor. Não há ninguém sem pecado nem se a sua vida durar um dia ou vários forem os anos da sua vida. Pois, se as estrelas não são limpas diante de Deus, quanto mais o verme e a podridão e aqueles que são considerados culpados pelo pecado do pecador Adão”.^[19]

Se pudéssemos facilmente interrogar esse inteligentíssimo homem, ele lembraria quão numerosos estudiosos de ambas as línguas das Escrituras divinas e escritores sobre discussões cristãs, que desde a fundação da Igreja de Cristo não pensavam coisa diferente, nada diferente do que receberam dos antepassados, nada diferente passavam aos descendentes. Da minha parte, apesar de ter lido muito menos, não me lembro de ter ouvido coisa diferente dos cristãos, que aceitam ambos os Testamentos, não somente dentro da Igreja católica, mas também dos que se encontram em qualquer heresia ou cisma; não me lembro de ter lido, nos livros daqueles que pude ler, que escrevessem sobre o assunto e que seguem as Escrituras canônicas ou que pensam seguir ou quisessem ser cridos. Não sei de onde, de repente, nos apareceu essa ideia. Pois, pouco tempo atrás, quando estávamos em Cartago, meus ouvidos foram tocados, de passagem, por algumas pessoas que conversavam ocasionalmente, “que as crianças são

batizadas não para alcançar a remissão dos pecados, mas para serem santificadas em Cristo”. [20]

Impressionado com tal novidade, mas porque não era oportuno dizer algo em contrário, pois tais homens não eram daqueles de quem era responsável por autoridade, facilmente deixei isso para trás e esquecido. E agora já é defendido com ardoroso entusiasmo, aí agora recomendado, por escrito, à memória; aí o assunto voltando à discussão, a ponto de até sermos consultados pelos irmãos; aí sermos obrigados a discutir e escrever contra.

O testemunho de São Jerônimo sobre o pecado original, contra Joviniano

13 Poucos anos atrás, havia em Roma um tal Joviniano, que se diz ter persuadido mulheres consagradas, mesmo já de idade avançada, a se casarem, não aliciando ninguém que quisesse casar-se com algumas delas, mas defendendo nas discussões, que as virgens consagradas não têm, junto de Deus, nenhum merecimento a mais do que os fiéis casados. Contudo, nunca lhe passou pela cabeça a ideia de tentar afirmar que os filhos dos homens nascem sem o pecado original. Se o afirmasse, as mulheres seriam muito mais inclinadas a casar-se e darem à luz filhos limpíssimos. Alguns irmãos enviaram escritos dele – pois teve a ousadia até de escrever – para Jerônimo refutá-los; mas ele não encontrou nos livros nada disso; mas, para refutar algumas coisas erradas, trouxe à luz, entre os seus muitos ensinamentos, como coisa certíssima, a afirmação do pecado original, de que ele acreditava que nem Joviniano duvidava.^[21]

São dele estas palavras: “Quem diz estar em Cristo deve caminhar como ele mesmo caminhou”.^[22] “Escolha o adversário o que quer de duas uma, damos a ele a chance. Fica ou não em Cristo? Se ficar, caminhe como Cristo. Se, porém, para ele é temerário propor-se a semelhança das virtudes do Senhor, então não permanece em Cristo, porque não caminha como Cristo. Ele não cometeu pecado nem foi encontrado engano na sua boca”;^[23] “quando era amaldiçoado, não amaldiçoava; e, como cordeiro diante do tosquiador, não abriu a sua boca; o príncipe deste mundo veio ao seu encontro e não encontrou nada nele”;^[24] “como não tivesse pecado, Deus o fez pecado em nosso favor”.^[25] “Nós, porém, segundo a carta de Tiago, todos pecamos muito”^[26] “e ninguém é limpo de pecados, nem se a sua vida fosse de um só dia”.^[27] “Quem se gloriará de ter um coração casto? Ou quem confiará ser sem pecado?”^[28] “Somos considerados réus à semelhança da

prevaricação de Adão”.^[29] Por isso, diz Davi: “Eis que fui concebido na iniquidade e nos pecados me concebeu a minha mãe”.^[30]

Todos os homens foram um em Adão

14 Lembrei tudo isso, não para nos apoiarmos nas opiniões de alguns expositores como em autoridade canônica, mas para ficar evidente que, desde o início que surgiu essa novidade, até os dias de hoje, essa verdade sobre o pecado original foi guardada com tanta constância, como fé, na Igreja, que era aduzida por aqueles que comentavam as palavras do Senhor mais como certeza para refutar outras opiniões falsas do que ser refutada como falsa por alguém que tivesse a coragem de rejeitá-la como falsa. Aliás, nos santos livros canônicos está firme a autoridade claríssima e total dessa afirmação.

O Apóstolo grita: “Por um homem o pecado entrou no mundo e pelo pecado a morte, e assim passou para todos os homens, em quem todos pecaram”.^[31] Por isso, não se pode dizer simplesmente que o pecado de Adão prejudicou também quem não pecou, já que a Escritura diz: “Em quem todos pecaram”. Nem esses pecados se dizem alheios, como se não pertencessem às crianças – se, na verdade, em Adão todos então pecaram, quando na natureza dele, todos ainda estavam unicamente nele por aquela força interna pela qual podia gerá-los –, mas são ditos alheios, porque ainda não operavam suas próprias vidas, mas a vida do único homem continha tudo o que havia na futura descendência.

Deus perdoa os pecados pela regeneração do Espírito, e não pela geração da carne

15 Eles dizem: “Por nenhuma razão se admite que Deus, que perdoa os pecados próprios, acuse de alheios”. Perdoa, sim, mas aos regenerados pelo espírito, não aos gerados pela carne; e, na verdade, lhes atribui não pecados alheios, mas os próprios. Eram alheios quando os que os carregavam ainda não existiam; agora, porém, pela geração carnal já são daqueles a quem ainda não foram perdoados pela regeneração espiritual.

Como pode haver pecado original naqueles que pessoas batizadas geraram

16 Eles dizem: “Mas se o batismo lava aquele antigo pecado, então, quem nasceu de duas pessoas batizadas deve estar livre desse pecado. Pois não puderam transmitir aos descendentes o que eles mesmos não tinham”. Eis de onde vem que o erro tome força: quando as pessoas são capazes de perguntar aquilo que não são capazes de entender. A que ouvinte e com que palavras devo explicar que as origens mortais corrompidas não prejudicam aqueles que foram iniciados por outras origens imortais e, contudo, prejudicam aqueles que os mesmos a quem já não prejudicam geram das mesmas origens corrompidas? Como vai entender isso uma pessoa que o preconceito de opinião e o laço gravíssimo da teimosia impedem a sua mente atrasada?

Contudo, se tocasse a mim essa causa contra aqueles que proíbem totalmente que as crianças sejam batizadas ou pleiteiam ser supérfluo serem batizadas, dizendo que os que nascem de pessoas batizadas seguem, necessariamente, o merecimento dos pais, então, eu deveria empenhar-me com maior trabalho e espaço para refutar essa opinião; então, se, por causa da obscuridade da natureza das coisas, a dificuldade de refutar os erros e persuadir da verdade me fizesse resistir diante de pessoas fechadas e briguintas, então, talvez me refugiaria nos exemplos que estão em uso e à mão: e, por minha vez, perguntaria, já que o que os inquieta é como o pecado que é lavado pelo batismo permaneça naqueles que pessoas batizadas geraram: que expliquem como o prepúcio que é tirado pela circuncisão permanece naqueles que os circuncidados geram; como também a palha que com trabalho humano com tanto cuidado é separada, permanece no fruto que nasce do trigo limpo.

Como de cristãos nasce um não cristão, assim de pessoas limpas nasce uma pessoa não limpa

17 Com esses exemplos e outros semelhantes, procurarei, de certa maneira, persuadir aqueles que acham supérfluo aos filhos daqueles que já foram purificados receberem os sacramentos da purificação, como é de bom aviso que sejam batizados os filhos dos batizados e como pode acontecer que não prejudica o homem que tem ambos os germes, aquele da morte na carne e aquele da imortalidade no espírito, porque regenerado pelo espírito, o que prejudica o filho dele gerado pela carne, e que neste, já está purificado pelo perdão o que no outro está ainda para ser purificado pelo perdão, como pela circuncisão, ou pela trituração ou pela ventilação do grão.

Agora, porém, que estamos lidando com aqueles que confessam que os filhos de batizados devem ser batizados, ainda melhor podemos dizer: “Vós que afirmais que os filhos de quem foi purificado da mancha do pecado devem nascer sem pecado, por que não percebeis que dessa maneira poderíeis dizer que de pais cristãos devem nascer filhos cristãos? Por que, então, pensais que eles devem tornar-se cristãos? Por acaso nos pais deles o corpo não era cristão, a quem foi dito: ‘Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?’”^[32] Por acaso, o corpo que nasceu de pais cristãos é cristão, mas não recebeu uma alma cristã? Isso seria mais estranho ainda.

Naturalmente, não acreditais, com o Apóstolo, que, antes de nascer, a alma tenha feito algo de bem ou de mal,^[33] então, vede qual das duas coisas pensais: ou ela vem por transmissão, e então, como é cristão o corpo que nasce de cristãos, a alma também deve ser cristã; ou foi criada por Cristo no corpo cristão ou por causa do corpo cristão, e então deveu ser criada cristã ou enviada. A não ser que digais que os homens cristãos podem gerar corpo cristão e o próprio Cristo não pode criar uma alma cristã. Rendei-vos à verdade e olhai: como vós mesmos confessais, como pode acontecer que de

cristãos nasça um não cristão, de membros do Cristo, um não membro de Cristo e – para ir ao encontro de todos os que estão ligados a algum nome de religião, mesmo falso – de consagrados nasça um não consagrado, assim também acontece que de purificados nasça um não purificado. Que respondereis: por que de cristãos nasça um não cristão, senão porque é a regeneração que faz cristãos, e não a geração?

Percebei também que, da mesma forma, ninguém é purificado dos pecados pelo nascimento, mas todos pela regeneração. Por isso mesmo, nascendo de homens purificados, porque renascidos, o homem renasça para também ele ser purificado. Os pais puderam transmitir aos descendentes o que eles mesmos não tinham, não somente como o trigo, a palha, o circunciso, o prepúcio, mas também, o que vós também admitis, fiéis transmitem infidelidade aos descendentes; o que não é mais dos regenerados pelo espírito, mas mal do germe mortal pelo qual foram gerados na carne. De fato, julgais que devem ser feitas fiéis pelo sacramento dos fiéis crianças que não negais terem nascido infiéis de pais fiéis.

A questão obscura da origem da alma em relação ao pecado original

18 Dizem: “Se a alma não vem por transmissão, mas só a carne, então só a carne tem a transmissão do pecado e só ela merece a pena – é o que pensam –, e dizem ser injusto que a alma que nasce hoje, não do barro de Adão, carregue tão antigo pecado alheio”.

Observa, te peço, como percebeu o homem reflexivo Pelágio – pois transcrevi essas palavras que acabei de colocar, do livro dele – de quão difícil questão da alma se trata. Pois ele não diz que a alma não vem por transmissão, mas “se a alma não vem por transmissão”, o que faz muito corretamente, em questão tão obscura, sobre a qual não podemos ou dificilmente podemos encontrar nas Escrituras santas, que falam mais frequentemente do que confiavelmente, nenhum testemunho certo e claro. Por isso, eu também respondo a essa questão com uma afirmação nada precipitada: “Se a alma não vem por transmissão, logo, que justiça é esta, que, recém-criada imune de todo e qualquer falta, livre de todo contágio de todo pecado, seja obrigada a suportar as paixões da carne e os diversos sofrimentos, e, o que é mais terrível, os assaltos dos demônios contra as crianças? Pois a carne não sofre nada disso, em que a alma, que vive e sente, não pague mais.

Se se mostrar que isso é justo, então, também pode ser mostrado com que justiça também na carne do pecado a alma suporta o pecado original, que deve ser purificado pelo sacramento do batismo e pela compaixão da graça. Se o primeiro não pode ser mostrado, acho que nem o que vem depois. Portanto, ou aceitamos ambas as coisas como misteriosas e nos lembramos de que somos seres humanos, ou então, se parecer necessário, enfrentamos outra obra sobre a alma, discutindo com sóbria cautela.

Fora da Igreja nenhuma salvação, mas ninguém está na Igreja sem os sacramentos

19 Agora, contudo, o que diz o Apóstolo: “Por um homem o pecado entrou no mundo e pelo pecado a morte, e assim passou para todos os homens, em quem todos pecaram”,^[34] aceitemos assim, para não parecermos estar rejeitando, louca e infelizmente, tantos e tão grandes claríssimos testemunhos das Divinas Escrituras, pelos quais aprendemos que, fora da união com Cristo, que se faz nele e com ele, quando somos lavados pelos seus sacramentos e somos incorporados aos seus membros, ninguém consegue a vida e a salvação eterna. Pois não foi dito, com outro sentido, aos Romanos: “Por um homem o pecado entrou no mundo e pelo pecado a morte, e assim passou para todos os homens”;^[35] como aquilo pelo qual foi dito aos Coríntios: “Pelo homem veio a morte e pelo homem a ressurreição dos mortos; como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos receberão a vida”.^[36]

Ninguém hesite que isso ali foi dito da morte do corpo, pois, pela intenção do Apóstolo, tratava-se da questão da ressurreição do corpo. Parece que foi por isso que ele não falou do pecado, pois não se tratava da questão da justiça; na carta, porém, aos Romanos falou de ambas as coisas e longamente colocou em evidência ambas as coisas: pecado em Adão, justiça em Cristo; morte em Adão, vida em Cristo. Todas essas palavras do discurso do Apóstolo, tendo-as estudado, esclareci, como já disse, quanto podia e quanto pareceu suficiente, no primeiro daqueles dois livros.

Também a morte do corpo acontece como castigo do pecado

20 Mesmo que ali também, no texto aos Coríntios, tivesse longamente tratado da ressurreição, encerrou no fim, de tal maneira, que não permitiu que duvidássemos que também a morte do corpo tivesse acontecido como castigo do pecado. Pois, quando dizia: “É preciso que este corpo corruptível revista a incorrupção e este corpo mortal revista a imortalidade. Quando, porém, este corpo corruptível tiver vestido a incorrupção e este corpo mortal, a imortalidade, então acontecerá a palavra que foi escrita: A morte foi absorvida na vitória. Onde está, morte, a tua vitória? Onde está, morte, o teu aguilhão?”. Acrescenta depois: “Porém, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado, porém, é a lei”.^[37]

Porque as claríssimas palavras do Apóstolo declaram que a morte será, assim, absorvida na vitória, como o corpo corruptível e mortal vestirá a incorrupção e a imortalidade,^[38] isto é, como Deus dará vida também aos nossos corpos mortais, por causa do seu Espírito que habita em nós, fica claro que o aguilhão também dessa morte do corpo, que é contrária à ressurreição do corpo, foi o pecado; o aguilhão, porém, pelo qual foi feita a morte, e não o aguilhão que a morte fez; pois pelo pecado nós morremos, e não pela morte nós pecamos. Por isso, foi dito: “o aguilhão da morte, como se diz: o lenho da vida”,^[39] não lenho que a vida do homem faz, mas lenho pelo qual a vida do homem é feita; e como lenho da ciência, isto é, lenho pelo qual a ciência do homem é feita e não que o homem fizesse o lenho pela sua ciência.

Portanto, aguilhão da morte, pelo qual a morte foi feita, e não aguilhão que a morte fez. Assim também falamos de taça da morte, pela qual alguém morreu ou pode morrer, e não a taça que o moribundo ou o morto fez. Assim, aguilhão da morte é o pecado, pela picada do pecado o gênero humano foi levado à morte. Por que ainda perguntamos de que morte se trata, se da morte da alma ou do corpo? Se da primeira morte, pela qual hoje todos morremos, ou da segunda morte, pela qual um dia os ímpios vão morrer?^[40] Não

há motivo para levantar a questão, não há lugar para duvidar; falando do assunto, as palavras do Apóstolo respondem ao que se pergunta.

Ele diz: “Quando este corpo mortal vestir a imortalidade, então se cumprirá a palavra escrita: a morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Onde está o teu agulhão? O agulhão da morte é o pecado, a força do pecado é a Lei”.^[41] Tratava-se da ressurreição do corpo quando se dizia que a morte será absorvida na vitória, quando este corpo mortal vestir a imortalidade. Então será insultada aquela morte que será absorvida na vitória pela ressurreição do corpo. Então se lhe dirá: “Morte, onde está a tua vitória? Onde está o teu agulhão?” Portanto, é o que se dirá à morte do corpo. A vitoriosa imortalidade vai absorvê-la, quando este corpo mortal se vestir de imortalidade.

Então, se dirá à morte do corpo: “Morte, onde está a tua vitória”, pela qual venceste a todos de tal maneira, que até o Filho de Deus teve de enfrentar-te e superar-te não te evitando, mas te aceitando? Venceste naqueles que morrem, foste vencida nos que ressuscitam. A tua vitória, pela qual absorvias os corpos dos que morrem, foi passageira; a nossa vitória, pela qual tu és absorvida nos corpos dos que ressuscitam, será eterna. “Onde está o teu agulhão?”, isto é, o pecado, pelo qual, picados, fomos envenenados, que até te fizeste presente nos nossos corpos, que possuístes por tão longo tempo? “O agulhão da morte é o pecado, a força, porém, do pecado é a Lei”.^[42]

Todos pecamos em um só, a tal ponto que em um só todos morremos; recebemos a lei, não para que, corrigindo-nos, acabássemos com o pecado; mas para o fazermos crescer, pela transgressão. “Pois a lei entrou para que abundasse o pecado”; e ainda: “A Escritura encerrou tudo sob o pecado. Mas graças sejam dadas a Deus, que nos deu a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”,^[43] a fim de que, “onde foi abundante o pecado, mais abundante foi a graça”,^[44] e: “para que a promessa fosse dada aos que creem, pela fé em Jesus Cristo”^[45] e vencêssemos a morte pela ressurreição imortal e o seu agulhão, o pecado, pela

justificação gratuita.

Sentido de 1Cor 7,14

21 Nesse assunto, ninguém seja enganado nem engane. O sentido claro da santa Escritura tira e afasta todas as ambiguidades. Como a morte passa desde a origem neste corpo de morte, assim desde a origem passou o pecado nesta carne de pecado.^[46] O médico veio na semelhança da carne do pecado, para curar o pecado passado pela geração e acrescido pela vontade e para ressuscitar a carne, ele, de que precisam não os sãos, mas os doentes, e que não veio chamar os justos, mas os pecadores.^[47]

Portanto, o que diz o Apóstolo, quando exorta os fiéis para que não se separem dos cônjuges infiéis: “Pois o marido infiel é santificado na esposa, e a mulher infiel é santificada no irmão; de outra maneira, os vossos filhos seriam impuros, mas agora são santos”,^[48] deve ser interpretado ou como nós já interpretamos em outro lugar^[49] e, como explicou Pelágio, quando tratava da mesma carta aos Coríntios, que já havia exemplos precedentes de maridos que as esposas conquistaram e de esposas que os maridos conquistaram para Cristo, e de filhos, que a vontade cristã, mesmo de um só dos pais, convenceu de se tornarem cristãos; ou deve ser interpretado, como parece mais sugerirem e, de certa maneira, obrigarem as palavras do Apóstolo, de certo tipo de santificação, pela qual eram santificados o marido ou a mulher infiel no cônjuge fiel e pela qual, os filhos de fiéis nasciam santos, seja porque na menstruação se abstinha da união, o marido ou a mulher que o tinha aprendido na lei – pois Ezequiel coloca isso entre os preceitos, o que não deve ser interpretado de modo figurado –,^[50] seja por causa de outro tipo de santificação, que não aparece aí claramente e que surge do próprio relacionamento dos cônjuges e dos filhos; contudo, deve-se admitir, sem dúvida, que, seja qual for essa santificação, não tem valor para fazer cristãos nem para perdoar pecados, se não se tornarem cristãos pela instituição cristã e eclesiástica e pelos sacramentos. Pois cônjuges infiéis, apesar de estarem unidos a cônjuges santos e justos, não são purificados do

pecado que leva à condenação quem está separado do reino de Deus; nem os filhos nascidos de pais santos e justos são perdoados da culpa do pecado original, se não forem banhados em Cristo, em favor dos quais devemos falar tanto mais insistentemente, quanto menos podem eles falar em favor de si mesmos.

Recebemos ordem de ajudar as crianças

22 A discussão trata de que parece supérfluo serem as crianças batizadas, contra qual novidade é preciso ficar firme na verdade antiga. Mas isso não é dito abertamente, para que o firme costume salutar da Igreja não consiga tolerar os seus violadores. Mas se nos mandam cuidar dos órfãos, quanto mais devemos trabalhar por aqueles que permanecerão mais carentes e miseráveis do que os órfãos, sob os pais, se lhes for negada a graça de Cristo, que, por si mesmos não podem pedir.

A perfeição do homem na terra

23 O que dizem eles, que alguns homens com uso da razão da própria vontade já viveram ou vivem neste mundo sem nenhum pecado, é coisa que se deve desejar que aconteça, que se deve tentar fazer acontecer, que se deve suplicar que aconteça; contudo, não se deve admitir que tenha acontecido. Para aqueles que desejam isso, que o tentam e o pedem com súplicas, o que resta de pecado é perdoado todos os dias, pelo fato de dizermos, com sinceridade, na oração: “Perdoa-nos as nossas dívidas, como nós também perdoamos aos nossos devedores”.^[51]

Se alguém disser que nesta vida não é necessária esta oração, para qualquer pessoa, mesmo para um homem santo, que conhece e faz a vontade de Deus, fora o único santo dos santos, erra muito e não pode absolutamente agradar àquele mesmo, a quem louva. Se acha que é assim, engana-se a si mesmo e a verdade não está nele, se não por outro motivo, porque pensa errado.^[52] Aquele médico de que necessitam os enfermos, e não as pessoas com saúde,^[53] sabe como nos curar, para nos levar a crescer para a salvação eterna.

Neste mundo, ele não tira, daqueles a quem perdoou os pecados, a própria morte, apesar de imposta como castigo pelo pecado, a fim de que, mesmo devendo superar o medo dela, aceitem o combate, para mostrar a sinceridade da fé. A alguns, mesmo dos seus justos, ele não ajuda a chegarem à perfeição da justiça, porque ainda poderiam orgulhar-se, a fim de que, já que nenhum ser vivo é justificado diante dele,^[54] devamos sempre ação de graças à sua bondade, e assim sejamos curados, pela santa humildade, daquela primeira causa de todos os vícios, isto é, do tumor da soberba.

Enquanto a minha intenção era dar à luz uma breve carta, nasceu um longo livro; esperemos bem acabado, como finalmente encerrado.

Coleção **Patrística**

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lião
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho
8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Solilóquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho
12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho
13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho
14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio
19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Examerão – Seis dias da criação (Os)*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Epístola aos*

Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homilias sobre a Epístola aos Efésios, São João Crisóstomo

27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilia sobre a Segunda carta aos Coríntios, São João Crisóstomo*

27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, São João Crisóstomo*

28. *Regra Pastoral, Gregório Magno*

29. *Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A), Gregório de Nissa*

30. *Tratado sobre os princípios, Orígenes*

31. *Apologia contra os livros de Rufino, São Jerônimo*

32. *Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A), Santo Agostinho*

33. *Demonstração da pregação apostólica, Irineu de Lyon*

34. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas, Orígenes*

35/1. *Obras Completas I, Cipriano de Cartago*

36. *O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé, Santo Agostinho*

37. *A Trindade, Escritos éticos, Cartas, Novaciano*

38. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos, Orígenes*

39. *Mentira (A) - Contra a mentira, Santo Agostinho*

40. *Natureza do bem (A) – Castigo e o perdão dos pecados (O) – Batismo das crianças (O), Santo Agostinho*

Títulos originais

De natura boni

Tradução: Aduari Fiorotti

Introdução e notas: Heres Drian de O. Freitas

De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum

Tradução: D. Paulo A. Mascarenhas Roxo, O.Praem. (†)

Introdução: Heres Drian de O. Freitas

Numeração em livros e parágrafos, conforme o Corpus Augustinianum Gissense

Direção editorial:

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação editorial:

Heres Drian de Oliveira Freitas

Coordenação de revisão:

Tiago José Risi Leme

Capa:

Marcelo Campanhã

Coordenação de desenvolvimento digital:

Alexandre Carvalho

Desenvolvimento digital:

Daniela Kovacs

Conversão EPUB:

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

A natureza do bem. O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças [livro eletrônico] / Santo Agostinho; tradução de Aduari Fiorotti, D. Paulo A. Mascarenhas Roxo, O.Praem; introdução e notas de Heres Drian de O. Freitas. - São Paulo: Paulus, 2019.

3,1 Mb (Coleção Patrística)

Títulos originais: *De natura boni. De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum*

ISBN 978-85-349-5034-3 (e-book)

1. Teologia cristã - Obras anteriores a 1800 2. Heresias cristãs - Igreja primitiva, ca. 30-600
3. Maniqueísmo - Obras anteriores a 1800 4. Pelagianismo - Obras anteriores a 1800 5. Bem e mal 6. Pecado 7. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. De natura boni 8. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum I. Título II. Fiorotti, Aduari III. Roxo, Paulo A. Mascarenhas IV. Freitas, Heres Drian de O.

CDD 273

19-0907

CDU 273

Índices para catálogo sistemático:

1. Heresias cristãs - Doutrinas - Igreja primitiva
1ª edição, 2019 (e-book)

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[\[Facebook\]](#) • [\[Twitter\]](#) • [\[Youtube\]](#) • [\[Instagram\]](#)

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro



SUMÁRIO

O DE NATURA BONI: EPÍTOME DE UMA EXPERIÊNCIA

[1] Cf. A.A. MOON, *The De natura boni of Saint Augustine. A Translation with Introduction and Commentary*, Catholic University of America Press (Patristic Studies 88), 1955, p. 4. Embora não contenha novidades em qualquer matéria relacionada à polêmica antimaniqueia de Agostinho, a obra reapresenta de modo conciso, claro e denso o resultado de uma longa polêmica (cf. J. KEVIN COYLE, “Natura boni, De”, em A. FITZGERALD (coord.), *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*, São Paulo: Paulus, 2019, p. 690-691, p. 690). Sobre as obras antimaniqueístas agostinianas, veja-se J. KEVIN COYLE, “Obras antimaniqueístas”, em A. FITZGERALD (coord.), *op. cit.*, p. 706-707. Nesta última obra, o leitor encontrará os termos mais importantes do texto agostiniano que tem em mãos, como, entre outros, “Bem”, “Deus”, “Mal”, “Ser”.

[2] Cf. *util. cred.* 2; *mor.* 1,3 e *conf.* 3,10. Boa síntese das experiências agostinianas de confronto com o mal é oferecida por A.A. MOON, *op. cit.*, p. 8-13.

[3] Cf. *conf.* 3,12.

[4] Cf. *conf.* 3,20.

[5] Cf. *nat. b.* 41-47.

[6] M. LANSEROS, “Introducción”, em BAC 3, 1963³, p. 770-772, p. 770.

[7] Cf., por exemplo, *ord.* 2,5.

[8] Cf. *retr.* 1,7[6],1.

[9] Cf. *haer.* 46, de 428.

[10] *retr.* 2,10[37]: “Considero esse volume intitulado *Contra o maniqueu Secundino* o melhor que escrevi contra aquela verdadeira peste que é o maniqueísmo”.

[11] Cf. *retr.* 2,10[37]: “Certo Secundino me escreveu uma carta, dizendo-se meu amigo. [...] Respondi com uma carta [...], que acabou entre os opúsculos agostinianos”.

[12] *c. Fel.* 1,1. Cf. *retr.* 2,8[35].

[13] Cf. *c. Fel.* 1,19.

[14] *c. Fel.* 1,20.

[15] Cf. *retr. prol.*,3.

[16] M. LANSEROS, “Introducción”, em BAC 3, 1963³, p. 770-772, p. 771. J. KEVIN COYLE, *art. cit.*, p. 690, considera que a obra “deve ter sido iniciada

antes do fim de 404”.

[17] Por exemplo, *ep.* 224,2, em que Agostinho diz a Quodvultdeus, diácono cartaginês que lhe encomendara o *haer.*, que estava trabalhando nas *retr.* e numa resposta a Juliano de Eclano, numa durante o dia, na outra durante a noite.

[18] U. PIZZANI, em NBA 2, 1994, p. 165, n. 25, retomado por L. ALICI, “Introduzione”, em NBA 13/1, 1997, p. 324. Naturalmente, essa proposta implica o deslocamento da datação de outras obras e ulteriores complicações. Para todas essas questões, veja-se G. MADEC, “Introduzione Generale”, em NBA 2, 1994, p. xciv-cxi., p. ci-cii. A.A. MOON, *op. cit.*, p. 3; e M.A. SANTIAGO DE CARVALHO, “Introdução”, em *Santo Agostinho. A natureza do bem*, Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida (Mediaevalia. Textos e Estudos 1), 1992, p. 1-35, p. 11, consideram o *nat. b.* de 399.

[19] Cf. G. MADEC, *op. cit.*, p. LIX.

[20] 2,9[36].

[21] Cf. L. ALICI, *op. cit.*, p. 325.

[22] Por exemplo, quando apresenta os elementos estruturantes do ser, *modus*, *species*, *ordo*, simplesmente diz que esses são bens comuns a todos os seres (3).

[23] Note-se que Agostinho tem presente que nem todos os que terão contato com a matéria discutida têm facilidade para lidar com ela (cf., por exemplo, 2 e 15).

[24] Cf., por exemplo, 5, 15, 23. Para questões de sintática, semântica, retórica etc., A.A. MOON, *op. cit.*, p. 41-64, e, mais sinteticamente, L. ALICI, *op. cit.*, p. 326.

[25] Cf. A.A. MOON, *op. cit.*, p. 4; L. ALICI, *op. cit.*, p. 325.

[26] G. MADEC, *op. cit.*, p. LIX, sugere que os destinatários sejam cristãos, e L. ALICI, *op. cit.*, p. 325-326, um leque mais amplo de destinatários, entre os quais os maniqueus, que “aparecem não só como alvo polêmico, mas também [...] como verdadeiros e próprios interlocutores” (p. 325; tradução livre nossa).

[27] L. ALICI, *op. cit.*, p. 325, divide a obra em três partes: a primeira (1-23) contém a exposição lógica, filosófico-teológica da compreensão católica; a segunda (24-40), o conteúdo bíblico dessa compreensão e a terceira (41-47), a doutrina maniqueia. Em nota (*loc. cit.*, n. 13), Alici refere-se à articulação de A.A. MOON, *op. cit.*, p. 4-8, como mais complexa. De fato, é assim. Contudo, sua articulação complexa se reduz a, excluída a conclusão (48), duas partes (cf. *ibid.*): exposição da doutrina católica e refutação da doutrina maniqueia (1-40), e exposição e refutação da doutrina maniqueia (41-47).

[28] Cf. *mor.* 2,2.

[29] Talvez o próprio título já indique a oposição ao maniqueísmo. Em vez intitular a obra *De natura boni et de natura malo*, algo como fizera, por exemplo, com *De duabus animabus*, Agostinho omite qualquer referência ao mal, excluindo a possibilidade de pensá-lo como natureza.

[30] Cf. É. GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, São Paulo: Discurso/Paulus, 2007², p. 272ss. Ainda sobre *modus, species, ordo*, veja-se também, M.M. CAMPELO, *Temas de filosofia agostiniana*, Curitiba: Scripta, 2013, p. 69-78; e L. AYRES, “Medida, Número, Peso”, em A. FITZGERALD (coord.), *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*, São Paulo: Paulus, 2019, p. 654-655.

[31] B. ROLAND-GOSSELIN, em BA 1, 1936, p. 246-249, p. 246-247, “Notes complémentaires 35”.

[32] Cf. *civ.* 19,13.

[33] Cf. *ord.* 1,27.

[34] B. ROLAND-GOSSELIN, *op. cit.*, p. 247.

[35] Cf., por exemplo, *mus.* 1,2-3.

[36] Vejam-se também *Gn. litt. inp.* 10,32; *lib. arb.* 2,44.

[37] Cf. M.A. SANTIAGO DE CARVALHO, *op. cit.*, p. 33.

[38] Cf. *Ibid.*

[39] M.A. SANTIAGO DE CARVALHO, *op. cit.*, p. 28.

[40] *Ibid.*

[41] J. KEVIN COYLE, *art. cit.*, p. 690, divide esta seção em duas: rejeição das doutrinas maniqueias (41-44) e retorno às explicações de *mor.* (45-47).

[42] A respeito do maniqueísmo, vejam-se C.H. PUECH, *Le Manichéisme. Son Fondateur, sa Doctrine*, Paris: Civilisations du Sud (Publications du Musée Guimet. Bibliothèque de Diffusion 56), 1949; F. DECRET, *Aspects du manichéisme dans l'Afrique romaine*, Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1970. C.H. PUECH, *Sulle tracce della Gnosi*, Milano: Adelphi, 1985⁶; K.-L.E. LEE, *Augustine, Manichaeism, and the Good*, New York: Peter Lang (Patristic Studies 2), 1999; O. WERMELINGER *et al.* (eds.), *Augustine and Manichaeism in the Latin West*, Leiden: Brill (Nag Hammadi and Manichean Studies 49), 2012; J. KEVIN COYLE, “Mani/Maniqueísmo”, em A. FITZGERALD (coord.), *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*, São Paulo: Paulus, 2019, p. 625-629.

[43] Diversamente de como concebida pelos clássicos, para Agostinho ela é criada, o que seria suficiente para ser considerada um bem; mas o Hiponense

o afirma depois de falar da positividade de sua capacidade de receber forma (18, e respectiva nota).

[44] Os atos alimentares rituais parecem acertados, quanto, porém, aos atos sexuais, parece ser que Agostinho partisse da premissa que os seguidores de Mani devessem seguir seus textos – embora, talvez, não os seguissem de fato (cf. J. KEVIN COYLE, “Natura boni, De”..., p. 690). Em todo caso, é preciso considerar que o maniqueísmo não era um conjunto dogmático-prático homogêneo onde quer que fosse professado. Embora houvesse os textos básicos de Mani, o maniqueísmo era bastante flexível para penetrar distintas sociedades. A esse respeito, veja-se bibliografia à n. 42, pouco acima.

[45] Para os quais o leitor encontrará bons pontos de partida em M.A. SANTIAGO DE CARVALHO, *op. cit.*, p. 29-32; G. IORIO, *L'insussistenza del male. Momenti e problemi di neo-platonismo nel pensiero di Sant'Agostino: il De natura boni contra manichaeos*, Roma: Editoriale La Repubblica-L'Espresso, 2014.

[46] A.T. QUEIRUGA, *Repensar el mal. De la ponerologia a la teodicea*, Madrid: Trotta, 2011.

A NATUREZA DO BEM

[1] Cf. *doctr. chr.* 1,7.

[2] Cf. *mor.* 2,5 e *conf.* 7,6.

[3] Já discutida (cf. *c. ep. Fund.* 37,42; *c. Fel.* 2,17-21), a questão voltará mais tarde, na polêmica com Juliano de Eclano (cf. *c. Iul. imp.* 6,5). Veja-se também, abaixo, parágrafo 27.

[4] Cf. *c. Sec.* 21 e, mais tarde, *civ.* 11,22.

[5] Para os maniqueus, somente os bens superiores, grandes, provinham de Deus; os inferiores, pequenos, do mal.

[6] Tanto o grego pneūma quanto o latim *spiritus*, empregado no original agostiniano, podem designar seja *espírito*, *ânimo*, *mente*, como também *ar*, *sopro*, *vento*.

[7] Os maniqueus; cf., abaixo, parágrafos 41-47.

[8] Ou medida. Com efeito, a tríade *modus*, *species*, *ordo* corresponde a *mensura*, *numerus*, *pondus* (cf. *lib. arb.* 3,35; *civ.* 5,11; *c. Faust.* 21,6; *Gn. litt. inp.* 4,7). A esse respeito, veja-se, acima, p. 14-15, e, abaixo, parágrafo 21. Cada ser tem *modus*, *species* e *ordo*, são sua estrutura. O que não tem *modus*, *species*, *ordo* não é.

[9] Ou forma.

[10] Isto é, mais ou – como dirá em seguida – menos conformes a seu *modus*,

ou sua *mensura*.

[11] *De onde vem (unde sit) e o que é (quid sit)* são dois modos distintos de apresentar a questão. C.H. PUECH, *Sulle tracce della Gnosi*, Milano: Adelphi, 1985⁶, 220, aponta que tal opinião possivelmente se deva à experiência probativa da realidade do mal. R. WILLIAMS, “Mal insubstancial”, em R. DODARO e G. LAWLESS (org.), *Agostinho e seus críticos*, Curitiba: Scripta, 2013, 151-174, faz notar, contudo, que a experiencialidade do mal não implica sua substancialidade. Agostinho apontara a distinção da exposição do problema na inversão das questões em *lib. arb.* 1,6; *util. cred.* 36; *mor.* 2,2; *duabus an.* 4 e *c. ep. Fund.* 36,41.

[12] Cf. *sol.* 1,2; *vera rel.* 39; *conf.* 7,18; *ench.* 14. Abaixo, identificará a corrupção não tanto como efeito quanto como ato (cf. 34).

[13] Trata-se aqui de uma diferença hierárquica ontológica, não moral (cf. *lib. arb.* 3,16 e *trin.* 16,15). Moralmente, a corrupção que afeta um ser não implica o deslocamento do lugar que lhe compete na ordem. Para que seu lugar passasse a ser outro, e o ser se deslocasse, esse precisaria ser corrompido ontologicamente. Além disso, a corrupção do ser é parcial; a corrupção completa implicaria sua passagem ao não ser (6).

[14] A corrupção, então, não depende de uma natureza oposta a si.

[15] Assim, a corrupção que uma natureza – boa em si – experimenta não é questão ontológica, mas moral.

[16] Cf. *vera rel.* 40.

[17] Cf. *c. ep. Man.* 41,47. A harmonia geral, ou superior, do discurso como um todo é usada desde os *Diálogos* (cf. *ord.* 1,18 e *mus.* 6,30), reaparece também em *conf.* 4,15, e pode ter uma matriz neoplatônica (cf. PLOTINO, *en.* 2,3,16-18; 3,2,5).

[18] Cf. *Gn. adv. Man.* 1,7 e *c. ep. Man.* 30,33.

[19] Dn 3,51.72.

[20] *Hýlē* (ύλη), como Agostinho bem nota em seguida, significa selva, madeira, a matéria não criada pelo ser humano, mas trabalhada por ele. Significa também a matéria informe aristotélica, a partir de quem toma senso técnico. Essa possível matéria, contudo, como observa L. ALICI, em NBA 13/1, p. 363, n. 15 (que remete a *conf.* 12,40), não tem prioridade cronológica, mas genético-transcendental.

[21] Isto é, formosos.

[22] Ex 3,14.

[23] Cf. *trin.* 5,3. Veja-se também *mor.* 2,24.

[24] Cf. *civ.* 8,9.

[25] Cf. s. 348,3.

[26] Cf. *civ.* 1,8-9 e 20,2.

[27] SI 15,10.

[28] Sb 11,21.

[29] Lc 1,33.

[30] SI 101,27-28.

[31] Sb 7,27.

[32] 1Tm 1,17.

[33] Tg 1,17.

[34] Jo 10,30.

[35] Jo 1,1-3.

[36] Jo 18,20.

[37] Rm 4,17.

[38] 2Mc 7,28.

[39] SI 148,5.

[40] Rm 11,36. *Dele* ou, como no parágrafo seguinte, a partir dele (*ex ipso*), não se confunde com *procedente dele*, ou da sua mesma essência (*de ipso*). Essa especificação mostra a distinção entre o cristianismo e o panteísmo derivante das duas naturezas dos maniqueus.

[41] Rm 2,3-6.

[42] Sb 7,24-25.

[43] 1Cor 12,26; 18; 24; 25.

[44] Rm 11,33.

[45] *Ibid.* 5,8-10.

[46] *Ibid.* 3,5.

[47] *Ibid.* 11,22.

[48] Sb 8,15.

[49] Rm 13,1.

[50] Jó 34,30.

[51] Os 13,11.

[52] Cf. Jó 1,12; 2,6.

[53] Cf. Mt 26,31-35.

[54] Cf. 2Cor 12,7.

[55] Cf. Mt 27,5; At 1,16-20.

[56] Note-se a relação entre o poder dado por Deus, no início deste parágrafo,

e o consentimento humano. Abaixo, 34, Agostinho fala do pecado enquanto ato.

[57] Mt 2,41.

[58] 2Pd 2,4.

[59] Independentemente de os anjos maus terem um corpo aéreo (cf. *Gn. litt.* 3,10,15) ou não terem corpo (cf. *civ.* 8,14 – dependente de APULEIO, *De deo Socratis* 7,8 *passim* – e 21,10), Agostinho defende que serão punidos no fogo eterno.

[60] Cf. Gn 2,20; Mt 6,26.

[61] Ef 6,12.

[62] *Ibid.* 2,2.

[63] 1Tm 4,4.

[64] Cf. *civ.* 12,8. Note-se a indicação do ato depois do consentimento (cf. o parágrafo 32 e sua n. 56).

[65] Gn 2,9.

[66] Rm 1,25.

[67] Mc 10,18.

[68] 1Tm 6,16.

[69] Rm 16,27.

[70] Cl 3,25.

[71] Cf. *c. Fel.* 1,19.

[72] Cf. Mt 5,45.

[73] Cf. Ez 33,11.

[74] Cf. Sb 12,2.

[75] Cf. Rm 2,4-6.

[76] Cf. Ez 18,21-22.

[77] Cf. Sl 50,19.

[78] Cf. Mt 12,31.

[79] Cf. Mt 16,19.

[80] Cf. Sl 24,7.

O DE PECCATORUM MERITIS OS PRIMÓRDIOS DA POLÊMICA PELAGIANA

[1] Nessa, oficialmente, a polêmica donatista foi concluída. Oficialmente, mas não de fato, pois a parte “perdente”, a donatista, não aceitou as decisões tomadas e “pospôs” seu desfecho efetivo ainda por algum tempo. Advindo de

divergência em matéria eclesial e sacramental, fatores políticos e socioeconômicos também tiveram sua parte. Começado, aproximadamente, um século antes, o cisma donatista avistava –ou esperava-se que tivesse avistado– seu desfecho oficial em uma conferência (*collatio*) entre os donatistas (*pars Donati*) e os católicos (*pars catholica*), convocada em 14 de outubro de 410 pelo imperador Honório. A propósito da *Conferência de Cartago*, vejam-se S. LANCEL, “Introduction Générale”, em *Actes de la Conférence de Carthage en 411* [SC 194]; e J. WILLIAMS, “Collatio de 411”, em A. FITZGERALD (coord.), *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*, São Paulo: Paulus, 2019 – doravante AAT –, p. 245-246. Acerca do donatismo em geral vejam-se “Donatistae”, em C.P. MAIER (ed.), *Augustinus-Lexikon*, Basel: Schwabe – doravante AL –, 1986-1994, vol. 1, colunas 606-638; e R. MARKUS, “Donato/Donatismo”, em AAT, p. 354-356. Parte desta introdução é reprodução, com modificações, de nosso “Lei natural e natureza restaurada: o uso de Rm 2,13-16 em Agostinho de Hipona”, dissertação, Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 2008, p. 8-9, e das introduções – particularmente a de A. Trapè – às edições da obra ora introduzida, que o leitor encontrará como primeira biografia em G. BONNER, “Peccatorum meritis et remissione peccatorum et de baptismo parvulorum, De”, em AAT, p. 764-765.

[2] Marcelino, além de destinatário de algumas cartas agostinianas, também é o dedicatário do *De spiritu et littera*, composto pouco depois desta obra, e dos primeiros livros da *Cidade de Deus*. Para detalhes a seu respeito, veja-se “Marcellinus 2”, em A. MANDOUZE, *Prosopographie chrétienne du Bas-Empire. Prosopographie de l’Afrique Chrétienne (303-533)*, Paris: CNRS, 1982, p. 671-688. Quanto à sua religiosidade, Agostinho diz que ele é um crente em Cristo (cf. *ep.* 133,1), e parece seguro quanto à sua fé (cf. *spir. et litt.* 61), embora tenha sido levantada a suspeita de que Marcelino fosse pelagiano (W. DUNPHY, “A lost year: Pelagianism in Carthage, 411 A.D.”, *Augustinianum* 45 [2005] 389-466, p. 448).

[3] Termo usado na obra ora introduzida no sentido de “[...] afirmações estranhas à fé recebida e transmitida desde sempre na e pela Igreja” (B. DELAROCHE, *Saint Augustin lecteur et interprète de saint Paul*, Paris: Institut d’Études Augustiniennes, 1996, p. 18, tradução nossa). Em *pecc. mer.* 3,12, o Hiponense, reconhecendo a novidade das proposições pelagianas, diz não se lembrar de algo assim em tudo o que lera.

[4] Cf. *retr.* 2,33. Experimentando o ter de “solucionar” um cisma, seria plausível pôr-se a possibilidade de que Marcelino temesse outro?

[5] Vejam-se indicações abaixo, n. 7.

[6] *O castigo e o perdão dos pecados e o batismo de crianças. Castigo*

(*meriti*) também poderia ser traduzido em *méritos* ou *consequências*. A propósito do *pecc. mer.*, e para outras suas edições, traduções e bibliografia, veja-se, acima, indicação ao final da n. 1.

[7] Cf. *pecc. mer.* 3,1 e *retr.* 2,33 [CCL 57,117], pois obteve uma ulterior fonte pelagiana, o *Comentário às epístolas paulinas* de Pelágio.

[8] Provavelmente, em fuga de Roma devido à invasão bárbara; cf. nosso “Lei natural...”, p. 12. Para uma síntese das teses de Pelágio e Celéstio, veja-se, em nosso “Notas sobre la doble interpretación de Rm 2,14-16 en el *De spiritu et littera* de Agustín de Hipona”, *Revista Augustiniana* 152 (2009) 323-358, p. 324-326, n. 4. Acerca desses personagens, vejam-se os respectivos verbetes em AAT.

[9] Cf. V. GROSSI, “Il battesimo e la polemica pelagiana negli anni 411-413”, *Augustinianum* 9 (1969) 30-61, p. 33-38.

[10] Cf. V. GROSSI, “La formula ‘credo (in) remissionem peccatorum’ agli inizi della polemica pelagiana”, em *Studia Patristica* 14 [= *Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur* 117], 428-442, p. 429-436. Ainda sobre as questões quanto ao batismo, vejam-se, “Baptismus”, em AL 1, 590; “Baptismus paruulorum”, em AL 1, 595-600; “Batismo”, em AAT, p. 168-174.

[11] Cf. *gest. Pel.* 23; *retr.* 2,33.

[12] Em *pecc. mer.* 1,63 e 64, há referências a textos pelagianos: trata-se de duas distintas obras ou de uma só (cf. A. TRAPÈ, “Introduzione”, p. 5-6)? Ainda que Agostinho não diga como as obteve, suas fontes, portanto, não se restringem somente ao que é reportado por Marcelino em sua carta (cf. indicações acima, n. 7). Note-se, ainda, que, em 3,12, o Hiponense diz ter ouvido gente comum comentando em Cartago sobre a tese pelagiana acerca do batismo de crianças. A “novidade” pelagiana, portanto, espalhava-se entre os católicos africanos, ainda que Pelágio e Celéstio tivessem deixado a África. Agostinho começará, então, logo depois, a contra-argumentar mediante pregações em Cartago (cf. *ep.* 157,22).

[13] Cf. A. TRAPÈ, “Introduzione”, em NBA 17, 1981, p. 3-14, p. 5.

[14] A. TRAPÈ, “Introduzione”, p. 3-4, destaca a cronologia dessa dupla manifestação, designando a primeira (conciliar, ou sinodal) como manifestação da fé e a segunda (agostiniana) como da teologia.

[15] A respeito do recurso aos *Patres*, em especial em Agostinho, veja-se “Argomentazione Patristica”, em A. Di BERARDINO (org.), *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*, Genova: Marietti, 2006, 1, p. 499-502.

[16] Cf. *pecc. mer.* 1,2-8.

[17] Cf. *pecc. mer.* 1,9-12, *passim*.

- [18] Cf. *pecc. mer.* 1,23, *passim*.
- [19] Cf. *pecc. mer.* 2,2ss.
- [20] Cf. *retr.* 2,33.
- [21] Cf. *pecc. mer.* 1,33-56.
- [22] Cf. *pecc. mer.* 2,5-6.
- [23] Cf. A. TRAPÈ, “Introduzione”, p. 4.
- [24] Cf. *retr.* 2,33.
- [25] Cf. *pecc. mer.* 3,1.
- [26] Cf. V. GROSSI, “Il battesimo...”, p. 38.
- [27] Por isso, embora não seja volumoso nem contado entre as grandes obras agostinianas, o *pecc. mer.* é, afirma-o o próprio autor, um “grande livro” (*ep.* 169,13).
- [28] Cf. *pecc. mer.* 1,2-8.
- [29] Cf. *pecc. mer.* 1,21.
- [30] Cf. *pecc. mer.* 1,10.
- [31] Cf. *pecc. mer.* 1,9-25.
- [32] Cf. *pecc. mer.* 1,39.
- [33] Cf. *pecc. mer.* 1,56.
- [34] Cf. *pecc. mer.* 1,39; 1,25.28 e 61; 2,1.
- [35] Cf. *pecc. mer.* 2,5-6.
- [36] Cf. *pecc. mer.* 2,10.39-41.
- [37] Cf. *pecc. mer.* 2,49.53.
- [38] Cf. *pecc. mer.* 2,7.
- [39] Cf. *pecc. mer.* 2,31.
- [40] Cf. *pecc. mer.* 2,28.
- [41] Cf. *pecc. mer.* 2,9.
- [42] Cf. R. DODARO, *Cristo e a sociedade justa no pensamento de Agostinho*, Curitiba: Scripta, 2014, p. 288.
- [43] Cf. *pecc. mer.* 2,8-25.
- [44] Cf. *pecc. mer.* 2,18.
- [45] Cf. *pecc. mer.* 2,26.
- [46] Cf. *pecc. mer.* 2,26-33. Veja-se também 3,23.
- [47] Maria, Mãe do Salvador, entrará em cena na segunda parte da polêmica, com Juliano de Eclano.
- [48] Veja-se indicação acima, n. 7.

- [49] Cf. *pecc. mer.* 3,2.
[50] Cf. *pecc. mer.* 3,16-17.
[51] Cf. *pecc. mer.* 3,18.
[52] Cf. *pecc. mer.* 3,14-15.
[53] Cf., por exemplo, *pecc. mer.* 3,4.7 e 1,29.

O CASTIGO E O PERDÃO DOS PECADOS E O BATISMO DAS CRIANÇAS

LIVRO 1

- [1] Gn 2,17.
[2] Mt 8,22.
[3] Gn 3,19.
[4] 2Cor 5,2-4.
[5] Dt 29,5.
[6] 3Rs 19,1-8: 1Rs 19,6-8.
[7] Gn 3,19.
[8] Rm 8,10-11.
[9] 1Cor 15,44.53.
[10] 2Cor 5,4.
[11] Cl 3,5.
[12] Rm 7,24.
[13] Rm 8,10.
[14] Rm 8,11.
[15] Rm 8,12-13.
[16] 1Cor 15,21.
[17] 1Cor 15,21-22.
[18] Rm 5,12.
[19] *Ibid.*
[20] 1Jo 3,8.
[21] Sb 2,24.
[22] Sb 2,25.
[23] 1Cor 11,1.
[24] 1Cor 3,7.
[25] Rm 5,12.

- [26] 1Cor 6,17.
- [27] Gn 12,3.
- [28] Gn 22,18.
- [29] Rm 5,13.
- [30] Rm 5,20.
- [31] Gl 3,21-22.
- [32] Rm 5,13.
- [33] Rm 2,12.
- [34] Rm 5,14.
- [35] *Ibid.*
- [36] Rm 5,15.
- [37] Rm 5,16.
- [38] Rm 5,17.
- [39] Rm 5,18.
- [40] 1Cor 11,1.
- [41] Rm 4,5.
- [42] Jo 14,1.
- [43] Rm 5,18.
- [44] Rm 5,19.
- [45] Rm 5,20.
- [46] Rm 5,21.
- [47] Rm 5,16.18.
- [48] Gn 2,17.
- [49] Eclo 25,24.
- [50] Gn 2,24.
- [51] Mt 19,6.
- [52] Rm 8,17.
- [53] Jo 3,3.5.
- [54] 1Pd 1,3.
- [55] Tt 3,5.
- [56] Rm 8,24-25.
- [57] Rm 5,6.
- [58] Mt 9,12-13.
- [59] Mt 19,14.

- [60] Tt 3,5.
- [61] Jo 3,3.5.
- [62] Jo 6,54.
- [63] Jo 6,52.
- [64] Lc 20,34.
- [65] Jo 3,35-36.
- [66] Rm 10,10,
- [67] Rm 3,9; 7,14; Gl 3,22.
- [68] Ef 2,3.
- [69] Rm 7,25.
- [70] Rm 9,14.
- [71] Sl 35,7.
- [72] Rm 11,33.
- [73] Rm 11,32.
- [74] Rm 11,33-36.
- [75] Rm 11,33.
- [76] Sb 4,11.
- [77] Mt 12,43; Mc 1,26; 2,30; 5,8; Lc 9,42.
- [78] Jr 1,5.
- [79] Rm 11,33.
- [80] Rm 9,10-12.
- [81] Rm 10,14.
- [82] Lc 23,43.
- [83] Rm 5,20.
- [84] Jo 3,8.
- [85] 1Cor 1,31.
- [86] Rm 5,12.
- [87] Mt 9,12-13.
- [88] Jo 6,54.
- [89] Jo 3,36.
- [90] Jo 1,29.
- [91] Lc 2,11.
- [92] Rm 7,14.
- [93] Tt 3,5.

- [94] 1Pd 3,21.
- [95] Jo 6,51-52.54.
- [96] Jó 14,4.
- [97] Sl 50,7.
- [98] Mt 26,28.
- [99] Jo 12,46.
- [100] Jo 1,9.
- [101] 1Cor 14,20.
- [102] Jo 1,9.
- [103] 1Cor 3,7.
- [104] Jo 1,5.
- [105] Sb 8,19-20.
- [106] Jo 12,46.
- [107] Rm 10,10.
- [108] Fl 2,7-8.
- [109] Ef 2,16.
- [110] Rm 6,4.
- [111] Lc 5,32.
- [112] Lc 19,9-10.
- [113] Lc 15,4-10.
- [114] Lc 24,47.
- [115] Mc 16,15-16.
- [116] Jo 1,29.
- [117] Jo 10,27-28.
- [118] Jo 14,6.
- [119] 1Pd 1,3-5.
- [120] 1Pd 1,7-9.
- [121] 1Pd 2,9.
- [122] 1Pd 3,18.
- [123] 1Pd 3,21.
- [124] 1Pd 3,18.
- [125] 1Jo 1,7.
- [126] 1Jo 5,9-12.
- [127] 1Jo 3,8.

- [128] Rm 10,3.
- [129] Rm 3,22-26.
- [130] Rm 4,4-8; Sl 31,1-2; Rm 4,23-25.
- [131] Rm 5,6.
- [132] Rm 7,14-25.
- [133] Rm 8,3.
- [134] 1Cor 15,3.
- [135] 2Cor 5,14–6,2; Is 49,8.
- [136] Gl 1,3-4.
- [137] Gl 3,19.22.
- [138] Ef 2,1-6.
- [139] Ef 2,8-10.
- [140] Ef 2,12-18.
- [141] Ef 4,21-24.
- [142] Ef 4,30.
- [143] Cl 1,12-14.
- [144] Cl 2,9-15.
- [145] 1Tm 1,15-16.
- [146] 1Tm 2,5-6.
- [147] 2Tm 1,8-10.
- [148] Tt 2,13-14.
- [149] Tt 3,4.
- [150] Hb 1,1-3.
- [151] Hb 2,1-3.
- [152] Hb 2,14-17.
- [153] Hb 4,15.
- [154] Hb 7,24-27.
- [155] Hb 9,24-28.
- [156] Ap 5,9.
- [157] At 3,14-15.
- [158] At 4,11-12.
- [159] At 5,30-31.
- [160] At 10,43.
- [161] At 13,38-39.

[162] Lc 24,44-47.
[163] At 10,43.
[164] Sl 15,3.
[165] Rm 5,20.
[166] Ap 19,5.
[167] Jn 3,5.
[168] Sl 118,176.
[169] Is 53,6.
[170] Is 53,5.
[171] At 8,27-39.
[172] Is 53,3-13.
[173] Is 61,1; Lc 4,16-21.
[174] 1Pd 2,24-25.
[175] 1Pd 1,5.
[176] 1Cor 15,22.
[177] Jo 1,13.
[178] Rm 5,18.
[179] Mt 12,30.
[180] 2Ts 3,2.
[181] 1Tm 6,20.
[182] Gn 3,1-6.
[183] Lc 1,26-38.
[184] 1Cor 7,38.
[185] Jo 3,5.
[186] Mc 10,17-18.
[187] Rm 6,6.
[188] Jo 3,1-21.
[189] Gn 2,24.
[190] Mc 10,8.
[191] Jo 1,1.14.
[192] 1Cor 12,12.
[193] Nm 21,6-9.
[194] Rm 6,5.
[195] Fl 2,13.

- [196] Sl 24,7.
- [197] Gn 2,23.19.
- [198] Rm 8,3.
- [199] Gn 2,22.
- [200] 2Cor 6,1.
- [201] 1Cor 9,27.
- [202] Rm 7,22-23.
- [203] 1Cor 9,27.
- [204] Sl 142,2.
- [205] Jo 14,30.

LIVRO 2

- [1] Cf. Ap 5,9.
- [2] 1Tm 2,5-6.
- [3] Cf. Mt 26,41ss.
- [4] Mt 6,13.
- [5]⁵ Sl 142,2.
- [6] Lc 6,37-38.
- [7] Tg 2,10.
- [8] Tg 2,12-13.
- [9] Cf. Rm 7,23-24.
- [10] Cf. Ef 2,3.
- [11] Cf. 1Cor 15,54.
- [12] Cf. Rm 8,34; Hb 7,25.
- [13] Cf. Ap 2,11.
- [14] Mt 6,12-13.
- [15] Rm 7,18.
- [16] Rm 6,12.
- [17] Mt 6,12.
- [18] Mt 6,13.
- [19] Tg 1,13.
- [20] Cf. Tg 1,14.
- [21] Cf. 2Cor 5,4.
- [22] Mt 6,13.

- [23] Cf. Rm 8,5.
- [24] Zc 1,3; MI 3,5.
- [25] SI 84,5.
- [26] SI 79,8.
- [27] SI 93,8.
- [28] SI 118,73.
- [29] Eclo 18,30.
- [30] Cf. Sb 8,21.
- [31] Is 56,1.
- [32] SI 118,12.
- [33] Mt 5,6.
- [34] Cf. Lc 18,10-14.
- [35] SI 61,9.
- [36] Jr 10,23.
- [37] SI 118,4.
- [38] SI 118,5-6.
- [39] SI 118,133.
- [40] Cf. Jo 1,12.
- [41] Jo 8,36.
- [42] SI 142,2.
- [43] Cf. Tg 2,13.
- [44] SI 31,5.
- [45] SI 31,6.
- [46] 1Jo 1,8.
- [47] Ap 14,4-5.
- [48] Cf. Pr 18,17.
- [49] 1Jo 3,9.
- [50] Cf. Rm 7,6; 2Cor 4,16; Cl 3,10.
- [51] Mt 19,28.
- [52] 2Cor 4,16.
- [53] Cf. Lc 20,34.
- [54] Ef 4,24.
- [55] Tt 3,5.
- [56] Rm 8,23-25.

- [57] Cf. Rm 9,8; Lc 20,34.
[58] Cf. 1Jo 1,8; 3,9.
[59] Cf. Jo 3,5.
[60] 1Jo 3,2.
[61] Cf. 1Jo 1,8.
[62] Sl 36,10.
[63] Cf. Rm 7,23.
[64] Lc 20,34.
[65] Cf. Jo 3,6.
[66] 1Jo 3,9.
[67] 1Jo 1,8.
[68] Cf. Sb 9,15.
[69] Cf. Ez 14,14.
[70] Cf. Gn 6,9; Eclo 44,17; 2Pd 2,5; Dn 6,22; Jó 1,8.
[71] Cf. Gn 9,21.
[72] Dn 9,20.
[73] Ez 28,3.
[74] Mt 6,12.
[75] Dn 9,20.
[76] Jó 9,2-3.
[77] Jó 9,19.
[78] Jó 9,20.28-31.
[79] Jó 13,26-14,5.
[80] Jó 14,16-17.
[81] Cf. 1Jo 1,8.
[82] Jó 9,2-3.
[83] Jr 2,29.
[84] Sl 142,2.
[85] Jó 9,19-20.
[86] Cf. Jó 14,1.
[87] Ef 2,3.
[88] Jó 14,1-5.
[89] Jó 14,16-17.
[90] Jó 14,17.

[91] Rm 7,15.

[92] Jó 1,22.

[93] Jó 39,34 (distinto da LXX e da Vulgata de Jerônimo, corresponderia, hoje, ao texto de Jó 40,4).

[94] Cf. Jo 8,46ss.

[95] Jó 42,5-6.

[96] Sl 137,8.

[97] Cf. Fl 3,6-8.

[98] Sl 142,2.

[99] Jó 1,8.

[100] Cf. Rm 7,22-23.

[101] Rm 7,19-20.

[102] Rm 7,24-25.

[103] 1Jo 1,8.

[104] Sl 142,2.

[105] Cf. Hb 6,20.

[106] Hb 7,26-27.

[107] Cf. Hb 5,1-3.

[108] Fl 3,6.

[109] Lc 1,6.

[110] Fl 3,7-11.

[111] Fl 3,12-14.

[112] 2Cor 4,16.

[113] Fl 3,15-16.

[114] Cf. 2Cor 4,16.

[115] Cf. Sl 142,2.

[116] Mt 5,48.

[117] Fl 3,12.15.

[118] 1Cor 3,2.

[119] 1Cor 2,6.

[120] Fl 3,15-16.

[121] Cf. Gn 2,17.

[122] 2Tm 4,7-8.

[123] Cf. Mt 6,12.

[124] 2Cor 12,9.
[125] SI 98,6-7.
[126] SI 98,8.
[127] Cf. Pr 3,12; Hb 12,6.
[128] Cf. SI 37,18.
[129] Mt 6,12.
[130] Cf. Mt 19,20-21.
[131] Jr 10,23-24.
[132] SI 118,175.
[133] Cf. Hb 1,9; Cl 2,3.
[134] SI 84,13.
[135] Rm 5,5.
[136] 1Cor 4,7.
[137] 1Cor 4,7.
[138] Pr 8,35.
[139] SI 36,23.
[140] Fl 2,13.
[141] Cf. 1Cor 4,7.
[142] 1Cor 1,31; 2Cor 10,17.
[143] SI 83,12.
[144] SI 84,11.
[145] SI 24,10.
[146] Jo 1,14.
[147] SI 100,1.
[148] Cf. Mt 20,9-10.
[149] Cf. Lc 1,79; SI 84,13.
[150] Cf. 1Cor 1,31.
[151] SI 84,5.
[152] SI 102,10.
[153] Cf. SI 100,1.
[154] Cf. SI 142,2.
[155] Cf. 1Cor 1,31.
[156] Cf. 1Tm 1,8.
[157] Cf. Rm 3,25.

- [158] Cf. Rm 5,10.
[159] Cf. Gn 2,17.
[160] Cf. Gn 2,9.16-17.
[161] Pr 3,18.
[162] Gn 1,31.
[163] Cf. Gn 2,25.
[164] Cf. Rm 7,17.23.
[165] Cf. Gn 3,7.
[166] Cf. Gn 21,19.
[167] Cf. Rm 8,3.
[168] Cf. Rm 6,6.
[169] Cf. Rm 7,24-25.
[170] Cf. Gn 3,16.
[171] Cf. Rm 7,23.
[172] Cf. Rm 6,12.
[173] Cf. Jo 3,5.
[174] Jo 1,12-13.
[175] Jo 1,14.
[176] Cf. Jo 1,14.1.
[177] Cf. Rm 8,3.
[178] Cf. Jo 1,13.
[179] Cf. Rm 5,6.9; 1Cor 15,3; 2Cor 5,15.
[180] Cf. Mt 3,17; Lc 3,22.
[181] Cf. Fl 2,6.
[182] Cf. Hb 7,9.
[183] Cf. Hb 7,10.
[184] 1Cor 7,14.
[185] Rm 5,16.18.
[186] 1Cor 7,14.
[187] Cf. *cat. rud.* 50; *conf.* 1,11.
[188] Cf. 1Tm 4,5.
[189] Cf. Mt 15,17.
[190] Cf. Jo 6,27.
[191] 1Cor 7,14.

[192] Cf. Rm 5,18.
[193] Cf. Tt 3,5.
[194] Jo 3,3.
[195] Cf. Jo 3,14.
[196] Cf. Jo 3,5.
[197] Cf. Tt 3,5.
[198] Cf. Cl 2,13.
[199] Cf. 2Cor 4,16.
[200] Rm 6,12.
[201] Cf. Rm 7,23; Jo 3,5.
[202] Cf. Ef 2,16.
[203] Cf. Is 59,2.
[204] Cf. Rm 7,6.
[205] Rm 8,8-9.
[206] Cf. Rm 7,23.
[207] Rm 5,12.
[208] Cf. Lc 20,34.
[209] Cf. 1Tm 2,5; Rm 5,10.
[210] Cf. Lc 8,48.
[211] Cf. Jo 3,5.
[212] Lc 2,11.
[213] Mt 1,21.
[214] Cf. Rm 8,3.
[215] Cf. Rm 6,6.
[216] Cf. Jo 1,14.
[217] Cf. Rm 7,23.
[218] Jo 14,30-31.
[219] Cf. Fl 2,8.
[220] 1Cor 15,21-22.
[221] Cf. Cl 2,14.
[222] Mt 26,28.
[223] Cf. 1Ts 4,16.
[224] Hb 11,1.
[225] Hb 11,13.

[226] Hb 11,39-40.
[227] Cf. Hb 2,14-15.
[228] Jo 14,30-31.
[229] Cf. Fl 2,8.
[230] Cf. Rm 1,17.
[231] Cf. Mc 16,7; Lc 24,48.
[232] Jo 16,7.
[233] Jo 16,8-10.
[234] Cf. Rm 1,17; Gl 3,11.
[235] Gn 3,18-19.
[236] Gn 3,16.
[237] Cf. Gl 5,6.
[238] Jo 15,13.
[239] 1Jo 3,16.
[240] Cf. Gn 3,23.
[241] Cf. 2Rs 12,13.
[242] Cf. Pr 4,27.
[243] Pr 4,27.
[244] Pr 4,27.
[245] Cf. Nm 14,29ss.
[246] Cf. Js 23,6.
[247] Sl 102,2-4.
[248] Cf. Rm 9,11.

LIVRO 3

AGOSTINHO, BISPO, SERVO DE CRISTO E DOS SERVOS DE CRISTO, AO CARÍSSIMO FILHO MARCELINO, SAUDAÇÃO NO SENHOR.

[1] Rm 5,12.
[2] Jo 3,36.
[3] Jo 3,18.
[4] Mc 16,16.
[5] Mc 16,16.
[6] Jo 3,5.

- [7] Mt 25,34.
- [8] Mt 25,46.
- [9] Cf. Ef 1,23.
- [10] Rm 5,12.
- [11] Jo 3,5.
- [12] Mt 1,21.
- [13] Mt 9,12.
- [14] Cf. Jo 6,54.
- [15] Cf. Rm 5,18.
- [16] Cf. Rm 5,14.
- [17] Cipriano, *ep.* 64.
- [18] Lc 9,56.
- [19] Jerônimo, *comm. in Ionam* 3; cf. Jó 14,4-5; 25,5-6.
- [20] Cf. *gest. Pel.* 22,46.
- [21] Cf. Jerônimo, *Contra Iovinianum* 2.
- [22] 1Jo 2,6.
- [23] Cf. Is 53,7-9; 1Pd 2,22-23.
- [24] Cf. Jo 14,30.
- [25] Cf. 2Cor 5,21.
- [26] Tg 3,2.
- [27] Jó 14,4-5.
- [28] Pr 20,9.
- [29] Cf. Rm 5,14.
- [30] Sl 50,7.
- [31] Rm 5,12.
- [32] 1Cor 6,15.
- [33] Cf. Rm 9,11.
- [34] Rm 5,12.
- [35] *Ibid.*
- [36] 1Cor 15,21-22.
- [37] 1Cor 15,53-56.
- [38] Cf. Rm 8,11.
- [39] Cf. Gn 2,9.
- [40] Cf. Ap 2,11ss.

[41] 1Cor 15,54-56.

[42] 1Cor 15,56.

[43] 1Cor 15,57.

[44] Rm 5,20.

[45] Gl 3,22.

[46] Cf. Rm 7,24.

[47] Cf. Mc 2,17.

[48] 1Cor 7,14.

[49] Cf. *s. dom. m.* 1,45.

[50] Cf. Ez 18,6.

[51] Mt 6,12.

[52] Cf. 1Jo 1,8.

[53] Cf. Mt 9,12.

[54] Cf. Sl 142,2.

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

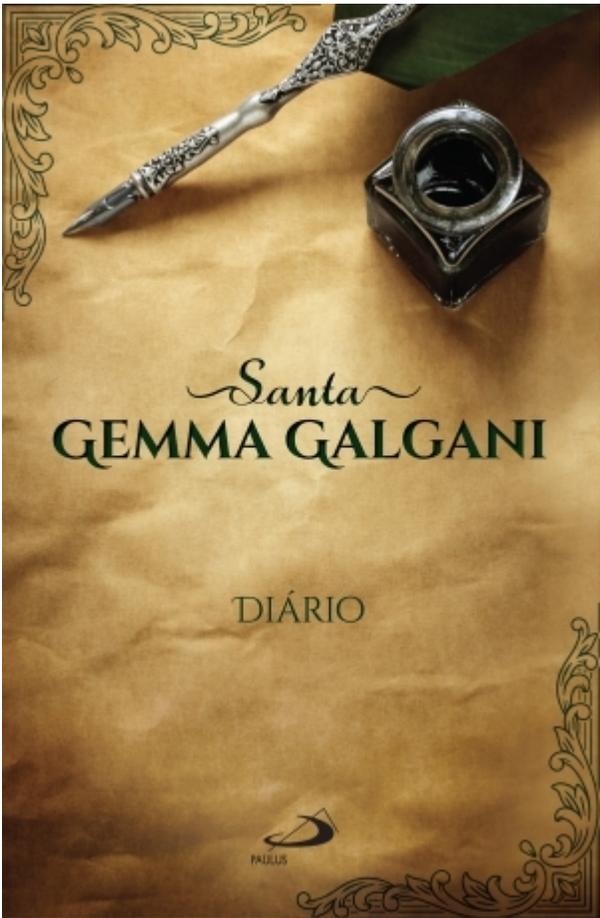
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fim de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa
GEMMA GALGANI

DIÁRIO



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Youcat, Fundação

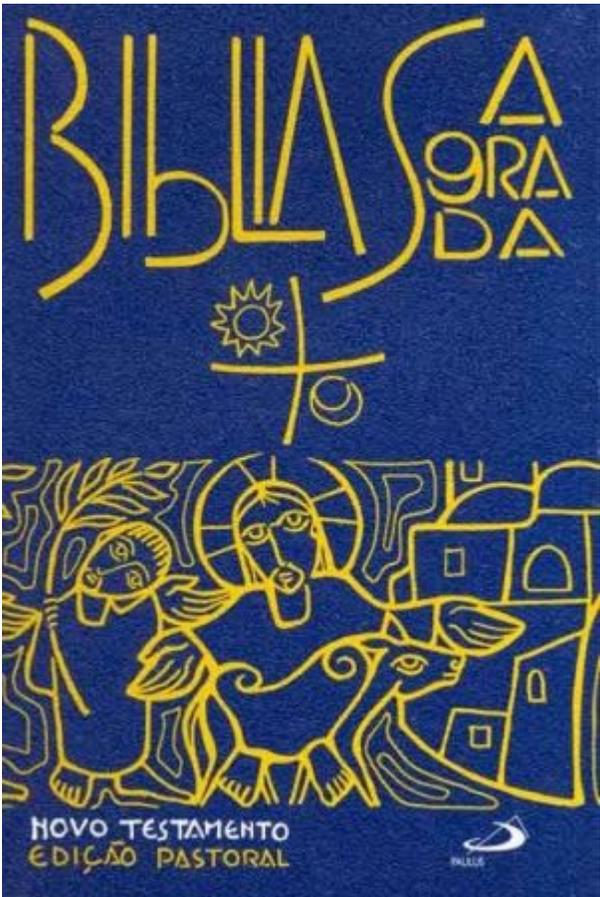
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

Folha de rosto

Apresentação

O De natura boni: Epítome de uma experiência

 Datação e ocasião

 Estrutura e conteúdo

A natureza do bem

 De Deus, o Sumo Bem, procedem todos os bens

 O que bastaria para corrigir os maniqueus

 Modo, beleza, ordem: bens gerais na criação divina

 O mal: corrupção do modo, da beleza, da ordem

 Uma natureza mais excelente, mesmo se corrompida, é melhor que uma inferior, mesmo se não corrompida

 A natureza incorruptível é o bem supremo; a corruptível é um bem relativo

 A corrupção dos espíritos racionais é ou voluntária ou penal

 Degeneração e fim das coisas inferiores não perturbam a ordem do universo

 O castigo, constituído para que se reintegre a ordem

 As naturezas corruptíveis assim o são porque feitas do nada

 Não se pode prejudicar a Deus, nem outros podem danificar a natureza senão com sua permissão

 Todos os bens procedem de Deus

 Cada bem, grande ou pequeno, provém de Deus

 Bens pequenos, na comparação com maiores, são denominados com nomes opostos

 No corpo do macaco, o bem da beleza é inferior

 As privações nas coisas são ordenadas por Deus

 Nenhuma natureza, como tal, é má

 A hylē, que os antigos diziam ser a matéria informe das coisas, não é um mal

Ser, propriamente, só Deus
A dor, só nas naturezas boas
Diversos modos, ou medidas
Como falar do modo de Deus
Mau modo, má beleza, má ordem
Testemunhos das Escrituras
O erro interpretativo de “Sem ele foi feito nada”
As criaturas, feitas do nada
Uma especificação
Os pecados, da vontade dos que pecam
Deus não se mancha com nossos pecados
Os bens, mesmo os mínimos, vêm de Deus
Deus é quem pune e perdoa pecados
O poder danificar provém de Deus
Porque pecaram, os anjos maus se tornaram tais
O pecado não é desejo de uma natureza má, é abandono
de uma natureza melhor
A árvore não foi proibida porque era má, mas porque era
bom para o homem estar submetido a Deus
O mal é o mau uso do bem
Deus faz bom uso dos males de quem peca
Não é mau o fogo eterno
Uma especificação
Deus não pode ser prejudicado, nem permite danos
injustos
Os maniqueus: atribuem bens à natureza do mal e males à
do bem
Blasfêmias dos maniqueus sobre a natureza de Deus
Os maniqueus atribuem à natureza de Deus muitos males
antes da mistura com o mal
Imoralidades imaginadas por Mani em Deus
Não sem razão se atribuem aos mesmos maniqueus
obscenidades detestáveis
A abominável doutrina da carta intitulada Fundamento
Mani obriga a praticar horríveis torpezas
Oração pela conversão dos maniqueus

O De peccatorum meritis: Os primórdios da polêmica pelagiana

Circunstâncias histórico-doutrinárias

Método e conteúdo

O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças

Livro 1

Prefácio

Adão não teria morrido, se não tivesse pecado

Uma coisa é poder morrer e outra, dever morrer

Também a morte do corpo vem do pecado

Corpo mortal, a morrer, morto

Em que sentido o corpo morreu por causa do pecado

A vida do espírito prepara a vida do corpo

Paulo fala da morte do corpo

O pecado passou a todos, não somente por imitação, mas também por geração

Distinção entre pecado atual e pecado original

Todos pecaram em Adão

Pecado mais antigo que a Lei

O mesmo pecado comum a todos

A redenção supera o pecado original

A condenação de todos por causa do pecado de um só

Nem todos os pecados vêm de Adão, a remissão de todos os pecados vem de Cristo

O reino da morte e o da vida

A justificação de Cristo não é proposta imitável

Ninguém é gerado a não ser de Adão, ninguém é

regenerado a não ser de Cristo

Comparação entre a geração carnal e a geração espiritual

A condenação das crianças mortas sem batismo

Não se deve atribuir às crianças o pecado pessoal

O batismo é necessário às crianças por causa do perdão do pecado original

Antes do batismo, as crianças são pecadoras

No batismo, as crianças são penitentes e fiéis crentes

Não há salvação e vida eterna fora do reino dos céus

O preceito eucarístico abrange também as crianças
Crianças não batizadas são contadas no número dos que
não creem
É imperscrutável a justiça de Deus na distribuição da graça
do batismo
A sorte diferente das crianças está escondida no mistério
da justiça de Deus
As almas não são encerradas nos corpos por causa de
pecados cometidos além
Exemplo de um cristão entre os moriones
Não há salvação para as crianças não batizadas
Também para as crianças o batismo é salvação e a
Eucaristia, vida
Sem o batismo, as crianças permanecem nas trevas do
pecado
Ninguém é iluminado sem batismo
Ninguém é iluminado senão por Deus
Sem a fé o homem interior permanece nas trevas
A Igreja universal reconhece que também as crianças
necessitam da redenção de Cristo
Testemunhos evangélicos sobre a necessidade do batismo
para a salvação das crianças
Testemunhos da primeira epístola de Pedro
Testemunhos da primeira epístola de João
Testemunhos da epístola aos Romanos
Testemunhos das epístolas aos Coríntios
Testemunhos tirados da epístola aos Gálatas
Testemunhos tirados da epístola aos Efésios
Testemunhos tirados da epístola aos Colossenses
Testemunhos tirados das epístolas a Timóteo
Testemunhos tirados da epístola a Tito
Testemunhos tirados da epístola aos Hebreus
Testemunho vindo do Apocalipse
Testemunhos dos Atos dos Apóstolos
Testemunhos implícitos do Antigo Testamento
Testemunhos explícitos do Antigo Testamento

Todos precisam da remissão do pecado original e de Cristo
Conclusão de tantos testemunhos
O âmbito do pecado original e da concupiscência carnal
Como os pelagianos entendiam as palavras de Jo 3,5
O colóquio de Jesus com Nicodemos
Esclarecimento de João 3: por que razão se faz a
regeneração espiritual do homem
Esclarecimento de João 3: Mesmo as crianças encontram-se
envenenadas pela mordida da serpente
A graça de Cristo é negada às crianças, se lhes é negado o
batismo
No rito do batismo há indicação da remissão dos pecados
das crianças
Procurem os pelagianos entender-se antes
Não existe pecado da própria vida nas crianças
Não se pode imputar nenhum pecado à vontade das
crianças
De onde vem a ignorância das crianças
Se Adão não foi criado como nós nascemos, por que Cristo
nasceu criança e fraco?
A ignorância e a fraqueza da criança
O pecado é destruído, nas crianças, pelo batismo

Livro 2

O que será tratado neste livro
O livre-arbítrio precisa da graça de Deus
As obras de misericórdia conseguem a remissão dos
pecados
Para os batizados não é a própria concupiscência que faz
mal, mas o consentimento nela
Deus dá o que ordena
A liberdade e a oração
Primeira questão: se pode existir um homem sem pecado
nesta vida
Segunda questão: se existe alguém sem pecado nesta vida
Não se adquire a perfeição imediatamente
A perfeição terrena nunca é total

Objeção dos pelagianos: por que um justo não gera um justo

Nem mesmo os santos, segundo a Escritura, foram sem pecado: Noé

Daniel

Jó

Jó, “filho da ira”

Jó repreende a si mesmo

Ninguém é justo em tudo

A perfeita justiça humana é imperfeita

A perfeição do sacerdote Zacarias

Zacarias e Isabel são comparados com Paulo apóstolo

Todos devem rezar para serem perdoados

A perfeição relativa e a perfeição, simplesmente

Por que Deus ordena aquilo que ele sabe que os homens não podem observar

A segurança do apóstolo Paulo

Mesmo gente muito santa teve de expiar pecados

Terceira questão: por que ninguém nesta vida é sem pecado

A soberba é a causa de todos os vícios humanos. Uma boa obra dá tanto mais prazer quanto mais se ama a Deus

Graça e liberdade

A boa vontade vem de Deus

A boa vontade necessariamente vem de Deus

A conversão do homem para Deus vem da misericórdia divina

Deus opera a sua misericórdia e justiça de modo

misterioso. O conhecimento e o prazer do bem vem por graça

Quarta questão: exceto unicamente Cristo, ninguém foi ou pode ser sem pecado

O pecado dos nossos primeiros pais foi, principalmente, um pecado de desobediência

A situação do homem antes e depois do pecado

A corrupção da natureza vem pelo pecado, a renovação,
por Cristo

A carne do Verbo de Deus encarnado

Objeção dos pelagianos: o filho de um batizado já foi
purificado

O filho de um batizado precisa do batismo, como o filho de
um circuncidado, da circuncisão

Por que os filhos dos que foram batizados devem ser
batizados se, conforme Paulo, já são santos

A santificação dos filhos vem do batismo deles e dos pais

Quem não nasceu não pode renascer

Os pecados que contraiu dos pais prejudicam o filho não
batizado

Os pais geram os filhos carnalmente e por isso transmitem
a eles o pecado

Como a concupiscência permanece nos batizados, mesmo
quando é destruída a sua culpa

Todos os predestinados se salvam por Cristo, único
mediador, e só pela fé

Cristo é o salvador também das crianças

A redenção de Cristo nos beneficiou mais do que o pecado
de Adão prejudicou

Por que, pelo batismo, não é abolida também a morte,
junto com os pecados

A própria morte faz parte do combate da fé

Por que, após sua ressurreição, Cristo afastou do mundo
sua presença visível

A remissão dos pecados não apaga as penas dos pecados

Por que permanecem as penas dos pecados

O pecado e a pena em Adão

O pecado e a pena em Davi

Não se deve desviar nem para uma orgulhosa presunção,
nem para um amor seguro do pecado

Os pelagianos confessam que a redenção é necessária
para as crianças

Questão sobre a alma. As Escrituras são claras no que é necessário para a salvação

Livro 3

Agostinho, bispo, servo de Cristo e dos servos de Cristo, ao caríssimo filho Marcelino, saudação no Senhor.

Ocasão desta carta

As crianças tornam-se fiéis pelo batismo

Se não tivessem o pecado original, as crianças não batizadas seriam punidas injustamente

Precisa rezar para superar as dificuldades dos problemas

Em nome de outrem, Pelágio aduz argumentos contra o pecado original

A opinião incerta do próprio Pelágio

Deve-se admitir o que está claríssimo nas Escrituras, para entender, por elas, as coisas obscuras

Testemunhos claros das Escrituras para entender Rm 5,12

Rm 5,12 não é ambíguo

A autoridade de Cipriano de Cartago

São Cipriano fala de uma antiga regra de fé

A concordância de todos sobre o pecado original

O testemunho de São Jerônimo sobre o pecado original, contra Joviniano

Todos os homens foram um em Adão

Deus perdoa os pecados pela regeneração do Espírito, e não pela geração da carne

Como pode haver pecado original naqueles que pessoas batizadas geraram

Como de cristãos nasce um não cristão, assim de pessoas limpas nasce uma pessoa não limpa

A questão obscura da origem da alma em relação ao pecado original

Fora da Igreja nenhuma salvação, mas ninguém está na Igreja sem os sacramentos

Também a morte do corpo acontece como castigo do pecado

Sentido de 1Cor 7,14

Recebemos ordem de ajudar as crianças
A perfeição do homem na terra

Coleção

Ficha Catalográfica

Notas